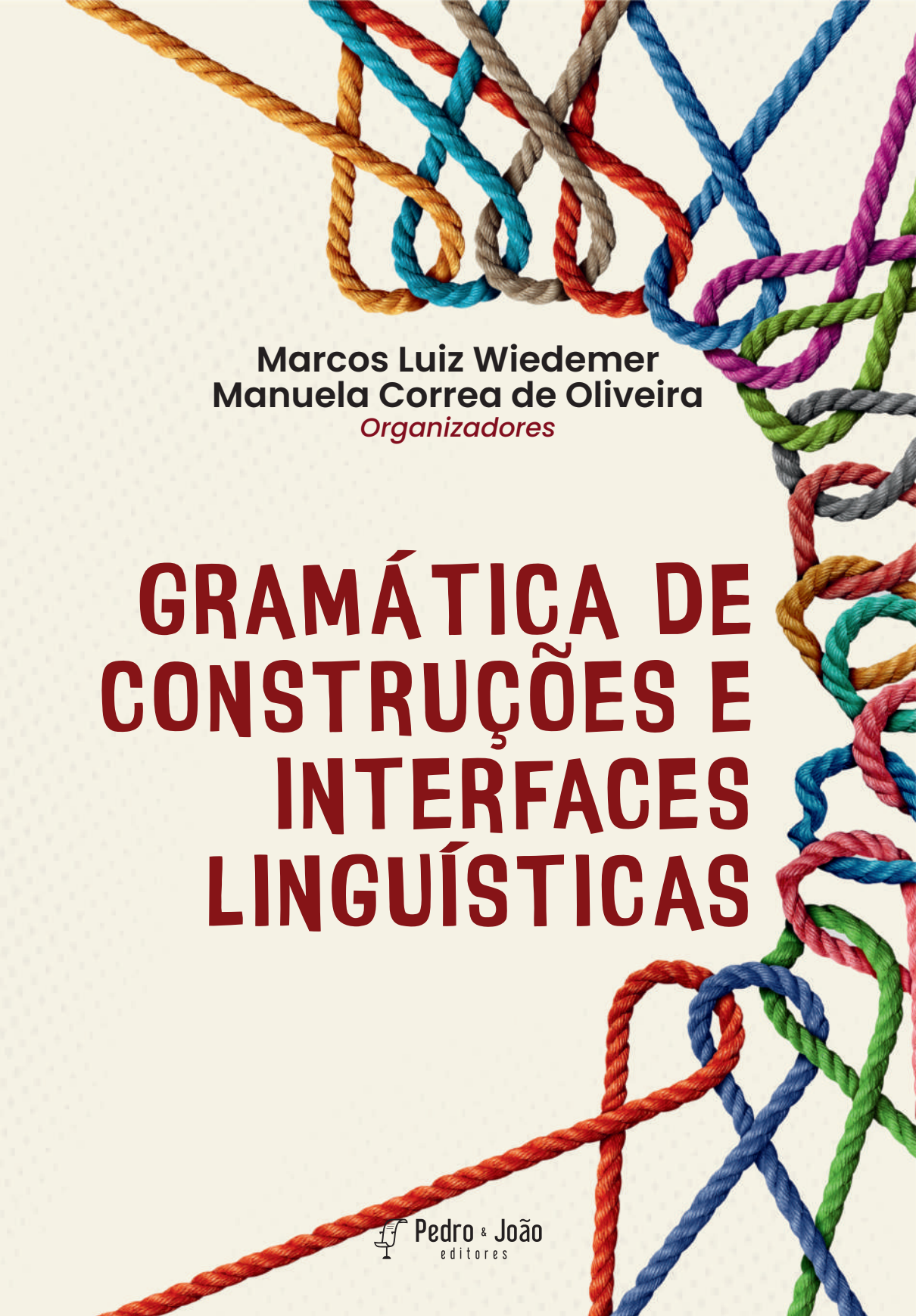


Marcos Luiz Wiedemer
Manuela Correa de Oliveira
Organizadores

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E INTERFACES LINGUÍSTICAS

Pedro & João editores

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E INTERFACES LINGUÍSTICAS

Pedro & João editores
20 anos

Os textos aqui apresentados foram escritos por pesquisadores de várias universidades brasileiras e passaram por avaliação e revisão às cegas por pares conforme diretrizes da Proposta de Classificação de Livros do GT "Qualis Livro" da CAPES (2019).

MARCOS LUIZ WIEDEMER
MANUELA CORREA DE OLIVEIRA
(Organizadores)

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E INTERFACES LINGUÍSTICAS

Pedro & João editores
20 AÑOS

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Marcos Luiz Wiedemer; Manuela Correa de Oliveira [Orgs.]

Gramática de construções e interfaces linguísticas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 330p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2104-5 [Digital]

1. Gramática de construções. 2. Linguística. 3. Analise Linguística. 4. Cognição. I. Título.

CDD – 410

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

SUMÁRIO

7 **PREFÁCIO - FACES E INTERFACES EM CIÊNCIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DE UMA LÍNGUA**
Marcia dos Santos Machado Vieira

11 **APRESENTAÇÃO - GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES E INTERFACES LINGUÍSTICAS**
Marcos Luiz Wiedemer
Manuela Correa de Oliveira

21 **PHRASAL VERBS, RESULTATIVIDADE E MOVIMENTO CAUSADO: RELAÇÕES DE HERANÇA SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA**
Manuela Correa de Oliveira

45 **UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DAS PERÍFRASES CURSIVAS [*ESTAR*+X$_{NDO}$] E [*FICAR*+X$_{NDO}$] NO PB**
Quézia dos Santos Lopes Oliveira

67 **A CONSTRUÇÃO [ORAÇÃO TRANSITIVA [ATÉ FICAR + SADJ] COMO EXPRESSÃO DA RESULTATIVIDADE NO PB**
Hanna Ferreira da Silva

89 **A CONTRIBUIÇÃO DA PROSÓDIA NA DESCRIÇÃO DE CLÁUSULAS ENCAIXADAS, HIPOTÁTICAS, PARATÁTICAS E JUSTAPOSTAS**
Adriana Gonçalves Mallmann

119 **"EM FUNÇÃO/RAZÃO/CONSEQUÊNCIA" DA CAUSA E DA CONFORMIDADE EM PREPOSIÇÕES COMPLEXAS**
Carla Barbosa de Farias Santos
Marcos Luiz Wiedemer

149 DÊIXIS E CONTRASTE NA ESFERA HUMORÍSTICA
Marcos Luiz Wiedemer
Ana Carolina Cardoso Souza

183 MORFOLOGIA E MODALIDADE: QUESTÕES SOBRE LÍNGUAS DE SINAIS
João Paulo da Silva Nascimento

233 CONSTRUCIONALIZAÇÃO E MUDANÇA CONSTRUCIONAL NA REDE DOS DENOMINAIS X-EIRO(A)
João Carlos Tavares da Silva

259 EVIDENCIALIDADE NA LINGUAGEM: CONCEITUAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
Rebeca Emerich

279 A INFLUÊNCIA DOS PARÁGRAFOS NO USO DE CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS EM REDAÇÕES DO ENEM
Mayra França Floret

301 PROJETO ESCOLA SEM FAKE: A SALA DE AULA SE TRANSFORMANDO EM AGÊNCIA DE CHECAGEM PARA O COMBATE À DESINFORMAÇÃO
Tiago Aguiar

321 Organizadora e organizador

323 Autoras(es)

PREFÁCIO

FACES E INTERFACES EM CIÊNCIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES DE UMA LÍNGUA

Marcia dos Santos Machado Vieira

A linguagem, em seu dinamismo e em sua complexa rede de construções, não é plenamente compreendida a partir de uma perspectiva. Linguagem e língua são objetos multifacetados. Configuram-se, por exemplo, em diferentes modalidades expressivas (verbal e/ou não-verbal; oralidade e/ou escrita) e níveis de estruturação – fonético-fonológico, prosódico, morfológico, sintático, textual, semântico, discursivo, pragmático, social, cognitivo. A interação nelas envolvida desafia estudiosos a explorar interfaces. É justamente nesse domínio que a coletânea de textos advindos do mundo da ciência funcional-construcionista neste livro se centra. Nele, vozes de um grupo de pesquisa, faces de colaboração e elos entre ações em ciência, docência e extensão à sociedade ganham terreno.

Gramática de Construções e interfaces linguísticas, organizada por Marcos Luiz Wiedemer e Manuela Correa de Oliveira, é fruto do diálogo acadêmico-científico plural que marca o grupo de pesquisa GPGCIL (Gramática de Construções e Interfaces linguísticas), ao reunir pesquisadores que se vinculam a seis instituições brasileiras (UERJ, UESB, UFF, UFPB, UFRR, IFRJ), com experiências de trabalho em territórios de ensino de língua da Educação Básica e da

Educação Superior, e que se debruçam sobre diferentes fenômenos linguísticos, perspectivando-os com expertise no âmbito da Gramática de Construções. Celebra também as discussões suscitadas a partir das investigações que foram apresentadas durante o II Seminário do Grupo de Pesquisa GPGCIL, realizado em outubro de 2024. A obra reflete essa dimensão que transita entre investigação científica e aplicação prática, sempre ancorada no referencial da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e de suas potenciais interfaces com outros aportes teórico-metodológicos e na atenção à relação da descrição feita com espaços de formação docente em Letras, de trabalho com língua e de prática comunicativa. Apresenta-se, portanto, como indispensável ao leitor interessado nessa articulação.

Os onze capítulos reunidos nesta obra focalizam reflexões empiricamente formuladas nessa articulação de enfoques ou níveis de captura da língua, fenômenos linguísticos que são observados com base ou em dados de sincronia ou em dados de diacronia, descrições que emergem na atenção à interconexão de atributos de forma e destes a atributos de significado/função. Refletem a diversidade temática existente na linguística e na educação contemporâneas. A Gramática de Construções, delineada a partir da relação entre padrões convencionalizados de forma e significado, oferece um terreno fértil aos autores para pavimentarem tais interconexões e apreenderem a língua como um fenômeno cognitiva e socioculturalmente situado.

Interface constitui, a um só tempo, metáfora da vivência científica dos pesquisadores integrantes do grupo e conceito central da perspectivação teórico-descritiva que orienta as investigações por eles desenvolvidas e que delineou o evento científico por esta obra celebrado. Faces correspondem aos autores, aos perfis de apreensão de um objeto linguístico, aos modos de alcançar adequação observacional, descritiva e explicativa aqui reunidos.

O livro *Gramática de Construções e interfaces linguísticas* traduz a potência dos mundos científicos e educacionais, revela as análises perspicazes das faces que vivenciam esses mundos e o

enfrentamento bem-sucedido do desafio de lidar com interfaces de um objeto multifacetado como língua ou linguagem. A habilidade com que os autores comunicam os resultados de suas investigações e com que enveredam tanto por representações construcionistas desses resultados quanto por aplicações práticas é, sem dúvida, um convite aos leitores do mundo acadêmico e educacional para transitarem pelos territórios que os autores exploraram. Que esta obra, além de consolidar as parcerias que dão vitalidade à trajetória cooperativa do GPGCIL, promova novos diálogos, auxilie outros funcionalistas-construcionistas, bem como desperte e inspire futuros investigadores!

APRESENTAÇÃO

Marcos Luiz Wiedemer
Manuela Correa de Oliveira

O presente livro resulta das discussões suscitadas pelos trabalhos apresentados durante as sessões do II Seminário do Grupo de Pesquisa "Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas" (GPGCIL), realizado nos dias 2 e 3 de outubro de 2024, em formato *on-line* (www.youtube.com/@GPGCIL), bem como reúne e sistematiza parte das pesquisas em desenvolvimento pelos integrantes do GPGCIL (https://www.gpgcil.com.br). Os textos aqui apresentados refletem os avanços teóricos e analíticos alcançados pelo grupo, assim como seu compromisso coletivo com a consolidação de um espaço de reflexão acadêmica colaborativa e interdisciplinar.

O Seminário do GPGCIL é um evento anual, organizado pelos membros do grupo, com o objetivo de divulgar e compartilhar as pesquisas em desenvolvimento, além de fomentar o debate em torno dos estudos linguísticos realizados por pesquisadores e docentes vinculados a seis instituições de ensino e pesquisa no Brasil: UERJ, UESB, UFF, UFPB, UFRR e IFRJ. O evento consolidou-se como um espaço de interlocução acadêmica que articula diferentes perspectivas teóricas e metodológicas no campo da Linguística.

Atualmente, o GPGCIL está estruturado em duas linhas de pesquisa: (i) *Gramática de Construções e interfaces teórico-metodológicas* e (ii) *Formação em Letras: ações extensionistas, docência e ensino*. Esta coletânea reflete a vitalidade e a diversidade dos estudos

desenvolvidos no âmbito do grupo, reunindo contribuições que evidenciam tanto os avanços teóricos quanto o compromisso com a formação docente e com a pesquisa aplicada.

As investigações desenvolvidas no âmbito do GPGCIL têm como principal baliza teórico-metodológica a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), abordagem que adota uma visão intrinsecamente holística da linguagem. Diferentemente de modelos que segmentam rigidamente os níveis de análise, a GCBU postula que o conhecimento linguístico é composto por pares forma-significado, denominados construções. Essas unidades simbólicas são consideradas fundamentais para compreender como a linguagem é organizada, processada e empregada em contextos de uso, o que torna a GCBU particularmente compatível com abordagens que valorizam a interface entre descrição linguística, uso empírico e práticas sociais.

Nesse modelo, as construções são definidas, de forma ampla, como agrupamentos convencionalizados de características que não se restringem ao nível sintático, mas que incorporam também aspectos prosódicos, pragmáticos, semânticos e, textuais, dentre outros. Tais agrupamentos surgem como associações estáveis e recorrentes entre forma e significado, funcionando como unidades cognitivas armazenadas e manipuladas pelos falantes, (Goldberg, 2006)[1]. A existência de pareamentos simbólicos implica afirmar que o significado de uma construção nem sempre é puramente composicional, ou seja, não se reduz à soma dos significados de seus elementos constituintes. Conforme aponta Goldberg (2013)[2], é possível identificar construções em distintos graus de esquematicidade (Wiedemer & Oliveira, 2019)[3], desde morfemas

[1] GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

[2] GOLDBERG, A. E. Constructionists Approaches. *In:* HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

[3] WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. **Revista Soletras** v. 1, 2019. p. 59-82.

até padrões sintáticos complexos, todos marcados pela integração de dimensões formais e funcionais. Portanto, a gramática, sob essa perspectiva, deixa de ser um conjunto de regras abstratas para configurar-se como um inventário dinâmico de padrões linguísticos e culturalmente situados, uma representação uniforme da informação gramatical (Croft, 2001)[4].

Além disso, as pesquisas ancoradas na GCBU reconhecem não só o papel central da frequência com que os padrões linguísticos ocorrem, mas também a maneira como o uso molda o conhecimento linguístico (Bybee, 2010)[5]. Essa abordagem incorpora aspectos anteriormente negligenciados por outras teorias, como *priming* (fenômeno de facilitação pela exposição prévia) e os vieses relacionados à frequência e a preferências de colocação (*collocations*). Assim, o conhecimento da língua não se restringe a regras abstratas, mas inclui tanto itens específicos (ocorrências lexicais, *tokens*) quanto generalizações (esquemas), em diversos níveis de especificação (Glynn & Robinson, 2014)[6]. Os esquemas construcionais emergem como generalizações abstratas (esquematização), resultantes da experiência dos falantes com padrões frequentes no uso da língua (Barlow & Kemmer, 2000)[7].

Metodologicamente, essa centralidade do uso linguístico também provocou uma mudança significativa na forma como os linguistas obtêm e analisam dados. Observa-se um deslocamento de dados introspectivos (baseados na intuição do falante) para

---

[4] CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
[5] BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
[6] GLYNN, D.; ROBINSON, J. **Corpus Methods for Semantics, Quantitative Studies in Polysemy and Synonymy**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.
[7] BARLOW, M; KEMMER, S. (eds.) **Usage Based Models of Language**. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

dados observacionais, predominantemente extraídos de corpora (coleções vastas de textos ou fala real) (Gries, 2013)[8].

Dentro de uma construção, os elementos lexicais específicos que tipicamente aparecem nos espaços esquemáticos (ou "*slots*") são reveladores do seu significado (Stefanowitsch & Gries 2003)[9]. A análise desses elementos pode evidenciar como eles se agrupam semanticamente e fornece a base para novas extensões ou usos da construção (Wiedemer & Machado Vieira, 2018)[10].

Um dos pontos fortes da abordagem da GCBU é sua preocupação em oferecer uma descrição da linguagem que seja psicologicamente plausível, ou seja, compatível com os conhecimentos atuais sobre cognição humana. Ao reconhecer que a linguagem não está dissociada de outros domínios da cognição, a GCBU busca articular-se a teorias de aquisição, do processamento e da mudança linguística, com o objetivo de construir um modelo explicativo que reflita, de fato, como os falantes aprendem, armazenam, acessam e transformam padrões linguísticos ao longo do tempo.

Em suma, o objetivo de uma análise abrangente, no âmbito da GCBU, é capturar não apenas as propriedades de cada construção individual (desde palavras a padrões abstratos), mas também a rede que representa as interconexões e relações entre as construções, sejam elas de herança, de extensão ou de outra natureza (Diessel, 2023)[11], o que permite uma descrição mais rica e empírica do nosso conhecimento linguístico.

---

[8] GRIES, S. Data in Construction Grammar. *In.:* HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**, Oxford NY: Oxford University Press, 2013. p. 93–108.

[9] STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Collostructions: Investigating the Interaction between Words and Constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, 8 (2), 2003. p. 209-43.

[10] WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. M. dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. **Caderno seminal digital**, v. 30, 2018. p. 81-132.

[11] DIESSEL, H. **The Constructicon**: Taxonomies and Networks. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

A partir dessa concepção, os capítulos que compõem esta coletânea ilustram, por diferentes vias, como a GCBU tem sido aplicada para descrever fenômenos variados da linguagem.

O capítulo de abertura "*Phrasal verbs, resultatividade e movimento causado: relações de herança sob uma perspectiva construcionista*", da pesquisadora Manuela Correa de Oliveira, explora as construções verbo-partícula em inglês, como os *phrasal verbs*, analisando a maneira como essas construções expressam resultatividade e movimento causado. A autora relaciona phrasal verbs a construções de movimento causado e a construções resultativas, argumentando que todas compartilham propriedades e se relacionam através de *links* de herança metafórica, tanto de natureza sintática quanto pragmática. Destaca-se da leitura a noção de extensões metafóricas de eventos, considerando que recorremos à nossa experiência de espaço e a projetamos para o domínio temporal, um processo natural da linguagem. Partindo dessa premissa, a linguista lança mão de um novo esquema, denominado CEF ou Construção de Efeito, considerando que as três construções carregam a noção de efeito causado, evidenciando laços de herança entre os pareamentos.

"*Uma análise construcional das perífrases cursivas [estar+x ndo] e [ficar+x ndo] no PB*" é o título da pesquisa conduzida por Quezia dos Santos Lopes Oliveira. A partir da análise de como essas construções marcam o aspecto cursivo, o trabalho examina a formação e a evolução dessas construções. A metodologia envolve a análise de textos escritos, do século XIII ao XXI, considerando fatores como animacidade do sujeito e tipo semântico do verbo principal. Os resultados indicam que a construção com "estar" serviu de modelo para a construção com "ficar", apresentando maior produtividade e esquematicidade ao longo do tempo.

O capítulo intitulado "*A Construção [oração transitiva [até ficar + sadj]] como expressão da resultatividade no PB*", da pesquisadora Hanna Ferreira da Silva, explora o uso de construções resultativas do PB, mais especificamente o uso da partícula "até" em construtos que estabelecem uma relação dinâmica entre a ação e o resultado

do evento, como "Ele correu até cansar". A autora argumenta que essa construção representa um mecanismo gramatical sistemático no PB para expressar um estado final alcançado como resultado de uma ação, contrariando a ideia de que a resultatividade na língua se resume à lexicalização ou inferências contextuais. A análise conduzida sugere que, no PB, essa estrutura é frequente em contextos instrucionais, especialmente em receitas culinárias, onde verbos de ação e adjetivos de propriedade física são comuns. No entanto, a interpretação resultativa pode ser influenciada por fatores contextuais, como a presença de verbos modais, indicando que a construção acomoda diferentes significados dependendo de seus elementos.

A partir do capítulo "*A contribuição da prosódia na descrição de cláusulas encaixadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas*", a pesquisadora Adriana Mallmann propõe uma discussão acerca do fenômeno da justaposição, que se apresenta de forma variada nos livros de gramática. No capítulo, a autora contrasta a visão normativa da classificação de orações, que considera apenas os processos sintáticos de subordinação e coordenação, com propostas mais abrangentes, que acolhem o fenômeno da justaposição como um processo sintático tal qual a subordinação e a coordenação. Por meio da análise de *slogans* publicitários, a pesquisadora investiga o papel da pausa e do contorno entoacional na caracterização e na diferenciação das cláusulas justapostas, hipotáticas, paratáticas e encaixadas, sugerindo que a prosódia oferece pistas importantes para a compreensão dessas estruturas.

Os pesquisadores Carla Barbosa de Farias Santos e Marcos Luiz Wiedemer, no capítulo "*Em função/razão/consequência" da causa e da conformidade em preposições complexas*", investigam os contextos de usos das preposições complexas como sequência de palavras contíguas, em vez de considerá-las unidades indivisíveis. Com ênfase em uma abordagem construcionista da gramática, os autores propõem uma rede hierárquica estruturada com base em um *continuum* que abrange categorias relacionadas a aspectos como causa, consequência e conformidade. O estudo evidencia que as

relações semânticas entre os elementos podem variar segundo a posição em que as microconstruções são empregadas no discurso. Os resultados apontam que estas expressões atuam tanto como locuções adverbiais quanto conjuntivas, desempenhando um papel crucial na organização e progressão textual.

O papel da dêixis e sua relação com a construção de contraste é abordado por Marcos Luiz Wiedemer e Ana Carolina Cardoso Souza no capítulo "*Dêixis e contraste na esfera humorística"*. Os autores exploram como dêiticos temporais (como "antes" e "agora"), espaciais (como "aqui" e "lá"), e pessoais (como pronomes e sintagmas nominais) são utilizados para estabelecer comparações e expressar pontos de vista. Na pesquisa desenvolvida, com base em construções presentes em vídeos humorísticos veiculados em mídias como *Youtube* e *Tik Tok*, dentre outras, os autores demonstram como esses elementos linguísticos, muitas vezes em combinação com a negação, criam um campo dêitico compartilhado entre falante e ouvinte, essencial para o desenvolvimento da argumentação, da construção de identidade e do efeito humorístico.

Em "*Morfologia e modalidade: questões sobre línguas de sinais"*, o pesquisador João Paulo da Silva Nascimento explora a morfologia e o léxico das Línguas de Sinais, focando em sua natureza visual-espacial e nos desafios que esta modalidade impõe à análise linguística. Discute-se a organização lexical, diferenciando sinais monomorfêmicos de polimorfêmicos, e os processos de criação de novos sinais, incluindo abordagens concatenativas e não concatenativas. A análise destaca como a simultaneidade e a iconicidade moldam a estrutura dessas línguas, contrastando-as com as orais, mas reconhecendo sua complexidade e relevância para a linguística. O capítulo, além de contribuir para uma melhor compreensão das Línguas de Sinais, desafia modelos linguísticos tradicionais ao incentivar abordagens que contemplem a diversidade estrutural das línguas humanas.

A pesquisa desenvolvida por João Carlos Tavares da Silva, que recebe o título "*Construcionalização e mudança construcional na rede*

dos denominais x-eiro(a)", examina a evolução histórica do sufixo português -eiro(a), desde sua origem latina. O autor discute como essa transformação envolveu mudança construcional- alterando as partes internas da construção sem criar um novo tipo de nó - e construcionalização, que resultou na emergência de novas construções com novos significados, como o sentido de excesso encontrado em palavras como "lamaceira". O estudo, parte de esquemas imagéticos para explicar as relações semânticas existentes entre as construções, com a proposta de uma análise morfossemântica dos esquemas construcionais e incorpora o surgimento da denominada construção de excesso, como *fumaceira* e *aguaceiro.* O objetivo da análise está centralizado na formulação de um significado esquemático da construção, priorizando a relação semântica entre a palavra base e a palavra derivada.

O conceito de evidencialidade é abordado por Rebeca Emerich Alvarez no capítulo "*Evidencialidade e ensino de língua portuguesa: desafios e possibilidades para um mundo multimodal*", trazendo à baila informações até então tangenciadas em documentos orientadores do ensino de língua portuguesa no Brasil. A autora argumenta a favor de um letramento multimodal mais profundo nas escolas, dada a importância dessa categoria para o desenvolvimento de competências críticas no trato da informação, adentrando contextos que não se limitem ao campo tipológico da linguística e da análise discursiva. Para tal, propõe um estudo com base no reconhecimento da função evidencial por meio da análise de verbos sensoriais, destacando a marcação da fonte de informação expressa nos enunciados.

O capítulo desenvolvido por Mayra França Floret, que recebe o título "*A influência dos parágrafos no uso de construções conclusivas em redações do ENEM*", está centrado em construções conclusivas, representadas pelo esquema [preposição + demonstrativo + substantivo], como "dessa forma", além de outras variantes do esquema. O estudo investiga de que maneira esses conectores expressam diferentes tipos de causalidade (epistêmica e referencial) e sua distribuição nos parágrafos de introdução,

desenvolvimento e conclusão nos textos analisados. Os resultados indicam que as redações do ENEM são propícias ao uso de conectores e que a relação causal expressa pelos conectores s varia conforme a função do parágrafo no texto. A pesquisa confirma que, na conclusão, há predominância de relações epistêmicas, enquanto, no desenvolvimento, predominam relações referenciais, refletindo a natureza dissertativo-argumentativa do gênero.

Fechando o livro, a partir de uma discussão atual, o pesquisador Tiago Aguiar, em "Projeto *Escola sem fake: a sala de aula se transformando em agência de checagem para o combate à desinformação*", fomenta o debate a respeito da proliferação de textos caracterizados como "desinformativos", impulsionados pelo uso desenfreado das redes sociais e da disseminação de discursos de ódio. O texto aborda o combate à desinformação na era digital, destacando sua complexidade frente ao poder das *Big Techs*. O estudo apresenta o "Projeto Escola sem fake", da UFPB, que visa capacitar estudantes do ensino médio a se tornarem curadores de informação. Ao problematizar como discursos são construídos por meio de estratégias linguísticas e multimodais, o autor propõe transformar a sala de aula em uma agência de checagem, utilizando metodologias ativas e integrando os seguintes eixos: oralidade, leitura, análise linguística e produção textual. O projeto busca desenvolver a autonomia e o trabalho cooperativo entre os alunos para identificar, analisar e refutar textos de desinformação, promovendo uma formação crítica e cidadã.

Para finalizar, agradecemos imensamente ao Comitê Científico Avaliador; aos revisores e ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ pelo valioso apoio. Estendemos a nossa gratidão aos autores que generosamente contribuíram para a concretização deste livro.

Esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam inspirar pesquisas instigantes, promovendo diálogos interdisciplinares que enriqueçam o nosso entendimento da linguagem, fenômeno dinâmico e em constante transformação.

É portanto, com satisfação que apresentamos esta coletânea de textos, com a expectativa de promover debates, favorecer interfaces acadêmicas e incentivar práticas colaborativas no campo dos estudos da linguagem.

Boa leitura!

Os organizadores!

PHRASAL VERBS, RESULTATIVIDADE E MOVIMENTO CAUSADO: RELAÇÕES DE HERANÇA SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA

Manuela Correa de Oliveira

Introdução

Construções da língua inglesa formadas por verbo e partícula expressam significados variados, como resultatividade e movimento causado, além de serem encontradas em enunciados com diferentes graus de idiomaticidade. Este capítulo dá destaque a combinações *phrasal verbs* a fim de estabelecer uma relação com a construção resultativa e a construção de movimento causado. Apesar de apresentarem restrições de natureza sintática e/ou semântica, o que as coloca em lugares distintos de representação gramatical, a análise das três construções evidencia uma clara relação entre os três pareamentos.

Phrasal verbs e a noção de movimento

A construção *phrasal verb* é constituída de verbo e partícula, que, em sua forma transitiva, vem acompanhada de um complemento. A combinação dos três elementos, respeitadas as condições discursivo-pragmáticas estabelecidas no contexto, proporciona uma leitura frequentemente distinta daquela permitida pelo verbo base. O sentido de transferência de posse,

expresso pelo verbo *give* (1), agrega nova interpretação quando ao verbo é acrescido a partícula *up* (2):

1.Carmen **gave** Sydney a present.
Carmen **deu** um presente para a Sydney.

2.Carmen **gave up** smoking.
Carmen **parou** de fumar.

Em (1), há indicação de transferência de posse de um objeto (presente) a um beneficiário (Sydney) por parte de um agente (Carmen), enquanto em (2), a presença da partícula *up* ressignifica o papel do verbo, deixando de ser interpretado no campo da transferência para exprimir interrupção de uma atividade. Além de *up*, outras partículas podem compor a construção *phrasal verb* do inglês contemporâneo, conforme já destacaram Bolinger (1971), Cowie e Mackin (1975), Quirk et al. (1985) e, mais especificamente, Claridge (2000, p.46): *aback, aboard, about, above, across, after, ahead, along, apart, around, ashore, aside, astray, away, back, behind, by, counter, down, forth, forward(s), home, in, off, on, out, over, past, round, through, to, together, under* e *up.*

Considerando sua versatilidade em ocupar variados contextos discursivos, *phrasal verbs* têm papel de destaque na literatura. São construções que têm o potencial de verificar a suficiência de determinada abordagem gramatical ao oferecerem campo para análises no nível do sintagma, idiomaticidade, composicionalidade e variação, além de outras questões centrais da gramática (Capelle, 2005; Rodríguez-Puente, 2013). Bolinger (1971) ressalta que o *phrasal verb*, em sua forma transitiva, denota, ao mesmo tempo, ação e resultado. Svenonius (1994; 1996), Gries (1999), Gorlach (2004) e Goldberg (2016) destacam que o acréscimo da partícula, além de poder ressignificar o papel do verbo na construção, pode auxiliar na interpretação de um acontecimento inteiramente fechado, ao conferir noção de completude ao enunciado. Observemos as combinações com o verbo *eat*, no passado (*ate*), e a partícula *up*:

3. a. She **ate** the apple.
b. She **ate up** the apple.
c. She **ate** the apple **up**
Ela **comeu** a maçã.

O cotejo entre (2) e (3) revela que, diferentemente de (2), os *phrasal verbs* exemplificados em (3b) e (3c) não são construções cuja presença da partícula torne a leitura dos enunciados distante daquela oferecida pelo verbo base. Assim, tanto *eat* quanto *eat up* podem ser interpretados pelo ato de comer. Em (3b) e (3c), o destaque é dado ao valor semântico de completude que a partícula *up* dá ao evento, valor este que não está expresso em (3a). Ressalta-se também que, nos exemplos com a presença da partícula que a gramaticalidade é mantida, em ambas as configurações, oferecendo proposições aparentemente semelhantes. No entanto, Thim (2012), Olson (2013) e Oliveira (2019) argumentam que a configuração de (3c), na qual verbo e partícula estão separados pelo SN, reforça ainda mais a resultatividade do enunciado, conforme veremos mais adiante neste capítulo.

Além de conferir sentido de completude, as partículas presentes em *phrasal verbs* transitivos (doravante, PVTs) apresentam uma relação íntima com preposições de valor espaço-direcional. Nas figuras 1 e 2, a noção espacial é indicada pelas partículas *on* e *away*, que conferem às construções a noção de vestir e de guardar um objeto, respectivamente. A variação da posição das partículas é indicada pelo uso de parênteses:

Figura 1: Phrasal verb [V (on) SN (on)]

4.
[She **put (on**) the jacket (**on**)]
Ela **vestiu** a jaqueta.

Fonte: Banco de imagens online[1]

Figura 2: Phrasal verb [V (away) SN (away)]

5.
[She **put (away**) the jacket (**away**)]
Ela **guardou** a jaqueta

Fonte: Banco de imagens online[2]

Nos exemplos (4) e (5), tanto *on* quanto *away* estão inseridas em contextos de movimento, em que um objeto é deslocado no espaço (*the jacket*) como resultado da ação de um agente. Ao considerarmos as combinações descontínuas desses PVTs, isto é, quando a partícula não está adjacente ao verbo – [She PUT the jacket ON] e [She PUT the jacket AWAY] –, podemos fazer um paralelo com a construção de movimento causado (doravante, CMC) devido às propriedades compartilhadas entre PVT e CMC. No exemplo a seguir, podemos verificar como a CMC também é uma construção verbo-partícula, mas que difere do PVT por não licenciar a adjacência da partícula ao verbo:

[1] Disponível em: <https://br.freepik.com>. Acesso: 29 outubro 2024
[2] Disponível em: https://www.istockphoto.com/br>. Acesso: 29 outubro 2024

Figura 3: Movimento causado

6. She **sneezed** the foam **off** the cappuccino.
*She **sneezed off** the foam the cappuccino.

Fonte: Banco de imagens online[3]

A leitura de movimento causado se faz possível devido aos papéis temáticos dos argumentos da construção: agente, tema e alvo. Em (6), um agente (*She*) é causador de algo (*the foam*) ter sido deslocado (*sneezed*) no espaço (*off the cappuccino*). Goldberg (1995; 2016) se apoia na similaridade entre PVT e CMC para sustentar a relação entre as construções, mas considera a CMC mais abrangente. Ainda que sejam unidades aparentemente distintas, PVTs descontínuos – [V SN partícula] – e Movimento Causado compartilham traços formais e discursivo-pragmáticos. Ao considerarmos uma abordagem da gramática baseada na noção de pareamento forma ↔ função, torna-se possível estabelecer uma relação em forma de *links* de herança entre as construções, conforme será desenvolvido ao longo deste capítulo. Antes, cabe tecer, brevemente, alguns apontamentos relativos à fundamentação teórica adotada neste estudo: a Gramática de Construções.

A construção como unidade básica da gramática

A Gramática de Construções – ou GC, para os íntimos –, é um conjunto de teorias que entende a língua como um repertório de unidades simbólicas, constituídas de forma e função, também denominadas de construção (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995, 2006;

[3] Disponível em: <https://br.freepik.com>. Acesso: 29 outubro 2024

Bybee, 2010, 2015; Traugott & Trousdale, 2013, dentre outros). Para a GC, a gramática abrange construções de todos os níveis de linguagem, podendo envolver categorias gramaticais das mais simples às mais complexas, variando em graus de abstração: tamanho, especificidade e conceito (Goldberg, 1995; 2006). Elas emergem e se transformam com base no *input* linguístico, que tem papel crucial no processamento, reforçando e modificando construções previamente armazenadas. Em razão da gradiência em termos de níveis de abstração, a integração entre os constituintes de um pareamento pode ser mais ou menos clara, a depender da composição dessas combinações. Em *She kicked the ball* (Ela chutou a bola), o conhecimento dos itens que compõem o enunciado viabilizam a interpretação do enunciado, mas em *She kicked the bucket* (Ela bateu as botas/ Ela morreu), apenas a aquisição do pareamento, como um todo, permite a interpretação da expressão idiomática. As construções são organizadas em uma rede hierárquica, denominada *construct-i-con*, na qual os pareamentos se inter-relacionam por meio de diferentes *links* (elos). Cabe, então, à análise construcional, considerar tanto os fatores morfossintáticos como os semântico-pragmáticos que operam sobre os enunciados.

Nos termos de Pinheiro (2016, p. 6), "*o conceito de construção gramatical tem, de fato, potencial para descrever a totalidade do conhecimento linguístico do falante*". Tal conexão entre as unidades linguísticas nos fornece um melhor entendimento das construções, além de refletir evidências quanto à relação entre PVT, CMC e RSTV a um esquema mais abstrato de construções verbo-partícula do inglês. Vejamos, na próxima seção, as idiossincrasias referentes ao PVT para, posteriormente, relacioná-lo à CMC e RSTV.

Parece, mas não é: phrasal verbs *versus* prepositional verbs

Construções verbo-partícula do inglês são constituídas de verbos e itens como *out, off, away, up,* dentre outros, que ora se comportam como preposições, ora como partículas. Devido ao caráter homófono dessas unidades, podem, equivocadamente, ser

englobadas no conjunto de preposições. Porém, a distinção entre partículas e preposições é crucial, pelo fato de exercerem funções distintas nos enunciados em que são empregadas.

Biber et al. (1999), com base em um critério semântico, defendem que partículas, quando não oferecem uma leitura literal, fazem parte da construção *phrasal verb*. Para os autores, o *phrasal verb* faz parte de uma categoria que deve estar atrelada ao grau de idiomaticidade. Já para Bolinger (1971), a versatilidade da posição de *up* em *eat the apple up/ eat up the apple* (comer a maçã) evidencia seu caráter adverbial e, portanto, denomina essa partícula de *adprep*. Preposições, por outro lado, estão presentes em *prepositional verbs* e estariam restritas a uma posição única – adjacente ao verbo –, a fim de que o enunciado não resulte em agramaticalidade, conforme mostram (7) e (8):

7.I **came across** some old photos.
*I **came** some old photos **across.**
Encontrei algumas fotos antigas.

8. **Look at** the sky.
***Look** the sky **at.**
Olhe para o céu.

Os exemplos indicam que a posição de *across*/ *at* é restrita à adjacência ao verbo. Dada sua função, *across* e *at* são consideradas preposições, presentes na construção *prepositional verbs* (c. f., também, Quirk, 1985; Downing e Locke, 2006).

A classificação, por vezes confusa, de construções verbo-partícula, particularmente a diferença entre *prepositional verbs* e *phrasal verbs*, se dá pela homofonia entre preposições e *adpreps*. Assim, um mesmo item (*up*, a seguir) pode funcionar como preposição (9), mas, também, carregar propriedades aspectuais (10):

9. **Prepositional Verb**
I went **up** to the floor.
*I went to the floor **up**.
Eu fui para o andar de cima.

10. **Phrasal Verb Transitivo**
Guards broke **up** the fight.
Guards broke the fight **up**.
Os guardas interromperam a briga.

Outra pista que nos leva à distinção entre *prepositional verbs* e *phrasal verbs* pode ser verificada quanto ao uso de advérbios, manobra que encontra maiores restrições em PVTs[4]. O advérbio *carefully* encontra obstáculos em PVTs quando empregado entre verbo e partícula, conforme comparação estabelecida entre (11) e (12):

11**. Prepositional verb**
a. She **looked at** the book *carefully*.
b. She **looked** *carefully* **at** the book.
Ela olhou para o livro (cuidadosamente).

12. **Phrasal verb**
a. She **looked up** the number *carefully*.
b. *She **looked** *carefully* **up** the number.
Ela procurou o número (cuidadosamente).

O entendimento das restrições que operam em PVTs quanto à posição da partícula é pertinente neste estudo, tornando necessária uma categorização específica de PVTs, a fim de distingui-los de construções com unidades homófonas, como os *prepositional verbs*. Ainda que alguns apontamentos sejam feitos em relação à configuração [V partícula SN], nos interessa, particularmente, a configuração descontínua [V SN partícula]. As propriedades que PVTs descontínuos compartilham com CMC e RSTV oferecem pistas para fortalecer a ligação entre os pareamentos citados.

Na próxima seção, veremos, com maior detalhamento, a relação entre PVTs descontínuos e o efeito resultativo.

[4] Downing e Locke (2006).

Phrasal verbs e resultatividade

Phrasal verbs são construções muito comuns no inglês e estão presentes em diversos registros da língua inglesa, mas já foram consideradas como expressões que caminharam "*de baixo pra cima*", nos termos de Kennedy (1920 *apud* Thim, 2012).[5] Em outras palavras, o autor destaca que o *phrasal verb* não era uma configuração representativa das camadas mais nobres da sociedade, mas que, com o passar do tempo, espraiou-se e pôde ser constatado no repertório linguístico de indivíduos pertencentes a variadas camadas socioeconômicas. A forte expansão dos *phrasal verbs* é associada ao desuso de termos de origem latina, considerados eruditos, em direção a formas mais simples, exemplificados na tabela comparativa a seguir:

Tabela 1: Do latim ao *phrasal verb*

Origem latina	**Phrasal verb**	**Tradução para o PB**
collapse	*break down*	derrubar/ ruir
comprehend	*catch on*	entender
eliminate	*cut out*	eliminar

Fonte: Adaptado de Thim (2012).

Conforme destacado na introdução deste capítulo, *phrasal verbs*, quando transitivos, podem licenciar duas configurações, mas que expressam proposições similares: [V partícula SN] e [V SN partícula]. Por outro lado, a posição aparentemente variável da partícula não se aplicaria a todos os PVTs. No exemplo (1), apresentado na 1ª seção e repetido, aqui, sob nova numeração (13), a descontinuidade da partícula (13b) gera uma configuração, no mínimo, questionável do inglês. Há de se destacar que o emprego

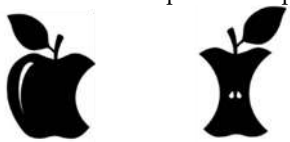
[5] Também para Quirk et al. (1985), *phrasal verbs* são mais frequentes no trato informal e utilizadas, principalmente, por pessoas com menor grau de escolaridade.

de pronome objeto (e.g. *it*) é gramatical apenas na combinação descontínua (13c):

13.a.Carmen **gave up** smoking.
b. ?Carmen **gave** smoking **up.**
c.Carmen **gave it up**.
d. *Carmen **gave up it**.
Carmen parou de fumar.

Os exemplos em (13) evidenciam não só as restrições colocadas à posição da partícula, mas também à sua opacidade no que se refere à interpretação dos enunciados. A partícula *up*, além de conferir significado à construção como um todo, pode ter função de completude. Na figura (4) [6], a leitura da construção é ambígua por conta da ausência da partícula, mas, na figura (5), *eat up* confere completude ao estado das coisas:

Figura 4: Verbo *eat* sem a partícula up – [V SN]



14. **Eat** the apple.
Comer a maçã (toda).

Figura 5: Verbo *eat* com a partícula *up* – [V up SN] e [V SN up]

15. a**. Eat up** the apple. [V up SN]
b. **Eat** the apple **up.** [V SN up]
Comer a maçã toda.

[6] Imagens disponíveis em: <https://br.freepik.com>. Acesso: 29 outubro 2024

O processo de comer uma maçã pode ser observado nas três possibilidades (14, 15ª e 15b), mas elas se distinguem quanto ao grau de resultatividade: a ambiguidade da leitura de (14) se dá pelo fato de que o/a locutor(a) pode estar se referindo tanto ao ato de comer apenas um pedaço ou a maçã inteira, o que não ocorre em (15), que confere a noção de completude, devido à presença da partícula. De acordo com Petrović (2016, p. 267), o acréscimo da partícula à combinação [V SN] tem o potencial de estabelecer um ponto final a situações durativas.

Por outro lado, ainda que Capelle (2005) também direcione um olhar para o grau de resultatividade conferido pela presença da partícula em PVTs, o autor destaca que não é categórico o fator telicizante dessa construção. Observemos, a esse respeito, o exemplo (16), reproduzido do autor (op. Cit., p. 355):

> 16.… let the tree **dry out** for a day or so as this increases the trees root growth.
> … deixe a árvore **secar**, por um ou dois dias, pois isso aumenta o crescimento das raízes das árvores.

Em (16), a presença da partícula *out* não atribui valor resultativo à construção com o verbo *dry* (secar) e o uso do adjunto adverbial de duração *for a day or so* evidencia a natureza atélica do evento. A noção de completude do enunciado não é conferida pelo uso da partícula, sendo necessário, ocasionalmente, a adição de advérbios que agregam valor de resultado, como *completely* (completamente), a seguir[7]:

> 17.If you let it **dry out completely**, it can be difficult to get water to soak back in.
> Se você deixar que ele **seque completamente**, pode ficar difícil para ele absorver a água de volta.

Cabe destacar, porém, que o questionamento feito pelo autor quanto ao valor télico oferecido pela partícula é baseado em PVTs

[7] Exemplo do livro *Food Grown Right, In Your Backyard: A Beginner's Guide to Growing Crops at Home* (Mccrate, 2012, p. 75).

contínuos. Para Bolinger (1971) e Olson (2013), a adjacência entre partícula e verbo focaliza o processo, enquanto a separação dos dois itens dão ênfase ao resultado:

> [S]e a partícula é posposta, então ela modifica o nome mais do que o verbo, e, se a partícula está junto ao verbo, então ela se comporta como um afixo verbal, presumivelmente porque está semanticamente conectada ao verbo e pode compartilhar acento com ele. (Olson, 2013, p. 47-48)[8]

Até o momento, podemos assumir que as partículas podem ter funções variadas em construções verbo-partícula, a depender do contexto em que se inserem. Em PVTs, pudemos verificar tanto valor aspectual quanto télico, mas a noção de completude parece estar mais congruente a construções descontínuas (Bolinger, 1971; Olson, 2013; Petrović, 2016). As características compartilhadas por partículas e preposições – PVT e *prepositional verb*, respectivamente – nos levam à noção de uma extensão de significados. Enquanto as preposições tendem a direcionar a interpretação do evento para uma leitura temporal, as partículas podem expressar valor locativo, o que pode ser explicado em termos de *links* metafóricos, conforme será melhor em 3, a seguir.

Dimensão espaço-tempo e movimento causado: extensão metafórica entre PVT e CMC

Enquanto usuários de uma língua, constantemente recorremos à nossa experiência de espaço e a projetamos para um domínio temporal, um processo natural da linguagem humana, conforme reforçado por Ferrari (2011) e Bybee (2015). Em outras palavras, é possível afirmar que uma atividade localizada no espaço também está localizada no tempo, o que reforça a noção de extensão

[8] Conforme original: "if the particle is postposed, then it modifies the noun more than the verb, and if it is beside the verb, then it behaves as a verbal affix, presumably because it is semantically connected with the verb and may share some stress with the verb" (Olson, 2013, p. 47-48).

metafórica de determinados eventos. Podemos observar esse princípio na construção de movimento causado do inglês *She sneezed the foam off the cappuccino*, já referenciada neste capítulo. A CMC em questão envolve um objeto direto (NP) e um sintagma preposicional (PP) que designa uma rota/ caminho (*path*) e a leitura de movimento causado é possível por meio da observação do evento, como um todo, e dos papéis temáticos dos argumentos:

Figura 6: A Construção de Movimento Causado

CAUSED-MOTION CONSTRUCTION			
Form:	**V**	**{NP,**	**PP}**
Function:	**cause-move**	**(cause,**	**path)**

Fonte: Goldberg (2016, p. 13)

As construções CMC e PVT compartilham alguns aspectos importantes. O valor locativo e direcional, inerente à CMC, pode ser observado em determinados PVTs que também expressam a ideia de lugar, como é o caso de PVTs constituídos das partículas *away*, *on* e *back:*

18.a. She **put (away)** the jacket **(away).**
Ela **guardou** a jaqueta.

b. She **put (on)** the jacket **(on).**
Ela **vestiu** a jaqueta.

c. She **put (back)** the jacket (**back)**.
Ela **colocou** a jaqueta no lugar onde estava.

De acordo com Goldberg (2016), a noção de movimento causado também pode ser observada em determinados PVTs, o que evidencia uma correlação entre CMC e PVT como parte de um mesmo conjunto, mais abstrato. A distinção entre as duas construções se dá pela agramaticalidade concedida à CMC quando a partícula é conseguinte ao verbo, o que não ocorre no PVT:

CMC:	PVT
She **sneezed** the foam **off** the cappuccino.	She **put** the jacket **away**
*She **sneezed off** the foam the cappuccino	She **put away** the jacket

Portanto, podemos argumentar que é justamente essa relação entre as duas construções que justificam o porquê de *phrasal verbs* exprimirem, também, a ideia de movimento causado.

Por outro lado, para postular o vínculo PVT – CMC, faz-se necessário considerar o grau de literalidade das construções. As instâncias exemplificadas até então dizem respeito a PVTs com alto grau de composicionalidade, i. e., o entendimento do enunciado é possível, ao menos em princípio, a partir do conhecimento das partes que as compõem. Rodríguez-Puente (2012ª, b) defende a necessidade de uma escala de *phrasal verbs*, na qual, em um polo, encontram-se aqueles com leitura mais composicional e, em outro polo, *phrasal verbs* com valor [+ figurado; - composicional].

A idiomatização de combinações verbo-partícula pode ser explicada em termos da atuação de um processo metafórico que parte da categoria espaço, conforme destacam Bybee e Dahl (1989):

> (…) estar localizado/a espacialmente em uma atividade é também estar localizado/a temporalmente em uma atividade, de modo que, desde o início, o significado de tais construções tenha implicações temporais. Gradualmente, o significado locativo enfraquece, enquanto as implicações temporais se estabilizam, dando origem ao sentido aspectual.[9]

Historicamente, as partículas ocorriam em combinações sintagmáticas compostas por verbos que expressavam ideia de movimento ou de ação física, podendo oferecer noções tanto locativas quanto resultativas, e raramente ocorriam com verbos estativos, como *think* (pensar/achar) ou *be* (ser/ estar) – (Thim, 2012).

[9] Conforme original: "To be located spatially in an activity is also to be located temporally in an activity, so that from the beginning the meaning of such constructions has temporal implications. Gradually the locative meaning weakens while the temporal implications stabilize, giving rise to the aspectual meaning" (Bybee & Dahl, 1989, p. 81).

A análise diacrônica de *phrasal verbs* pode fornecer maiores detalhes quanto à forma como esse trajeto ocorreu, a partir da nossa experiência de mundo e da possibilidade de uma extensão de contextos em termos de *links* metafóricos. Ainda que uma análise linguístico-histórica não caiba neste capítulo (c. f. Thim, 2012; Oliveira, 2017; 2019), ressalta dessa observação que a noção de extensão metafórica entre PVT e CMC reforça a ideia de um forte elo entre as construções: a CMC carrega propriedades inicialmente espaciais, mas se movimenta em direção a contextos também temporais (Goldberg, 1995; 2016; Oliveira, 2019). Portanto, no inglês contemporâneo, mesmo partículas não direcionais podem tornar télicos contextos que, em princípio, não exprimem resultatividade. Nesse aspecto, é importante destacar que determinados PVTs, quando marcam a noção de completude, admitem apenas a configuração [V SN partícula]:

19. They **danced** the night **away**.
*They **danced away** the night.
Eles/Elas dançaram noite afora.

A posição fixa de *away* no PVT exemplificado em (19) parece, em princípio, compartilhar propriedades sintagmáticas tanto com a CMC quanto com a construção resultativa: além da partícula não poder estar contígua ao verbo, o que conferiria agramaticalidade à construção, ela dá destaque ao valor resultativo do enunciado. Em outras palavras, a descontinuidade da partícula contribui para o efeito resultativo do PVT, o que nos leva a refletir sobre uma relação entre resultado, movimento causado e *phrasal verbs*.

CMC ↔ PVT ↔ RSLTV

PVTs contínuos têm maior frequência de ocorrência na língua inglesa, em decorrência de múltiplos fatores, como informatividade e princípio de peso final (cf. Quirk, 1985; Bybee, 2010 e Oliveira, 2019). No entanto, os dados analisados neste

trabalho indicam que a noção de telicidade é mais evidente em [V SN partícula]. Conforme vem sendo destacado neste capítulo, a combinação descontínua parece reforçar a ideia de completude dos eventos. Em razão disso, Golberg (2016) defende uma ordem *default* para PVTs, a saber, [V SN partícula], sob o argumento de que se estabelece uma relação intrínseca entre PVT e CMC: as duas construções seriam análogas, o que explicaria a razão de muitos PVTs também exprimirem ideia de movimento causado.

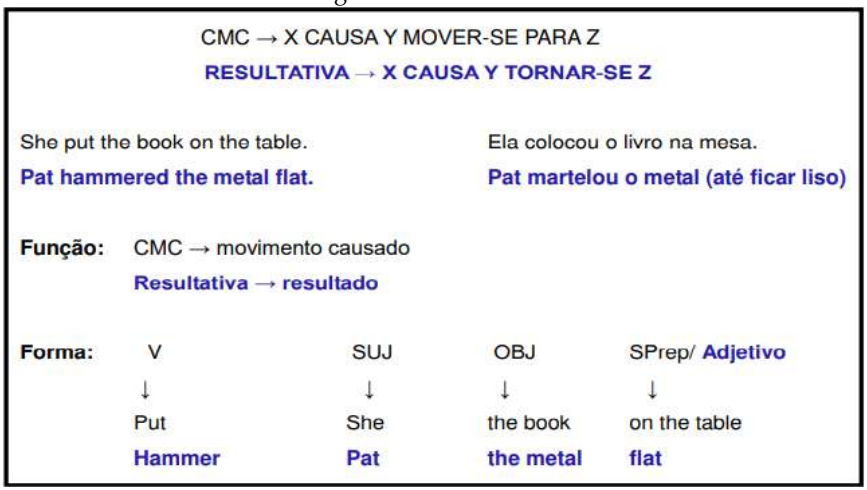
Além da relação entre CMC e PVT, pudemos observar a natureza resultativa de determinados PVTs, o que permite com que esta combinação seja inserida também no grupo de construções resultativas (RSTV, em diante) através de um *link* de extensão metafórica com a CMC, haja vista as propriedades funcionais compartilhadas entre as construções. Observe-se, a esse respeito, a RSTV em (20):

> 20.John **hammered** the metal **flat**. [10]
> John **martelou** o metal até que ficasse **plano.**

Em (20), a RSTV é composta de verbo, SN e um sintagma resultativo, e expressa uma mudança de estado do metal. O adjetivo *flat* (plano) faz referência ao estado final do metal após ter sido modificado por meio da ação (*hammered* = martelado) de um agente (John). Tanto a CMC quanto a RSTV apresentam semelhanças no que se refere à presença de um causador, mas enquanto a primeira tem função de movimento causado, a segunda correspondente à noção de resultado. A figura a seguir ilustra a comparação entre CMC e RSTV:

[10] c. f. Beavers (2012, p. 908).

Figura 7: CMC e RSTV



Fonte: Oliveira (2019, p. 84)

Enquanto a CMC é exemplo literal de movimento, às resultativas pode ser atribuída uma extensão metafórica de CMC. No exemplo aplicado à figura (7) e sob a concepção metafórica de que movimento é mudança de estado, a noção de resultado pode ser captada tanto pela preposição *on* quanto pelo adjetivo *flat*. RSTV e CMC são construções distintas devido à maior quantidade de restrições impostas à RSTV e às demandas discursivas de cada enunciado, o que ratifica a leitura de uma ligação metafórica entre as duas construções. De acordo com Olson (2013), as restrições em RSTV servem de evidência para considerar a CMC como uma construção mais abrangente. Ao postular que RSTV constitui uma interpretação metafórica do constituinte alvo dá conta do fato de que:

> [...] resultativas não ocorrem com direcionais, que duas resultativas não podem coocorrer, que resultativas não podem ocorrer com ditransitivas e que resultativas não podem ocorrer com verbos de movimento quando usadas literalmente, mas que podem ocorrer com verbos de movimento quanto estes implicam mudança de estado (Goldberg, 1995, p. 84).[11]

[11] Conforme original: "[…] resultatives cannot occur with directionals, that two resultatives cannot co-occur, that resultatives cannot occur with ditransitives, and

Ao longo deste capítulo, ficou evidente a noção de resultatividade associada a determinados *phrasal verbs* transitivos descontínuos, o que também nos leva a crer em uma relação entre PVT e RSTV. A principal distinção entre as construções recai sobre a ordem dos constituintes: enquanto o PVT com leitura resultativa admite mudança na ordem dos constituintes, sem comprometer a proposição ou a gramaticalidade do enunciado, o mesmo não pode ser afirmado de RSTV:

21.	22.
PVT	**RSTV**
She threw the keys **away**	She hammered the metal **flat**
She threw **away** the keys	*She hammered **flat** the metal

Em (21), à *away* é licenciada a posição adjacente ao verbo ou ao SN no PVT, mas *flat*, na RSTV (22), é gramatical somente quando está descontínuo ao verbo.

Com base em uma análise diacrônica, ao analisar PVTs contínuos e descontínuos com a partícula *out*, Oliveira (2019) destaca o aspecto resultativo de PVTs na configuração [V SN out]:

23.
We might **throw** Purple **out**, said Grief. [12]
Talvez a gente **expulse** o **Purple**, disse Grief.

24.
I have found myself torn between **throwing** people like him **out** and putting up with them.[13]
Eu me encontrei dividido entre **expulsar** pessoas como ele e aguentá-las.

---

that resultatives cannot occur with verbs of motion when used literally, but can occur with motion verbs when those verbs are used to imply a change of state". (Goldberg, 1995, p. 84)

[12] Archer (2013). Dado: 1897cranf6a.

[13] BNC, 2001. Ddao: A4S 140.

Os enunciados com o verbo *throw* e a partícula *out* indicam que a combinação, em seu sentido mais prototípico de descartar alguém/ algo, ocorre preferencialmente em [V SN partícula]. A noção de resultatividade, também observada na análise diacrônica, confirma a telicidade da partícula com maior representatividade em PVTs descontínuos, reforçando a ideia de que PVT descontínuo e RSVT compartilham propriedades semânticas e sintáticas.

Considerando a relação entre as três construções abordadas neste capítulo, proponho a seguinte representação no que concerne aos elementos constituintes de CMC, PVT e RSTV a partir da ordem dos constituintes, da função dos itens que estão conseguintes ao SN e do efeito causado por cada pareamento:

Figura 8 – Cxs verbo-partícula com noção de causa e efeito

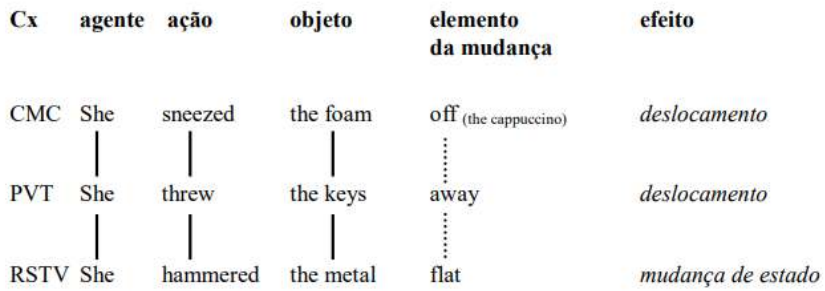
Cf	**agente**	**ação**	**objeto**	**elemento da mudança**	**efeito**
CMC	She	sneezed	the foam	off (the cappuccino)	*deslocamento*
PVT	She	threw	the keys	away	*deslocamento*
RSTV	She	hammered	the metal	flat	*mudança de estado*

Na figura 8, CMC, PVT e RSTV são construções (Cxs) que compartilham aspectos semânticos e sintáticos, considerando, ainda, a particularidade de cada uma. As linhas preenchidas indicam que, nos três pareamentos relacionados, há presença de um agente causador de uma mudança a determinado objeto. O elemento causador da mudança, por sua vez, pode ser verificado pelo uso de partícula (*off* e *away*) ou de adjetivo (*flat*). Ainda que possuam funções semelhantes no que respeita à transformação, de estado ou de local, as unidades que demarcam a mudança diferem

em categorias gramaticais e, por este motivo, estão conectados por linhas pontilhadas na figura. Por fim, CMC, PVT e RSTV são empregadas para conferir algum tipo de efeito: deslocamento, para CMC e PVT; mudança de estado para RSTV.O *link* entre CMC e PVT parece mais forte se considerarmos que ambas empregam partículas, o que não ocorre com RSTV. Por outro lado, a ideia de resultatividade é clara em determinados PVTs descontínuos, o que confirma a proximidade entre PVT e RSTV.

A observação de enunciados em que PVT, CMC e RSTV são empregadas indica que os pareamentos compartilham propriedades tanto no âmbito da forma quanto do significado, fortalecendo a ideia de extensões metafóricas em termos de *links* construcionais. A representação na figura 8 tem por objetivo correlacionar as três construções analisadas neste estudo, haja vista as similaridades evidentes, observáveis a partir de dados presentes no uso. Partindo da perspectiva da GC e de uma relação de herança entre os pareamentos abordados, podemos atribuir CMC, PVT e RSTV a um pareamento ainda mais abrangente: A Construção de Efeito – CEF:

Figura 9: Construções de efeito – CEF



Fonte: formulação própria

A representação construcional ilustrada na figura 9 conecta CMC, PVT e RSTV a um padrão mais abstrato, denominado de CEF. As linhas preenchidas indicam que as propriedades compartilhadas pelos constituintes a que se referem são

semelhantes em forma e significado. Considerando que *away* e *off* (PVT e CMC, respectivamente) estão mais distantes em termos de categorização do que *flat* (RSTV), optou-se pelo uso de uma linha pontilhada. Vale ressaltar, no entanto, que ainda que façam parte de classes gramaticais distintas, contribuem para a noção de efeito causado, representado por CEF.

Considerações finais

Os pontos destacados neste capítulo sinalizam que, ao menos por hipótese, a construção PVT, em sua configuração descontínua, seja motivada por relações de herança com CMC e RSVT. Com base nos trabalhos de Goldberg (1995; 2016); Olson (2013) e Oliveira (2017; 2019), existem indícios para uma relação de herança em termos de *links* construcionais quando a construção resultativa é considerada uma extensão metafórica da CMC e, ao mesmo tempo, alinhada às propriedades do PVT. As três construções abordadas neste capítulo compartilham, dentre muitos aspectos, a ideia de efeito causado. Assim, podemos partir da noção de uma construção mais abrangente, a construção de efeito – CEF – a fim de englobar PVT, CMC e RSTV sob a premissa de que todas, de alguma maneira, contribuem para a noção de um efeito causado por mudanças, ora de local, ora de estado.

Destaca-se na análise que a leitura resultativa de PVTs é muitas vezes mais clara na configuração [V partícula SN]. Contrariamente à posição adotada neste trabalho, Gorlach (2004), ainda que considere essa relação parcialmente verdadeira, afirma que este argumento não dá conta de alguns enunciados, pois, para a autora, a leitura resultativa de determinados PVTs é mais forte em combinações nas quais a partícula está adjacente ao verbo (também para Capelle, 2005). Neste capítulo, a análise se restringiu a algumas partículas, como *off*, *out*, *up* e *away*. Todavia, dada a vasta possibilidade de partículas presentes em PVTs, contínuos ou descontínuos, existe, por hipótese, a possibilidade de que o

estabelecimento dessa relação esteja atrelado a partículas específicas.

Referências

ARCHER 3.2. **A Representative Corpus of Historical English Registers** version 3.2. Examples of usage taken from ARCHER were obtained under the terms of the ARCHER User Agreement. 2013.

BEAVERS, J. Resultative Constructions. In R. I. Binnick (Ed.), **The Oxford Handbook of Tense and Aspect** Oxford, University Press, p. 909-933, 2012.

BIBER, D. et al. **The Longman Grammar of Spoken and Written English**. London: Longman, 1999.

BOLINGER, D. **The Phrasal Verb in English**. Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1971.

BNC. **The British National Corpus**, version 2 (BNC World). Distributed by Oxford University Computing Services on behalf of the BNC Consortium. 2001

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language Change**. University of New Mexico: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J.; DAHL, O. The creation of tense and aspect systems in the languages of the world. **Studies in Language**, v. 13, 1989, p. 51-103.

CAPPELLE, B. **Particle Patterns in English**: A Comprehensive Coverage. Tese de doutorado, Katholieke Universiteit Leuven, 2005.

CAPPELLE, B. Contextual cues for particle placement: Multiplicity, motivation, modelling. *In*: BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds.), **Contexts and constructions**, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 145–92, 2009.

CLARIDGE, C. **Multi-word Verbs in Early Modern English**: A Corpus-based Study. Amsterdam: Rodopi, 2000.

COWIE, A.P.; MACKIN, R. **Oxford Dictionary of Current Idiomatic English**: Verbs with Prepositions and Particles. Oxford: Oxford University Press, 1975.
DOWNING, A.; LOCKE, E. **A University Course in English Grammar**. Londres: Routledge, 2006.
FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
FERRARI, L. **Multifactorial Analysis in Corpus Linguistics**: The Case of Particle Placement. London: New York Continuum Press, 2003.
GOLDBERG, A. E. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.
GOLDBERG, A. E.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. **Language**, v. 80. 2004, p. 532-568.
GOLDBERG, A. E. Tuning in to the verb-particle construction in English. **Syntax and Semantics**. v. 41, p. 110-141, 2016.
GORLACH, M. **Phrasal Constructions and Resultativeness in English**: A Sign-oriented Analysis. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004.
GRIES, S. Particle movement: a cognitive and functional approach. In: **Cognitive Linguistics**, v. 10, 1999, p. 105-145.
HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh University Press, Edinburgh, 2014.
KEMMER, S; BARLOW, M. **Usage Based Models of Language**. Stanford, CSLI Publications, 1999.
LAKOFF, G. **Women Fire and dangerous things.** What categories reveal about mind. Chicago: Chicago University Press, 1987.
OLIVEIRA, M. C. **Throw out the trash e throw the trash out: estudo diacrônico de phrasal verbs com a partícula out**. Tese (Doutorado) – Departamento de Línguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
OLIVEIRA, M. C.; ALONSO, K. S. Variation and Construction Grammar: investigating Brazilian double-object construction. **ReVEL**, v. 20, n. 39, 2022.

OLSON, A. L. **Constructions and Result:** English Phrasal verbs as analysed in construction grammar. 104 f. Dissertação (Mestrado). Trinity Western University, 2013.
O'DOWD, E. **Prepositions and particles, a discourse-functional account**. New York: Oxford University Press, 1998.
PETROVIĆ, B. English phrasal verbs with the particles down, off and up and progressive aspect. **Anuário da Faculdade de Educação de Vranje**, Livro VII, 2016, p. 265-278.
PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs). **Linguística Cognitiva**: da linguagem aos bastidores da mente. Campo: Brasil Multicultural, 2016.
QUIRK, R.; GREENBOUN, S.; SVARTVICH, J. **A comprehensive grammar of the English language**. London: Longman, 1985.
RODRÍGUEZ-PUENTE, P. The development of non-compositional meanings in phrasal verbs: a corpus-based study. **English studies**, v. 93, 2012, p. 71-90.
RODRÍGUEZ-PUENTE, P. Particle placement in Late Modern English and twentieth-century English: Morpho-syntactic variables. **Folia Linguistica Historica**, v. 37. Published: 2016, p. 145-175.
SVENONIUS, P. **Dependent Nexus:** Subordinate Predication Structures in English and the Scandinavian Languages. 1994. PhD dissertation. University of California, Santa Cruz.
SVENONIUS, P. **The verb-particle alternation in the Scandinavian languages**. University of Tromso, 1996.
THIM, S. **Phrasal verbs:** the English verb-particle construction and its history. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2012.
TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
TRAUGOTT, E. C.; Toward a constructional framework for research on language change. HANCIL, S.; KONIG, E. (eds). In: **Grammaticalization**: theory and data. Amsterdã/ Filadélfia: John Benajmins, 2014.

UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DAS PERÍFRASES CURSIVAS [*ESTAR*+X$_{NDO}$] E [*FICAR*+X$_{NDO}$] NO PB

Quezia dos Santos Lopes Oliveira

Introdução

Este capítulo é fruto de um estudo mais amplo desenvolvido em Oliveira (2018) e apresenta, de forma resumida, os principais resultados atestados nessa pesquisa. A análise, no entanto, não será exaustiva, dados os limites e propósitos naturais deste tipo de texto. Por esta razão, serão elencados para esta discussão apenas alguns dos fatores analíticos investigados naquele primeiro trabalho, para responder ao objetivo central deste texto, que é apresentar o quadro geral das perífrases [*estar*+x$_{ndo}$] e [*ficar*+x$_{ndo}$] como marcadoras de aspecto imperfectivo cursivo no português do Brasil, na perspectiva dos Modelos Baseados no Uso e da Abordagem de Construcionalização e Mudança Construcional de Traugott & Trousdale (2013). Para isso, apresentará resumidamente a atuação de fatores centrais do processo de formação/construcionalização das construções [*estar*+x$_{ndo}$]$_{cursivo}$ e [*ficar*+x$_{ndo}$] $_{cursivo}$ e algumas características de uso de cada uma dessas construções que, por um lado, as aproximam, dentro do quadro maior de perífrases cursivas de gerúndio, e, por outro, as particulariza entre si, apontando as razões desse distanciamento entre elas, dentro do recorte teórico-metodológico que orienta este trabalho.

O quadro teórico que baseia este trabalho é o dos Modelos Baseados no Uso e, complementarmente, recorremos a algumas considerações do paradigma da gramaticalização, que estabelece

um diálogo direto com a abordagem principal adotada neste trabalho, a do modelo de *Construcionalização e mudança construcional* de Traugott & Trousdale[1] (2013). Este modelo nos orienta na análise teórico-metodológica dos dados. Dentro deste quadro, um fator de extrema importância para avaliação do uso de determinada construção é a frequência, seja de ocorrência ou de tipo, que, juntamente com o contexto de uso, permite ilustrar e explicar a estruturação e funcionamento da gramática.

No que diz respeito ao aporte teórico central deste trabalho, ou seja, ao modelo de de T&T (2013), destacam-se alguns conceitos principais, que serão discutidos mais adiante neste texto, como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, os quais correspondem aos fatores utilizados para atestar as alterações ocorridas na formação e no desenvolvimento de uma construção. Além deles, abordaremos, em linhas gerais e à luz deste modelo, os níveis de representação de uma rede construcional: esquema (nível mais abstrato), subesquema (nível intermediário) e microconstrução (que correspondem a cada *type* da construção maior, mais abstrata). Por fim, falaremos dos processos de mudança existentes nesse quadro teórico: a Construcionalização (etapa final/inicial de um processo de mudança, por corresponder à formação de uma nova construção na rede) e a(s) mudança(s) construcional(is) (o curso/decorrer da mudança).

A análise é pancrônica, comparativa e de natureza qualitativa. Foram utilizados diferentes fatores analíticos responsáveis por descrever o contexto de uso das construções aqui analisadas, dentre os quais destacamos a natureza/animacidade do sujeito e o tipo de V2 (verbo principal na forma nominal de gerúndio). Complementarmente, faremos algumas observações sobre demais aspectos envolvidos no emprego dessas construções, sobretudo com relação às frequências de ocorrência (número de vezes que cada construção ocorre) e de tipo (diversidade de entradas semântico-pragmáticas dessas construções).

[1] Doravante, T&T (2013).

O método adotado correspondeu à coleta dos dados em amostras de textos escritos do século XIII ao XXI, sendo compostas pela reunião de diversos bancos de dados, a saber: *corpus* organizado por Torrent (2009), *Corpus* informatizado do português medieval (CIPM), *Corpus* do Labor Histórico (PHPB), *Corpus* Histórico do Português- Tycho Brahe (do Séc. XIII ao XIX); *Corpus* de textos jornalísticos do PEUL e *corpus* organizado por Medeiros (2017) (para os séculos XX e XXI), respeitando um recorte de aproximadamente 150.000 palavras por século; e, adicionalmente, apenas para atestar determinados usos da construção no período atual, recorremos à busca de palavras no banco do *Corpus brasileiro-Linguateca*, confrontando esses dados com as nossas amostras. Essa diversidade de *corpora* foi necessária para tentar controlar a distribuição de gêneros e tipos textuais por século, na medida do possível, dadas as limitações próprias da natureza das amostras de períodos arcaicos e antigos.

Cada ocorrência das construções identificadas nessas amostras foi descrita com base em uma série de fatores analíticos[2] que atestassem possíveis alterações de esquematicidade, produtividade e composicionalidade dessas construções, dentre os quais estão os fatores aludidos anteriormente: a animacidade do sujeito e o tipo de V2.

Os resultados iniciais desta pesquisa mostraram, dentre outras questões, que o processo de construcionalização de [*estar*+X$_{ndo}$]$_{cursivo}$ abriu caminho para a formação da construção [*ficar*+X$_{ndo}$]$_{cursivo}$, servindo-lhe de modelo. Apontaram também que a construção [*estar*+X$_{ndo}$]$_{cursivo}$ apresenta características particulares em relação às demais construções da rede aspectual de perífrases cursivas de gerúndio, o que sinalizaria um maior avanço em seu processo de mudança construcional, quando comparada às outras construções da rede. Tais considerações convidam-nos a um maior debate sobre o tema discutido aqui e ao prosseguimento desta pesquisa, para que questões levantadas na análise e ainda não respondidas

[2] Cf. Oliveira (2018).

inteiramente possam ser retomadas e levadas a cabo, e analisadas sob outros aspectos.

Quanto à organização deste texto, inicia-se com uma breve revisão do quadro teórico que o subsidia, além de elucidarem-se alguns conceitos básicos envolvendo a terminologia empregada na análise das construções. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados na análise e as informações gerais sobre a amostra examinada. Na seção subsequente, realiza-se uma análise do quadro geral das construções aqui investigadas, seguida de considerações sobre as semelhanças e diferenças entre essas duas construções no recorte atual da língua (século XXI). Por fim, passa-se às considerações finais deste trabalho.

O aporte teórico

Como já sinalizado anteriormente, este trabalho se insere no quadro teórico dos modelos funcionais baseados no uso e, por isso, assume uma visão de língua como uma habilidade cognitiva geral, e a de gramática como uma grande rede de construções interconectadas. Orienta-se pela consideração de que o uso motiva, e modifica, a estrutura linguística, sendo, por este motivo, de fundamental importância observar a construção em seu contexto mais amplo de emprego. Também considera, sob a ótica da Construcionalização e mudança construcional, de T&T (2013), que a construção é, grosso modo, um pareamento de forma e significado, em que forma diz respeito aos aspectos morfossintáticos do signo, e significado, às informações semântico-discursivo-pragmáticas codificadas por ele.

As construções, neste modelo teórico, se organizam numa rede distribuída em três níveis básicos: esquema (nível mais abstrato; Ex.: aspecto cursivo), subesquema (nível intermediário; Ex.: perífrases de gerúndio, perífrases de infinitivo, etc.) e microconstrução (nível mais básico, que abarca diferentes *types*. Ex.: [*estar X-ndo*]$_{\text{cursivo}}$; [*ficar*+*X-ndo*]$_{\text{cursivo}}$; [*estar* +*a*+*X-r*]$_{\text{cursivo}}$, etc.).

O estudo de uma dada construção, a partir dessa perspectiva, busca analisar as alterações processadas nas duas faces de um item linguístico (forma e significado) até a constituição de um novo nó (novo pareamento forma-significado) na rede linguística de uma comunidade de fala (*Construcionalização*) e as alterações ocorridas nessas construções em uma de suas dimensões (forma ou significado) após a sua formação (*Mudança construcional*). Dessa forma, avalia tanto a Construcionalização quanto as mudanças construcionais de uma dada construção da língua. A verificação desses fenômenos é feita, basicamente, a partir do exame das alterações na esquematicidade, produtividade e composicionalidade de uma construção na rede.

Antes de se passar à explicitação desses conceitos, porém, cabe salientar que, apesar do nome "mudança construcional" remeter, numa primeira impressão, ao resultado de um processo, refere-se, antes, nesta teoria, ao percurso/andamento desse processo, às fases anteriores e posteriores à criação do novo nó, ao que, grosso modo e com as devidas ressalvas, corresponderia, na Sociolinguística, à variação. Trata do caminho da transformação em si, e não da substituição já processada. É isso, portanto, que permite a este trabalho fazer uma análise sincrônica dos dados dentro deste recorte teórico, considerando-se também as informações diacrônicas prévias as quais este trabalho faz referência, a partir de estudos precedentes aqui já referenciados.

Sobre conceitos anteriormente aludidos, cumpre dizer que a esquematicidade é entendida aqui como uma propriedade de categorização que envolve abstração num nível vertical. Ela permite avaliar o quanto é possível fazer generalizações acima de um mesmo eixo relacional. Um exemplo prático dessa extensão, dentro da discussão deste trabalho, é a introdução de novas formas de marcação aspectual na rede de aspectualização do português, como a criação das construções [*estar* + X-*ndo*]$_{\text{cursivo}}$ e [*ficar* + X-*ndo*]$_{\text{cursivo}}$, ao lado de outras possibilidades existentes previamente neste idioma para expressão do aspecto cursivo.

O conceito de produtividade para T&T (2013) refere-se à extensibilidade de um esquema em termos de alargamento de uma construção, licenciando novas construções menos esquemáticas, bem como de suas restrições. No português, por exemplo, as construções perifrásticas marcadoras de aspecto cursivo restringem-se a seis possibilidades de preenchimento da posição de V1/auxiliar[3]. Essas possibilidades, no entanto, não surgiram ao mesmo tempo, mas foram sendo permitidas na língua ao longo de sua história, a partir do alargamento do esquema construcional deste tipo, o que possibilitou, por exemplo, o recrutamento de *ficar* sob influência das construções já formadas por *estar*. O conceito de produtividade também costuma estar associado, na literatura, às frequências *token* e *type* (Bybee, 2003 e 2010) e ao aumento da gama colocacional nos *slots* que compõem um esquema de uma construção (Himmelman, 2004). Assim, uma construção seria mais produtiva se aumentasse sua frequência e contexto de uso e se se abrisse a novas possibilidades de preenchimento de suas lacunas.

Já a composicionalidade leva em conta aspectos semânticos (o significado das partes e do todo) e as propriedades combinatórias do componente sintático na verificação de congruência ou incongruência entre aspectos da forma e do significado: "o significado de uma expressão é uma função do significado de suas partes e da maneira como eles estão sintaticamente combinados" (Partee, 1984, p. 281, *apud* T&T, 2013, p. 19). Assim sendo, uma construção é entendida como mais composicional quando se pode computar mais claramente a soma dos valores individuais de suas partes para o cômputo do sentido final do seu todo. Por outro lado, seria menos composicional se se identificam incongruências semântico-sintáticas entre o significado das partes e o significado do todo. Também pode ser pensada em termos de perda de analisabilidade[4], que funciona como um subtipo da

[3] De acordo com Castilho (1968) e Travaglia (2015), são elas: "estar, ficar, ir vir, continuar e permanecer".

[4] Cf. Bybee (2003, 2010) e T&T (2013).

composicionalidade. A partir dela, "avalia-se com que extensão o falante reconhece e trata distintamente cada parte componente da construção" (Oliveira, 2018, p. 23).

A interpretação que se faz do comportamento desses conceitos para a averiguação do processo da mudança é a de que o avanço da mudança está associado ao aumento de esquematicidade e de produtividade da construção e à consequente diminuição de sua composicionalidade. Em outros termos, a construção em avanço de mudança se torna mais frequente, amplia seu escopo de uso. Isso é percebido pela ocorrência/seleção de elementos mais variados para preencher seus *slots*, bem como pela incorporação de novas construções na rede. Também é verificado quando os constituintes da construção deixam cada vez mais de ser enxergados como partes de um arranjo de elementos combinados, para serem entendidos em seu todo, como um bloco único.

Este trabalho segue a classificação proposta por Castilho (1968) e Travaglia (2014), para os quais o aspecto verbal é caracterizado como acabado (perfectivo) ou inacabado (imperfectivo), sendo este último, foco deste trabalho, subdividido ainda em inceptivo (duração vista em seu início), cursivo (duração vista em seu meio) e terminativo (duração vista em seu término). Nas construções aqui classificadas como imperfectivas cursivas, a duração da ação verbal está em curso, em desenvolvimento, não se conhecem os limites da ação (início e fim). O aspecto cursivo é tomado, então, na visão desses autores e na deste trabalho, como uma qualidade do tempo que caracteriza a duração de uma ação verbal, se relacionando, portanto, à situação interna da ação verbal.

Desse modo, construções foco deste estudo, como "estou lendo um livro" ou "fico lendo o livro", são classificadas como perifrásticas marcadoras de aspecto cursivo, pois a combinação dos auxiliares *estar/ficar* com os verbos principais no gerúndio forma um "todo" responsável por expressar que a ação verbal está em seu curso, isto é, não se concluiu e se desconhecem o seu início ou fim.

Também cabe apresentar aqui as orientações teóricas para a proposição dos fatores analíticos do estudo aqui procedido, com o

objetivo de observar as alterações de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções, e, consequentemente, se avaliar seu processo de mudança, como ilustrado anteriormente. No entanto, dados os limites inerentes a este tipo de discussão, eles serão abordados aqui de modo resumido. Antes de tudo, é preciso dizer que a escolha de cada um deles foi motivada por estudos anteriores que verificaram a sua importância para explicação de fenômenos de mudança linguística como o que é observado neste estudo.

A classificação dos verbos em tipos semânticos se baseou na proposta de Sigiliano (2013); porém, dadas as adaptações necessárias a este trabalho, resultou em quatro conjuntos de tipos semânticos verbais que compartilhassem entre si certas semelhanças mais gerais: cognitivos, estativos, de deslocamento/ mudança de estado e de ação[5], exemplificados a seguir:

(1) E entom viro~ vi~ir out(ra) alma pella ponte. e ***estava chorando*** carregada de hu~u feixe de t(ri)go. (Vida-Sto. Séc. XIV) [*COGNITIVO*]
(2) "[...] que pinga a campá do ceo *ficou* ***chorando*** no campo o enorme e viúdo". (ACAGAL928- TILGA-Séc. XX) [*COGNITIVO*]
(3) O holandês com algum dano se retirou a este porto, donde *está* ***aguardando***. (GZ- Séc. XVII) [*ESTATIVO*]
(4) Eu agora *fico* ***esperando*** pois agora não cuido senão em apurar as minhas contas. (CAC- Séc. XVIII) [*ESTATIVO*]
(5) Pera pasarmos ao longo per ond eles *estauam* ***hjndo*** (Cr. DPI- Séc. XV) [*DESLOCAMENTO*]
(6) "[...] *ficar*, ao lonxe, ***alonxando***-se, para voltar ao seu lar e deschuír [...]". (CRTVIL981/1981- TILGA Séc. XX) [*DESLOCAMENTO*][6].
(7) "¿ E non decías que *estabas* ***estudiando***?" (OTEMAD914/ 1914- TILGA- Séc. XX) [*AÇÃO*]
(8) "Os mais *ficaban* ***traballando*** os eidos". (OPEEST928- TILGA- Séc. XX) [*AÇÃO*]

[5] Cf. Oliveira (2018, p. 89-90).
[6] Casos como este tipo verbal foram raros e se abriam à ambiguidade entre uma oração complexa e uma perifrástica na maioria das vezes.

Já o critério de animacidade, se refere basicamente à noção de agentividade, num sentido geral, vista sob seu aspecto semântico, e ao traço [+humano] do sujeito, referindo-se ao papel mais ativo do sujeito da frase em relação à ideia expressa pelo verbo. Assim, haveria o grupo de sujeitos entendidos como [- animado] e aquele que se aproxima do traço [+animado], como nos exemplos (9) e (10) a seguir. Essa classificação, portanto, não é feita de forma estritamente binária como presença ou ausência de animacidade apenas, uma vez que, sob os rótulos [+/- animado], abarcam-se diferentes graus de animacidade mais próximos de um ou de outro polo. Para fins ilustrativos, basta comparar os sujeitos das sentenças "*Carlos* comprou um carro" (humano, agentivo e animado) e "O *povo* lutou contra a corrupção do governo" ou "O *trono* declarou guerra aos inimigos" (sujeito coletivo, recebe o traço humano de forma metonímica, agentivo e, desta forma, mais animado), ambos assumidos como [+ animado] na classificação deste trabalho.

(9) A sua falta *estava sendo* sentida. (TJ-CAR- Séc. XIX) [-animado]
(10a) Eu *estou reflectindo***.** (CAP- Séc. XVIII) [+animado]
(10b) E *ficou conversando* todo o tempo, que duraram; com os Algaravios com muita paciência até às 7 horas da tarde. (FL-XVIII) [+animado]

Aporte metodológico

A análise deste trabalho baseia-se numa abordagem qualitativa, a partir da coleta de dados reais de textos escritos do século XIII ao XXI. No entanto, neste texto, concentraremos nossa análise num recorte temporal mais recente, sobretudo nos séculos XX e XXI, com o objetivo de delinear o estado atual das construções perifrásticas de gerúndio com *estar* e *ficar* na língua e as mudanças que se processaram em cada uma delas neste período, para, então, compará-las.

Com relação à análise do fenômeno, acredita-se, dado o fato de a construção corresponder a composições verbais, que alterações nas

posições argumentais possam ajudar a explicar as mudanças dessas construções. Perda de restrições na seleção do sujeito no que diz respeito à sua animacidade, por exemplo, pode indicar ampliação do escopo de uso dessas construções e, consequentemente, avanço no processo de mudança e a expansão da rede construcional em análise. Uma seleção mais rica de tipos semânticos na posição do verbo principal da construção perifrástica também pode apontar para extensão de emprego da construção, e maior esquematicidade da mesma, o que também sinaliza o adiantamento no processo de mudança, dentre outros fatores analisados em Oliveira (2018). Em todos esses casos, haveria também um aumento de produtividade nos termos de Himmelman (2004), tendo em vista o alargamento de uso da construção, o que também tem sido apontado como um indicativo de progresso da mudança.

Também constituiu um procedimento metodológico deste trabalho levantar casos que sinalizassem para um contexto que permitiu a neoanálise[7] da sequência dos verbos *estar* ou *ficar* mais um verbo no gerúndio como uma construção perifrástica. Identificaram-se, nesse levantamento, estruturas categorizadas como período composto por uma oração principal seguida de uma reduzida de gerúndio com valor adverbial, geralmente de modo, além de usos ambíguos, ou seja, casos que antecederam as construções perifrásticas em análise neste trabalho.

Construcionalização: alguns apontamentos

A coexistência de casos de oração complexa, casos ambíguos e construções perifrásticas de gerúndio com *estar* nos permite traçar, qualitativamente, aquele que teria sido o percurso de construcionalização das perífrases. O tratamento dos dados mostra

[7] Corresponde ao mecanismo de realizar uma nova análise, diferente da atual, que resulte em uma nova estrutura. Um ouvinte (usuário da língua) interpreta/analisa uma construção não internalizada para ele de modo diferente do falante, resultando em um novo uso (T&T, 2013, p. 36-38).

um fenômeno muito recorrente nas construções relacionais de *estar*, que é a combinação de dois de seus *types*, como duas relacionais diferentes (locativa, de tempo, companhia, atributivas etc.), por exemplo, revelando uma natureza quase bitransitiva de *estar*, como em (11):

(11) Com eles vinham duas mulheres portuguesas conhecidas, que estavam *em Badajós* *em serviço* (GZ- Séc. XVII)

Neste exemplo anterior, estariam combinadas as construções locativo-espacial ("estava em Badajós") e modal-estativa ("estava em serviço"). Esse comportamento das construções pode ter sido o principal favorecedor da neoanálise que investigamos. Sabemos também que era possível combinar uma construção de *estar* (nuclear) com outra (reduzida adverbial) (12). Essa possibilidade, somada ao fato de que a reduzida de gerúndio tem um emprego adverbial equivalente à relacional modal, como no exemplo (13) a seguir, pode ter motivado o uso do gerúndio numa posição típica de uma relacional no português, ou seja, após o verbo.

(12) Por *estar* no lugar demais velho, *obrando-se em tudo*. (CAOf- Séc. XVIII)
(13) [...] por estar ***a Espera*** dehum Navyo (CAC- Séc. XVIII) (à espera *~esperando*)

É possível que essa disposição sintagmática na oração, somada ao esvaziamento semântico de *estar*, tenha levado à interpretação desses dois itens verbais como uma perífrase verbal, isto é, uma construção *estar* + x-ndo, que se especializou na marcação aspectual cursiva, a exemplo de (14):

(14) Todos ***estão esperando*** ver nele a celebrada. (FL- Séc. XVIII)

Da perspectiva semântica, nos exemplos anteriores, as orações (13) e (14) se correspondem parcialmente, apesar de, na forma, requererem alterações estruturais na substituição de uma por

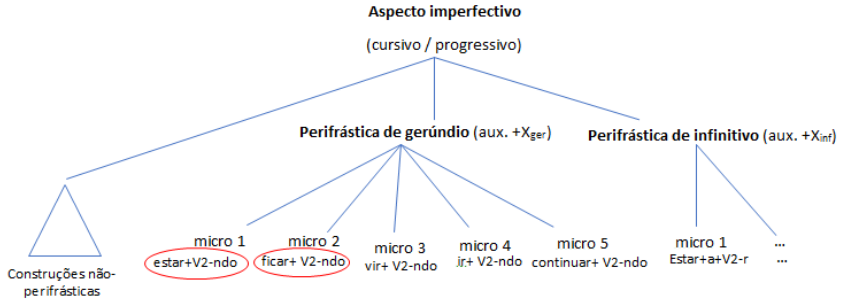
outra, sobretudo quanto ao emprego das preposições "de", "por" e "a" ("à espera *de*"; "esperando *por*" etc.).

Esses dados nos permitem observar como se deu a neoanálise de uma construção complexa a uma simples que corresponderia à perifrástica. Nesse processo, observamos a mudança das fronteiras entre a construção. Antes, o gerúndio atuava dentro de uma modificadora que se relacionava a outra construção, tida como a oração principal (ex. 12). Depois, os limites da construção não se colocam mais entre o V1 e o gerúndio, mas passam a estar nos extremos, colocando o auxiliar e o gerúndio juntos num único bloco, a construção perifrástica (ex. 14).

O exame dos dados revelou diversos outros casos de contextos ambíguos em que se pode ler a estrutura como uma oração complexa composta por duas construções (uma principal e uma modificadora reduzida de gerúndio) ou como uma construção perifrástica, o que, mais tarde, foi atestado também com *ficar* . Somados a esses casos, alguns estudos anteriores, como o de Lehmann (2008), sugerem que o processo de mudança em curso com *estar* na formação de auxiliar de perífrase de gerúndio tenha influenciado o de *ficar*. Isso reforça a hipótese advogada neste trabalho de que a construção [*ficar* +*X-ndo*]$_{cursivo}$ seguiu a trajetória de construcionalização de [*estar* +*X-ndo*]$_{cursivo}$ na língua portuguesa. Os dados também indicaram que a inovação no uso perifrástico de gerúndio iniciou-se com *estar*, já no século XIII, o que se deu mais tardiamente com *ficar*, que apresentou os primeiros usos dessa construção apenas no século XV, nas amostras analisadas.

Seguindo este modelo de orientação teórica, podemos traçar, portanto, a seguinte rede aspectual na qual as perifrásticas cursivas de gerúndio com *estar* e *ficar* se inserem.

Figura 1: Rede de aspectualização do português



Fonte: Oliveira (2018, p. 212).

Aqui notamos um aumento de esquematicidade da rede com a introdução dessas construções, que se instauraram possivelmente no século XVIII, quando se averiguou um espraiamento de seu emprego na língua após a convencionalização do uso da perifrástica. Esse aumento de esquematicidade se deu também na rede de construções de *estar* e de *ficar* separadamente.

Mudanças construcionais

Para avaliar, nos parâmetros teóricos que orientam este trabalho, as mudanças ocorridas nas construções aqui investigadas, examinamos adicionalmente um conjunto de fatores contextuais, como a tipologia verbal, o sujeito, a presença de material interveniente entre V1 e V2, o tipo de material interveniente, o tempo verbal da construção e a redução fonética do auxiliar.

No que se referem às mudanças após esse período de formação, foram estudadas com base na frequência de ocorrência e na atuação dos fatores analíticos. Adicionalmente, para ajudar a confirmar a hipótese de maior avanço de mudança da construção [*estar* + x-ndo]$_{\text{cursivo}}$, avaliei também as particularidades observadas para essa construção; como o recrutamento para novos contextos (o que evidencia sua alta produtividade e esquematicidade), e demais critérios que não serão abordados aqui, dados os limites desta proposta. Com relação à aplicação dos fatores analíticos, abordarei

apenas dois deles aqui: a animacidade do sujeito e o tipo semântico do V2.

No fator animacidade, observamos uma leve ampliação do uso do sujeito de traço [-animado] na construção perifrástica de *estar* a partir do século XVII, que, nas suas primeiras ocorrências, eram categoricamente [+animados]. A redução no emprego do tipo [+animado] é progressiva, como mostra a linha de tendência no gráfico abaixo, que aponta para uma queda sutil desse emprego.

Gráfico 1: Animacidade do sujeito da construção [*estar*+X$_{\text{-ndo}}$]$_{\text{cursivo}}$

Fonte: Oliveira (2018, p. 206).

Foram constados também, nos séculos mais recentes, dados da construção com orações sem sujeito (existenciais/fenômenos da natureza) e com sujeito indeterminado, como a seguir, o que não foi atestado nas amostras para [*ficar* + X-*ndo*]$_{\text{cursivo}}$.

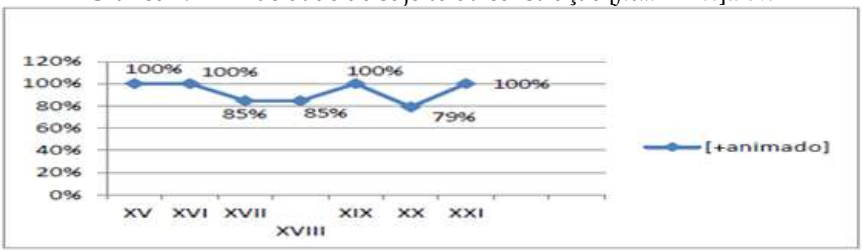
(15) Volta que *está chovendo*! (JOR-Folhetim- Séc. XIX) (**Sujeito inexistente**)
(16) Então este Jornal não aparece? – *Está se procurando.* (JOR-Folhetim- XIX) - (**Sujeito indeterminado**- índice de indeterminação do sujeito 'se')

Isso mostra que, apesar de a ampliação neste fator analítico não ser proeminente em termos quantitativos, ela se mostrou significativa em termos qualitativos, dada a diversidade da natureza desse sujeito [-animado].

Com a construção perifrástica de *ficar*, observamos grande instabilidade na aplicação desse traço, havendo, de modo geral, uma predominância quase categórica dos sujeitos [+animados], como em (10b), ao longo da história dessa construção, ou seja, ela

manteve seu comportamento inicial, conforme se pode observar no gráfico abaixo.

Gráfico 2: Animacidade do sujeito da construção [*ficar*+X-ndo]cursivo



Fonte: Oliveira (2018, p. 206).

Quanto aos tipos de V2, houve grande instabilidade no seu emprego nas duas construções, o que não nos permite traçar um perfil claro de mudança quanto a este fator. Apesar disso, comparativamente, elas mostraram diferenças mais significativas.

No século atual, a construção [*Estar* +X-ndo]cursivo predominou com o tipo "ação", e a [*Ficar* +X-ndo]cursivo, com o tipo "estativo". Ademais, diacronicamente, o tipo "deslocamento/mudança de estado" só foi atestado naquelas ([*Estar* +x-ndo]), como em "estou chegando", "estou indo".

Ainda com respeito ao ambiente de V2, cumpre destacar que, enquanto *estar* amplia seu ambiente de uso, podendo ocorrer com diferentes modais (epistêmicos, deônticos, dinâmicos (Palmer, 1979, 1986; Lyons 1977), como nos exemplos (17) e (18) a seguir, e diversos tipos semânticos de V2, conservando sua marcação aspectual cursiva, *ficar* sofre várias restrições, revelando certa fragilidade da construção nessa marcação aspectual.

(17) A administração Clinton ainda não se decidiu pela invasão. Mas **parece** *estar falando* sério quando diz que ela é uma opção possível. (TJ-FS- Séc. XX).
(18) O governo **deveria** *estar lutando* para melhorá-la. (TJ- Séc. XXI).

Nesses dados, constatamos que a modalização é feita em toda a construção perifrástica, e não apenas em um de seus componentes. Verificamos, por outro lado, que as perífrases de

ficar, quando preenchidas na posição de V2 pelo verbo "ser" ou por certos verbos cognitivos, como "saber" e "conhecer", perdem o sentido cursivo e passam a marcar outra noção aspectual, como inceptivo/incoativo, indicando o início de uma ação verbal, caso típico do sentido de 'mudança de estado'/ 'tornar-se', próprio do uso relacional de *ficar* (anterior ao seu uso perifrástico), como nos dados (19), (20) e (21) em sequência, o que não ocorreu com as construções com *estar*.

(19) *Ficará* ***sendo*** uma verdade pratica – que será sempre in |conveniente." (TJCAL-Séc. XIX)
(20) Os Póvos *ficão* ***Conhecendo*** o que devem aVóssa Excelencia. (CAOf.- Séc. XVIII)
(21) Miriam, *fique* ***sabendo*** que ela tinha, sabia o seu telefone. (CA-FF.- Séc. XX)

A leitura cursiva da perifrástica com *ficar* também é enfraquecida em contextos que concorrem com outras estratégias de marcação aspectual, como ocorre na repetição de palavras para indicar iteratividade, como em (22). O mesmo ocorre quando a marcação aspectual presente no sema das palavras que compõem a perífrase (a exemplo de "pular", "repetir", "reclamar") se sobressai à marcação aspectual da construção perifrástica como um todo, como ilustrado em (23). Em ambos os casos, a leitura aspectual cursiva da construção é perdida em detrimento de outras marcações provenientes dessas outras estratégias; em outros termos, temos uma leitura mais composicional da perífrase.

(22) Este avião não vai para lugar nenhum. Ele *fica voando, voando*, enquanto os passageiros tomam champanhe, comem canapé e se divertem. (TJ- Séc. XX) [iterativo]
(23) Os parreiras preferem *ficar repetindo* até o final dos tempos a sua litania conformista (TJ- Séc. XX) [iterativo]

Tal comportamento não foi identificado com as construções de *estar*, que mantiveram sua marcação cursiva nesses ambientes, mesmo que, em certos casos, agregassem novas significações

aspectuais, como em (24). Isso reforça a integração da perífrase com *estar*, ou seja, a diminuição de sua composicionalidade.

> **(24)** Sensação de *estar repetindo* coisas que já dissera ou pensando repetidamente no mesmo assunto, sem desligar. (Séc. XXI-Corpus brasileiro-Linguateca) [*cursivo + iterativo*]

Nos exemplos (22) e (23), parece prevalecer a leitura iterativa, ou seja, a marcação aspectual lexical em detrimento da perifrástica; já em (24), a marcação aspectual da perífrase se mantém, não sendo substituída pelos valores presentes nas partes que compõem a construção. Neste último caso, há mais de uma marcação aspectual numa mesma construção, o que não é incomum, segundo Travaglia (2015), a depender de fatores contextuais, flexionais, etc.

A perda de composicionalidade da construção com *estar* também pode ser atestada em outras situações, como numa estrutura de voz passiva ou numa modalização. Em ambos os casos, a perífrase atuaria como um bloco único, equivalente a um auxiliar ou modal, como a seguir.

> **(25)** Nesta fase, você **está podendo** *digerir* mais devagar suas novas experiências. (HO- Séc. XXI)
> **(26)** O problema *estava sendo* **tratado** de maneira passional. (TJ- Séc. XXI)

Nota-se que a perifrástica não só pode ser modalizada, como visto em exemplos anteriores, bem como pode atuar como um modal. Em (25), por exemplo, a construção *está podendo* corresponderia a um modal, como o "pode". Já em (26), a construção figura como um auxiliar de uma estrutura passiva com verbo principal no particípio. Nesses casos, a perífrase é entendida como uma unidade verbal. É possível, ainda, combinar esses dois subtipos de construções perifrásticas de gerúndio, as modalizadas e as de voz passiva, como em:

> **(27)** Acho que seria o caso de se consultar o Estatuto do Idoso, pois **deve** *estar sendo* **infringido**. (TJ- Séc. XXI)

Mais uma prova do avanço na mudança das construções [*Estar* + x-ndo]$_{cursivo}$, tanto pela verificação da maior perda sua composicionalidade quanto pela observação do aumento de sua produtividade, está no seu recrutamento para compor novas construções, como as de gerundismo, que, segundo Possenti (2005, 2008), só se configuram como tal quando formadas pelo auxiliar *estar*, numa estrutura do tipo "ir + estar+ gerúndio", como em: "A senhora *vai estar pagando* 58 reais". (*Corpus* brasileiro- Linguateca-Séc. XXI)". Isso revela uma particularidade da construção perifrástica com *estar* frente às demais variantes perifrásticas na marcação do aspecto cursivo.

Quanto à frequência, na do tipo de ocorrência (*token*), vimos, em estudo anterior (Oliveira, 2018), que há um aumento significativo da construção [*Estar* +x-ndo]$_{cursivo}$ no período contemporâneo, passando de 53 ocorrências no século XVIII[8] para 275 no século atual, ao passo que [*Ficar* +x-ndo]$_{cursivo}$ reduz seu emprego neste mesmo período, saindo de 26 ocorrências, no século XVIII, para 5 ocorrências no atual, numa base de 150.000 palavras por amostra. No que se refere à frequência de tipo (*type*), como vimos anteriormente, há mais restrições na manutenção do aspecto cursivo na construção com *ficar*, a exemplo da ausência de dados de modalização da perífrase ou pela perda de marcação do aspecto da perífrase (todo) para expressão do aspecto correspondente aos verbos que a compõem, como visto nos exemplos (19)-(23). Por outro lado, identificamos uma ampliação de contextos em que a construção [*Estar* +x-ndo]$_{cursivo}$ pode ocorrer, como discutimos ao longo da análise.

Apontamentos finais

Vimos, ao longo deste texto, um panorama das construções perifrásticas de aspecto cursivo formadas por *estar* e *ficar*, tanto pela

[8] Possível período de construcionalização dessas construções no PB, tendo em vista o espraiamento dos usos da construção na língua a partir deste período.

indicação do caminho de formação dessas construções, possivelmente iniciado por *estar* e seguido por *ficar,* a partir de uma neonálise de contextos ambíguos formados por esses verbos e construções modais de gerúndio, quanto pela verificação de algumas das alterações dessas construções ao longo de sua existência. Também observamos certos aspectos do comportamento atual de cada uma dessas construções, analisando-as comparativamente, o que permitiu sinalizar possíveis avanços de mudança da construção perifrástica com *estar*. Como já sinalizado no início deste texto, porém, este são apenas alguns dos principais resultados encontrados em Oliveira (2018), que trouxemos aqui para ilustrar um pouco os estudos em gramática de construções e uma análise das perífrases sob a ótica dos modelos funcionais baseados no uso e da teoria de Construcionalização e mudanças construcionais.

Em suma, a análise nos permitiu verificar uma ampliação de uso da construção [*estar* +x-ndo]$_{\text{cursivo}}$, não só em termos de frequência *token* (ocorrência), mas também, na ampliação do seu contexto de uso como se verificou: (i) na expansão da classe hospedeira, nos termos de Himmelmann (2004), a partir da combinação da construção com uma maior variedade de tipos verbais, quando comparada à construção [*ficar* +x-ndo]; (ii) na possibilidade e progressiva ampliação de uso de sujeitos do traço [- animado], o que praticamente não ocorria nos primeiros empregos dessa microconstrução; e (iii) no seu recrutamento para novos ambientes, mantendo sua marcação cursiva.

Espera-se, com esse apanhado, não só demonstrar mais um exemplo dos estudos que se tem realizado na área, mas também, principalmente, fomentar novas discussões sob as perspectivas adotadas neste trabalho, bem como levantar novos debates sobre o tema aqui investigado, levando adiante algumas das discussões levantadas nesta pesquisa.

Referências

BARBOSA, A.; LOPES, C. R. et al. **Corpus diacrônico do Rio de Janeiro**: cartas pessoais – séculos XVIII-XIX. Rio de Janeiro, UFRJ/PIBIC/CNPq/*Labor-Histórico*, 2003.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. *In.*: JOSEPH, D. B.; JANDA, J. (eds.) **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, p. 602-623, 2003.

BYBEE, J. L. **Language, usage and cognitio***n*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. T. **Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa**. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Marília, 12, 1968.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal? In.: Walter BISANG, N. P.; HIMMELMANN, N.; BJÖRN W. (eds.), **What Makes Grammaticalization** - A Look from its Fringes and its Components. P. 21- 42. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

MEDEIROS, P. T. da C. 2017. **Gramaticalização de Conectores**: um estudo diacrônico de entretanto e no entanto. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2017.

PALMER, F. R. **Modality and the English Modals**. Longman, London and New York, USA, 1979.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge University Press, New York, USA, 1986.

POSSENTI, S. Defendendo o gerúndio. **Revista Discutindo língua portuguesa**. Ano 1, nº 1. São Paulo: Escala Educacional, p. 8-11, 2005.

POSSENTI, S. Vamos estar considerando sobre o gerúndio. In.: *Revista Linguasagem* (DL). São Paulo: <http://www.letras.ufscar.br /linguasagem/edicao04/04_006.php>

OLIVEIRA, Q. dos S. L. **Construcionalização e mudanças construcionais das perífrases cursivas de gerúndio no português**.

Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
SIGILIANO, N. **A construção aspectual inceptiva do português com verbos não canônicos**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/ UFRJ. [Tese de doutorado]
TORRENT, T. T. **A rede de construções em para (SN) infinitivo**: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudanças construcionais. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.
TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford, Oxford University Press, 2013.
TRAVAGLIA, L. C. **Aspecto verbal**: a categoria e sua expressão (5ª ed.). Uberlândia, MG: EDUFU.

A CONSTRUÇÃO [ORAÇÃO TRANSITIVA [ATÉ FICAR + SADJ]] COMO EXPRESSÃO DA RESULTATIVIDADE NO PB

Hanna Ferreira da Silva

Introdução

O fascínio pela língua portuguesa transcende sua gramática normativa, revelando nuances e complexidades que desafiam qualquer tentativa de categorização simples. No contexto da Linguística Cognitiva, a análise das construções resultativas, especialmente aquelas que usam a partícula "até", oferece uma perspectiva inovadora sobre como os resultados são semanticamente construídos e percebidos. Por exemplo, em frases como "Ele correu até cansar" e "Ele cozinhou o arroz até ficar soltinho", somos convidados a refletir sobre a relação intrínseca e dinâmica entre ação e resultado.

Esse exercício evidencia a importância de compreender a estrutura subjacente a essas orações, indo além do sincretismo linguístico aparente e explorando como a língua expressa a progressão e transformação de estados através do tempo e da ação. Este capítulo propõe uma investigação detalhada das construções resultativas no Português do Brasil (PB), fundamentada nas teorias da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) Croft, 2001; Diessel,2019; Langacker, 1987, 2008, entre outros).

Através de uma abordagem analítica que mescla teoria e prática, defendo que a partícula "até" nas construções [oração transitiva [até ficar + SAdj]] opera não apenas como marcador

temporal, mas como elemento crucial na articulação de resultados decorrentes de ações. Assim, a principal tese defendida neste trabalho é a de que a especificidade das construções resultativas ilustra a plasticidade e a sofisticação inerentes à língua portuguesa, abrindo caminho para novas interpretações teóricas e aplicações práticas no campo da GCBU.

A interconexão entre a estrutura gramatical e as funções comunicativas evidencia como a GCBU transcende métodos tradicionais para oferecer uma visão holística da língua. A aplicação desta abordagem permite não apenas a identificação de padrões recorrentes, mas também a exploração de variações contextuais que enriquecem a interpretação semântica. Por exemplo, o reconhecimento das nuances presentes em construções idiomáticas ressalta a pertinência dos elementos estruturais ao revelar aspectos culturais e cognitivos subjacentes. Assim, a análise das construções como unidades integradas amplia nosso entendimento sobre a plasticidade linguística, demonstrando que práticas empíricas e teóricas podem se complementar para desvendar mecanismos complexos da comunicação humana.

A GCBU é uma abordagem teórica que enfatiza a importância das construções linguísticas como unidades fundamentais da linguagem. Essas construções não são meramente sequências de palavras, mas sim combinações de forma que carregam significados específicos e funcionam dentro de contextos variados, adaptando-se a diferentes situações comunicativas.

A definição de construções abrange desde morfemas, passando por frases simples, como expressões idiomáticas ou provérbios, até estruturas mais complexas, como orações compostas, refletindo a maneira como os falantes organizam suas ideias e expressam intenções comunicativas de forma eficaz. Essa perspectiva desafia visões tradicionais que se concentram apenas na gramática normativa, propondo um entendimento mais dinâmico e contextualizado da língua, onde o significado e a função são considerados de maneira integrada.

Além disso, as construções desempenham um papel crucial na aquisição da linguagem, pois permitem que os aprendizes reconheçam padrões e relações entre diferentes elementos linguísticos. Essa capacidade de identificar padrões é fundamental para o desenvolvimento da competência comunicativa. A importância dessas estruturas se estende à análise do discurso, onde as construções podem revelar nuances culturais e sociais presentes na comunicação, como a forma como certas expressões refletem valores e normas de uma comunidade. Assim, ao estudar a GCBU, podemos não apenas compreender melhor a estrutura do PB, mas também explorar as implicações cognitivas e sociais que influenciam o uso da linguagem no cotidiano, contribuindo para um entendimento mais profundo das interações humanas e da diversidade cultural.

Construções resultativas em língua inglesa: uma visão geral

As construções resultativas são estruturas linguísticas que expressam a relação entre uma ação e o estado resultante decorrente dessa ação. Essas construções desempenham um papel fundamental na modelagem da experiência cognitiva dos falantes, pois permitem que eles articulem não apenas a ação em si, mas também o seu desfecho. Em diversas línguas, as construções resultativas são utilizadas para descrever eventos em que um agente causa uma mudança de estado em um paciente, resultando em um novo estado ou condição.

No inglês, as construções resultativas são altamente produtivas e bem estabelecidas, sendo frequentemente utilizadas para expressar mudanças de estado de maneira clara e direta. Essas construções podem ser divididas em diferentes tipos, cada um com suas particularidades sintáticas e semânticas. A seguir, apresentamos uma visão geral dos principais tipos de construções resultativas no inglês, com base na classificação proposta por Goldberg e Jackendoff (2004).

Construções resultativas de propriedade causativa

As construções resultativas de propriedade causativa são aquelas em que um agente causa uma mudança de estado em um paciente, resultando em uma nova propriedade ou condição. Essas construções seguem o padrão [SN-SV-SN-SAdj], onde o segundo SN é o paciente que sofre a mudança de estado, e o SAdj indica o estado resultante. Um exemplo clássico é a frase *Mary wiped the table clean*, onde *Mary* é o agente que realiza a ação de *wiped*, *the table* é o paciente que sofre a mudança de estado, e *clean* é o estado resultante.

Nesse tipo de construção, o estado resultante é diretamente causado pela ação do agente, e a mudança de estado é claramente expressa pelo adjetivo resultativo. Essas construções são frequentemente utilizadas para descrever eventos em que o agente tem controle sobre a ação e o resultado, como em *John painted the wall blue* ou *She hammered the metal flat*.

Construções resultativas de propriedade não-causativa

As construções resultativas de propriedade não-causativa são aquelas em que a mudança de estado ocorre sem a intervenção direta de um agente volitivo. Nesse caso, o sujeito da construção é o paciente que sofre a mudança de estado, e o verbo é frequentemente intransitivo. Um exemplo comum é a frase *The lake froze solid*, onde *the lake* é o próprio paciente que sofre a mudança de estado, e *solid* é o estado resultante.

Nesse tipo de construção, a mudança de estado é frequentemente causada por fatores externos ou naturais, e não por um agente volitivo. Essas construções são utilizadas para descrever eventos em que o estado resultante é uma consequência natural da ação, como em *The door swung open.*

Construções resultativas de trajetória causativa

As construções resultativas de trajetória causativa são aquelas em que um agente causa o movimento de um paciente ao longo de uma trajetória, resultando em uma mudança de localização. Essas construções seguem o padrão [SN-SV-SN-SPrep], onde o segundo SN é o paciente que se move, e o SPrep indica a trajetória ou destino do movimento. Um exemplo clássico é a frase *Bill rolled the ball down the hill*, onde *Bill* é o agente que realiza a ação de *rolled*, *the ball* é o paciente que se move, e *down the hill* é a trajetória do movimento.

Nesse tipo de construção, o estado resultante é a nova localização do paciente, que é causada pela ação do agente. Essas construções são frequentemente utilizadas para descrever eventos em que o agente causa o movimento de um objeto, como em *She pushed the box into the corner* ou *He threw the ball into the basket*.

Construções resultativas de trajetória não-causativa

As construções resultativas de trajetória não-causativa são aquelas em que o movimento de um paciente ao longo de uma trajetória ocorre sem a intervenção direta de um agente volitivo. Nesse caso, o sujeito da construção é o paciente que se move, e o verbo é frequentemente intransitivo. Um exemplo comum é a frase *The ball rolled down the hill*, onde *the ball* é o paciente que se move, e *down the hill* é a trajetória do movimento.

Nesse tipo de construção, a mudança de localização é frequentemente causada por fatores externos ou naturais, e não por um agente volitivo. Essas construções são utilizadas para descrever eventos em que o movimento é uma consequência natural da ação, como em *The leaves fell to the ground* ou *The water flowed into the river*.

Construções resultativas e a experiência cognitiva

As construções resultativas no inglês desempenham um papel crucial na modelagem da experiência cognitiva dos falantes, pois

permitem que articulem não apenas a ação em si, mas também o seu desfecho. Essas construções evidenciam um elo intricado entre a realização de uma ação e o estado resultante dela originado, permitindo interpretações e ajustes conforme o contexto.

No entanto, no PB, alguns estudiosos argumentam que essas construções não são tão frequentes ou bem estabelecidas, e a noção de resultatividade é frequentemente expressa por meio de lexicalização verbal ou de verbos pseudocopulativos. Essa diferença entre o inglês e o PB sugere que a resultatividade pode ser entendida de maneiras distintas em diferentes línguas, dependendo das estruturas gramaticais e das convenções discursivas de cada uma língua. Para esses estudiosos, enquanto no inglês as construções resultativas são marcadas por uma sintaxe específica e uma clara relação entre ação e resultado, no PB a resultatividade seria frequentemente inferida a partir do contexto ou internalizada no próprio verbo, refletindo uma abordagem mais discursiva e menos gramaticalizada.

Contudo, defendo que, no PB, também existe uma sintaxe específica e clara para as construções resultativas, que não se baseia exclusivamente na lexicalização verbal. Acredito que, embora a lexicalização seja uma estratégia comum, o PB possui estruturas sintáticas que permitem expressar a resultatividade de forma sistemática, sem depender apenas do contexto ou da morfologia verbal. Essa perspectiva sugere que a resultatividade no PB pode ser tão gramaticalizada quanto no inglês, ainda que manifestada de maneiras distintas.

Visões sobre as construções resultativas no português brasileiro

A análise dos trabalhos selecionados nas próximas subseções revela uma diversidade de abordagens sobre como a resultatividade é expressa no PB. Enquanto alguns autores enfatizam a lexicalização do resultado no verbo ou o uso de sintagmas preposicionais, outros destacam o papel de verbos pseudocopulativos e metáforas específicas. A seguir, discutiremos

cada um desses estudos, buscando identificar padrões e divergências nas interpretações sobre a resultatividade no PB.

Leite (2006) analisa as construções resultativas no PB, destacando a lexicalização do resultado no verbo e o uso de sintagmas preposicionais (SPrep) para expressar mudanças de estado. O autor argumenta que a resultatividade no PB é frequentemente internalizada no verbo, como em "João despedaçou o vidro", onde o estado resultante é inferido a partir da morfologia verbal (João despedaçou o vidro ⊚ O vidro está despedaçado) . Leite também observa que, em alguns casos, o uso de SPreps, como em "João quebrou o vidro em pedaços", pode indicar uma mudança de estado, mas não necessariamente um estado resultante.

Palomanes (2007) investiga o papel do verbo "ficar" na expressão da resultatividade no PB, destacando-o como um elemento central na construção de estados resultantes. A autora argumenta que construções como "A garota terminou o namoro e ficou triste" podem ser interpretadas como resultativas, pois indicam uma mudança de estado experimentada pelo sujeito. Nesse tipo de construção, o adjetivo que acompanha "*ficar*" expressa o estado final alcançado, sugerindo que houve um evento anterior (o término do namoro) que desencadeou essa transformação.

Dessa forma, "ficar" funciona como um verbo pseudocopulativo que conecta a ação subjacente ao estado resultante, assumindo um papel semelhante ao de estruturas resultativas encontradas em outras línguas. A análise da autora sugere que essa construção é produtiva no PB e pode ser uma alternativa às construções resultativas mais diretamente marcadas por verbos transitivos ou estruturas com adjuntos locativos.

Palomanes e Oliveira (2013) analisam o verbo "virar" em construções resultativas no PB, investigando seu funcionamento em enunciados como "Um quadradinho vira um barquinho". As autoras destacam que, embora "virar" denote uma transformação de estado ou de forma, sua interpretação como uma construção resultativa não é automática, mas dependente do contexto discursivo em que ocorre. Em outras palavras, a mudança de

estado expressa pelo verbo pode estar mais relacionada a um processo contínuo de transformação do sujeito do que a um evento claramente estruturado com um ponto de culminação explícito.

Além disso, Palomanes e Oliveira (2013) apontam que o verbo "virar" pode ser utilizado em contextos metafóricos, o que amplia ainda mais sua gama de interpretações e evidencia a flexibilidade das construções resultativas no PB. Por exemplo, em frases como "A discussão virou um grande conflito", a mudança de estado não é física, mas conceitual, sugerindo uma relação entre resultatividade e construções que expressam transformações abstratas. Dessa forma, a pesquisa das autoras reforça a ideia de que a resultatividade no PB frequentemente depende de inferências contextuais, e não está necessariamente codificada de maneira explícita na estrutura sintática da sentença.

Esse achado está em consonância com outras análises sobre a resultatividade no PB, que indicam que a expressão de estados finais pode ocorrer de maneira mais difusa, em comparação com línguas como o inglês, onde há estruturas sintáticas mais rigidamente associadas à mudança de estado.

Santos (2012) examina construções resultativas no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com foco na forma como o estado resultante é incorporado à estrutura verbal. O autor destaca que, diferentemente de construções em que a mudança de estado é explicitamente marcada por um elemento sintático separado, no texto de Ramos a resultatividade muitas vezes se manifesta por meio da lexicalização do resultado no próprio verbo. Esse fenômeno ocorre em exemplos como "As noites cobriam a terra de enxofre", em que o verbo "cobrir" já carrega em sua semântica a ideia de um processo que leva a um estado final (As noites cobriam a terra de enxofre → A terra ficava coberta de enxofre).

Entretanto, o estudo de Santos (2012) mostra que, embora haja uma transformação de estado, nem todas essas construções resultam em uma interpretação claramente resultativa. Em muitos casos, a mudança descrita não implica necessariamente um estado final fixo e delimitado, mas sim um processo contínuo ou uma

alteração gradativa. Esse aspecto torna a resultatividade no PB menos rígida, em comparação com línguas como o inglês, onde estruturas sintáticas específicas delimitam de maneira mais clara a transição entre ação e resultado.

O estudo de Santos (2012) sugere que a expressão da resultatividade no PB pode ocorrer de maneira mais sutil, dependendo da interação entre fatores léxicos, contextuais e discursivos. O que o autor indica é que o fato de os verbos frequentemente carregarem em si a ideia de mudança de estado reforça a hipótese de que a resultatividade na língua pode estar menos associada a construções sintáticas fixas e mais à interpretação que os falantes constroem com base no uso e no contexto.

Costa (2021) explora a metáfora "modificar entidade é construir" como uma forma de expressar resultatividade no PB. O autor argumenta que construções como "Construir um Brasil solidário" podem ser interpretadas como resultativas, pois indicam um estado resultante decorrente de uma ação. No entanto, Costa (2021) reconhece que essas construções são menos frequentes no PB, e que a noção de estado resultante pode ser mais discursiva do que gramatical.

A análise dos trabalhos selecionados revela uma diversidade de abordagens sobre como a resultatividade é expressa no PB. O Quadro 1 a seguir resume as opiniões defendidas pelos autores, destacando as principais características das construções resultativas no PB.

Quadro 1: Resumo das opiniões dos autores sobre as construções resultativas no PB

AUTOR(A)	CONSTRUÇÃO TRABALHADA	EXEMPLO	EXPLICAÇÃO
Leite (2006)	[SN-SV-SN-SPrep] [SN-$SV_{lexicalizado}$-SN]	João quebrou o vidro em pedaços. João despedaçou o vidro.	Há em PB sintagmas resultativos externos aos verbos, aos quais os falantes dão preferência pelo SPrep, embora o estado resultante seja mais frequentemente

			encontrado na lexicalização do verbo.
Palomanes (2007)	[SN-*ficar*-SAdj]	A Andréia ficou desesperada.	Há uma relação entre construção causativa e resultativa entre cláusulas diferentes e o objeto da primeira é retomado como sujeito da segunda. Esse, por sua vez, apresenta uma mudança de estado.
Palomanes e Oliveira (2013)	[SN-*virar*-SN]	Um quadradinho vira um barquinho.	Apesar de não ser muito selecionado, o verbo "virar" se encaixa no padrão construcional de resultatividade quando seguido de um SN que oferece uma leitura de adjetivo.
Santos (2012)	[SN-$SV_{transitivo}$-SN] [SN-$SV_{intransitivo}$-SN]	As vacas povoariam o curral. O gado aumentava.	Através da lexicalização no sintagma verbal, encontra-se as cenas de mudança de estado dos elementos da natureza, os quais são também promovidos à função argumental de sujeito (agente e paciente).
Costa (2021)	[verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo]	Reunimos hoje as condições para construir um Brasil efetivamente solidário e mais justo.	A partir da metáfora "modificar entidade é construir", a construção organiza gramaticalmente os elementos da metáfora, indicando que o adjetivo pode ser lido como um resultado de transformação.

Fonte: adaptado de Silva (2022).

A análise dos trabalhos selecionados revela uma dispersão nas interpretações sobre a resultatividade no PB. Enquanto alguns

autores, como Leite (2006) e Santos (2012), enfatizam a lexicalização do resultado no verbo, outros, como Palomanes (2007) e Palomanes e Oliveira (2013), destacam o papel dos verbos pseudocopulativos na expressão da resultatividade. Costa (2021), por sua vez, propõe que a resultatividade pode ser expressa por meio de metáforas específicas.

No entanto, defendo que as construções resultativas no PB não se limitam à lexicalização verbal ou a estratégias discursivas. Acredito que o PB possui uma sintaxe específica e clara para expressar a resultatividade, que não depende exclusivamente da morfologia verbal ou do contexto. Construções como [oração transitiva [até ficar + SAdj] demonstram que a resultatividade pode ser gramaticalizada no PB de maneira sistemática, sem depender apenas de inferências contextuais. Essa perspectiva sugere que, embora as estratégias de expressão da resultatividade possam variar entre o PB e o inglês, o PB também possui mecanismos sintáticos próprios para marcar o estado resultante, evidenciando uma gramaticalização mais profunda do que comumente se assume.

No contexto do PB, a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] frequentemente utiliza partículas como "*até*" para indicar o resultado de uma ação em relação a um estado específico. Por exemplo, em frases como "Sove a massa até ficar elástica" (https://receitas.folha.com.br/receita/1346), observa-se que o verbo "*sovar*" não apenas descreve uma ação física, mas também implica um estado final da massa — *ficar elástica* — que resulta diretamente dessa ação. Essa relação entre ação e resultado é fundamental para entender como os falantes estruturam suas experiências por meio da linguagem.

Exemplos como "Sove a massa" e "Sove a massa até ficar elástica" ilustram claramente a importância de um resultado na expressão da resultatividade no PB. Enquanto a primeira construção descreve uma ação de forma genérica, sem especificar um estado resultante ou o tempo necessário para alcançá-lo, a segunda — com a partícula "até" — introduz explicitamente o estado final desejado ("ficar elástica") e, implicitamente, o tempo que se espera que a ação demande para atingir esse estado. Essa

diferença evidencia que, no PB, a noção de resultatividade não está apenas na ação em si, mas também na intenção de alcançar um estado específico como consequência dessa ação, bem como no tempo transcorrido até que esse estado seja atingido.

Acredito que essa é a verdadeira estrutura das construções resultativas no PB porque ela captura de maneira clara e sistemática a conexão entre a ação, o estado resultante e o tempo necessário para alcançá-lo. Diferentemente de outras abordagens que enfatizam a lexicalização do resultado no verbo ou o uso de estratégias discursivas, essa estrutura sintática específica — com a partícula "até" introduzindo o estado final — demonstra que a resultatividade no PB é gramaticalizada de forma explícita, incorporando tanto a dimensão de resultado quanto a temporal. Essa construção permite que os falantes expressem não apenas a ação em si e o desfecho esperado, mas também a noção de que esse desfecho é fruto de um processo que demanda tempo.

Além disso, as características dessas construções revelam aspectos importantes sobre a cognição humana e sua interação com a linguagem. Elas não apenas refletem uma sequência lógica entre ação e resultado, mas também demonstram como os falantes percebem e organizam o mundo ao seu redor, incluindo a dimensão temporal dos processos. O uso dessas construções pode variar conforme o contexto cultural ou situacional, indicando nuances nas intenções comunicativas dos indivíduos.

A partícula "até" transcende a mera função de intensificador, revelando-se como um elemento que articula a culminância de uma ação ao estabelecer uma conexão intrínseca entre causa e efeito. Ao analisar construções resultativas, nota-se como a escolha do verbo aliado a essa partícula instiga uma compreensão mais refinada tanto do marco final quanto do percurso que o antecede. Essa abordagem permite identificar padrões que, quando contextualizados, ampliam nossa percepção das sutilezas presentes em diferentes registros comunicativos. No entanto, para compreender de forma mais profunda como essa construção opera

em contextos reais, é essencial recorrer a dados empíricos que ilustrem seu uso em situações concretas.

Metodologia

Para a análise da construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]], recorri ao *corpus* disponível no *Sketch Engine*[1], um gerenciador de *corpus* e software de análise de texto desenvolvido pela *Lexical Computing* desde 2003. Essa escolha foi motivada pela capacidade da plataforma de fornecer acesso a dados linguísticos atualizados, incluindo textos até 2023, o que possibilita uma análise mais precisa e contextualizada das construções em estudo.

Foram analisadas 200 ocorrências da construção, extraídas de websites e classificadas com base em critérios como o tipo de verbo e o tipo de adjetivo presentes nas construções. A categorização dos verbos seguiu a proposta de Tavares e Freitag (2010), enquanto a classificação dos adjetivos foi fundamentada na tipologia de Dixon (2004). Para a análise dos dados, utilizou-se o programa estatístico *R*, que permitiu a aplicação de técnicas quantitativas para identificar padrões e correlações entre os elementos linguísticos analisados.

A opção por uma metodologia mista, que é caracterizada pelo "equacionamento entre metodologia qualitativa e a quantitativa" (Lacerda, 2016, p. 85). Essa metodologia justifica-se pela necessidade de conciliar uma análise detalhada das construções com uma abordagem estatística capaz de revelar tendências e regularidades nos dados. O uso do programa *R*[2] foi essencial para a análise quantitativa, viabilizando a identificação de frequências e a exploração de relações entre os diferentes tipos de verbos e adjetivos, o que enriqueceu a compreensão das construções resultativas no PB.

[1] https://www.sketchengine.eu/

[2] https://www.r-project.org/

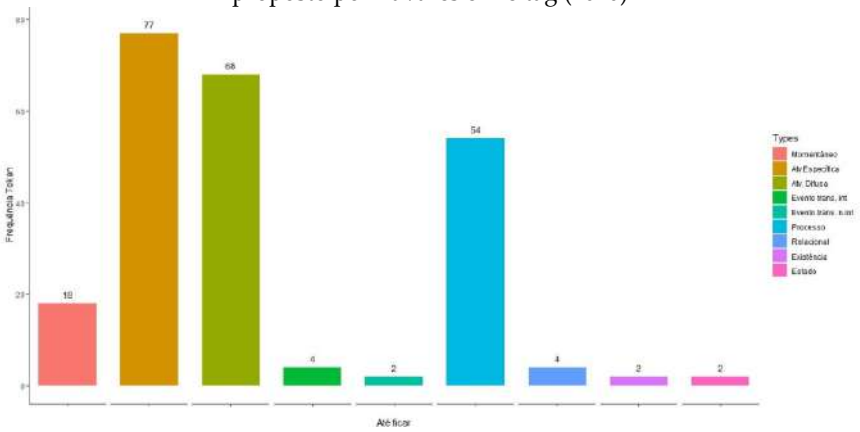
Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada com base em duas categorizações principais: a categorização semântico-pragmática dos verbos, proposta por Tavares e Freitag (2010), e a categorização dos adjetivos, proposta por Dixon (2004). Essas abordagens permitiram uma análise detalhada e sistemática das classes de palavras, considerando tanto suas propriedades semânticas quanto suas funções pragmáticas e gramaticais. Além disso, os resultados preliminares indicam que a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] está frequentemente associada a gêneros textuais específicos, como receitas culinárias, e que nem todas as ocorrências da construção expressam um significado claramente resultativo.

A categorização dos verbos foi realizada conforme a proposta de Tavares e Freitag (2010), que classifica os verbos em 15 tipos com base em suas características semântico-pragmáticas. Essa categorização é particularmente útil para compreender como os verbos se comportam em diferentes contextos e como contribuem para a construção do significado nas frases.

No *corpus* analisado, os verbos mais frequentes foram "bater" (33 ocorrências), "misturar" (25 ocorrências), "mexer" (15 ocorrências) e "cozinhar" (12 ocorrências). Esses verbos são comuns em contextos instrucionais, como receitas culinárias, onde a clareza e a precisão na descrição das ações são essenciais. Como resultado, a maioria dos verbos no *corpus* foi caracterizada como *Atividade Específica* (77 ocorrências), seguida por *Atividade Difusa* (68 ocorrências) e *Processo* (54 ocorrências), que também apareceram com frequência significativa. Outros verbos, embora menos frequentes, foram classificados em categorias diversas, como *Momentâneo* (18 ocorrências), *Evento Transitório Intencional* (4 ocorrências), *Relacional* (4 ocorrências), *Evento Transitório Não-Intencional* (2 ocorrências), *Estado* (2 ocorrências) e *Existência* (2 ocorrências), como mostra a Figura 1.

Figura 1: Distribuição dos tipos de verbos na construção conforme proposto por Tavares e Freitag (2010)



Fonte: Elaboração própria (2025).

A conexão entre o verbo e o adjetivo na construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] é fundamental para expressar a relação entre a ação realizada e o estado final desejado, especialmente em contextos instrucionais, como receitas culinárias. Vamos analisar dois exemplos retirados do *corpus*:

No primeiro exemplo, *"Depois **bata** a polpa com os demais ingredientes no liquidificador até ficar **homogêneo**"* (https://suco.net.br/sucos/suco-de-fruta-do-conde/), o verbo "bata" descreve uma ação física específica, que envolve agitar ou misturar os ingredientes no liquidificador. Essa ação é intencional e tem um propósito claro: transformar os ingredientes em uma mistura uniforme, homogênea. O adjetivo "homogêneo" descreve o estado final desejado da mistura, ou seja, uma textura uniforme e sem grumos. Ele especifica o resultado que se espera alcançar com a ação de bater. A conexão entre o verbo "bater" e o adjetivo "homogêneo" é direta e resultativa. A ação de bater os ingredientes no liquidificador é o meio pelo qual se alcança o estado final de homogeneidade. O adjetivo "homogêneo" não apenas descreve o resultado, mas também estabelece um critério de sucesso para a ação: a mistura deve atingir um estado uniforme.

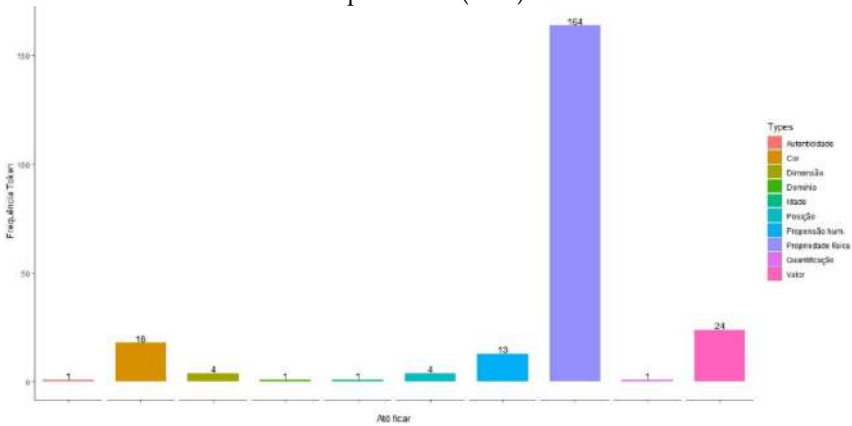
No segundo exemplo, *"Abaixe o fogo e **cozinhe** [o arroz] até ficar **cremoso**"* (https://www.guacira.com.br/receita/arroz-doce-integral-p14), o verbo "cozinhe" descreve uma ação que envolve o aquecimento dos ingredientes em fogo baixo. Essa ação é intencional e tem como objetivo transformar os ingredientes em um estado específico. O adjetivo "cremoso" descreve o estado final desejado do arroz doce, ou seja, uma textura macia e suave, semelhante à de um creme. Ele especifica o resultado que se espera alcançar com a ação de cozinhar. A conexão entre o verbo "cozinhar" e o adjetivo "cremoso" é igualmente direta e resultativa. A ação de cozinhar em fogo baixo é o meio pelo qual se alcança o estado final de cremosidade. O adjetivo "cremoso" não apenas descreve o resultado, mas também estabelece um critério de sucesso para a ação: o arroz deve atingir uma textura macia e suave.

Em ambos os exemplos, a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] estabelece uma relação clara e direta entre a ação (descrita pelo verbo) e o estado final (descrito pelo adjetivo). O verbo indica o processo ou a ação necessária para alcançar um determinado resultado, enquanto o adjetivo especifica o estado final desejado. Essa conexão é essencial para transmitir instruções precisas e garantir que o resultado esperado seja alcançado.

A categorização dos adjetivos foi realizada conforme a proposta de Dixon (2004), que identifica diferentes tipos de adjetivos com base em suas propriedades semânticas. No *corpus* analisado, os adjetivos mais frequentes foram "homogêneo" (40 ocorrências), "cremoso" (14 ocorrências), "firme" (14 ocorrências) e "macio" (14 ocorrências), que se enquadram na categoria de *Propriedade Física* (164 ocorrências), seguida por *Valor* (24 ocorrências), *Cor* (18 ocorrências), *Propensão Humana* (15 ocorrências), *Dimensão* (4 ocorrências), *Idade* (4 ocorrências), *Autenticidade* (1 ocorrência), *Domínio* (1 ocorrência), *Posição* (1 ocorrência), *Quantificação* (1 ocorrência), como mostra a Figura 2 abaixo. Esses adjetivos tendem a descrever características tangíveis e mensuráveis, o que sugere que a construção [oração transitiva

[até ficar + SAdj]] é frequentemente utilizada para expressar estados finais concretos e objetivos.

Figura 2: Distribuição dos tipos de adjetivos na construção conforme proposto por Dixon (2004)



Fonte: Elaboração própria (2025).

Por exemplo, considerando os mesmos dados, "Depois bata a polpa com os demais ingredientes no liquidificador até ficar homogêneo" (https://suco.net.br/sucos/suco-de-fruta-do-conde/), o adjetivo "homogêneo" descreve o estado final desejado da mistura. Da mesma forma, em "Abaixe o fogo e cozinhe até ficar cremoso" (https://www.guacira.com.br/receita/arroz-doce-integral-p14), o adjetivo "cremoso" especifica o resultado esperado do processo de cozimento.

A análise dos dados excluídos revela que nem todas as ocorrências da construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] expressam um significado claramente resultativo. Por exemplo, em "Alguns cargos podem até ficar obsoletos" (https://www.it2b.com.br/como-os-avancos-da-inteligencia-artificial-devem-impactar-o-futuro-do-trabalho/), a construção não expressa um estado final resultante de uma ação, mas sim uma possibilidade ou condição. O adjetivo "obsoleto" se enquadra na categoria de *Valor* (Dixon, 2004), indicando um juízo de valor sobre a utilidade dos cargos.

Da mesma forma, em "Esses crimes podem até ficar impunes" (https://www.taguiprati.com.br/cronica/52-flora-e-halley-em-manaus), a construção não expressa um resultado tangível, mas sim uma condição hipotética. O adjetivo "impunes" também se enquadra na categoria de *Valor* (Dixon, 2004).

É interessante notar que, em ambos os exemplos analisados, a construção [até ficar + SAdj] é precedida pelo verbo *poder*, o que influencia diretamente sua interpretação semântica. Diferentemente de usos em que [oração transitiva [até ficar + SAdj]] expressa um estado final resultante de uma ação anterior, aqui o modal *poder* introduz um significado de possibilidade ou condição hipotética, enfraquecendo a leitura de resultatividade. No caso de "Alguns cargos podem até ficar obsoletos", a estrutura não sugere que um processo levou necessariamente os cargos a se tornarem obsoletos, mas sim que há uma possibilidade de que isso aconteça. Da mesma forma, em "Esses crimes podem até ficar impunes", não há um evento causal que resulta na impunidade, mas sim uma hipótese sobre essa condição. Essa interação entre o modal *poder* e a construção [até ficar + SAdj] mostra que o contexto modal pode afastar a interpretação de resultatividade, permitindo leituras que envolvem juízos de valor e estados hipotéticos em vez de mudanças de estado concretas.

Conclusão

Este capítulo teve como objetivo analisar a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] no PB sob a perspectiva da GCBU, investigando sua estrutura sintática e suas implicações semânticas no contexto da resultatividade. Os resultados apontam que essa construção apresenta um padrão sistemático que associa um processo ou ação expressa pelo verbo da oração principal a um estado final descrito pelo adjetivo que segue a estrutura [até ficar + SAdj]. Esse vínculo estabelece uma relação de resultado final, sugerindo que a construção pode ser considerada um dos

mecanismos gramaticais produtivos do PB para a codificação da resultatividade.

A análise dos dados revelou que a construção ocorre predominantemente em contextos instrucionais, como receitas culinárias, nos quais a expressão de um estado final concreto é essencial para a comunicação eficaz das instruções. Nesses casos, a partícula "até" não apenas marca um limite temporal, mas também reforça a noção de um estado alcançado em decorrência da ação descrita pelo verbo. A recorrência de adjetivos da categoria de *Propriedade Física* (Dixon, 2004), como *homogêneo*, *cremoso* e *firme*, sugere que essa construção é altamente produtiva na expressão de mudanças perceptíveis e mensuráveis no mundo físico. Assim, a relação entre o verbo e o adjetivo na construção não é arbitrária, mas reflete padrões cognitivos e discursivos que estruturam a experiência linguística dos falantes.

No entanto, a análise dos dados também evidenciou que nem todas as ocorrências dessa construção resultam em uma interpretação claramente resultativa. Exemplos em que a construção é precedida pelo verbo modal *poder*, como "Alguns cargos podem até ficar obsoletos" e "Esses crimes podem até ficar impunes", demonstram que a relação entre ação e estado final pode ser enfraquecida ou reinterpretada em termos de possibilidade ou condição hipotética. Nesses casos, a mudança de estado não é apresentada como um resultado inevitável de um processo anterior, mas sim como uma eventualidade, o que evidencia que a resultatividade não é uma propriedade fixa da construção, mas sim um traço interpretável a partir do contexto sintático e discursivo em que ela ocorre.

Essa variação interpretativa indica que a gramática do PB acomoda a mesma forma da construção com significados diferentes, influenciados pelos elementos que a compõem. Construções que combinam verbos de ação com adjetivos de propriedade física tendem a reforçar uma leitura claramente resultativa, enfatizando a relação causal entre processo e estado final. Por outro lado, em contextos modais, especialmente quando

há a presença do verbo poder, a interpretação resultativa se enfraquece, dando lugar a leituras mais hipotéticas ou avaliativas, nas quais a mudança de estado é apresentada como uma possibilidade, em vez de um desfecho concreto. Esse achado reforça a importância da interação entre sintaxe, semântica e pragmática na determinação do significado das construções, o que está em consonância com os princípios da GCBU, que enfatiza a relevância do uso linguístico na formação e no reconhecimento de padrões estruturais.

Além disso, a presente investigação contribui para uma compreensão mais ampla da resultatividade no PB, ao desafiar a ideia de que essa categoria seria expressa predominantemente por meio de lexicalização verbal ou inferências pragmáticas. Os dados demonstram que a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] oferece um mecanismo sistemático para a codificação da relação entre ação e resultado, o que sugere que o PB possui um repertório gramaticalizado para a expressão de resultatividade, ainda que esse repertório não se baseie nos mesmos padrões estruturais observados em línguas como o inglês.

A partir desses achados, algumas questões permanecem em aberto para pesquisas futuras. Uma possibilidade interessante seria investigar como essa construção se comporta em registros formais e informais, bem como em gêneros textuais distintos, a fim de verificar se seu uso é mais recorrente em determinados contextos discursivos. Além disso, um estudo comparativo entre o PB e outras línguas românicas poderia oferecer uma compreensão mais profunda sobre até que ponto a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] representa uma estratégia específica do PB ou se há padrões análogos em línguas relacionadas.

Por fim, este trabalho reforça a importância de abordagens baseadas no uso para a análise de fenômenos gramaticais, demonstrando que a construção [oração transitiva [até ficar + SAdj]] não é apenas um arranjo sintático aleatório, mas sim um padrão produtivo da língua que reflete aspectos cognitivos e comunicativos fundamentais. O reconhecimento dessa construção

como um recurso gramatical para a expressão da resultatividade contribui para uma compreensão mais ampla da estrutura do PB, além de valorizar seus mecanismos próprios de organização sintática e semântica.

Referências

COSTA, V. C. Correlações entre um padrão construcional e usos metafóricos e literais do verbo construir**. Domínios de Lingu@gem**, v. 15, n. 4, p. 903–931, 2021. Disponível em https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/58007. Acesso em 5 mar. 2025.

CROFT, W. **Radical construction grammar***:* syntactic theory in typological perspectiv*e*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. **The Grammar Network***:* How Linguistic Structure is Shaped by Language Us*e*. New York, NY: Cambridge University Press, 2019.

DIXON, R. M. W. Adjective Classes in Typological Perspective. In R. M. W. Dixon; A. Y. Aikhenvald (Eds.), **Adjective Classes***:* A Cross-Linguistic Typoogy (p. 1-49). Oxford: Oxford University Press, 2004.

GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. **Language: Journal of the Linguistic Society of America**, v. 80, n.3, 2004. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/2875857_The_English_Resultative_as_a_Family_of_Constructions. Acesso em 18 fev. 2025.

LACERDA, P. F. A. C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, volume Especial, p. 83-101, 2016.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar**: a Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**: Theoretical prerequisites. Standford: Standford University Press, vol. I, 1987.

LEITE, M. A. **Resultatividade: um estudo das construções resultativas em português**. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 2006. Tese de Doutorado. Disponível em http://livros01.livros gratis.com.br/cp022253.pdf. Acesso em 18 fev. 2025.

PALOMANES, R, M. R. **Construções gramaticais: uma análise das resultativas do português com o verbo ficar**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2007. Tese de Doutorado. Disponível em https://docplayer.com.br/13098 6109-Construcoes-gramaticais-uma-analise-das-resultativas-do-portugues-com-overbo-ficar-roza-maria-palomanes-ribeiro.html. Acesso em 18 fev. 2025.

PALOMANES, R. M.; OLIVEIRA, P. F. Construções resultativas: a semântica de resultado no verbo "virar". **Alumni**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/alu/ article/view/1022. Acesso em 18 fev. 2025.

SANTOS, C. B. Uma natureza participativa: a função sujeito em construções resultativas de Vidas Secas. **Anais do XVI CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. Disponível em http://www.filologia .org.br/xvi_cnlf/tomo_3/254_B.pdf. Acesso em 18 fev. 2025.

SILVA, H. F. **Resultatividade no português brasileiro: caminhos de compreensão**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Letras, 2022. Dissertação de Mestrado. Disponível em https://app.uff.br/riuff;/handle/1/29066. Acesso em 18 fev. 2025.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. K. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. **Revista LinguíStica**, v. 6, n. 1. 2010. Disponível em: https://revistas. ufrj.br/index.php/rl/article/view/4442/3214. Acesso em 18 fev. 2025.

A CONTRIBUIÇÃO DA PROSÓDIA NA DESCRIÇÃO DE CLÁUSULAS ENCAIXADAS, HIPOTÁTICAS, PARATÁTICAS E JUSTAPOSTAS

Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann

Apresentação do tema

No que se refere à articulação das orações no âmbito do período composto, a gramática normativa propõe uma descrição que pouco contribui para a análise de dados advindos de contextos reais de interação comunicativa uma vez que considera apenas os processos sintáticos da subordinação e da coordenação. Alguns pesquisadores, como Matthiessen e Thompson (1988), Lehmann (1989) e Langacker (1987), atestam que a subordinação e a coordenação são descritas como categorias estanques com características homogêneas.

Nesse sentido, Gonçalves (2017) propõe uma descrição minuciosa do fenômeno da justaposição que, para a linguista, é um processo sintático assim como a subordinação e a coordenação. Para fundamentar essa análise, a pesquisadora investigou como a justaposição é tratada em gramáticas normativas pré-NGB (Norma Gramatical Brasileira) — Ney (1955) e Oiticica (1995); em gramáticas pós-NGB - Bechara (2006), Cunha e Cintra (1989) e Kury (2002); em gramáticas descritivas — Mateus et al. (2003) e Raposo (2013). Por meio dessa investigação, observou que as orações justapostas recebem um tratamento diverso.

A título de exemplo, nas gramáticas pré-NGB, as orações justapostas são definidas pela ausência de conector, reconhecendo-se, no entanto, uma relação semântica entre elas. Nas gramáticas pós-NGB, a justaposição é associada às orações coordenadas assindéticas pela semelhança formal, à ausência de conector aparente e ao fato de serem colocadas uma ao lado da outra sem o estabelecimento de relação semântica entre elas. Já nas gramáticas descritivas, as orações justapostas são consideradas casos limítrofes, isto é, apresentam nexos semânticos entre membros coordenados, mas, por vezes, exibem uma relação de subordinação entre si.

Desse modo, para demonstrar que a justaposição é um processo sintático, Gonçalves (2017) analisou *slogans* oriundos de mídias impressas, descrevendo, além da estrutura sintática e do contexto discursivo em que os dados foram usados, o movimento melódico e a presença ou ausência de pausa entre as orações justapostas. Para essa análise, a autora recorreu aos estudos de Decat (2001), Lima Hernandes (2008), Dias (2009), Rodrigues e Dias (2010) e Rodrigues e Gonçalves (2015), para citar alguns.

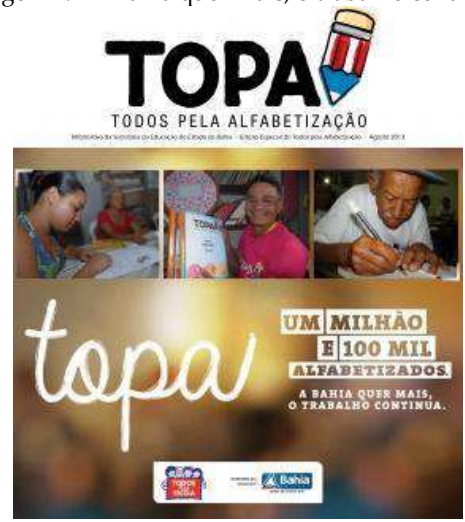
A partir da análise sintática, pragmática e prosódica de mídias impressas constituídas por cláusulas[1] justapostas, a linguista observou que a justaposição é um processo sintático distinto da coordenação. Nas palavras de Gonçalves (2017, p. 109)

> A coordenação se caracteriza pela autonomia sintática entre as cláusulas, pela possibilidade de as cláusulas serem introduzidas por conector, por uma maior independência semântica, além da ausência de pausa entre as cláusulas. Em contrapartida, a justaposição se caracteriza pela autonomia sintática entre as cláusulas, pela ausência de conector encabeçando as cláusulas, pela interdependência semântica das cláusulas, com maior frequência das proposições relacionais associadas ao grupo de causalidade, e pela pausa frequente entre as cláusulas.

[1] Cláusula é concebida, nos estudos funcionalistas, como unidade de informação que pode ser representada estruturalmente por meio de uma oração ou de um período. Os estudos apresentados neste capítulo empregam 'cláusula' como sinônimo de 'oração'.

Partindo dessa descrição, observemos a mídia impressa a seguir:

Imagem 1: "A Bahia quer mais, o trabalho continua"

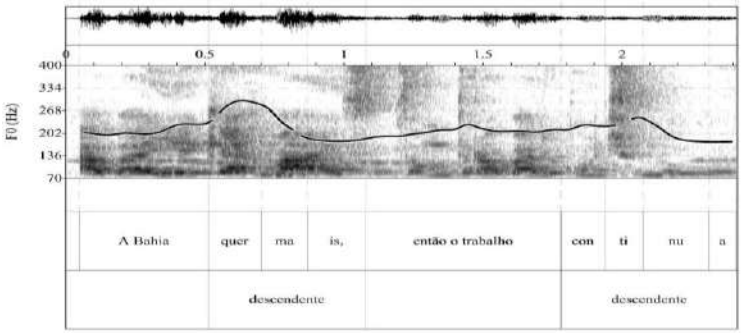


Fonte: https://institucional.educacao.ba.gov.br (acesso em março de 2021)

O governo do estado da Bahia, a partir de 2013, passou a produzir uma série de peças publicitárias com o *slogan* 'A Bahia quer mais, o trabalho continua' para divulgar avanços em áreas como saúde, segurança e educação. Na imagem 1, em conjunto com a campanha Todos Pela Alfabetização (TOPA), verifica-se a divulgação de um resultado, 'um milhão e 100 mil alfabetizados' e; na parte superior da mídia impressa, três imagens de adultos escrevendo. Assim, por meio do emprego de diferentes recursos linguísticos e visuais, observa-se, no *slogan* composto por duas orações, 'A Bahia quer mais' e "o trabalho continua", uma relação de interdependência semântica, embora as orações sejam sintaticamente autônomas e não sejam introduzidas por conector, conforme apontado por Gonçalves (2017). Além disso, para confirmar essa interdependência semântica, infere-se uma relação circunstancial de causa, como (porque) a Bahia quer mais, o trabalho continua.

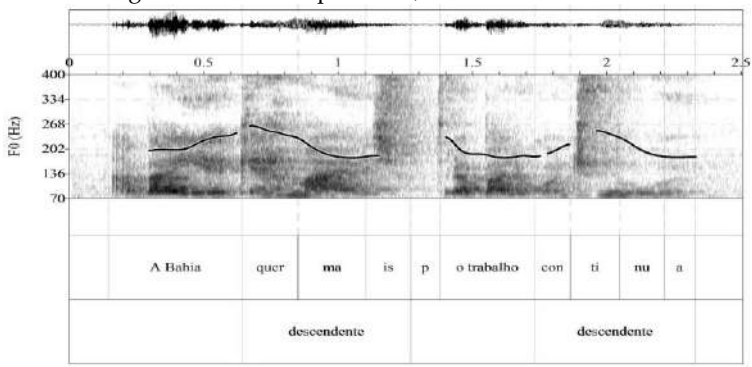
Ademais, a caracterização apontada por Gonçalves (2017) acerca dos parâmetros prosódicos — pausa[2] e contorno de F0 — pode ser observada nas figuras 1 e 2, dispostas a seguir. Constata-se, na figura 1, a ausência de pausa entre as orações coordenadas e um contorno praticamente contínuo. A pesquisadora aponta, por meio do teste linguístico realizado em seu estudo, que as orações coordenadas não apresentam um padrão de contorno de F0. Já as orações justapostas apresentaram maior ocorrência de pausa e de contorno ascendente, embora, na figura 2, o contorno de F0 seja descendente.

Figura 1: "A Bahia quer mais, então o trabalho continua"



[2] A pausa de F0 na prosódia refere-se a um intervalo de silêncio ou uma interrupção na curva melódica da frequência fundamental (F0) da fala. A F0, por sua vez, corresponde à frequência da vibração das pregas vocais e é o principal correlato acústico da percepção da altura tonal. Assim, uma pausa de F0 pode indicar momentos em que a frequência fundamental deixa de ser rastreável, seja porque há uma interrupção na produção sonora (pausa silenciosa) ou porque ocorre uma quebra na continuidade da entonação, mesmo sem cessar completamente o som (pausa preenchida, como hesitações ou alongamentos). Do ponto de vista da prosódia, essas pausas desempenham funções essenciais na estruturação do discurso, podendo sinalizar fronteiras sintáticas (como entre orações), destacar elementos informacionais ou indicar efeitos pragmáticos, como hesitação ou planejamento do discurso.

Figura 2: "A Bahia quer mais, o trabalho continua"



Dessa forma, a partir da descrição proposta por Gonçalves (2017), observou-se que as cláusulas justapostas podem apresentar as mesmas relações semânticas veiculadas pelas cláusulas hipotáticas adverbiais e coordenadas, apesar de não serem introduzidas por conector. A semelhança da justaposição com os demais processos foi reforçada também por Stein (2008), uma vez que ele afirma que as cláusulas subordinadas adverbiais possuem contornos melódicos e pausa entre as cláusulas, assim como atestado por Gonçalves (2017) nas cláusulas justapostas. Posto isto, buscamos investigar, no presente estudo, se, ao contrário do que é frequentemente apresentado nas gramáticas normativas, a justaposição apresenta traços prosódicos mais semelhantes aos da subordinação adverbial do que aos da coordenação. Para realizar essa comparação, foram elaborados um teste de percepção e uma análise prosódica, articulada com uma análise descritiva dos dados.

Pressupostos teóricos

No que se refere à descrição dos processos de combinação de orações, Hopper e Traugott (1993) propõem um *continuum* que leva em consideração parâmetros sintáticos e semânticos. De acordo com esses linguistas, é possível diferenciar os processos com base em uma maior ou menor dependência e maior ou menos encaixamento, conforme explicitado no esquema a seguir.

Esquema 1: *Continuum* de combinação de cláusulas (Hopper; Traugott, 1993, p.170)

Parataxe	⇨	Hipotaxe	⇨	Subordinação
-encaixamento		-encaixamento		+encaixamento
-dependência		+dependência		+dependência
Independência relativa		Interdependência		Total dependência

Segundo Hopper e Traugott (1993, p. 172), há três modos de articulação de cláusulas. A parataxe que é descrita por uma independência relativa, uma vez que a relação semântica é determinada pelo sentido oriundo da conjunção que introduz as cláusulas, não havendo encaixamento nem dependência sintática entre elas. Por meio dessa descrição, observamos que, no grupo parataxe, estão contidas as cláusulas coordenadas e justapostas, sendo que, de acordo com os autores, as relações semânticas das cláusulas justapostas são estabelecidas somente por inferência. A hipotaxe, por sua vez, é integrada pelas orações adverbiais e relativas apositivas, tendo em vista que esse processo se caracteriza por uma interdependência entre as cláusulas, definidas como cláusulas núcleo e cláusulas margem. O encaixamento, último processo do *continuum*, caracteriza-se pela total dependência entre as cláusulas matriz e encaixada; por isso, encontram-se, nesse grupo, as orações completivas e as relativas restritivas. Portanto, observa-se que o *continuum* propõe uma organização das orações que vai de relações sintáticas mais fracas a relações sintáticas mais fortes.

No que se refere à justaposição, os autores consideram o processo como um modo mais simples de relacionar duas cláusulas, já que essa estrutura é representada por duas ou mais cláusulas colocadas uma ao lado da outra, e a relação semântica é inferida, assim como descrito nas gramáticas tradicionais. No entanto, aponta-se uma incoerência quanto ao contorno entoacional, isto é, tendo em vista que as cláusulas justapostas são menos encaixadas e dependentes, parece contraditório que, com

frequência, apresentem um único contorno entoacional em vez de dois contornos. Isto ocorre porque a presença de um único contorno evidencia uma relação semântica que une as cláusulas.

Outro autor que destaca a importância do contorno entoacional é Gili Gaya (1961), ao apontar que a oração constitui uma unidade intencional com sentido completo em si mesma, cujo signo linguístico é a curva entoacional. Dessa forma, para o estudioso, o falante pode vincular as mesmas conexões que expressa por meio de conjunções e pronomes relativos, por meio do uso da simples justaposição. Em outras palavras, não é o conector que determina o sentido, mas sim o movimento melódico da oração.

Ainda sobre a justaposição, Gili Gaya (1961, 264) aponta também que esta pode ocorrer tanto no âmbito do período simples quanto do composto, aspecto que dificulta a compreensão do fenômeno. De acordo com o autor,

> Isso equivale a dizer que a diferença entre uma ou outra justaposta pertence principalmente à linguagem oral, não ao texto escrito. A leitura de um texto depende da interpretação do leitor. Somente através do contexto e da pontuação é que se pode ajudar a determinar o sentido que o autor atribui. Por isso, seria útil que, para evitar possíveis confusões, se generalizassem nas gramáticas espanholas, a prática de reservar o nome de justapostas para as orações assindéticas que formam um período e intitular independentes as que não formam[3].

É importante mencionar que, embora se reconheça que a justaposição pode ocorrer entre sintagmas ou períodos, conforme apontado por Rodrigues e Gonçalves (2015), neste estudo, nos detemos à análise da justaposição entre orações.

[3] Tradução livre de: "Esto equivale a decir que la diferencia entre una y otra yuxtaposicion pertenece principalmente al lenguaje oral, no al escrito. En la lectura de un texto, depende de la interpretación que le dé el lector. Sólo el contexto y la puntuación pueden ayudarnos a determinar el sentido que el autor le daba. Por lo tanto, sería útil que para evitar confusiones posibles se gene· realizase en nuestras gramáticas la práctica de reservar el nombre de yuxtapuestas a las oraciones asindéticas que forman período, y llamar independientes a las que no lo forman"

Além dos aspectos prosódicos, sintáticos e discursivos apontados, Gili Gaya (1961) salienta que as orações justapostas são mais recorrentes em textos literários; geralmente possuem o mesmo sujeito e a mesma flexão verbal; apresentam predileção pela figura em primeiro lugar, ainda que possa mudá-la de posição, acarretando perda de expressividade; possuem ênfase prosódica, acento, alongamento vocálico ou elevação entoacional, indicando a estrutura com maior importância psíquica e a ausência de conjunção também torna a pausa entre as orações mais longa. O pesquisador chama atenção a importância dada à presença das conjunções, em contraste com o apagamento do papel da entoação na estrutura. Segundo ele, a presença das conjunções permite distinguir matizes mais numerosas e expressam, consequentemente, uma maior complexidade para orações encabeçadas por conector quando comparadas a orações justapostas. Assim, para Gili Gaya (1961, 270),

> Na presença de conjunções, a entonação desempenha um papel adjuvante, mas não único; pode enfraquecer sua força expressiva e, em certos casos extremos, desaparece o traço característico da entonação subordinada, o que diminui a firmeza do vínculo sintático.[4]

Logo, embora Gili Gaya (1961) não reconheça a justaposição como um processo sintático, o pesquisa tece importantes reflexões acerca do fenômeno, principalmente ao destacar que elas expressam as mesmas relações de sentido que as orações coordenadas e as subordinadas adverbiais, além de apresentarem um contorno melódico que auxilia no reconhecimento da relação semântica implícita.

Halliday (1985, p. 226) também aponta a relevância da entoação para distinguir as relações semânticas entre cláusulas. O

[4] Tradução livre de: "En presenciade las conjunciones, la entonación desempeña un papel coadyuvante, pero no único; puede debilitar su fuerza expresiva, y en ciertos casos extremos llega a desaparecer el rasgo característico de la entonación subordinativa, sm que disminuya la firmeza del enlace sintáctico".

autor destaca que as conjunções não são marcadores estruturais da relação paratática; elas são consideradas mais marcadoras coesivas do que estruturais. Frequentemente, as duas cláusulas estão simplesmente justapostas[5].

Stein (2008), por sua vez, propõe em seu estudo uma possível pré-indicação prosódica para as orações principais em períodos compostos por subordinação adverbial no Português Brasileiro. O pesquisador ressalta o papel fundamental da entoação na caracterização sintática da segunda oração. De acordo com Stein (2008, 228), há seis possíveis contornos pré-indicativos de cláusulas hipotáticas, os quais podem ser divididos em dois grupos principais: os que apresentam contorno ascendente da frequência fundamental, doravante F0, na sílaba tônica final – causal, consecutivo, final; e os que apresentam contorno descendente da F0 na sílaba tônica final – concessivo, conformativo, temporal.

Outra consideração importante apontada por Stein (2008) refere-se às diferentes modulações produzidas por falantes brasileiros nas orações principais de um período, em função das orações subordinadas que as seguem. Levando em consideração esse aspecto, o autor investigou arranjos melódicos específicos que, quando aplicados às orações principais, permitem que o interlocutor preveja qual relação adverbial será empregada na oração subordinada. Ademais, ele ressalta que essas conformações melódicas acontecem independente da presença de um conector, pois o conteúdo proposicional está implícito no contexto, o que corrobora com a hipótese de Gili Gaya (1961) no que se refere à importância do contorno melódico no reconhecimento da relação semântica veiculada em orações sem conector.

---

[5] Tradução livre de: "the conjunctives are not strutural markes of paratatic relationship; they are cohesive rather than structural. Very often the two clauses are simply juxtaposed. This often makes it difficult to decide, in spoken language, whether they form a clause complex or not; but if the intonation pattern is repeated, and the semantic relantionship of elaboration is clearly presente, this can be taken as a criterion for treating them as a forming a nexus".

Observa-se, portanto, que, de acordo com a gramática tradicional e com muitos dos pesquisadores anteriormente citados, a justaposição de orações é processo formal que ocorre no binômio coordenação/subordinação, ao serem articuladas sem a presença de conector. No entanto, na perspectiva de alguns autores funcionalistas, a justaposição consiste em uma forma de combinação entre orações na qual se considera a relação circunstancial entre elas e não apenas o processo formal que as une. Assim sendo, neste estudo, consideramos a justaposição com um processo sintático e investigaremos a influência de alguns parâmetros prosódicos, a saber: ruptura, fraseamento e contorno entoacional na descrição de cláusulas justapostas, paratáticas, subordinadas e hipotáticas.

Constituição do *Corpus*

Para verificar os parâmetros prosódicos anteriormente citados, recorremos à coleta de propagandas disponibilizadas na Agência Brasileira de Agências Publicitárias (ABAP), disponível na plataforma *online* www.abap.com.br. É importante ressaltar que selecionamos as propagandas porque, de acordo com Sandmann (2010, p. 68), esse gênero textual se caracteriza por uma suposta simplicidade estrutural, que pode ser atestada pelo "período composto sem conectivo", artifício comum nestes contextos.

Assim, para comprovar nossa hipótese de que a justaposição se assemelha mais, em termos prosódicos, à hipotaxe do que à parataxe, elaboramos uma tarefa de leitura e um teste de percepção. A primeira etapa, a tarefa de leitura, consistia na produção oral, posteriormente gravada por quatro informantes, dos *slogans* reescritos, com cláusulas encaixadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas. Essas gravações foram, mais adiante, comparadas e descritas prosodicamente.

Para realização desta tarefa, selecionamos alguns *slogans* que pudessem ser reescritos de forma mais ou menos encaixada, mais ou menos dependente, sem que houvesse uma mudança semântica

acentuada. Assim, selecionamos dez *slogans* originais que foram reescritos de cinco formas distintas: com cláusulas encaixadas/subordinadas, hipotáticas (posposta e anteposta), paratáticas e justapostas, totalizando cinquenta dados. É importante apontar que buscamos privilegiar os seguintes aspectos nas reescrituras dos *slogans*, conforme apontado por Gonçalves Mallmann (2021, p. 65).

> (i) modificar pouco os *slogans*, mantendo basicamente seu texto, isto é, evidenciando, somente as mudanças sintáticas, como independência/ dependência sintática e/ou semântica, presença e ausência de conector, para citar algumas. Quanto ao último aspecto, procuramos repetir os conectores que introduziam as orações paratáticas, hipotáticas e encaixadas para que assim criássemos estruturas semelhantes a fim de que pudessem, de fato, ser comparadas. Assim, acredita-se que as diferenças prosódicas ficarão mais evidentes. Nossas hipóteses, baseadas em nossa intuição linguística, são de que as cláusulas encaixadas apresentarão uma modulação melódica mais sutil, isto é, uma subida ou descida da F0 pequena entre a primeira e a segunda frase entoacional por serem mais encaixadas. As cláusulas hipotáticas apresentarão, com maior frequência, uma modulação de F0 ascendente (L + H) na fronteira entre a primeira e a segunda cláusula, bem como presença de ruptura, tendendo a enfatizar uma informação presente no *slogan*. As cláusulas justapostas e paratáticas não apresentarão um padrão melódico único, isto é, ora terão um padrão ascendente, ora descendente por veicularem diferentes afinidades semânticas. Entretanto, o primeiro tipo, as justapostas, caracterizar-se-ão por uma ruptura entre as frases entoacionais.
> (ii) respeitar a naturalidade e a gramaticalidade das orações, isto é, ao reescrevê-las pensar em estruturas que fossem plausíveis com o propósito de não causar estranhamento ao leitor.
> (iii) os conectores selecionados para encabeçar as orações paratáticas foram o "e", "mas" e "por isso". A motivação principal dessa seleção ocorreu devido à frequência e a prototipia desses, em outras palavras, por serem amplamente empregados são, consequentemente, menos marcados discursivamente.
> (iv) os conectores selecionados para encabeçar as orações hipotáticas foram, em grande maioria, oriundos do grupo de afinidade semântica CCC, mais especificamente: "porque", "se", "ainda que" e "para", com exceção do "quando" que, embora tenha afinidade semântica com o grupo CCC, é, com frequência, associado ao grupo tempo.
> (v) as orações principais selecionadas para constituir as reescrituras dos *slogans* com orações encaixadas eram: "Parece que", "(Você ou eles) sabe(m)

que" e "Dizem que". A seleção dessas estruturas foi motivada pela naturalidade das estruturas. Entende-se por conectores prototípicos aqueles que são considerados os melhores exemplares da categoria, pois reúnem o maior número de propriedades que representam da melhor forma esse grupo.

(vi) foram selecionadas 5 estruturas mais extensas e 5 estruturas mais curtas, a fim de verificar o movimento melódico independente do peso fonético de cada uma delas.

As reescrituras e os dados originais foram gravados no laboratório de fonética acústica por quatro professores da pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A escolha dos informantes ocorreu mediante a disponibilidade desse público para realização do teste linguístico e pelo seu comprometimento com a pesquisa científico-acadêmica.

Os informantes foram orientados individualmente sobre a forma como seria conduzida a gravação dos dados. Com o objetivo de evitar falsos começos, eles puderam ler os dados antes da produção e repetiam os *slogans* caso o instrutor julgasse necessário. Os dados produzidos por cada informante foram posteriormente segmentados no programa S*ound Forge* e, em seguida, foram submetidos à análise acústica no programa Praat[6], a fim de verificar os acentos tonais e a modulação de F0. A modulação da F0 foi medida em semitom (st)[7].

Importante ressaltar que buscamos produzir os *slogans* com cláusulas hipotáticas antepostas ou pospostas, tendo em vista que a ordem da hipotática pode alterar o movimento melódico da estrutura. Isso porque, conforme apontado por Selkirk (1984), a frase entoacional é uma unidade de sentido independente que projeta seu conteúdo a partir da entoação, sobressaindo assim o

[6] O Praat é um *software* que permite a análise acústica. Por possuir diversas ferramentas que possibilitam a verificação e a manipulação de diversos parâmetros acústicos, o programa é amplamente utilizado dentro e fora do Brasil para análises acústicas. Esse programa está disponível no endereço: http://www.praat.org

[7] A escala de semitom é uma transformação logarítmica da escala de Hz, mais especificamente, uma progressão geométrica de coeficiente q = 1.0594.

conteúdo lexical ao sintático. Levando isto em consideração, destacamos que só é possível indicar uma tendência de movimento melódico prototípico das estruturas anteriormente mencionadas, tendo em vista que uma mesma estrutura sintática pode originar diferentes representações entoacionais, especialmente em estruturas oriundas de contextos reais de comunicação.

Dessa forma, com o objetivo de verificar as tendências prosódicas de cada estrutura sintática, foram produzidas reescrituras com estruturas encaixadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas, a depender do *slogan* original, levando em consideração os aspectos apontados anteriormente. A seguir, podemos observar as reescrituras do *slogan* "se passar o cartão, não passe dos limites". É importante dizer que todos os períodos, tanto os *slogans* originais quanto os reescritos, foram randomizados e gravados:

> Original: Não passe dos limites, se passar o cartão.
> Reescrituras: Dizem que se passar o cartão, não passe dos limites.
> Se passar o cartão, não passe dos limites.
> Passe o cartão, mas não passe dos limites.
> Passe o cartão, não passe dos limites.

Outro aspecto que foi levado em conta na constituição do *corpus* foi o estabelecimento da fronteira prosódica. Como os dados que constituem esse *corpus* são oriundos de situações reais de comunicação escrita e as reescrituras tinham como propósito inicial serem o mais próximas possível de usos reais, há dados compostos cláusulas com palavras finais do tipo paroxítonas, contendo ou não sílabas pretônicas, como por exemplo, "parece que seu filho cresce, sua tranquilidade aumenta" e "quando seu filho crescе, sua tranquilidade aumenta" e do tipo oxítonas, "se passar o cartão, não passe dos limites". Isto posto, para que se estabelecesse uma análise mais criteriosa de todos os enunciados, consideraram-se as últimas palavras, mais precisamente, a última sílaba tônica e as átonas adjacente antes da fronteira, analisando, mais precisamente, a presença de movimentos melódicos, ascendentes ou descendentes,

por meio de atribuição, com base na observação das curvas de F0, de tons high (H) ou low (L) às sílabas pretônicas e tônicas, no caso das palavras oxítonas, e as sílabas pretônicas, tônicas e postônicas, no caso das palavras paroxítonas.

À vista disso, o *corpus* é constituído por cento e noventa e cinco dados, conforme ilustra a tabela 1 a seguir. Ressaltamos que há menos dados constituídos por orações hipotáticas e paratáticas, pois embora tenhamos nos atentado durante a gravação, alguns dados precisaram ser desconsiderados.

Tabela 1: Distribuição dos dados prosódicos

Constituição do *slogan*	Quantidade
Formado por orações encaixadas	40
Formado por orações hipotáticas	36
Formado por orações hipotáticas antepostas	40
Formado por orações paratáticas	39
Formado por orações justapostas	40
Total de dados	195

A segunda etapa da constituição do *corpus*, o teste linguístico, foi elaborada por meio de um questionário no aplicativo *Forms* da *Microsoft* tendo em vista o cenário pandêmico da Covid-19. O teste consiste na escuta de cento e noventa e cinco dados produzidos no primeiro teste por cinco informantes familiarizados com pesquisas em prosódia. Esses informantes devem ouvir e analisar, assinalando uma ou mais opções de descontinuidade (pausa, modulação melódica ou alongamento vocálico). É relevante apontar que a seleção de informantes com afinidade em prosódia foi feita com base nos estudos de Tommaso e Raso (2018) e Raso, Mittmann e Mendes (2015) já que, nesses trabalhos, os autores apontam a importância de escolhermos "avaliadores" que tenham

intimidade com a teoria prosódica, já que descontinuidades são eventualmente de difícil percepção.

Quanto à elaboração do teste de percepção, os áudios foram editados e, posteriormente, publicados no *Youtube*, para que pudessem ser integrados ao formulário da *Microsoft forms*. O teste de percepção foi dividido em duas partes iguais, noventa e oito dados em cada, para que não ficasse longo e cansativo. Ao final, foram contabilizadas novecentos e oitenta respostas que geraram mil e oitenta e uma descontinuidades conforme ilustra a tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Descontinuidades marcadas no teste de percepção

Descontinuidades marcadas em *slogan*	**Quantidade**
Formado por orações encaixadas	227
Formado por orações hipotáticas	221
Formado por orações hipotáticas antepostas	205
Formado por orações paratáticas	216
Formado por orações justapostas	212
Total de dados	1.081

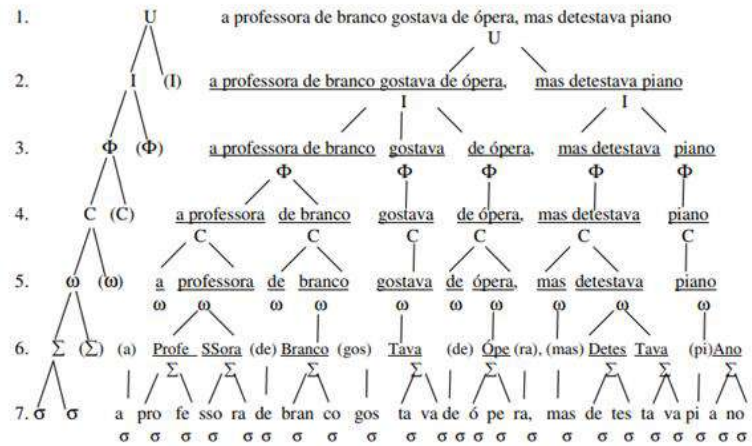
Metodologia

Partindo dos estudos de Gili Gaya (1961), Halliday (1985) e Hopper e Traugott (1993) que apontam que, na prosódia, podem ser encontradas pistas para uma descrição e diferenciação dos processos sintáticos que compõem o período composto, buscamos, empregando a fonética acústica experimental como método com o objetivo de verificar de que forma os parâmetros prosódicos como movimento melódico, presença ou ausência de acento tonal e presença ou ausência de ruptura entre sintagmas entoacionais caracterizam a parataxe, a hipotaxe, a justaposição e a subordinação. Além dos trabalhos oriundos da área da sintaxe,

buscamos nas pesquisas de Cagliari (1981), Serra (2009), Rodrigues e Silvestre (2014) e Gonçalves (2017), que apresentam uma relação mais estreita entre a entoação e a estrutura sintática, uma base metodológica para nosso estudo. Sendo assim, adotamos, como base para essa investigação, alguns preceitos da Teoria Autossegmental e Métrica (AM), além do sistema de notação entonacional *Tones and Break Indices*, comumente intitulado de ToBI, respectivamente AM/ToBI, de Pierrehumbert (1980) e Beckman et al. (1994) e outros conceitos da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), que serão descritos a seguir.

A Teoria Autossegmental e Métrica de Pierrehumbert (1980) compreende a entoação como um conjunto de gestos tonais, compostos apenas por dois tipos, tons altos [H] e tons baixos [L] que auxiliam no reconhecimentos das fronteiras prosódicas. Em outras palavras, os tons [H] e [L] são os componentes fundamentais do modelo, pois é por meio deles que os contornos melódicos são representados. Assim, esse modelo tem como propósito descrever os contornos entoacionais de uma determinada língua, levando em consideração, evidentemente, as estruturas diversas de uma língua e textos com diferentes extensões. Desse modo, para descrever o comportamento melódico das diferentes cláusulas apresentadas anteriormente, a saber, encaixadas, hipotáticas, justapostas e paratáticas, buscamos, sob a ótica da teoria AM e do sistema de notação ToBI, analisar os acentos ditos nucleares, acentos tonais localizados no limite das cláusulas e seus tons de fronteira que são representados por meio de uma modulação da F0 que se delineia entre os sintagmas entoacionais. Importante mencionar que o conceito de sintagma entoacional é oriundo da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986). Essa corrente teórica tem como premissa fundamental a organização fônica em domínios hierárquicos, como ilustra o esquema a seguir:

Esquema 1: Representação dos constituintes prosódicos de Nespor; Vogel(1986), adaptado por Moraes (2010, p.2)



Os constituintes prosódicos, de acordo com a representação proposta por Nespor; Vogel (1986), são, respectivamente, o enunciado fonológico (U), a frase (ou sintagma) entonacional (I), o sintagma fonológico (Φ), o grupo clítico (C), a palavra fonológica (ω), o pé (∑) e a sílaba (σ). No entanto, entre os constituintes apresentados, o objeto de investigação deste estudo é o constituinte prosódico intitulado frase ou sintagma entoacional.

Ressaltamos que, quando há uma referência ao tom de fronteira ou a modulação da F0, estamos observando o movimento melódico da última sílaba tônica da palavra pré-fronteira em comparação com a primeira sílaba tônica da primeira palavra pós-fronteira. Assim, é importante frisar que o movimento melódico da última cláusula não é analisado, pois a modulação melódica da cláusula final não se correlaciona com as cláusulas anteriores.

O segundo fator prosódico analisado neste estudo é a pausa. Segundo Raso, Mittmann e Mendes (2015), "a pausa é o parâmetro acústico que mais recebe atenção na identificação de fronteiras no fluxo da fala, sendo comumente associada a fronteiras de enunciados". Assim, observamos, em nossos dados, possíveis rupturas, conceito esse pautado na percepção dos informantes.

Concebemos ruptura como a percepção de um determinado falante ao ouvir um determinado enunciado. Desse modo, consideramos que a ruptura pode se manifestar acusticamente de diversas formas, como: pela presença de pausa, por uma modulação melódica (seja positiva ou negativa), pelo alongamento da sílaba tônica ou postônica, ou ainda por meio da combinação de mais de um desses fatores. Importante ressaltar que buscamos verificar esse parâmetro prosódico porque, caso o falante reconheça uma possível ruptura, seja essa reconhecida como pausa ou outra marcação de fronteira entre as cláusulas, essa verificação pode ser interpretada como um maior ou menor encaixamento ou (in)dependência informacional dos processos sintáticos em análise.

Isto posto, salientamos que a fonética acústica é empregada como ferramenta que nos possibilitará definir r como os tons se comportam, como se associam os acentos tonais (sílabas tônicas) aos tons de fronteira, produzindo modulações tonais específicas que, de acordo com os estudos funcionalistas anteriormente citados, poderiam dar pistas, ou ainda quem sabe, distinguir as diferentes estruturas sintáticas investigadas nesta tese. Por fim, a tarefa e o teste realizados têm como finalidade observar o comportamento da modulação da F0 e da presença ou ausência de ruptura entre as cláusulas que constituem os processos sintáticos de encaixamento, hipotaxe, justaposição e parataxe.

Assim, com base em observações não sistemáticas sobre cláusulas subordinadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas, acreditamos que as cláusulas encaixadas, se caracterizariam por uma variação melódica sutil (subida ou descida), ou por nível contínuo entre a primeira frase entoacional e a segunda, isto é, a modulação da F0 tende a ser plana sem ruptura entre as cláusulas. Como a extensão da cláusula pode interferir em seu fraseamento, selecionamos cláusulas com tamanhos diversos conforme apontado na descrição do *corpus*. Quanto às cláusulas hipotáticas, acreditamos que, tanto a oração principal quanto a oração subordinada adverbial apresentariam a modulação de F0 ascendente (L + H) na fronteira entre a primeira e a segunda

cláusula, com maior frequência, e poderiam, em alguns casos, apresentar ruptura nas fronteiras. Como esse tipo de cláusula pode apresentar-se antepostas e pospostas à nuclear, buscamos investigá-las nas duas posições. As cláusulas justapostas, objeto principal desta descrição, não apresentariam um único padrão de modulação de F0, em outras palavras, podem apresentar ora um padrão ascendente (L + H*), ora um padrão descendente (H + L*). No que se refere ao parâmetro ruptura, baseados no estudo de Gonçalves (2017), pensamos que haverá uma maior identificação de rupturas nesse tipo cláusula. No que tange às cláusulas paratáticas, acreditamos que, a depender do conector que as introduzem, o conector "e" ou o conector "mas", elas apresentariam modulação de F0 ora ascendente, ora descendente. Sobre a presença ou ausência de ruptura, novamente baseado no trabalho de Gonçalves (2017), acreditamos que esse tipo de cláusula não apresentará ruptura.

Análise e discussão dos resultados

Como já mencionado, muitas pesquisas no âmbito do período composto, apontam possíveis indícios prosódicos, mas ainda não especificam quais parâmetros poderiam ser observados nem como cada estrutura sintática poderia ser descrita. Por isso, acreditamos que as descrições e as reflexões deste estudo experimental são pioneiras e essenciais.

Segundo Gonçalves Mallmann (2021), o encaixamento é processo sintático em que as cláusulas são mais incorporadas sintaticamente, apresentam iconicidade temporal, ou seja, não podem ser invertidas sintaticamente sem prejuízo semântico, e não possuem afinidade semântica. No que se refere a esse processo sintático, observamos, praticamente, uma ausência de marcação de descontinuidade nas fronteiras prosódicas e um movimento melódico ausente ou muito sútil.

A título de exemplificação, dentre as duzentas respostas atribuídas às cláusulas encaixadas, verificamos apenas quatorze marcações de descontinuidade como ilustrado a seguir:

(i) "Parece/ **que seu filho cresce e sua tranquilidade aumenta**" (*slogan* reescrito da propaganda do suplemento alimentar Sustagen)

Além disso, na análise acústica, verificamos uma modulação praticamente contínua entre a cláusula matriz e a subordinada em vinte e cinco dos quarenta enunciados encaixados, conforme ilustrado na figura 3, e uma modulação muito sútil em quinze dos quarenta dados, conforme ilustrado na figura 4.

Figura 3: JB7E - "Parece que seu filho cresce, sua tranquilidade aumenta"

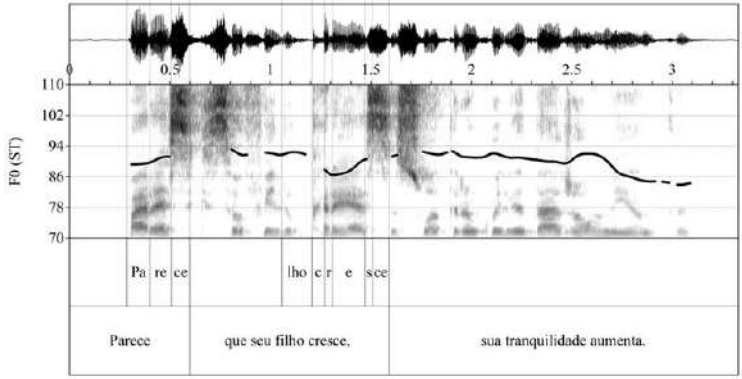
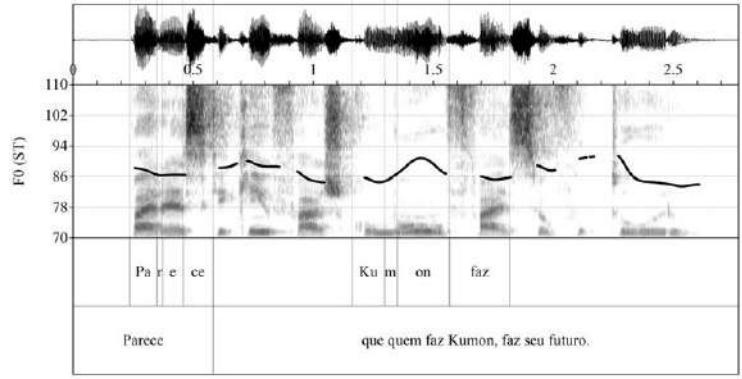


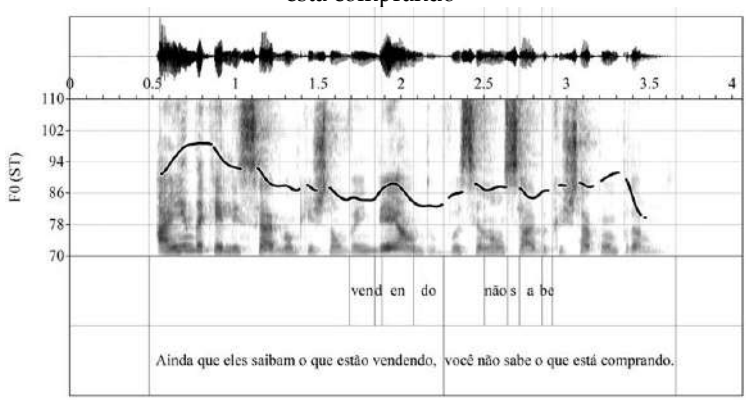
Figura 4: JB10E - "Parece que quem faz Kumon, faz seu futuro"



Quanto à hipotaxe, processo sintático caracterizado pela ausência de dependência sintática e pela presença de dependência semântica, analisou-se, neste estudo, *slogans* formados por cláusulas hipotáticas antepostas e por cláusulas hipotáticas pospostas. No primeiro tipo, observamos cento e noventa e oito marcações de descontinuidade entre a cláusula hipotática e a cláusula nuclear em um total de duzentas possíveis marcações, como exemplificado em (ii), o que mostra uma provável tendência. Quanto ao parâmetro modulação de F0, verificamos em trinta e seis de quarenta dados um padrão de F0 do tipo circunflexo na posição nuclear[8], conforme ilustrado na figura 5.

(ii) "**Para viver momentos repletos de felicidade**/ cuide bem da saúde" (*slogan* reescrito da propaganda da clínica de medicina nuclear Dimen)

Figura 5: B6HI - Ainda que saibam o que estão vendendo, você não sabe o que está comprando"



No que concerne ao segundo tipo de cláusula hipotática, a posposta, verificou-se um quantitativo bem equilibrado quanto às marcações de descontinuidade - noventa e cinco marcações de ruptura entre a cláusula nuclear e a cláusula hipotática e cento e

[8] O padrão circunflexo caracteriza-se por uma subida na tônica pré-ruptura e queda na pós-tônica na região que precede a ruptura.

cinco ausências de marcação em um total de duzentos dados, como exemplificado em (iii) e (ix).

(iii) "Não passe dos limites/ **se passar o cartão**"
(iv) "Não passe dos limites se passar o cartão" (*slogan* reescrito da propaganda do Banco Central do Brasil)

A respeito do segundo parâmetro prosódico, a modulação da F0, observou-se, mais uma vez, uma divisão bem equilibrada. Em dezoito enunciados dos trinta seis dados, verificou-se um padrão ascendente (L + H), atestado na figura 6, enquanto nos dezoito enunciados restantes, foi identificado um padrão descendente (H + L), como atestado na figura 7.

Figura 6: B42H - "Você faz seu caminho porque o SEBRAE vai junto".

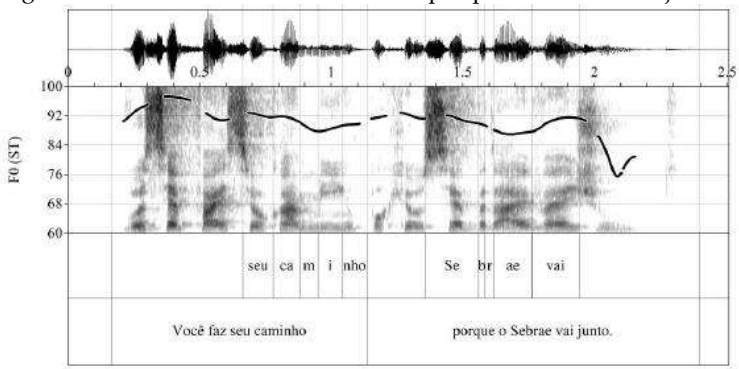
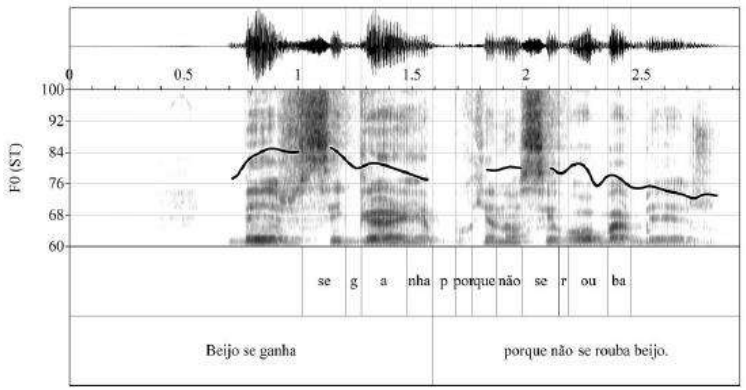


Figura 7: B31H - "Beijo se ganha porque beijo não se rouba"



Acerca do processo sintático da justaposição, caracterizado por Gonçalves (2017) como um processo sintático em que há autonomia sintática entre as cláusulas, ausência de conector introduzindo as orações e interdependência semântica entre as cláusulas, verificamos, no que se refere aos parâmetros prosódicos apontados, um alto índice de marcações de descontinuidade entre a cláusulas, com cento e oitenta e seis marcações dentre as duzentas possíveis na fronteira sintática, como ilustrado em (v). Além da ocorrência de dois padrões entoacionais, a saber, ascendente como ilustra a figura 8, e descendente, como exemplifica a figura 9.

(v) "**Você faz seu caminho**/ o Sebrae vai junto" (*slogan* da propaganda do mutirão da renegociação do SEBRAE)

De acordo com Gonçalves Mallmann (2021), as cláusulas justapostas tendem a apresentar um contorno ascendente no final da primeira oração quando há uma relação semântica causal, condicional ou proporcional, como o *slogan* da figura 8 em que pode ser inferida a relação semântica de causa, (porque) julga menos, curte mais, ou de condição, (quando) julga menos, curte mais, para citar algumas. Quanto ao contorno descendente no final da primeira cláusula, a linguista aponta que há uma tendência quando há a presença de negação na oração além da ideia de contraste, como em "Beijo **não** se rouba, se ganha".

Figura 8: JB9J - "Julgue menos, curta mais"

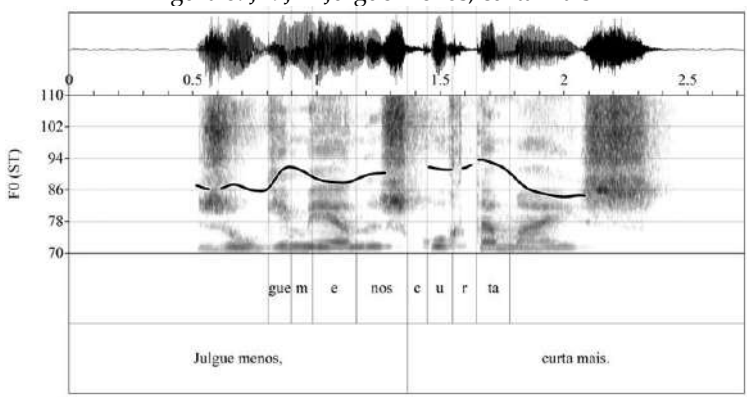
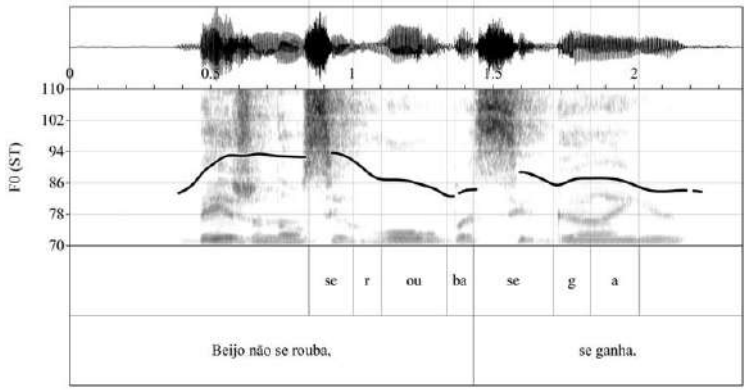


Figura 9: CB12J - “Beijo não se rouba, se ganha”



Quanto ao último processo sintático, a parataxe, este é descrito por uma independência sintática e semântica das cláusulas. No que tange aos parâmetros prosódicos, constatou-se, no teste de percepção, cento e quarenta e sete marcações de ruptura entre as cláusulas paratáticas, principalmente em orações introduzidas pelas conjunções “mas” e “por isso”, conforme ilustra o exemplo (vi), e cinquenta e três ausências de marcação, em um total de duzentas marcações possíveis.

(vi) “Não atrapalhe a circulação/ **por isso não sente no chão**” (*slogan* reescrito da propaganda do metrô de São Paulo)

Acerca do parâmetro contorno melódico, assim como nas cláusulas justapostas, as paratáticas não apresentaram um único padrão. Gonçalves Mallmann (2021) observou maior frequência da modulação de F0 ascendente ou praticamente continuativa em cláusulas paratáticas introduzidas pelo conector “e”, como ilustram, respectivamente, as figuras 10 e 11, e uma modulação de F0 descendente cláusulas paratáticas introduzidas pelo conector “mas”, como ilustra a figura 12. Essa constatação da linguista evidencia que a relação semântica reforçada pelo conteúdo semântico do conector que introduz a oração paratática pode influenciar o tipo de contorno melódico.

Figura 10: JB9P - "Julgue menos e curta mais"

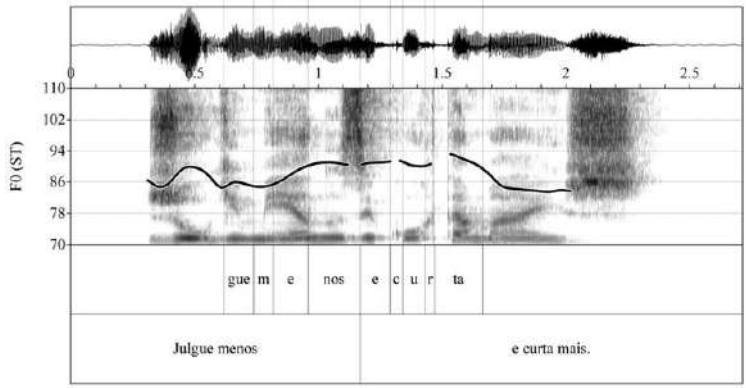


Figura 11: SB9P - "Julgue menos e curta mais"

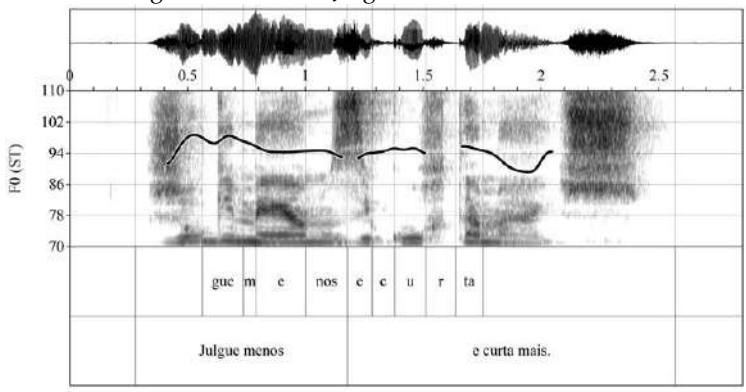
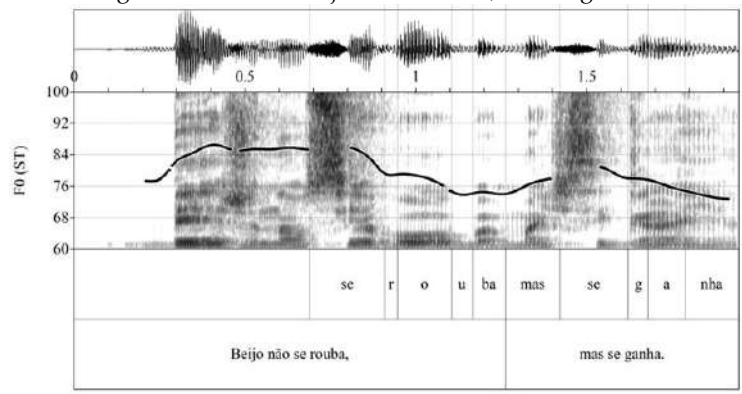


Figura 12: CB2P - "Beijo não se rouba, mas se ganha"



Deste modo, sobre os processos sintáticos analisados, observou-se que:

(i) as cláusulas encaixadas apresentaram pequena ocorrência de descontinuidades assinaladas e a modulação melódica extremamente sútil entre a cláusula matriz e subordinada, o que reforça a hipótese inicial de que os períodos compostos por orações encaixadas se caracterizam por apresentar pouca modulação de F0 e ausência de ruptura;

(ii) as cláusulas hipotáticas antepostas confirmaram a hipótese inicial ao apresentarem uma ruptura clássica entre a primeira e a segunda cláusula, e uma modulação melódica bem marcada entre a cláusula hipotática e a cláusula núcleo;

(iii) as cláusulas hipotáticas pospostas, por sua vez, apresentaram uma ausência de padrão no que se refere à modulação de F0 ou a presença/ ausência de descontinuidade entre as cláusulas, conforme prevista na hipótese inicial. Importante apontar que, como discutido por Gonçalves Mallmann (2021, p. 156), isso decorre, em parte, por conta dos contextos das propagandas e, consequentemente, da projeção de uma interação com o informante que pode influenciar na modulação da F0.

(iv) as cláusulas justapostas confirmaram a hipótese inicial na medida em que apresentaram uma ausência de contorno melódico característico já que ora houve um padrão entoacional ascendente, ora um padrão descendente e uma marcação de descontinuidade entre a primeira e a segunda oração.

(v) as cláusulas paratáticas também corresponderam à hipótese inicial na medida em que apresentaram dois padrões entoacionais e apresentaram descontinuidade em casos específicos, em cláusulas paratáticas encabeçadas pelos conectores "mas" e "por isso".

Palavras finais

Acreditamos que, embora tenhamos partido de uma amostragem pequena e com um gênero textual específico, as

propagandas, conseguimos, por meio dos critérios prosódicos, como a presença ou ausência de descontinuidade e o tipo de contorno da F0 entre as cláusulas, apontar tendências do comportamento prosódico de cláusulas encaixadas, hipotáticas, paratáticas e justapostas. Além disso, observamos que, assim como as cláusulas hipotáticas antepostas, as cláusulas justapostas apresentaram uma maior ocorrência de descontinuidade entre as fronteiras entoacionais e, assim como as cláusulas hipotáticas propostas, apresentaram uma ausência de padrão melódico já que ora apresentaram uma modulação de F0 ascendente e ora uma modulação de F0 descendente entre a primeira e a segunda oração. Essas características, juntamente com outras apresentadas por Gonçalves Mallmann (2021), a saber, maior ocorrência dos parâmetros 2º grau de incorporação marcada gramaticalmente de uma das orações e presença de afinidade semântica, mostram uma maior semelhança entre cláusulas hipotáticas e justapostas do que entre cláusulas paratáticas e justapostas como apontado pela tradição gramatical.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro**. Série Estudos, n. 8, 1982, p. 45-59.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

DECAT, Maria Beatriz. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N; SARAIVA, M. E. F; BITTENCOURT, V. O; LIBERATO, Y. G. **Aspectos da Gramática do Português***:* Uma abordagem funcionalista. Campinas: Mercado de Letras, 2001, cap.3, p. 103-166.

DIAS, Maria de Lurdes. **A articulação hipotática em construções proverbiais justapostas**. Dissertação (Mestrado em Língua

Portuguesa). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Biblograf, 1961. GONÇALVES, Adriana Cristina. **Não é o objeto, é a perspectiva: Justaposição como procedimento sintático. Uma análise sintática, pragmática e prosódica**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
GONÇALVES MALLMANN, Adriana Cristina. **A justaposição no continuum encaixamento, hipotaxe e parataxe**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
GONÇALVES, Adriana Cristina; RODRIGUES, Violeta. Avaliação e percepção: a expressividade de cláusulas justapostas. **Revista Entretextos da UEL**, Londrina, v. 20, p. 143/6-164, 2020. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/37307
HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Londres: Edward Arnold Publishers Ltda, 1985.
HOPPER, Paul; TROUGOTT, Elizabeth Gramaticalization across clause. In: **Gramaticalization**. CUP, Cambridge, 1993. Cap. 7.
KURY, Adriano. **Novas lições de análise sintática**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ática, 2002. LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. 2, Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1987.
LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Philadelphia: J. Benjamins, 1989.
LIMA-HERNANDES, Maria Celia. **Expressão de tempo na conexão de orações justapostas.** In.: Revista Eletrônica de Linguística, ano 2, nº 1, 1º semestre de 2008, p. 1 - 10.
MATEUS, Mira .; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub et al.H.. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2003.

MATTHIENSESSEN, C. & THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, John;THOMPSON, Sandra. (eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John's Benjamin Publishing, 1988, p. 275-329.
MORAES, João. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D. and DI CRISTO, A. (eds.) **Intonation Systems***:* a Survey of Twenty Languages, Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 179-194.
MORAES, João. (ms). **Prosódia e Suprassegmentos**, 2010.
NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.
NEY, J. L. **Guia de análise sintática**. Rio de Janeiro: sem editora, 1955.
OITICICA, José. **Manual da análise léxica e sintática**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.
PIERREHUMBERT, Janet **The Phonology and Phonetics of English Intonation**. Ph D Thesis, Massachusetts Institute of Technology, 1980.
RAPOSO, Eduardo; NASCIMENTO, Maria Fernanda; MOTA, Maria Antônia; SEGURA, Luisa; MENDES, Amália (Org.). **Gramática do Português**, vol. 1 e 2 (p. 1819-1897). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
RASO, Tommaso; MITTMANN, Maryualê. **O papel da pausa na segmentação prosódica de corpora de fala**. RELIN, v. 23, Edição Especial, 2015.
RODRIGUES, Violeta; DIAS, Maria de Lurdes. Justaposição: processo sintático distinto da coordenação e da subordinação? In: RODRIGUES, Violeta Virginia (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ. 2010. p. 11-29.
RODRIGUES, Violeta; GONÇALVES, Adriana Cristina. Comprou, levou? Justaposição: procedimento sintático comum em propagandas. **Revista Digital do Programa de Pós- Graduação em Letras da PUC-RS**. Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2015. 409-421 p., Disponível em http://revistaeletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/

RODRIGUES, Violeta; SILVESTRE, Aline. P. O 'desgarramento' de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal – RN. **Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE**. Campus Lagoa Nova – Natal – RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN, 2014. v.1. p. 1 - 11.

SANDMANN, Antônio. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SERRA, Carolina. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). 241p. – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SELKIRK, Elisabeth. **Phonology and syntax: the relations between sound and structure**. Cambridge: The MIT Press. 1984.

STEIN, Cirineu. C. **A Pré-Indicação Prosódica para as Orações Subordinadas Adverbiais no Português Brasileiro e no Francês**. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

"EM FUNÇÃO/RAZÃO/CONSEQUÊNCIA" DA CAUSA E DA CONFORMIDADE EM PREPOSIÇÕES COMPLEXAS

Carla Barbosa de Farias Santos
Marcos Luiz Wiedemer

Introdução

A Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante GCBU), entre as suas premissas, sustenta que o conhecimento linguístico consiste em uma rede de unidades simbólicas, ou seja, pares de forma-significado denominadas de construções. Além disso, essas construções são reconhecidas como coexistindo em vários níveis de complexidade, esquematicidade e analisabilidade (cf. Goldberg, 2003), e "a rede de construções captura nosso conhecimento gramatical da linguagem *in toto*"[1] (Goldberg, 2006, p. 18). Assim, a GCBU deve considerar em sua análise padrões menos idiomáticos e mais analisáveis em termos de mecanismos semântico/sintáticos gerais, e "muitas vezes idiossincráticos, imprevisíveis e cheios de exceções" (Hilpert, 2021, p. 37).

Preposições complexas (*em função de*, *em razão de*, *em consequência de*) são um bom exemplo disso. Embora muito comum em português (cf. Wiedemer, 2013; Paiva, 2016; Costa, 2018; entre outros), seu estatuto é debate em relação à forma e ao seu significado. Por um lado, as abordagens tradicionais negam a existência de preposições complexas como unidade (cf. Bechara,

[1] Cf. original: "the network of constructions captures our grammatical knowledge of language in toto".

2009; Rocha Lima, 2011 entre outros), e fundamentam que uma sequência de palavras contíguas sempre pode ser dividida em unidades menores de análise. Já as gramáticas descritivas assinalam a existência de um *continuum* que varia de unidades livres a unidades fixas, bem como reconhecem a existência de preposições complexas (por exemplo, Castilho, 2010; Neves, 2012; Ilari, 2015). Além disso, essa ideia de um *continuum* tem recebido validação empírica em estudos baseados no uso (cf. Wiedemer & Paiva, 2020; Wiedemer & Oliveira, 2019; Wiedemer & Costa, 2019 entre outros).

Em relação ao significado, a maioria das preposições complexas, comumente, é vista a partir da localização espacial/eixos espaciais (Tyler & Evans, 2003, Lehmann, 2016, Castilho 2010, Ilari, 2015), em que denotam uma relação de um objeto e uma entidade localizada (Wiedemer, 2014). Embora esse modelo possa prever diferentes facetas semânticas das preposições complexas, não apresenta uma sustentação explicativa para significados fora deste escopo, conforme estudos desenvolvidos por Costa (2019), que investigou os advérbios preposicionais; por Paiva (2016), que investigou os relatores circunstanciais; e por Leite & Wiedemer (2021) e Monteiro (2024), do uso como encapsulamento promovido por preposições complexas, bem como as pesquisas desenvolvidas por Silva (2024) que indica o uso em construções de concernência.

Além disso, Santos (2023), atesta que o esquema [Prep$_{(Em)}$SN$_{(x)}$Prep$_{(de)}$Det$_{(artigo,\ adjetivo,pronome)}$ X$_{(SN)}$] instancia noções de conformidade, causa/consequência, finalidade e explicação. Santos e Wiedemer (2024) também indicam que essas preposições complexas desempenham um papel crucial na estruturação e na progressão do discurso, atuando como conectores textuais que estabelecem relações lógicas entre diferentes partes do texto.

Neste capítulo[2], revisitamos os resultados empreendidos por Santos (2023) sobre as microconstruções (*em função de*, *em razão de*, *em consequência de*) de modo a evidenciar traços de locuções adverbiais e locuções conjuntivas, e procuramos evidenciar que essas microconstruções apresentam instâncias de sentido distribuídas num *continuum* categorial de causa/consequência e conformidade. Vejamos um contexto de uso em (01), a seguir.

(01) "*Quando o João nasceu, os médicos me disseram que ele chegaria apenas aos 10 anos,* ***em função da*** *síndrome dele, que é grave e rara. Passamos a fazer tratamento no Centrinho, que é como se fosse minha segunda casa", conta a mãe do menino*".
Fonte: https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2019/06/30/apos-enviar-carta-para-pm-menino-com-sindromes-raras-ganha-festa-de-aniversario-surpresa-de-policiais.ghtml

Conforme podemos observar no enunciado (01), é perceptível que a construção aqui analisada colabora no processo de progressão textual (ver Santos & Wiedemer, 2024) e, apesar de ter estrutura de locução prepositiva, apresenta função de locução conjuntiva com valor causal. Assim, *"em função de"* mostra a causa/motivo de João chegar apenas aos 10 anos de idade, que é a existência da síndrome rara. Podemos classificar como locução adverbial, sendo o modo da coisa, ou seja, a própria causa. Interessante notar que o contexto discursivo estabelece a relação de consequência > causa, pois a morte precoce de João é o efeito da doença preexistente.

Assumimos a abordagem construcionista da gramática, conforme proposta por Goldberg (1995), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), que considera a língua como uma representação cognitiva da experiência humana, sendo influenciada pelo contexto social e pragmático. Neste sentido, os dados analisados são considerados *construções*, uma vez que entendemos que as

[2] Este capítulo é um recorte da dissertação de Mestrado de Farias Santos (2023) com modificações.

unidades linguísticas são formadas pelo pareamento de forma e significado (Goldberg, 1995).

Para a análise, utilizamos dados extraídos do *Corpus do Português*, amostra *Now*, disponível no endereço eletrônico https://www.corpusdoportugues.org/. A metodologia utilizada é de natureza quali-quantitativa, com dados extraídos de jornais e revistas da web. Foram levantados 500 dados, sendo 100 de cada construção. Os dados foram verificados um por um, através do recurso de busca de cada site disponibilizado no *corpus*, sendo desconsideradas as ocorrências repetidas. Os resultados evidenciam a produtividade de cada construção e revelam diferentes relações semânticas a depender do posicionamento das construções nos enunciados e dos elementos que possam preencher o *slot X*.

Em função do usos encontrados, apresentamos nossa análise

Em relação à microconstrução [Em função de X], o slot X é preenchido somente por SN. Apesar disso, ao observar os contextos de uso, verificamos que há duas possibilidades de ordenação sintática: uma no início do enunciado e outra no meio. Vejamos alguns exemplos.

(02) *"Tudo indica que nossas preces foram ouvidas e Sandman, série de quadrinhos assinada pela mente criativa e brilhante de Neil Gaiman, vai virar série. De acordo com o The Hollywood Reporter, a Warner Bros. TV levou o projeto para várias plataformas de streaming, incluindo a HBO, que recusou a ideia, alegando que era uma produção muito cara. Porém, a maravilhosa Netflix resolveu desembolsar o valor do orçamento e está apostando que Sandman pode ser um fenômeno, assim como Game of Thrones.* ***Em função da*** *complexidade da obra de Neil Gaiman, desde 1990, roteiristas e diretores tiveram muita dificuldade em adaptar as ideias do autor em um filme, mas parece que agora vai! Com o sucesso de American Gods e Good Omens, também de Gaiman, na Amazon Prime, a Netflix tem nas mãos um dos grandes trunfos do autor e uma das séries de quadrinhos mais icônicas e bem escritas".*
Fonte: https://www.ofuxico.com.br/noticias/sandman-de-neil-gaiman-sera-adaptada-pela-netflix/

(03) *"A Prefeitura Municipal de São Paulo vai interditar o Viaduto Miguel Mofarrej, na Vila Leopoldina, na Zona Oeste de São Paulo, para veículos pesados a partir da 0h deste sábado (29). O motivo da medida foi o resultado de uma inspeção especial realizada no viaduto que constatou uma fissuração dos vãos centrais. Segundo os técnicos, isso indica a perda da integridade estrutural. Trânsito de veículos leves estará liberado. A interdição será para a circulação de caminhões, ônibus ou qualquer outro tipo de veículo pesado no viaduto. Em nota, a prefeitura informou que o viaduto passará por obras emergenciais para garantir a segurança as pessoas que trafegam pelo local.* ***Em função do*** *indício de problema estrutural apontado na vistoria, a prefeitura já havia determinado há 20 dias a realização de monitoramento da estrutura, por meio de instrumentos".*
Fonte: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/28/prefeitura-de-sp-intertida-viaduto-miguel-mofarrej-para-veiculos-pesados.ghtml

(04) *"Tenho de ter uma agenda muito organizada, planear bem tudo* ***em função de*** *testes e competições. Tento estudar quando estou nas provas internacionais e uma componente muito importante é a atenção nas aulas, captar o máximo que consigo", conta a mais velha de três irmãs".*
Fonte: https://desporto.sapo.pt/modalidades/artes-marciais/artigos/marta-caride-campea-nacional-de-esgrima-em-dose-dupla-e-a-sonhar-com-toquio2020

(05) *"O Parque de Guartelá leva o seu nome* ***em função da*** *crença de que tesouros eram guardados nas paredes do Cânion", diz o diretor de Gestão do Patrimônio Natural do Instituto Água e Terra, Aristides Athayde. "Guarda-te-lá diziam os antigos moradores e esses tesouros ficavam assim, protegidos pelas imensas paredes de pedra, que ainda hoje enfeitam a região", afirma."*
Fonte: https://paranaportal.uol.com.br/cidades/parque-do-guartela-e-opcao-para-aventureiros-no-fim-de-semana/

No exemplo (02), "em função de" abre um novo segmento e evidencia a informação de que a obra de Neil Gaiman é complexa. Nesse sentido, percebemos um valor adverbial de conformidade, apesar de a estrutura sintática apresentar um SN após a construção investigada. A conformidade, nesse caso, ocorre entre duas situações ou ações, estabelecendo uma relação de acordo, adaptação ou correspondência entre a informação apresentada na oração principal — "roteiristas e diretores tiveram muita dificuldade em adaptar as ideias do autor em um filme" — e a

indicação de quem teve dificuldade em adaptar essas ideias. Se observarmos, essa contraposição de ideias é acompanhada por uma oração coordenativa adversativa — "mas parece que agora vai" — , que indica uma perspectiva mais otimista. Assim, "em função de" expressa uma relação de conformidade, pois se refere à complexidade da obra de Neil Gaiman. Dessa forma, a construção "Em função da complexidade da obra de Neil Gaiman desde 1990" estabelece uma relação de conformidade entre essa complexidade e a dificuldade dos roteiristas e diretores em adaptar as ideias do autor para o cinema. Isso significa que a dificuldade dos roteiristas e diretores em adaptar as ideias do autor está em conformidade com a complexidade da obra de Neil Gaiman desde 1990. A expressão "em função de" enfatiza que a complexidade da obra é a razão ou o motivo que justifica a dificuldade encontrada na adaptação para um filme.

No segmento (03), observamos o mesmo funcionamento. O período "Em função do indício de problema estrutural apontado na vistoria" retoma informações já apresentadas no início do texto, evidenciando o problema da fissuração dos vãos centrais. Observamos que a construção "em função de", ao iniciar a oração, estabelece uma relação de conformidade entre um fato e outro. Nesse sentido, a inversão da ordem direta da oração é uma estratégia textual para enfatizar essa relação e dar continuidade ao texto, que se desenvolve em torno da problemática dos viadutos.

Em relação às construções conformativas, Neves (2011) pontua que a construção expressa um fato que ocorre em conformidade com o que é expresso na oração principal. Sendo assim, pode ser considerada um fato que se dá em conformidade com uma possibilidade existente no ato de fala. Além disso, pode relacionar-se a dois atos de fala, ou seja, quando o falante apresenta uma declaração que configura em conformidade com o que foi dito por outro emissor.

A autora afirma, ainda, que a construção conformativa é formada por um período composto, constituído por uma oração principal, ou nuclear, e uma oração conformativa, que pode ser posposta ou

anteposta à oração principal. As principais conjunções utilizadas para introduzi-la são "conforme", "como", "segundo" e "consoante". É importante salientar que esses elementos também funcionam como preposições acidentais/atípicas (cf. Wiedemer & Oliveira, 2020), introduzindo sintagmas nominais para estabelecer uma relação semântica circunstancial de conformidade (Neves, 2011).

Já em (04), a construção "em função de" aparece no meio do enunciado. Além de evidenciar "testes e competições", também expressa um valor de conformidade. A expressão demonstra que a pessoa está ajustando sua organização e planejamento de acordo com a presença de testes e competições, indicando conformidade ou adequação. Assim, a construção pode ser substituída, por exemplo, pelas conjunções adverbiais "como", "conforme", "segundo" e "consoante". Além disso, esse exemplo se aproxima do valor circunstancial de finalidade, uma vez que "em função de testes e competições" expressa o objetivo a ser alcançado pelo emissor, que apresenta na oração principal atitudes direcionadas para atingir esse propósito. Essas ações também são marcadas pelas construções no infinitivo "tenho de ter" e "planear".

Em relação às orações finais, Neves (2011) assevera que elas se caracterizam semanticamente como expressões de finalidade ou propósito, motivando o evento expresso na oração principal. Além disso, a autora afirma que o contexto mais característico de uma oração final é a sua ligação com uma oração principal cujo sujeito seja capaz de exercer controle sobre o evento expresso na oração final.

O enunciado (05) também apresenta a construção "em função de" no meio do enunciado, evidenciando o sintagma nominal "crença". Além de estabelecer uma relação de conformidade entre a oração principal e a oração desenvolvida, podemos afirmar, numa análise semântica, que "O Parque de Guartelá leva o seu nome de acordo com a crença de que tesouros eram guardados nas paredes do Cânion". Assim, "de acordo com" introduz a base ou a razão pela qual o nome foi atribuído. Nesse contexto, constatamos o sentido de correlação, adaptação ou correspondência entre as orações.

Nos dados analisados, encontramos apenas mais dois contextos de uso de "em função de" no início dos enunciados, além dos exemplos apresentados em (04) e (05). Dessa forma, obtivemos um percentual de 4% do total de casos desse tipo de estrutura.

Apesar da baixa frequência no *corpus* investigado, temos duas possibilidades de ocorrências de [Preposição$_{(Em)}$ SN$_{(FUNÇÃO)}$ Preposição$_{(de)}$ Det$_{(artigo/adjetivo/pronome)}$ X$_{(SN)}$], sendo em meio do enunciado (com 96%) ou no início (com 4%) das ocorrências. Vejamos, ainda, os outros dois usos de "*em função de*" no início do enunciado, conforme os exemplos (06) e (07), abaixo:

(06) *"Bandidos atiraram contra a Cidade da Polícia, na Zona Norte do Rio, pouco antes do governador Wilson Witzel chegar para uma cerimônia de formatura de policiais no início da tarde desta sexta-feira (28). Houve confronto entre criminosos e policiais e o governador só conseguiu chegar ao evento em um helicóptero blindado.*

Os tiros começaram justamente no horário previsto para o início da cerimônia. Muitos policiais saíram das delegacias especializadas, entraram na favela do Jacaré e revidaram.

Segundo os policiais, a comunidade é dominada por uma das principais organizações criminosas do Rio. Mais cedo, o governador disse que recebeu informação do Comandado da Polícia de que essa mesma facção estaria sem munição.

Em função do** tiroteio, a cerimônia de formatura de 160 papiloscopistas, profissionais que trabalham com reconhecimento de pessoas, começou com atraso."**
Fonte: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/28/tiroteio-perto-da-cidade-da-policia-atrasa-a-chegada-do-governador-do-rj-em-evento.ghtml

No exemplo (06), a microconstrução "em função de" abre um novo enunciado, evidenciando o conteúdo apresentado. Além de topicalizar a informação, o valor consecutivo se confirma ao estabelecer correspondência com toda a informação anterior. Nesse sentido, a ação da cerimônia foi influenciada pela ocorrência do

tiroteio, retomado na cena seguinte por meio das expressões "os tiros" e "revidaram". Percebemos, nesse contexto, que, em consequência do tiroteio, o evento foi adiado ou, ainda, que os tiros foram a causa do adiamento do evento.

(07) *"Por solicitação do bastonário da Ordem dos Advogados, Rui Alves Pereira, sócio da JPAB – José Pedro Aguiar-Branco Advogados, emitiu um parecer sobre a presença dos advogados dos progenitores nas diligências destinadas à audição das criança, um assunto que tem merecido posições contrárias nos tribunais. Em função do manifesto superior interesse da criança, o sócio coordenador da área de Private Clients da JPAB considera que aquela presença deve ser restringida, "com vista a garantir, nomeadamente, a espontaneidade e a sinceridade da opinião da criança.""*
Fonte: https://eco.sapo.pt/2019/06/26/ordem-dos-advogados-adota-parecer-de-rui-alves-pereira/

Em (07), temos novamente a topicalização da construção "em função de", que retoma o referente "criança". Nesse caso, podemos considerar a noção de conformidade com a informação já apresentada no texto: "diligências destinadas à audição da criança", cuja presença dos advogados dos progenitores é um tema discutido nos tribunais. Ao retomar essa informação, acrescentam-se novos elementos textuais, como a opinião do sócio coordenador da área de Private, que considera importante a restrição da participação dos advogados.

Sobre o valor conformativo, Azeredo (2014) apresenta uma correlação comparativa entre a conjunção "como" e as conjunções "conforme", "segundo" e, mais raramente, "consoante". Neves (2011) pontua que as orações conformativas podem ser organizadas na ordem direta, como orações pospostas [Oração Principal < Conforme < Oração Conformativa], ou na ordem inversa, como orações antepostas, iniciadas pela conjunção [Conforme < Oração Conformativa < Oração Principal]. Apesar de não tratarem especificamente dos usos aqui investigados, buscamos estabelecer relações entre abordagens e pesquisas sobre preposições e

conjunções, a fim de apontar diferenças e semelhanças em seu funcionamento linguístico.

Diferentemente de Neves (2011), Azeredo (2014) e Castilho (2019) afirmam que as sentenças adverbiais compartilham propriedades semânticas coesas, mas, ao mesmo tempo, apresentam características sintáticas diversas, o que as torna heterogêneas em termos de estrutura. De acordo com esses autores, quando as orações adverbiais atuam como adjuntos verbais, deveriam ser passíveis de submissão ao teste de focalização. Sobre esse teste, Castilho explica o seguinte:

> A focalização é um mecanismo próprio da estrutura informacional da sentença, acionado sempre que queremos destacar, enfatizar, **pôr em relevo algum de seus constituintes.** […] a focalização aciona recursos tais como (i) a prosódia, mudando a tessitura do segmento; (ii) a anteposição do segmento; (iii) a utilização de operadores tais como **é que** (clivagem), **só** e **apenas** (advérbios de focalização) etc. […] A focalização aparece aqui como um recurso precioso, pois apenas os constituintes de uma sentença podem ser focalizados, seja por meio dos advérbios especializados nesse trabalho, como **só** e **apenas**, seja por meio da expressão clivadora **é que**. Se a operação não der certo, você achou uma expressão situada fora da unidade sintática sob análise (Castilho, 2019, p. 274-275).

Dessa forma, Castilho alude a questão do relevo e destaque à focalização. Ao aplicar o presente teste de focalização, o autor chega à seguinte conclusão:

> Funcionando como constituintes em adjunção ao verbo da sentença matriz, elas deveriam aceitar o teste de focalização por meio de **somente** e **é que** [...]. Admitindo-se que todas elas funcionem como um adjunto adverbial, todas poderiam ser focalizadas. Mas se as focalizarmos, notaremos que elas mostram um comportamento heterogêneo. **Assim, podem ser focalizadas as causais, as condicionais, as temporais, as finais e as proporcionais, estas, na verdade, um subtipo das temporais** (Castilho/Carratore,1965). **Não podem ser focalizadas as concessivas, as comparativas, as consecutivas e as conformativas, que não são, portanto, sentenças adverbiais** (Castilho, 2019, p. 372, GRIFOS NOSSOS).

Em muitos casos, quando ocorre no meio de enunciados, é perceptível que a construção "em função de" expressa os sentidos de "de acordo com", "em conformidade com", "em dependência de" ou "em resultado de". Vamos resumir essas possibilidades a partir da construção "[X de acordo com Y]", que passa a indicar uma relação de finalidade ou dependência entre dois termos, conforme o esquema a seguir.

SIGNIFICADO: X de acordo com Y
FORMA: [Prep(Em) SN(FUNÇÃO) Pre(de) Det(artigo/adjetivo/pronome) X(SN)]
Constructo licenciado: em função de

Vejamos, a seguir, mais três exemplos.

(08) *"Quando definimos o número de lugares disponíveis para o público em nossos eventos, levamos em consideração a ocupação capaz de dar uma experiência ótima para os frequentadores, e esse número pode variar* ***em função de*** *escolhas como posição de palco, identificação de lugares de visibilidade impactada, necessidade de telas repetidoras etc. Sendo assim, a ocupação real de uma arena dificilmente corresponde à "ocupação máxima", pois não leva em consideração vários fatores referentes à produção do evento em si. Para essa final, buscamos maximizar a disponibilidade de lugares que permitam a experiência que queremos oferecer".*
Fonte: *https://maisesports.com.br/lol-diretor-riot-cblol-carioca/*

(09) *É mais do que um acaso e menos do que um imperativo. No que toca à tradução audiovisual, cada país fez a sua escolha* ***em função de*** *uma história e de um mercado.*
Fonte: *https://expresso.pt/sociedade/2019-06-30-Como-dobrar-o-cabo-das-legendas*

(10) *"O sistema de bandeiras tarifárias foi criado, de acordo com a Aneel, para sinalizar aos consumidores os custos reais da geração de energia elétrica. O funcionamento das bandeiras tarifárias tem três cores, a verde, a amarela e a vermelha (nos patamares 1 e 2), que indicam se a energia custará mais ou menos* ***em função d****as condições de geração".*
Fonte: *https://rondoniaovivo.com/brasil-e-mundo/noticia/2019/06/29/mais-cara-aneel-define-bandeira-amarela-nas-contas-de-energia-de-julho.html*

No exemplo (08), a relação de dependência entre os enunciados é marcada pelo fato de que a escolha dos lugares está em conformidade com o objetivo antecipado na oração anterior: "levamos em consideração a ocupação capaz de proporcionar uma experiência ótima para os frequentadores". Assim, percebe-se que a seleção dos locais deve seguir os critérios estabelecidos. Além disso, a microconstrução "em função de" opera como um mecanismo de progressão textual ao acrescentar e exemplificar as características dos espaços, como a posição do palco, a identificação de locais com visibilidade reduzida e a necessidade de telas repetidoras, entre outros aspectos.

Em (09), o valor conformativo é evidenciado no fragmento "em função de uma história e de um mercado", ao se relacionar com a informação anterior. Assim, podemos afirmar que a escolha de cada país foi pautada de acordo com e em concordância com a trajetória histórica e mercadológica.

No enunciado (10), as cores das bandeiras tarifárias são marcadores que indicam a elevação ou diminuição da energia, tendo em vista as condições de geração. Nesse sentido, as tarifas serão cobradas "de acordo com" ou "conforme" o consumo. Essa natureza semântica de conformidade também traz a noção de evidência, pois reitera e enfatiza a informação apresentada.

Em nossa análise dos dados, observamos que, além do valor conformativo evidenciado na maior parte dos exemplos, a microconstrução "em função de", quando posicionada no meio do enunciado, também apresenta o valor de causa. Vejamos os exemplos (11) a (13):

(11) *"Se no dia 26 de maio a mobilização levou seis trios mais dois carros de apoio à avenida, com direito a shows de bandas de brega local, desta vez o protesto foi mais enxuto. Dois trios elétricos grandes, do movimento Direita Pernambuco e do Vem Pra Rua, além de três carros de som menores, conduziram os participantes desde as imediações da Padaria Boa Viagem ao Segundo Jardim de Boa Viagem. A mobilização começou por volta das 14h e, diferente da última, voltou a ter o apoio do Movimento Brasil Livre (MBL), citado em uma das matérias publicadas pelo Intercept. De acordo com os organizadores, já era*

*esperado um público menor, **em função d**as festividades juninas e também da proximidade com o protesto anterior".*
Fonte:
https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2019/06/protesto-em-defesa-de-sergio-moro-leva-publico-menor-que-ultimo-ato-pr.html

(12) *"As exportações caíram **em função d**a retração no crescimento da Europa, e também por conta do tipo de pauta brasileira. O Brasil vende muita soja, minério, que são coisas que a UE até compra, mas nem tanto", diz Lia Valls Pereira, do FGV/IBRE".*
Fonte: *https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/28/acordo-com-uniao-europeia-tira-mercosul-de-isolamento-entenda.ghtml*

(13) *"A gravidez não planejada aconteceu **em função d**a cantora ter interrompido completamente o uso de anticoncepcional por conta dos procedimentos estéticos que realizou recentemente"..*
Fonte: *https://www.otvfoco.com.br/marilia-mendonca-surge-em-primeira-foto-mostrando-a-barriga-de-gravida-e-chama-atencao-por-detalhe/*

Em (11), percebemos que, por causa das festividades juninas, era esperado um público menor no protesto. Nesse sentido, a dependência semântica entre os enunciados se estabelece na relação de causa e consequência. Já em (12), percebemos que a construção "em função da retração" também apresenta a natureza semântica de causa, uma vez que, por causa e por motivo da retração no crescimento da Europa, temos como consequência a diminuição das exportações. O mesmo ocorre em (13), em que "em função de" apresenta a causa para a gravidez não planejada. Nesse contexto, temos, nos três exemplos, a seguinte correlação: [CONSEQUÊNCIA < CAUSA].

SIGNIFICADO: X é CAUSA da CONSEQUÊNCIA de Y FORMA: [Prep(Em) SN(FUNÇÃO) Prep(de) Det(artigo/adjetivo/pronome) X(SN)] Constructo licenciado: em função de

Neves assevera que as construções causais apresentam as seguintes relações expressas:

> Num sentido estrito, a relação causal diz respeito à conexão **causa-consequência**, ou **causa-efeito**, entre dois eventos. Essas relações se dão **entre predicações (estados de coisas),** indicando "causa-real", ou "causa eficiente", ou "causa efetiva". Assim, estritamente entendida, a relação **causal** implica subsequência temporal do **efeito** em relação à **causa.** (NEVES, 2012, p. 804)

De acordo com Neves (2012), as construções complexas causais são representadas pelas conjunções *"porque"*, *"como"*, *"pois"*, *"porquanto"*, *"que"* e locuções causais *"já que"*, *"uma vez que"*, *"dado que"*, *"desde que"*, *"visto que"*, *"visto como*", "pois que", *"tanto mais que"*, *"por causa que"*, *"por isso que"*. Apesar de a autora não apresentar a construção *"em função de"* no rol das construções causais, apoiamo-nos na seguinte afirmação sobre o posicionamento da construção em relação à ordem da **causa-efeito** ou **efeito-causa**:

> As **causas** com ***PORQUE*** - que é a conjunção mais usada - são normalmente pospostas, e isso confere a essas **orações causais** um valor informacional ligado a informação **nova.** Os casos de **orações causais** com ***PORQUE*** antepostas geralmente são marcados, com anteposição obtida por extraposição, para **focalização.** (NEVES, 2012, p. 808).

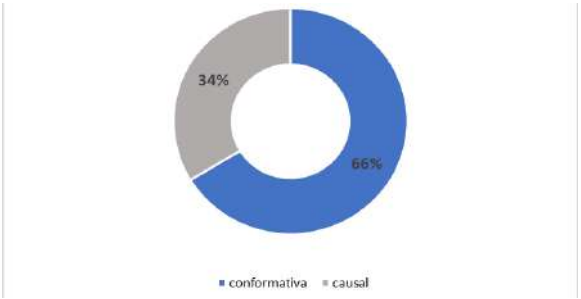
Nesse contexto, o exemplo (14) mostra a correlação [CAUSA<CONSEQUÊNCIA]:

(14) *"A direção do Mercado Central de Belo Horizonte esclarece que a 3ª Festa Junina foi transferida para o dia 28 de julho de 2019. O evento seria realizado nesta sexta-feira, mas* ***em função d****a grande procura pelo público em geral teve que ser adiado".*
Fonte: *https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2019/06/28/san-siro-sera-demolido-ou-seguira-de-pe-para-jogos-de-2026.htm*

O exemplo (14) apresenta o valor causal anteposto através da informação "em função da grande procura do público em geral". Em seguida, a consequência é mostrada pelo efeito da causa, que foi o adiamento do evento. Nesse contexto, podemos depreender, a partir das considerações de Neves (2011), que essa é uma estratégia de focalização para evidenciar a informação.

Ao analisarmos a produtividade da microconstrução "em função de" com sentido de causalidade ou conformidade, das 95 ocorrências, observamos uma frequência de 66% da construção "em função de" com valor de conformidade e 34% com valor de causa e efeito, conforme demonstra o gráfico abaixo:

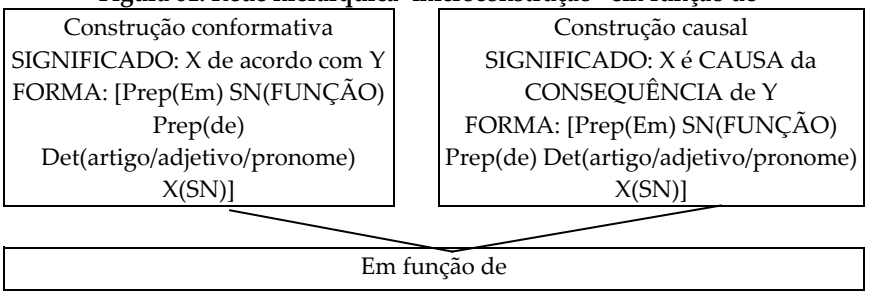
Gráfico 1: Porcentagem de usos "em função de" - Valor de Conformidade e Causalidade



Fonte: adaptado de Santos (2024).

Por fim, vimos que a microconstrução "em função de" ocorre com maior ocorrência do valor conformativo, mas também pode ser acionada para expressar o sentido de consequência. Uma hipótese que podemos pensar é o desenvolvimento do valor de causa/consequência a partir da ideia de finalidade, que pode ocorrer em alguns enunciados conformativos. No entanto, essa hipótese ainda necessita de investigação futura. Abaixo, representamos ambos os contextos de uso na rede construcionista.

Figura 01. Rede hierárquica- microconstrução "em função de"



Fonte: adaptado de Santos (2024).

"Em razão de" ***versus*** **"em consequência de": causa e consequência**

Em relação à microconstrução "em razão de", observamos que, das 96 ocorrências, 91 apresentam a construção no meio do enunciado, enquanto apenas 5 iniciam a oração. Nos exemplos (15), (16) e (17), podemos observar a natureza semântica da microconstrução "em razão de" nos seguintes exemplos:

(15) *"Apesar das conquistas recentes, o treinador já estava balançando no cargo* ***em razão d****a má campanha feita no Brasileirão. Com uma vitória, três empates e cinco derrotas, o CSA está na vice-lanterna (19.ª colocação), com seis pontos".*
Fonte: *https://www.terra.com.br/esportes/csa/marcelo-cabo-e-demitido-do-cargo-de-tecnico-no-csa-apos-perder-amistoso-no-recife,82476f7082af2fd9d45449aa70407372f6koxvlv.html*

(16) *"No ano passado, por exemplo, o atleta ganhou notoriedade ao participar das manifestações* ***em razão d****a morte do líder mapuche Camilo Catrillanca, que levou um tiro pelas costas feito por um policial".*
Fonte: *https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/06/30/lateral-do-chile-e-simbolo-de-luta-contra-o-preconceito-no-pais.htm?cmpid=copiaecola*

(17) *"Ou seja, um eclipse observado hoje irá repetir o seu tipo e formato daqui a 18 anos, com um detalhe, ele só não irá ocorrer próximo ao mesmo local, devido o seu ciclo, além dos dias, ter cerca de 8 horas adicionais no dia. No caso de um eclipse solar, isso significa que a região de ocorrência do eclipse solar irá se deslocar a cerca de 120º a oeste,* ***em razão d****a terra ter girado em 8 horas, 1/3 de seu percurso de rotação de um dia."*
Fonte: *https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/eclipse-solar-total-ocorre-nesta-ter%C3%A7a-na-am%C3%A9rica-do-sul-1.348572*

No exemplo (15), a construção "em razão de" estabelece a relação lógica de causa e efeito entre os enunciados. Nesse sentido, a má campanha feita pelo Brasileirão é o motivo para o treinador estar balançando no cargo. O SN "razão" dentro da construção complexa também contribui para o sentido de causalidade, por possuir um significado mais fixo, como veremos mais adiante.

Em (16), observamos que, por causa da morte do líder mapuche Camilo Catrillanca, consequentemente, o atleta ganha notoriedade. O exemplo também estabelece a relação de causa e efeito ou causa e consequência. Segundo Neves (2011), geralmente, essa relação lógica é estabelecida primeiramente pela anteposição da causa, o que não se verifica em (16). Sobre isso, a autora afirma que a verificação da relação causa-efeito é induzida por uma preconização icônica, o que não se caracteriza por uma ordem cronológica de eventos, "já que, por definição, cada enunciado constitui uma versão particular - com base cognitiva - da organização dos fatos"(Neves, 2011, p. 816).

O mesmo ocorre em (17), no tratamento sobre o eclipse solar. Podemos verificar que, pelo fato de a Terra ter girado por 8 horas, a região de ocorrência do eclipse solar irá se deslocar a cerca de 120º a oeste. Essa ocorrência, no entanto, apresenta a seguinte sequência de sentidos: [CONSEQUÊNCIA - CAUSA]. Sobre a posição do ponto de vista lógico-semântico, Neves apresenta o seguinte entendimento:

> Não há em nada problemática essa ordenação, tendo em vista que os **enunciados** da língua não são peças lógicas, e que **iconicidade** pode ser mais eficazmente avaliada em termos discursivos: na maior parte dos casos, primeiro se assenta a informação compartilhada (seja ela um **efeito** ou uma **causa**), e depois se traz a informação nova (seja ela uma **causa** ou um **efeito**), embora a língua tenha mecanismos para marcar diferentemente algumas construções (Neves, 2011, p. 814).

A autora ainda assevera que a subsequência dos sentidos se subordina à escolha que o falante faz da apresentação dos fatos, o que reflete não apenas a percepção dos eventos (percepção cognitiva), mas também a organização da fala particular aliada à intenção comunicativa (Neves, 2012).

Diante disso, ao observar o significado da microconstrução "em razão de" nos enunciados (15), (16) e (17), é possível depreender essa organização de sentidos, em que a construção

introduz uma causa antecedida de uma consequência. Neves justifica o fenômeno da seguinte maneira:

> O que ocorre são diferentes estratégias que regem a escolha, com diferentes efeitos informativo-pragmáticos: entre uma e outra formulação muda a distribuição de informação, em termos de progressão informativa, assim como diferentemente se resolve no nível do texto, a continuidade tópica (Neves, 2011, p. 817).

Além de verificarmos a ordenação de sentidos da construção causal no meio dos enunciados, precisamos examinar a natureza semântica da palavra "razão". Nesse sentido, cabe destacar a definição do verbete descrita pelo Dicionário Online Aulete, que a emprega para demonstrar a causa, o motivo e a explicação. É interessante observar também que o dicionário apresenta as variações das locuções prepositivas, incluindo "em razão de" com o significado de "por motivo de".

Neves também aponta que as relações de sentido das construções causais percorrem um espectro que vai da causa eficiente à justificação. Desse modo, "a causalidade é enunciada e não (cientificamente comprovada)", abrangendo relações como razão, motivo e explicação (Neves, 2011, p. 816).

É importante verificarmos que o valor prototípico das expressões linguísticas de ligação causal é marcado pelo conector "porque" e seus equivalentes. De acordo com Neves (2011), a causalidade não se restringe à relação efetiva entre os conteúdos, ou seja, à relação causa-consequência ou consequência-causa, mas também se refere às relações que podem ser marcadas por um julgamento ou crença do falante, existentes no domínio epistêmico, entre proposições (fatos possíveis), ou por relações entre um ato de fala e a expressão da causa que motivou esse ato linguístico (Neves, 2011).

Podemos compreender, portanto, que as relações causais não se articulam apenas aos períodos compostos por subordinação, mas também através das orações coordenadas explicativas, que

podem apresentar relações entre um ato de fala declarativo, interrogativo ou injuntivo (deôntico ou imperativo)[3].

Nesse sentido, Neves (2011) destaca que "na relação de causalidade entre diferentes atos de fala nunca está abrigada a causalidade real, efetiva, material, eficiente, e nem mesmo a causalidade emanada da visão dos fatos ("proposições") do falante" (Neves, 2011, p. 806). A autora afirma que se trata de uma relação mais frouxa do que verdadeiramente causal, o que justifica o sentido de razão, motivo e justificativa, os quais relacionamos à construção complexa "em razão de", com um sentido bem próximo de uma explicação.

Vejamos agora dois exemplos em que a construção *"em razão de"* em início do enunciado:

(18) *"Até lá, as tarifas nas praças de pedágio de Pongaí (Km 234 da SP-333), da Entrevias, e de Jaú e Botucatu (nos Kms 165 e 229 da SP-255), da ViaPaulista, permanecem as mesmas.* ***Em razão de*** *arredondamentos na fração dos centavos, também prevista nos contratos de concessão, haverá praças de pedágio em que o percentual final ficará abaixo do índice de 4,66% e outras em que ficará acima".*
Fonte: *https://leianoticias.com.br/botucatu-pedagio-tera-reajuste-de-466-a-partir-de-segunda-feira-dia-1/*

(19) *De acordo com o secretário de Saúde de Botucatu, André Gasparini Spadaro, os casos de caxumba foram registrados em pelo menos quatro escolas da cidade. "O diagnóstico é clínico, não precisa de confirmação laboratorial. Todo caso notificado é dado como positivo", explica.* ***Em razão d****o número de pessoas com a doença, ele afirma que a situação é considerada surto. "A caxumba, na verdade, não é uma doença de notificação compulsória", diz. "O Ministério da Saúde orienta que notifique os casos apenas quando ocorrem surtos de casos fora do habitual".*
Fonte: *https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2019/06/557877-apos-surto-de-caxumba-em-botucatu--prefeitura-reforca-a-vacinacao-hoje.html*

[3] Neves (2012) apresenta os seguintes exemplos para elucidar as relações de sentido entre um ato de fala de valor declarativo, interrogativo e injuntivo, respectivamente: a) "Vou tirar férias **porque** estou cansadíssimo". b) "Muito conveniente, não é? **Porque** aí saiu todo mundo, você ficou lá, sozinho com o retratista…" c) "Fale, mas fale corajosamente, **porque** só assim poderemos chegar ao fim dos nossos sofrimentos".

No exemplo (18), a microconstrução "em razão de", topicalizada no período, evidencia a informação apresentada. Além disso, descreve as consequências dos arredondamentos na fração dos centavos nos contratos de concessão, indicando que haverá praças de pedágio com percentuais finais abaixo do índice de 4,66% e outras com percentuais finais acima desse valor.

Em (19), ocorre o mesmo funcionamento de causa e efeito. A construção causal abre o enunciado e retoma a informação anterior, "casos de caxumba". Assim, o foco é colocado na causa. A construção "em razão de" funciona como um modificador de causa, pois introduz o motivo pelo qual "ele afirma que a situação é considerada um surto". Nesse contexto, "em razão do número" indica que a quantidade de pessoas com a doença é o motivo pelo qual a situação está sendo considerada um surto.

Já a microconstrução "em consequência de" também apresenta o slot X preenchido por um SN, podendo ser anteposto por um artigo, adjetivo ou pronome. Vejamos os exemplos (20), (21) e (22):

(20) *"Na Itália, que registrou máximas de 37 e 38ºC, a previsão meteorológica era de tempestades para a região norte, mas com uma queda das temperaturas efetiva a partir de quarta-feira. Até o momento foram registradas oito mortes* ***em consequência d****a onda de calor: quatro na França, duas na Espanha e duas na Itália".*
Fonte:
https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/06/30/interna_internacional,1065904/temperaturas-comecam-a-cair-na-europa.shtml

(21) *"Guaidó e outros oposicionistas afirmam que capitão não conseguia se mexer nem ouvir bem ao comparecer a tribunal sob acusação de envolvimento em plano para derrubar presidente. Governo anuncia investigação sobre a morte.Um militar detido na Venezuela, sob a acusação de envolvimento num suposto plano de golpe de Estado e assassinato do presidente Nicolás Maduro, morreu* ***em consequência de*** *tortura,* *denunciaram neste sábado (29/06) membros da oposição, a esposa da vítima e ativistas de direitos humanos".*
Fonte: *https://www.terra.com.br/noticias/oposicao-denuncia-tortura-e-morte-de-militar-acusado-de-complo-contra-maduro,7a34ed4c1f7d9113b493b2d29ce24fbar002pri2.html*

(22) *"Alarcón chegou mesmo a estar "vários segundos inconsciente", explicou fonte dos serviços médicos da prova,* ***em consequência de*** *uma queda "grave", durante uma descida a alta velocidade, na qual outros ciclistas também acabaram por cair".*
Fonte: *https://www.sabado.pt/desporto/detalhe/raul-alarcon-fraturou-a-clavicula-direita-e-vai-ser-operado?ref=Mundo_Ultimas*

No exemplo (20), temos a microconstrução "em consequência de" apresentando o motivo que ocasionou várias mortes na Itália. Observa-se que, inicialmente, foi apresentada a consequência, seguida pela causa, evidenciada pela construção complexa.

Neves (2011) ao apresentar o valor semântico de causa da preposição "ante", também demonstra equivalência de sentidos entre as preposições complexas *"por causa de"*, *"por motivo de"*, *"em decorrência de"* e *"em consequência de"*, as quais são seguidas de **sintagma de valor adverbial**. A afirmação evidencia a natureza conjuntiva da construção *"em consequência de"*, que apesar de apresentar a forma de *locução prepositiva*, apresenta a função de *locução conjuntiva*, pois estabelece valor de causa entre as orações. A autora aponta que o valor adverbial iniciado por *"ante"* vem sempre posposto ao predicado da oração.

Em (21), temos o mesmo funcionamento estabelecido pela sequência [CONSEQUÊNCIA < CAUSA]. A ocorrência descreve um militar que foi morto por meio de tortura. O enunciado anterior também apresenta uma explicação para o fato de o militar ter sido detido na Venezuela. O motivo é apresentado entre vírgulas (a acusação de envolvimento em um suposto plano de golpe de Estado e assassinato do presidente Nicolás Maduro) e se relaciona com a primeira informação apresentada, ou seja, a consequência, sendo a detenção. Assim, temos a seguinte representação de sentidos em (21):

[CONSEQUÊNCIA > CAUSA > ["em consequência de" - CAUSA]

No exemplo (22), a consequência de uma queda grave ocasionou a inconsciência de Alarcón. Percebemos que o enunciado não segue uma ordem cronológica dos fatos, mas se preocupa em evidenciar a causalidade por meio da microconstrução "em consequência de", adotando uma estratégia discursiva.

A seguir, analisamos os exemplos (23) e (24), nos quais a microconstrução "em consequência de" é usada para topicalizar a oração:

(23) *"Segundo a comissão responsável pela análise e aprovação das duas listas que foram submetidas ao sufrágio, cinco elementos da Lista A não eram elegíveis por já terem perdido o direito de sócio no decorrer da falta de pagamento da quotização anual por um período superior a um ano.* ***Em consequência d****esta decisão, a Lista A emitiu um comunicado, onde reforça que não desistirá de "prosseguir com a candidatura" porque "o clube só tem a ganhar com o debate de ideias e não pertence a uma só pessoa, nem a uma só família".*
Fonte: https://www.noticiasaominuto.com/desporto/1275223/lista-de-antonio-matos-vai-impugnar-eleicoes-do-arouca

(24) *"As duas foram atacadas quando os homens perceberam que eram um casal e começaram a repreendê-las, pedindo-lhes que se beijassem e fazendo, ao mesmo tempo, gestos obscenos para elas.* ***Em consequência d****os golpes recebidos, elas ficaram cobertas de sangue. Em seguida, tiraram fotos e postaram nas redes sociais para denunciar o ato de violência.*
Fonte: *https://www.estadao.com.br/emais/apos-pagamento-de-fianca-detidos-por-agredir-casal-de-lesbicas-ganham-liberdade/*

No exemplo (23), a microconstrução "em consequência de" topicaliza o enunciado, apresentando a causalidade, que é retomada por toda a informação anterior. Essa estratégia anafórica é realizada por meio do pronome demonstrativo "desta". Em comparação com os exemplos anteriores, onde a construção aparece no meio do enunciado, percebemos uma inversão de sentidos: primeiro é apresentada a causa e, posteriormente, a consequência. Em (24), temos o mesmo funcionamento com a topicalização da microconstrução "em consequência de", que enfatiza o valor causal. Dessa maneira, o motivo apresentado foram os golpes recebidos e o efeito, as mulheres ensanguentadas.

Castilho explica que o processo de focalização acontece porque esses constituintes sentenciais funcionam como adjuntos adverbiais. O autor ainda assevera que, ao focalizar as construções causais, elas apresentarão um valor heterogêneo, pois "se fôssemos identificar todas as alterações de sentido que as adverbiais provocam na sentença, teríamos uma tipologia inesgotável" (Castilho, 2019, p. 372).

Sobre a inversão de sentidos apresentados em (21), Castilho faz referência aos estudos de Neves, Braga e Hattnher (2008, p. 946):

> Sob uma perspectiva lógico-semântica, a construção causal pode ser caracterizada como a junção entre um evento-causa e um evento-consequência ou evento-efeito. Concebida dessa forma, a relação causal implica uma sequência temporal entre os eventos, à qual se soma a ideia de que o segundo evento é previsível a partir do primeiro (ou porque tem nele a sua razão, ou porque há entre eles uma sucessão regular) (Castilho, 2019, p. 374).

Entretanto, Neves (1999) aponta que a conexão (causa-consequência ou causa-efeito) entre dois eventos diz respeito à relação causal *stricto sensu* e que não implica, necessariamente, a uma subsequência temporal, marcada pelo valor prototípico do conector **porque** e seus equivalentes. Sobre isso, a autora relembra as formulações de Ducrot (1983) sobre as relações argumentativas e as de Halliday e Hasan (1976) sobre as relações "na tese", em oposição a relações no "conteúdo". Para Neves (1999), é necessário verificar que o estudo dos enunciados tradicionalmente rotulados como "causais" não se subordine apenas ao exame da relação causa-consequência. Um exemplo disso é quando a autora (Neves, 2000, p. 864) alude que "tanto as construções concessivas como as causais e as condicionais expressam, de certo modo, uma conexão "causal" entendida num sentido amplo".

Nesse aspecto, pela maleabilidade e múltiplas funcionalidades que as construções causais apresentam, entendemos que a ordem dos eventos (causa - consequência / consequência causa), está condicionada ao contexto discursivo e à intencionalidade comunicativa.

Vejamos como Neves orienta o estudo sobre as construções complexas causais:

> Uma boa definição das construções complexas causais é a que ressalta o fato de o segmento que expressa a causa ser uma *pressuposição,* e, portanto constituir o *fundo,* ou seja, a parte recessiva do significado, e a parte "causada" da construção ser dominante, isto é ser a *figura* (Neves, 1999, p. 461).

Castilho ainda afirma sobre a necessidade de observar as propriedades discursivas das construções causais:

> Nas construções causais se instaura um jogo entre fundo, ou parte recessiva do significado (o segmento causal), e figura, ou parte dominante da construção (o segmento que representa o que foi "causado"), partes que, afinal, se definem pelo seu valor informativo (Castilho, 2019, p. 374).

Dessa maneira, podemos compreender que a relação lógica causa-efeito das construções causais possuem diferentes valores informacionais. Com base em Halliday e Hasan (1976), a construção causal apresenta valor informacional de *pressuposição,* constituindo-se, assim, como *fundo*. A "parte causada", no entanto, o efeito/consequência, passa a ser a construção dominante, ou figura (NEVES, 2011, p. 461).

Em relação à posição das construções causais, Neves (2012) acrescenta que, sendo antepostas, trazem a função temática, representando basicamente a função compartilhada, enquanto as pospostas, trazem a causa em função remática, representando informação nova.

As gramáticas normativas carecem de informações acerca da microconstrução *"em consequência de"*. Desse modo, na busca do valor semântico no dicionário de sinônimos[4], obtivemos as seguintes possibilidades de usos apresentadas: *"por causa de"*, *"devido a"*, *"graças a"*, *"em razão de"*, *"em virtude de"*, *"em resultado de"*, *"por motivo de"*, *"por esse motivo"*, *"dado que"*, *"visto que"*, *"uma*

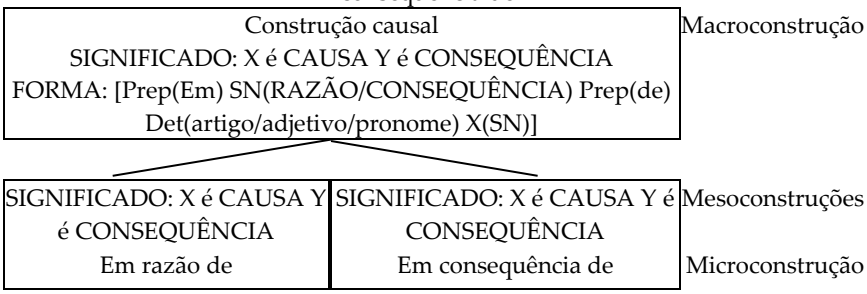
[4] Disponível em: https://www.sinonimos.com.br/em-consequencia-de/ - Acesso em: 06 outubro 2023

vez que", "à vista disso", "por isso que", "em função de", "por conta de", "posto que", "em face que".

Em virtude disso, a partir da análise dos dados, reconhecemos a natureza causal da microconstrução *"em consequência de"*, tendo em vista que as ocorrências apresentam a organização causal posposta, caracterizando o *fundo* e o conteúdo de menor peso informacional.

Se avaliarmos os resultados encontrados para as microconstruções "em razão de" e "em consequência de", temos a possibilidade de ambas as construções atuarem com o sentido CAUSA/CONSEQUÊNCIA. A seguir, oferecemos a representação hierárquica e construcionista desses dois sentidos.

Figura 02: Rede construcional causal – microconstruções "em razão de" e "em consequência de"



Fonte: adaptado de Santos (2024).

Não é nosso objetivo aqui, mas acreditamos que poderíamos avaliar a possibilidade de ocorrência de variação associando as microconstruções acima como aloconstruções associadas à metaconstrução causal, conforme o modelo Socioconstrucionista desenvolvido por Machado Vieira e Wiedemer (2020).

Considerações finais

As microconstruções analisadas desempenham um papel de locuções adverbiais e conjuntivas, pois apresentam valores

semânticos de conformidade, causa / consequência, finalidade, explicação e evidência.

Em relação à microconstrução *"em função de"*, destacamos seu valor de relação de conformidade entre duas informações no texto. Além disso, abordamos a posição dessa construção no enunciado, tanto no início quanto no meio, evidenciando sua função semântica e sintática. Soma-se a esse resultado, o valor de causa, com menor frequência. Também foram observados valores sutis de finalidade nas construções em que a construção "em função de" se encontra no meio do enunciado. Os resultados apontam menor frequência de uso com a construção focalizada e maior quantidade de dados no meio da oração. Nestes casos, no início do enunciado, a microconstrução introduz uma nova informação ou evidencia um motivo que está em conformidade com o que foi afirmado anteriormente, estabelecendo assim uma relação de conformidade entre as situações apresentadas. Além do valor conformativo apresentado pela construção, a análise dos dados apresentou a relação semântica de causa e consequência. Essa ideia de causa/consequência amplia o escopo do entendimento dessa microconstrução, pois ao expressar causa/consequência, estamos apontando que uma ação, situação ou condição é a razão específica pela qual algo acontece. Isso implica que há uma relação lógica e direta entre o que foi mencionado como causa e o resultado imediato ou subsequente que é destacado como consequência. Em uma pesquisa futura, é importante aprofundar essa relação entre as estruturas conformativas e causais.

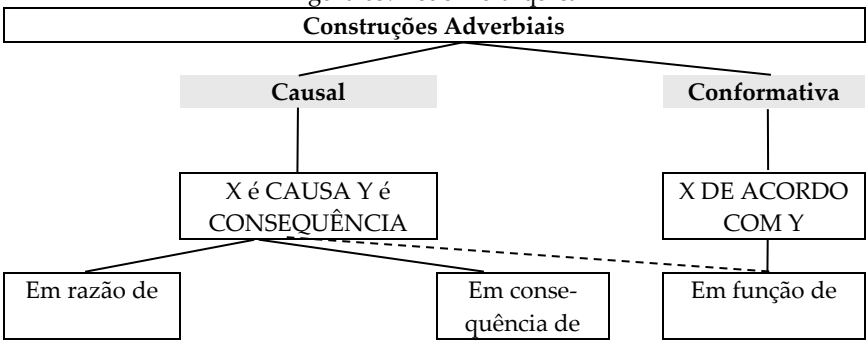
Já em relação à microconstrução "em razão de", como vimos, também é utilizada para expressar diferentes relações de causa e consequência, tais como razão, motivação e explicação. Em relação à posição da construção no enunciado, também encontramos maior índice de dados no meio da oração. Percebemos que a construção "em razão de" funciona como um modificador causal nos enunciados, atribuindo a relação lógica de causa-consequência ou consequência-causa. Aqui é importante apontar que a causalidade não é meramente material, mas pode envolver julgamento ou crença do falante,

tornando-se uma relação mais ampla do que meramente causal. A microconstrução "em razão de" se enquadra nesse contexto, frequentemente sendo associada a explicações ou justificativas.

Em relação à microconstrução “em consequência de” está inserida na construção causa/consequência. Sobre isso, os resultados apontam para dois tipos de estrutura, uma primeira [Consequência < Causa], onde a consequência é apresentada, seguida pela causa. No segundo conjunto, a ordem é invertida, apresentando inicialmente a causa e depois a consequência. Isso demonstra a maleabilidade da ordem dos eventos em relação à intenção comunicativa e ao contexto discursivo. Além disso, vimos também que o segmento que expressa causa é uma pressuposição (parte recessiva), ou seja, é algo que é assumido ou inferido implicitamente. É o fundo da informação, não necessariamente a parte mais proeminente ou enfatizada da estrutura. Por outro lado, a parte causada é dominante (parte informativa), a parte mais informativa e destacada da construção. Isso significa que a microconstrução "em consequência de" aponta para o efeito ou consequência de algo que foi estabelecido anteriormente ou pressuposto. Essa relação entre causa e consequência é uma característica central das construções causais, onde a ênfase pode estar mais no resultado do que na própria razão que o originou.

A seguir, oferecemos a rede hierárquica das microconstruções aqui analisadas.

Figura 03: Rede hierárquica



Fonte: adaptado de Santos (2024).

Diante dos resultados apresentados, vimos que as microconstruções analisadas desempenham um papel fundamental na organização discursiva ao estabelecerem relações semânticas distintas, como causa/consequência >>> conformidade. Observamos que a posição dessas construções no enunciado influencia sua função sintática e discursiva, sendo mais frequentes no meio da oração. Além disso, a análise destacou a relevância do contexto para a interpretação dessas relações, evidenciando que algumas construções, como "em razão de", podem carregar nuances explicativas, enquanto outras, como "em consequência de", enfatizam a relação entre um evento e seu efeito. A interseção entre valores conformativos e causais sugere a necessidade de investigações futuras sobre a gradação semântica entre essas construções.

Referências

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa.** São Paulo: Publifolha, 2012.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COSTA, F. R. G. **Os advérbios preposicionais antes de, diante de, em frente a/de e em face de**: gradiência e fixação de padrões construcionais. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

KOCK, I. **A coesão textual**. (Repensando a língua portuguesa). 7. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

LEHMANN, C. **Complex prepositions from Latin to Castilian**. Societas Linguistica Europea, 2016.

LEITÃO, M. L.; SOUZA, J. L. KEWITZ, V. Preposições complexos: moldes e modos. *In:* TENUTA, A. M.; COELHO, S. M. (orgs.) **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, p. 157-180.

LEITE, J, G.; WIEDEMER, M. L. Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora de objetos de discurso: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual. In.: ABREU, M. T. T. V.; CORREIA, C. M. C. (Orgs.) **Contribuições da semiótica ao ensino de português no mundo**. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 548-569, 2021.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. *In.:* BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. (orgs.) **Sociolinguística no Brasil**: textos selecionados. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, p. 265-304.

MONTEIRO, L. O. M. **Encapsulamento e sequenciação retroativo-propulsora: o uso de construções com preposições complexas na articulação textual**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2011.

PAIVA, M. P. **Relatores circunstanciais: a gradualidade categorial das preposições acidentais**. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa). UERJ, 2016.

SANTOS, C. B. F. **Uma abordagem construcionista da gramática para preposições complexas [no caso de, em consequência de, em função de, em lugar de e em razão de]**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

SANTOS, C. B. F.; WIEDEMER, M. L. O papel das preposições complexas na progressão textual. Cadernos do CNLF, v. XXVII, n. 03, **Anais do XXVII CNLF**, Textos Completos, Tomo I, 2024, p. 202-218.

SILVA, F.; FERREIRA, I. A. **Anáfora nominal e modificação adjectival.** Universidade do Porto. Faculdade de Letras. 2008.

SILVA, M. E. O. **Construções de concernência: retomada e especificação na articulação textual.** 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

TYLER, A.; EVANS, V. **The semantics of English prepositions**: Spatial scenes, embodied meaning, and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
WIEDEMER, M. L. Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. **Veredas**, v. 18, 2014, p. 102-122.
WIEDEMER, M. L. COSTA, F. R. G. O advérbio preposicional 'antes de' em construções hipotáticas de realce não finitas. **Revista Odisséia**, v. 4, 2019, p. 89-110.
WIEDEMER, M. L.; COSTA, F. R. G. Gradiência contextual e mudança construcional em advérbios preposicionais. **Estudos da língua(gem***)*, v. 19, 2021, p. 333-360.
WIEDEMER, M. L; PINTO DE OLIVEIRA, M. P. O estatuto categorial das preposições acidentais/atípicas: a proposição dos "relatores circunstanciais" como classe gramatical. **Confluência**, v. 59, 2020, p. 105-105.

DÊIXIS E CONTRASTE NA ESFERA HUMORÍSTICA

Marcos Luiz Wiedemer
Ana Carolina Cardoso Souza

Introdução

Ao construirmos discursos argumentativos, utilizamos uma série de mecanismos linguísticos engendrados em processos cognitivos. Esses discursos, socialmente heterogêneos, caracterizam-se por pontos de vista centrados nas relações entre os participantes da interação, o que suscita uma resposta, uma tomada de posição, ou seja, a argumentação é uma atividade discursiva marcada pela defesa de pontos de vista. Assim, o usuário da língua ativa/escolhe determinados padrões discursivos, ou seja, modos de funcionamento, que se manifestam concretamente em enunciados e se refletem nos recursos linguísticos gramaticais acionados (cf. Machado Vieira, Wiedemer & Cavalcante, 2024). Uma dessas estratégias discursivas é a dêixis.

O uso da dêixis para o apontamento do referente a ser comparado ou contrastado entre porções textuais, pode ser entendido como "a capacidade de um discurso de conquistar a adesão do auditório àquilo que se pretende defender; logo, os argumentos (ou as estratégias argumentativas) materializam essa ação" (cf. Silva; Marchon, 2021, p. 1). Tal estratégia mostra-se bastante recorrente na comédia, sobretudo em *stand-up*, quando um enunciador aciona dêiticos para criar um referente comum com a plateia, para que todos cheguem a um "lugar comum" (ainda que imageticamente), permitindo que a piada seja compreendida e seus

argumentos sejam válidos para convencer o público. Vejamos, a seguir, o exemplo (01).

(01) "Antigamente viajar era mais fácil (essa porra) os terroristas fuderam com as viagens tudo, quer matar as pessoas? Mata, mas não atrapalha a minha viagem, sabe? Antigamente viajar era fácil, a máquina de detector de metal não apitava pra porra nenhuma; na verdade apitava, mas ele "perguntava tem arma?" "Não" então a leva a tua então, era uma alegria viajar; e agora não, tem essa preocupação e tal". **Fonte:** https://youtu.be/C6iW2rMUXTU (21min07seg - 21min29seg)

Em (01), conforme se observa, temos a correlação entre o contraste acionado pela construção "agora não", bem como a correlação com lexema "antigamente" ao apontar uma ação localizada em determinado tempo, sendo a primeira porção textual[1] em um tempo pretérito, conforme os lexemas acionados (*era, fuderam, apitava, perguntava*), que é ancorado através do dêitico "antigamente" e estabelece a comparação por contraste com a segunda porção textual, onde se tem a mudança de indicação do tempo da ação, agora, localizado no presente (*tem*). Com isso, temos a comparação do ato de viajar e o funcionamento do aeroporto em dois momentos distintos "antigamente" e "agora".

Neves (2011, p. 256) explica que "lugar e tempo são categorias dêiticas, isto é, categorias que fazem orientação por referência ao ***aqui-agora***, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala". Além disso, temos a descrição das características do ato de viajar, na primeira porção textual, que reforça o uso dêitico para que os ouvintes reconheçam o mesmo referente pretendido pelo locutor, para que todos cheguem num lugar comum, tal como descreve Marmaridou (2000). Além disso, é por meio dessa descrição que conseguimos distinguir o juízo de valor do locutor, que, em outras palavras, diz que viajar antigamente era melhor do que viajar agora. Em resumo,

[1] Aqui, consideramos "porção textual" os trechos que ocorrem antes e depois do conector [dêitico + advérbio de negação].

temos o funcionamento da argumentação a partir de duas acepções, sendo a primeira: (i) criar um referente comum para os ouvintes; e a segunda: (ii) apontar as características dos elementos comparados/contrastados.

A referência dêitica estabelecida não é anafórica, mas sim a um elemento contextual sempre contrário ao dêitico que inicia o discurso; essa contrariedade é reforçada pelo advérbio de negação, que promove a negação do referente construído na primeira porção textual e incide na inversão/contraste do referente na segunda porção textual. Dessa forma, temos a construção de um referente comum entre os participantes do ato comunicativo, no exemplo, em (01), viajar e o funcionamento do aeroporto. Esse referente é comparado/contrastado a partir do acionamento do dêitico associado ao elemento de negação e com isso favorece o desenvolvimento de comparação lógica de ideias, na busca de enfatizar/persuadir que o referente em (b) é oposto ao referente anterior.

Este tipo de construção é utilizado, na esfera humorística, no português brasileiro (doravante PB), na função discursiva de contraposição/contraste argumentativa, em que "aqui não", promove a comparação entre duas porções textuais, ou seja, apresenta uma estruturação lógica de comparação, em que a porção textual (a) é comparada com a porção textual (b), que é realizada pela construção comparativa de contraste.

É justamente esses contextos de usos dêiticos na construção de contraste argumentativo, cuja esquema é representado por [X é contrastado [DÊITICO + ADV contrastivo] por Y], que pode ser preenchida por diferentes dêiticos, por exemplo, *aqui não, hoje não, eu não* entre outros, que é objeto deste capítulo. Para tanto, retomamos os achados de Souza (2024), que defende que este tipo de construção é utilizado, em PB, na função discursiva de contraste argumentativa, em que promove a comparação entre duas porções textuais/objetos de discurso, ou seja, apresenta uma estruturação lógica de comparação de contraste, onde a porção textual (a) é comparada/contrastada com a porção textual (b).

Para tanto, lançamos mão do aparato teórico-metodológico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) (Croft, 2001, Goldberg, 2006, Diessel, 2019), que propõe: a existência independente de construções como unidades simbólicas; a representação uniforme da informação gramatical; e a organização taxonômica das construções na linguagem. Além disso, assumimos a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, mas especificamente sobre os estudos da dêixis Marmaridou (2000).

A pesquisa utiliza corpora compostos por transcrições de vídeos humorísticos extraídos do *YouTube*, *Instagram*, *Facebook* e *TikTok*, com o objetivo de analisar estratégias discursivas que promovem a construção da ironia, especialmente por meio do contraste argumentativo. Os vídeos selecionados incluem diversos subgêneros da comédia, como stand-up, esquetes e entrevistas humorísticas. O gênero stand-up, em particular, foi destacado pela simplicidade de recursos cênicos e pela ênfase em relatos cotidianos, que favorecem o surgimento de comparações e contrastes, elementos centrais para a análise da ironia. A amostra é constituída de 25 vídeos.[2]

O modelo cognitivo idealizado da dêixis

Marmaridou (2000), a partir da abordagem cognitivista, que não se preocupa em definir o que é ou não é um dêitico; mas analisa quais casos são mais ou menos prototípicos, ou seja, mais centrais ou mais periféricos. A autora propõe que a conceptualização da dêixis envolve um MCI que se baseia no ato de APONTAR, desempenhando um papel fundamental na estrutura prototípica dessa categoria. Para a autora, trata-se de uma categoria pragmática responsável pela criação de um espaço mental

[2] São exemplos: https://www.youtube.com/watch?v=KiaExB6LzOo; https://www.youtube.com/watch?v=N7dEBTB6l1Y&t=117s; https://www.youtube.com/watch?v=TSTp9tDGJxk; https://www.youtube.com/watch?v=44rsfvNgIbs; https://www.tiktok.com/@hitalloalca/video/7288078070446181637. Acesso em 11 de março de 2024.

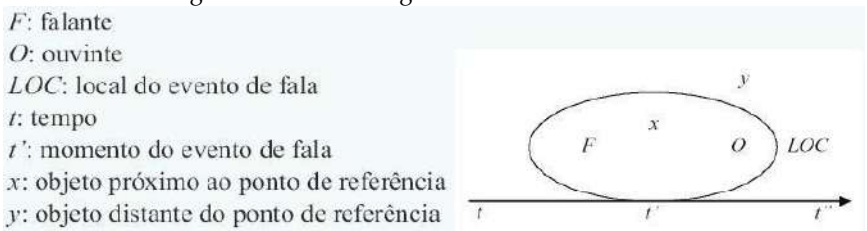
construído com base em um esquema imagético, ou seja, uma projeção metafórica de um espaço físico dentro de um espaço conceptual.

Ferreira & Ferrari (2006, p. 48), em relação à concepção de Marmaridou (2000), comentam que:

> Essa concepção leva ao esquema imagético *centro x periferia*, o qual é baseado na experiência humana de ter um corpo com o centro (o tronco) e as periferias, sendo que a parte central é percebida como mais importante, já que as periferias dependem dela. Em função das noções do centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de *proximidade X distância*.

Assim, Marmaridou (2000) propõe a existência de um MCI da dêixis (ver figura 1, a seguir) que consiste na relação *centro vs. periferia* de apontamento entre os objetos, ouvinte e ambiente e o sujeito (eu), levando-nos a analisar a categoria dêitica a partir de uma escala de prototipicidade (cf. Bernardo, 2005).

Figura 01: Modelo Cognitivo Idealizado da Dêixis



Fonte: Andrade; Ferrari (2017, p. 225).

O MCI dêitico proposto por Marmaridou (2000) envolve um ato linguístico de apontamento de uma determinada entidade no espaço executado por um falante (F) em direção a um destinatário/ouvinte (O). Essa expressão dêitica constrói um espaço mental entre F e O, que estão presentes num dado espaço de tempo (t), e envolve a conceptualização do centro dêitico. Dessa forma, a imagem de um espaço físico é projetada conceitualmente em um espaço mental estruturado a partir do esquema *centro-periferia*.

Pinheiro e Avelar Miranda (2017), em seu estudo sobre o dêitico "*aqui*", resumem o pensamento da autora:

> O Modelo Cognitivo Idealizado (doravante MCI) da dêixis envolve o ato de apontar para uma entidade no espaço, além de ser realizado por um falante autorizado e direcionado para um interlocutor não focalizado. Dessa forma, uma expressão dêitica é aquela que constrói um espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo (Pinheiro; Miranda, 2017, p. 114).

Assim, com base na noção de MCI dêitica de Marmaridou (2000), para determinar a categoria da dêixis, "deve acolher não só exemplos nitidamente dêiticos, como também aqueles casos não tão óbvios, mas que carregam características peculiares do centro da categoria" (cf. Ferreira; Fontes, 2010, p. 37). Ainda sobre isso, Ferreira e Ferrari (2006, p. 41), ao revisar o assunto, comenta que "em função das noções de centro e periferias, a perspectiva perceptual humana ocasiona também um esquema de proximidade *vs.* distância".

Dessa forma, a interpretação dos dêiticos é formada por elementos: falante, ouvinte, espaço e tempo, que estão inseridos em evento discursivo. Para Ferreira e Ferrari (2006, p. 49), "Novos *grounds* surgiriam como alternativa ao *ground default*, porque representações mentais nos permitem transportar o valor *default* dos itens dêiticos para outros domínios (espaços mentais ou MCIs) construídos no discurso, que darão conta da informação pragmática".

As considerações de Marmaridou (2000) oferecem uma valiosa contribuição para o estudo da dêixis ao abordar esse fenômeno como passível de manifestação por meio de diversas formas linguísticas. Sua pesquisa reconhece que as palavras em uma língua podem ser, em potencial, polissêmicas, permitindo, assim, que diferentes lexemas desempenhem papéis nesse fenômeno. Uma das contribuições de Marmaridou (2000) é justamente associar a definição da dêixis ao protótipo linguístico. Assim,

> os pronomes pessoais "eu" e "você(s)", para indicar falante e ouvinte(s), demonstrativos ("este", "aquele"), para indicar objetos próximos e distantes do falante, e advérbios locativos e temporais ("aqui", "agora"), para referência ao local e ao momento do evento de fala. Ainda dentro do modelo, os dêiticos sociais, constituem formas socialmente marcadas para indicar os participantes do discurso (ex. "você" *versus* "o senhor"/"a senhora") (Andrade; Ferrari, 2017, p. 226).

Rühlemann e O'Donnell (2014) destacam ainda a questão da indexicalidade, eles descrevem o que foi abordado por Peirce, que "os signos podem ser icônicos, simbólicos ou indexicais" (p. 332), Para os autores, os dêiticos seriam os indexicais, já que são palavras que variam de "sentido" a depender do contexto. Eles afirmam sobre os dêiticos que:

> A referência que eles realizam é exofórica; isto é, dêiticos como *você*, *esta noite*, e *em minha casa* são meramente sinais; (Bühler 1990 [1934]: 93) apontando uma relação de algum tipo (pessoal, temporal, locacional etc.) que existe entre o falante e a situação (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199) (Rühlemann; O'Donnell, 2014, p. 332).[3]

A capacidade de tornar expressões normalmente não indexicais em expressões indexicais por meio de um contexto situacional adequado sugere que, em certas situações, quase qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente, desde que haja uma clara relação com as circunstâncias situacionais imediatas. A indexicalização é o processo pelo qual uma expressão ou termo é usado para se referir a algo em um contexto específico, muitas vezes através de índices, como pronomes, advérbios de lugar ou tempo, que dependem do contexto para obter seu significado completo. Neste contexto, Rühlemann e O'Donnell (2014, p. 333) afirmam que:

---

[3] Cf. original "he reference they accomplish is exophoric; that is, deictics such as you, tonight, and at my house are merely "signposts" (Bühler 1990 [1934]: 93) pointing out a relation of some sort (personal, temporal, locational, etc.) that holds between the speaker and the situation (Crystal 2003: 127; Roberts 2004: 199).

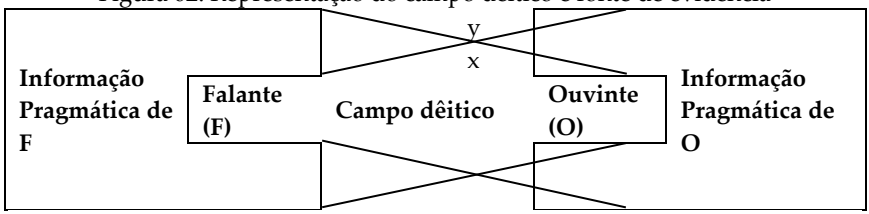
> no que diz respeito à possibilidade de indexicalizar expressões normalmente não indexicais, parece não haver limite, pois "praticamente qualquer expressão de referência pode ser usada deiticamente" (Levinson 2004: 101), desde que sejam usadas com uma visão imediata para circunstâncias situacionais.[4]

O entendimento da dêixis a partir de um gradiente permite ao analista compreender que, no desenvolvimento da argumentação, ela é promovida para que todos os envolvidos no ato comunicativo criem a mesma referência e reconheçam o que ou para onde o enunciador aponta, mesmo quando esta referência não é concreta, ou seja, a construção do significado dêitico envolve significados prototípicos e não-prototípicos. Dessa forma, admite-se que "nem sempre uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico, sem conter um elemento dêitico em si" (Ciulla, 2008, p. 56).

Dessa forma, por meio do campo deíctico (cf. Marmaridou, 2000), o falante pode, portanto, referenciar elementos tanto próximos do campo de referência (x), ou seja, de forma direta, como distantes do campo de referência (y), de forma indireta, que são concretizados na dêixis compartilhada entre locutor e interlocutor, levando em conta as informações pragmáticas de ambos, que podem ser representados pela construção '[quer ver]' no PB. Em Alvarez e Wiedemer (2024), desenvolvemos a seguinte representação para esse pensamento, conforme, figura (02), a seguir.

[4] Cf. original "As regards the possibility of "indexicalizing" normally non-indexical expressions, there seems to be no limit, for "just about any referring expression can be used deictically" (Levinson 2004: 101) provided they are used with an immediate view to situational circumstances".

Figura 02: Representação do campo dêitico e fonte de evidência



Fonte: Elaborada a partir das representações de Dik (1997) e Marmaridou (2000).

Construção de contraste argumentativo

A construção de contraste argumentativo, conforme destacado, representa a construção de contraste argumentativo, delineando a relação entre os elementos "x" e "Y", que são referentes (objetos discursivos), que estão na relação de objeto discursivo a ser contrastado, na primeira parte e, em uma oposição contrastiva, na segunda parte. Esses referentes podem ser representados lexicalmente por diferentes dimensões, desde lexemas como sintagmas nominais ou até mesmo orações completas.

Figura 03: Construção de contraste argumentativo

x	***é contrastado a***	***Y***		**FUNÇÃO**
Referente a ser contrastado	Dêitico + elemento de negação	Referente de oposição ao referente anterior	⇕	**RELAÇÃO SIMBÓLICA**
Porção textual (referente)	*Advérbio(dêitico) +Advérbio(negação/contraste)*	Porção textual (referente)		**FORMA**

Fonte: Souza (2024, p. 14).

Conforme já anunciamos, na esfera humorística, no PB, a construção de contraste argumentativo aciona diferentes lexemas, ou seja, a depender do dêitico acionado e da cena enunciativa (tempo, espaço, circunstância, entre outros) aponta para diferentes graus de esquematicidade e produtividade. Assim diversos tipos de dêiticos podem ocupar esta posição do esquema, [dêitico + advérbio de contraste] incluindo sintagmas nominais (SN). A seguir, passamos a discutir esses diferentes contextos de usos.

Contraste e o campo dêitico temporal

Observamos, inicialmente o exemplo em (02), trecho retirado do canal Porta dos Fundos no *YouTube*, em que o humorista descreve uma cena em que temos um chefe que tenta demitir uma funcionária devido à quantidade exagerada de postagens sem graça no grupo do *WhatsApp* da empresa, por isso começa a explicar como a rede social funciona.

(02) ***Antes*** *as pessoas se encontravam pra ficar umas escrotizando as outras. Então era assim, era flamenguista contra vascaíno, era rico contra pobre, era coxinha e petralha.* ***Agora não****, agora as pessoas podem fazer isso ali, todo mundo junto!*
Fonte: https://youtu.be/BaxgpBpBQX4 (02min08seg - 02min20seg)

Em (02), o chefe inicia o seu argumento falando como a sociedade funcionava *antes* (do *WhatsApp)* e localiza esse referente associado ao tempo pretérito (*encontravam, era*) na primeira porção textual (*Antes as pessoas se encontravam pra ficar umas escrotizando as outras. Então era assim, era flamenguista contra vascaíno, era rico contra pobre, era coxinha e petralha.*). Essa referência temporal sugere uma comparação entre um passado não identificado e o momento presente. Depois do dêitico "*agora não*", o enunciador alude para os dias atuais e cria os elementos que ficarão em situação de comparação, ele descreve, no presente, como funciona a rede social em questão; para isso faz uso do tempo presente através do verbo "podem" e reforça o uso do dêitico "agora" repetindo-o depois da construção. Dessa forma, o contraste entre "antes" e "agora" é essencial para destacar o contraste entre passado e presente, criando uma comparação entre dois momentos distintos. Também é possível perceber o efeito irônico/crítico em relação à mudança nas interações sociais. O uso de "antes" pode sugerir que as pessoas costumavam se envolver em comportamentos negativos, enquanto "agora" indica uma possível melhoria ou mudança positiva, em que "agora não" sugere uma transformação nas formas de interação,

permitindo que as pessoas expressem suas opiniões de forma mais coletiva e menor confrontamento.

Assim como o exemplo em (03), abaixo, temos a relação temporal em comparação, ou seja, o acionamento da localização do referente associado ao tempo, isto é, ao tempo discursivo, aciona-se o contraste entre as duas faces (*antigamente-agora*). Além disso, observamos a atuação do elemento de negação (não), o que reforça a contraposição entre as partes.

(03) *"Antigamente viajar era mais fácil (essa porra) os terroristas fuderam com as viagens tudo, quer matar as pessoas (?) mata, mas não atrapalha a minha viagem, sabe (?).* ***Antigamente*** *viajar era fácil, a máquina de detector de metal não apitava pra por** nenhuma; na verdade apitava, mas ele "perguntava tem arma?" "Não" então a leva a tua então, (não consegui transcrever) era uma alegria viajar; e* ***agora não****, tem essa preocupação e tal".*
Fonte: https://youtu.be/C6iW2rMUXTU

Percebemos que quando os dêiticos temporais são acionados, a argumentação é marcada não só pela descrição dos itens em cotejo, mas também pelo tempo (marcado nos verbos, no exemplo) que reforça a ideia de passado e presente observada em (02) e (03). Vale ressaltar ainda, que diferentes lexemas poderiam ocupar esta posição, como *hoje, ontem, amanhã* etc. Sobre o uso do *agora*, Cavalcante (2000) afirma e questiona:

> "Agora" funciona, no discurso, como um **marcador conversacional,** ou, em outra perspectiva, como um operador argumentativo. Não se opõe temporalmente, de fato, a *antes, depois, ontem* ou *amanhã,* por isso sua deiticidade se adelgaça. Mas seria lícito negar que está ancorado no tempo de formulação, uma vez que marca o início de um argumento oposto exatamente naquele instante da enunciação do falante? Não será pela sugestão de tempo dêitico que o falante opta por empregar a forma, sinalizando para o receptor que, a partir daquele preciso momento, será apresentada uma declaração contrastante? (Cavalcante, 2000, p. 52).

Se observarmos os contextos analisados até aqui, percebemos que a construção de contraste desempenha papel importante na construção da argumentação do discurso ao destacar diferenças ou

semelhanças entre objetos, ideias, pessoas, eventos, entre outros. Dessa forma, podemos desenvolver a hipótese de que a função da construção de contraste é dar ênfase nas diferenças/semelhanças entre os elementos comparados. Com isso, o que está sendo comparado e por que está sendo comparado é colocado em evidência, o que acreditamos ser um recurso para dar foco na compreensão do enunciado e destaque do referente a ser contrastado, bem como no desenvolvimento da argumentação e do efeito irônico e humorístico. Soma-se a isso que lançamos mão de expressões linguísticas que, em determinados contextos, assumem a posição de persuadir, informar, entreter ou simplesmente apontar uma diferença.

Ao empregar dêiticos temporais como "antes" e "agora", por exemplo, o enunciador estabelece uma comparação entre dois momentos distintos, seja para ressaltar mudanças sociais, comportamentais ou experiências pessoais. A referência ao tempo passado, ancorada em verbos conjugados no pretérito, serve como ponto de partida para a comparação, enquanto o "agora" marca o presente, realçando as transformações ocorridas. Além disso, o lexema negativo “não” aponta uma negação do referente a ser comparado. Como vimos, o contraste ocorre através da polaridade entre as duas partes textuais. Tal estratégia não apenas destaca as diferenças, mas também reforça o caráter persuasivo do discurso, conduzindo o interlocutor a refletir sobre a evolução temporal dos elementos em foco, ou seja, o contraste.

Marmaridou (2000) argumenta que o tempo, embora inerentemente abstrato, pode ser conceptualizado de maneira mais concreta ao ser associado a referenciais espaciais. Essa perspectiva sugere que a nossa compreensão do tempo é influenciada pela maneira como percebemos e organizamos o espaço ao nosso redor. Ao vincular domínios temporais a estruturas espaciais, é possível criar uma base cognitiva que facilita a apreensão e comunicação de conceitos temporais complexos. Dessa forma, a concepção de domínio abstrato, exemplificado pelo tempo, se revela como um fenômeno intrinsecamente vinculado à nossa percepção espacial.

Além disso, o efeito irônico e humorístico nos exemplos sugere que a construção de contraste não se limita apenas à exposição de diferenças, mas também incorpora uma dimensão estilística e expressiva. O uso de "agora não" na narrativa contribui para capturar a atenção do receptor. Nesse contexto, a dêixis temporal não apenas estrutura a comparação, mas também desempenha um papel fundamental na transmissão da intenção comunicativa do enunciador.

Contraste e o campo dêitico espacial

Além da possibilidade de usos com dêiticos temporais, encontramos ainda os usos com os dêiticos espaciais que podem preencher o *slot* da construção de contraste argumentativo, principalmente os advérbios locativos/espaciais "*aqui*, *ali*, *lá*" ou advérbios mais referenciais, como nomes "*na loja, na casa, na escola*". Neste caso, a comparação contrastiva é feita entre dois lugares distintos, normalmente, entre um lugar mais distante e o local onde está inserido o falante. Também ocorre de a comparação ser feita entre dois lugares distintos, fora do ambiente da enunciação e, neste caso as referências são criadas no campo imagético e memorial, sobretudo, quando advérbios mais referenciais são acionados.

Assim, é possível encontrar o exemplo (04) seguinte, que corresponde a um trecho do vídeo do canal do Porta dos Fundos, o qual cria uma situação em que um personagem teve a sua casa reformada por um programa de televisão, mas este não queria voltar por problemas na vizinhança. O personagem elabora uma comparação entre a sua moradia reformada e o hotel em que ficou hospedado durante a reforma.

(04) *– Mas e teus vizinhos **lá**? Pessoal ali da área deve tá com saudade do senhor, vamos lá!*
*– Que saudade de mim o que? Tão não, 27 anos que eu moro **lá** nunca nem me convidaram pro aniversário de ninguém, só sabem reclamar dos meus cachorro. **Aqui não**! Aqui graças a Deus é pet friendly.*
Fonte:
https://www.facebook.com/PortaDosFundos/videos/2366285856958073/
(02min18seg - 02min29seg).

Quando o personagem se refere ao "*lá*", ele aponta para algumas características deste lugar e como ele vivia nesta casa (reformada) no passado, o tempo verbal utilizado também corresponde a este aspecto passado "convidaram", ainda que não seja tão marcado como no caso dos dêiticos temporais; no "aqui" o tempo presente prevalece compreendendo a relação tradicional das coordenadas da dêixis, baseada no *eu-aqui-agora*. Sobre isso, Cavalcante (2000) afirma que:

> Tendo em consideração a relação intersubjetiva do falante com a linguagem, localizar um elemento exige, na verdade, sempre e **simultaneamente,** um referencial no tempo e no espaço, ainda que, em geral, seja mais **focalizado** ora um, ora outro, dependendo dos propósitos comunicativos (Cavalcante, 2000, p. 45, GRIFOS NOSSOS).

Em (04), o enunciador faz ainda a repetição do dêitico (*aqui*) no início da segunda porção textual, que reforça o seu posicionamento e o juízo de valor positivo que cria daquele ambiente. Uma vez que o falante focaliza o espaço atual do discurso, ele reforça que está tratando de outro ambiente, um ambiente completamente diferente do anterior, o que favorece a argumentação da defesa do seu ponto de vista. Semelhante ao exemplo (04), encontramos o exemplo (05) a seguir:

(05) *"Já vi muito motoboy na minha vida, mas nunca é igual o do Brasil... Primeiro que **em qualquer lugar do mundo** se você andar a 80km/h na cidade com a roda empinada, você vai morrer em três minutos, porque você tem que respeitar as leis da física. **Aqui não**, no Brasil são as leis da física que respeitam os motoboys. Não procure entender".*
Fonte: tok.com/@paulcabannes_/video/7167015048378928390?_r=1&_t=8fYdwmz9Qw9

O exemplo acima foi retirado de um vídeo em que o comediante francês, Paul Cabannes, estabelece uma comparação entre os motoqueiros de outros lugares do mundo e os do Brasil. O comediante vive no Brasil e seus vídeos comumente apresentam comparações entre o nosso país e os países da Europa, sobretudo a França. No vídeo sobre os motoqueiros, o autor começa apresentando o tópico "*Já vi muito motoboy na minha vida, mas nunca é igual o do Brasil*", e depois começa os argumentos para justificar sua fala. Ele afirma que os motoboys de outros lugares do mundo respeitam as leis da física, enquanto no Brasil ocorre o contrário, as leis da física que respeitam o motoboy. Além do contraste [aqui + não], os textos das porções textuais complementam-se, de forma que são um perfeito oposto: porção A: os motoqueiros respeitam as leis da física; porção B: as leis da física respeitam os motoqueiros.

O dêitico "aqui" referindo-se ao local presente, ao local onde o falante está atualmente, colabora para um posicionamento do discurso e a implicação do contraste em relação ao local anterior. Além disso, a construção [aqui + não] colabora para a construção do significado positivo na segunda parte textual em relação à primeira parte.

Conforme já aludimos, de acordo com Marmaridou (2000), a dêixis é caracterizada pelo ato de indicar ou apontar para uma entidade no espaço. Esse ato é realizado por um falante autorizado e direcionado a um interlocutor que não está centralizado no foco da atenção. Nesse sentido, uma expressão dêitica pode ser entendida como aquela que estabelece e delimita um espaço mental no qual tanto o falante quanto o destinatário são conjuntamente representados em um ponto específico no tempo. A dêixis, portanto, envolve a capacidade de situar elementos no espaço e no tempo, criando uma referência compartilhada entre os participantes da comunicação. Esse processo não se limita apenas a indicar objetos físicos, mas também abrange a orientação das relações espaciais e temporais entre o falante e o interlocutor. Uma expressão dêitica, ao realizar esse apontamento, contribui para a construção de um contexto compartilhado, em que ambos os

participantes podem visualizar e compreender a referência em questão.

Teixeira e Oliveira (2012) observam que o uso do termo "aqui" como marcador discursivo experimentou uma transição significativa, migrando de aplicações mais prototípicas, principalmente aquelas relacionadas a indicativos de locais específicos, para empregos menos convencionais. Esse deslocamento de ênfase do espaço em direção ao texto redefine a função e o impacto desse marcador discursivo na comunicação interpessoal. Além disso, Marmaridou (2000) alude para a intrínseca relação entre domínios espaciais e temporais. Ela destaca como o entendimento do tempo pode ser enriquecido ao considerar suas interconexões com o espaço. Assim, o conceito de tempo pode ser compreendido em termos de referência espacial. Essa abordagem sugere que, assim como localizamos objetos no espaço em relação a pontos de referência, também percebemos e entendemos o tempo através de uma estrutura espacial.

Ainda em relação aos dêiticos que podem indicar um referente espacial, além da possibilidade em (05), encontramos o uso dêitico a partir de referentes nominais em sua composição, como o exemplo em (06):

(06) ***A loja do rico***, *o provador é extremamente confortável, o chão é macio, (sei porque já dormi várias vezes), a luz te emagrece, o espelho te emagrece, se nada disso emagrecer te dão uma Herba Life na saída; só tem uma coisa de bom na loja do rico que tudo que você pedir pra provar a menina vai trazer;* ***na loja do pobre não****, eles contrataram um ser humano pra contar quantas peças que cê tá levando e não basta essa humilhação, ela ainda te dá uma placa desse tamanho dizendo cinco.*
Fonte: https://www.facebook.com/abrunalouise/videos/1733821970065 65/ (01min45seg – 02min22seg)

No trecho acima, o enunciador cria uma comparação/contraste entre as lojas – *pobre vs. rico*, em especial o provador das duas lojas. Observamos, neste exemplo, que os dois apontamentos correspondem a ambientes distantes da localização da comediante

e da plateia; a referência independe da localização das pessoas do discurso, mas é um termo que carece de referência por ser um termo genérico no momento da fala; a deiticidade deste termo se dá pela necessidade de criar um referente comum entre a locutora e o público.

Embora não seja um lugar com referência específica, podemos reconhecer este lexema como um dêitico espacial, uma vez que os ouvintes conseguem chegar a um espaço comum e até referências concretas de lojas que tenham a descrição do enunciado, ou seja, constroem a significação de ponto de referência (loja e tipo de loja). Dessa forma, observamos uma projeção do sentido espacial, projeção essa de caráter mais subjetivo, pois é dependente do reconhecimento do referente pelo ouvinte, ou seja, lojas que contêm as peças que vão para o provador, que são, normalmente, lojas de departamento. Além disso, a construção do significado de cada loja é ancorada por outros lexemas, como em *"loja do rico*" em relação aos lexemas "confortável, macio, emagrece" e "*loja do pobre*" em relação aos lexemas "contar, desse tamanho, cinco", conforme o quadro (01), a seguir.

Quadro 01: Lexemas contrastivos auxiliares

Loja do rico	Loja do pobre
- provador é extremamente confortável *- chão é macio* *- a luz te emagrece* *- o espelho te emagrece* *- que tudo que você pedir pra provar a menina vai trazer*	*- ser humano pra contar quantas peças* *- placa desse tamanho dizendo cinco*

Fonte: adapto de Souza (2024).

Neste caso, além da construção de contraste [dêitico + advérbio de negação], reconhecemos que toda a porção textual reforçou a intenção comunicativa do discurso, pois lexemas de valor positivo foram utilizados na primeira porção textual e depois foram negados e excluídos na segunda, mostrando assim que a loja

do rico é melhor que a do pobre, que não confia nos clientes, já que precisa de um funcionário no provador para contar as peças.

Ciulla (2008) diz que a dêixis de memória é: "o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo e no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente" (Ciulla, 2008, p. 73). A partir daí, Ciulla e Martins (2017) aludem que a dêixis de memória pode ser um subgrupo da dêixis espacial e afirmam que:

> Se as categorias de pessoa, lugar e tempo estabelecem as coordenadas para a compreensão dos dêiticos, a memória não desempenha a mesma função. Na dêixis de memória, trata-se de uma transposição do eixo de coordenadas, do espaço da situação imediata, para um espaço imaginado na memória. Assim, a memória não seria um eixo de coordenadas, mas aquilo em que a imaginação se fundamenta para criar esse novo espaço em que os referentes se situam (Ciulla; Martins. 2017, p. 85).

Observado os dizeres de Ciulla e Martins (2017), acima, vimos que os autores sugerem que a dêixis de memória pode ser considerada um subgrupo da dêixis espacial. Em contraste com as categorias tradicionais de pessoa, lugar e tempo, que estabelecem coordenadas para a compreensão dos dêiticos, a memória desempenha um papel distinto. Consoante a isso, Lima e Santos (2015) apontam que:

> Quando um referente é percebido, e algumas informações sobre ele são adquiridas, aquela informação é tipicamente preservada na memória e disponibilizada quando o objeto é reconhecido novamente. Nesse instante, há o contato ou pelo corpo ou pelo pensamento indicial e uma nova informação pode enriquecer o corpo inicial de expressões referenciais (Lima; Santos. 2015, p. 356).

Por isso, consideramos os lexemas "na loja do pobre" e "a loja do rico" como dêiticos, pois, ainda que tenham um forte referencial dado pelo sintagma nominal que os compõem, há a necessidade de exposição de características para que todos os envolvidos cheguem no mesmo ponto pretendido pela enunciadora. Vale ressaltar ainda

o juízo de valor oferecido a esses elementos em situação de cotejo: é reforçado pelos lexemas que foram ancorados a cada loja, conforme vimos no esquema (04).

Assim, este tipo de dêitico carece de uma referência maior para que todos os ouvintes compreendam a argumentação da enunciadora, haja vista que os ambientes apontados não são os lugares que ancoram o momento da enunciação. Ao produzir o trecho, cria-se um juízo de valor negativo sobre a loja do pobre e para isso a comediante argumenta sugerindo características boas para a loja do rico na primeira porção textual e características contrárias para a loja do pobre na segunda.

Além disso, a oposição semântica dos adjuntos adnominais "do rico" e "do pobre" contribui de forma significativa para a argumentação associada ao advérbio de contraste "não" que nega todas as qualidades descritas na primeira porção textual para a segunda. Observamos também que a descrição dos ambientes é feita também através da criação de diálogos e cenários que remetem a situações cotidianas.

A comparação entre os dois universos serve como recurso para evidenciar nuances e ironias inerentes à desigualdade socioeconômica. Assim, ao criar um contraste entre os ambientes ricos e pobres, o narrador não só reforça a peculiaridade do humor presente nas descrições, mas também destaca a necessidade de compreender as condições socioeconômicas por meio da lente da diferença, enfatizando como o humor é uma ferramenta eficaz para abordar questões sociais complexas de forma acessível e reflexiva. Dessa forma, a argumentação do narrador não se limita apenas à criação de imagens contrastantes, mas também busca provocar uma reflexão mais profunda sobre as disparidades presentes em diferentes estratos sociais.

Vimos que o uso dos dêiticos espaciais, especialmente os advérbios locativos "aqui, ali, lá" e nomes referenciais como "na loja, na casa, na escola", atuam na construção de contraste argumentativo. A análise revela que a dinâmica do contraste pode ocorrer tanto dentro do ambiente da enunciação quanto fora, em

um campo imagético e memorial. Assim, os dêiticos não apenas indicam a posição física, mas também incorporam uma carga semântica que enriquece a argumentação, conferindo-lhe nuances específicas de acordo com o local referenciado. Igualmente, os nomes referenciais, como "na loja x", funcionam como marcadores distintivos que direcionam a atenção do interlocutor para contextos específicos.

Dadas as discussões anteriores, admitimos que os sintagmas nominais atuam no fenômeno da dêixis na construção estudada, haja vista a criação de um referente comum entre enunciador e ouvinte. Marmaridou (2000) defende que a expressão dêitica constrói um espaço mental entre falante e ouvinte, ou seja, ambos precisam compartilhar a mesma referência em um determinado momento da enunciação. Nos casos analisados até aqui, os dêiticos são acionados, não só para o reconhecimento de uma referência, mas para reconhecer o ponto de vista do enunciador. No caso de (06), é comum que as pessoas saibam o que é uma loja, mas a dêixis se dá para que os ouvintes observem as considerações da enunciadora sobre a diferença entre dois ambientes (a loja do rico e a do pobre).

Contraste e o campo dêitico pessoal

Além das ocorrências dos dêiticos de tempo e espaço, outra possibilidade que encontramos de referência dêitica na atuação de contraste é a denominada dêixis pessoal. Essa categoria, conforme Cavalcante (2000), destaca-se como a que melhor representa a categoria pelo maior grau de subjetividade, uma vez que o sujeito é o centro das coordenadas do mapa da dêixis que evolve sujeito, lugar e tempo. Passamos a analisar esses dêiticos pessoais a partir do exemplo (07), a seguir.

(07) *"Olha, mulheres, outra coisa que a gente tem que reavaliar, que eu acho que a gente tá fazendo muito errado, é o negócio da despedida de solteira, (eita não) tamo errando muito! Porque* ***o homem*** *vai fazer despedida de solteiro, ele compra o pacote de putaria na CVC com escala na DST, ele tá pouco se fodendo, entendeu? O homem que é casado finge que é solteiro e é rola que voa;* ***a gente não****, por que o que que é a despedida de solteira? É a união da noiva, das amigas que são casadas, que "oh meu Deus só queria ir num italiano comer um espaguete", das amigas solteiras que realmente querem festa; então você não chega num lugar comum, é uma festa esquisita pra caralho, é verdade. A despedida de solteira da mulher é a despedida da noiva com as amigas solteiras que ela nunca mais vai ver, é isso...*
Fonte: https://www.facebook.com/abrunalouise/videos/737414886736602/ (03min42seg – 04min26seg).

Em (07), a enunciadora cria uma situação de comparação sobre o tópico "despedida de solteiros", entre homens e mulheres, e se inclui no grupo das mulheres a partir do uso do dêitico "*a gente*"; logo, no início do primeiro trecho. Assim, a autora reforça o seu posicionamento, o que demonstra mais propriedade no assunto e favorece a argumentação do discurso. A comediante analisa o comportamento das mulheres e dos homens e cria dois polos entre eles, no primeiro, ela se inclui, *a gente*, e no segundo ela se distancia, *ele;* além disso, ela se refere às mulheres através de um vocativo - *olha, mulheres, outra coisa que a gente tem que reavaliar...;* então o texto é direcionado a este grupo; ao passo que ao tratar do homem, ela cria um tópico – "*porque o homem vai fazer despedida de solteiro, ele…".*

Além da relação na construção dos referentes em contraste, mulher e homem, o enunciador explora a dêixis pessoal ao descrever as diferentes perspectivas das mulheres envolvidas na despedida de solteira, delineando claramente as categorias de "noiva", "amigas casadas" e "amigas solteiras". Cada uso específico desses pronomes pessoais contribui para a caracterização desses grupos, criando a referência matizada da diversidade de experiências e expectativas em relação ao evento. Além disso, o uso "amigas casadas" sugere uma proximidade afetiva e uma conexão pessoal com essas mulheres. A seguir,

procuramos oferecer um quadro contrastivo para o trecho analisado em (07), em que evidenciamos a relação de contraste

Quadro 02: Quadro contrastivo

Pontos de vistas em contraste	Mulher	Homem
Perspectivas assumidas	Noiva, amigas casadas, amigas solteiras	
Retomadas dos referentes em contraste	*A gente; tamo*	*Ele, o homem*
Tópico	*Despedida de solteira*	
Contraste para o desenvolvimento da argumentação		*- compra o pacote de putaria na CVC com escala na DST* *- finge que é solteiro e é rola que voa*
Contraste e ponto de vista escolhido (construção dêitica)	*A gente NÃO*	
Argumentação desenvolvida	*É a união da noiva, das amigas que são casadas, que "oh meu Deus só queria ir num italiano comer um espaguete", das amigas solteiras que realmente querem festa; então você não chega num lugar comum, é uma festa esquisita pra caralho, é verdade. A despedida de solteira da mulher é a despedida da noiva com as amigas solteiras que ela nunca mais vai ver, é isso*	

Fonte: adaptado de Souza (2024).

Outro exemplo que encontramos de contexto de uso do dêitico pessoal é o uso pronome "você", conforme o exemplo (08) a seguir.

(08) *"Agora tem aquele negócio... porque você fez a cirurgia e emagreceu, mas você tá saudável, tem* ***gente que faz a cirurgia*** *e parece que tá doente,* ***<u>você não</u>****, você tem a aparência saudável".*
Fonte: https://www.facebook.com/TheNoitecomDaniloGentili/videos/1093148724224763/ (02min15seg – 02min26seg).

Em (08), o trecho destacado é uma conversa do apresentador de TV, Danilo Gentili, com o humorista Leandro Hassum. O recorte é uma observação do entrevistador sobre o entrevistado que havia feito a cirurgia bariátrica. Observamos que o enunciador cria a situação de cotejo entre "gente que faz a cirurgia", esse grupo não especificado de pessoas que ele julga não ter aparência saudável após a cirurgia; e o entrevistado, que do ponto de vista do apresentador é o *você.* Ao utilizar "você" como o ponto de referência central, o enunciador ressalta as características do entrevistado em contraste com a condição de outras pessoas que passaram pela mesma intervenção cirúrgica. A escolha de pronomes pessoais específicos, como "gente" e "você", não só individualiza o interlocutor, mas também introduz uma perspectiva pessoal e subjetiva na narrativa.

A argumentação começa com a afirmação do apresentador sobre o estar saudável do comediante após a cirurgia bariátrica e para justificar esta afirmação ele cria uma situação de cotejo entre pessoas que já fizeram a mesma cirurgia e o entrevistado; algumas pessoas que já fizeram parecem estar doentes, porém tal característica é negada sobre o aspecto do entrevistado. Neste caso, o enunciador criou a comparação para argumentar e justificar a sua fala inicial *porque você fez a cirurgia e emagreceu, mas você tá saudável*, o que nos leva a inferir que algumas pessoas realizam a cirurgia e não ficam saudáveis. Assim como no exemplo anterior (07), no qual a dêixis pessoal contribuiu para a construção de identidades, em (08), a escolha estratégica do pronome pessoal "você" não só destaca o entrevistado, mas também acrescenta uma dimensão argumentativa à observação inicial do apresentador sobre a cirurgia bariátrica.

Percebemos, então, que os dêiticos pessoais podem encerrar uma necessidade de justificativa de uma fala anterior sobre o item negado na segunda porção textual. Nota-se que para fazer jus à afirmativa inicial de que as mulheres fazem a despedida de solteira errado, a autora começa a argumentar dizendo como é a dos homens e depois como é a das mulheres; ao passo que Danilo Gentile observa que Leandro Hassum fez a cirurgia e está com a aparência saudável e justifica tal observação comparando o ouvinte a pessoas que fazem a mesma operação e não têm essa aparência.

Encontramos também a possibilidade de ocorrência de dêitico pessoal através de SN, como em (09).

(09) *"Tem coisa que só dá certo se você for rico, só funciona na casa de rico, tipo guarda-roupa sem porta, "closet", porque* ***o rico*** *adora deixar as coisas expostas assim tudo organizadinho.* ***O pobre não****, o pobre luta pra manter as portas no guarda-roupa, porque parece uma sina, o guarda-roupa de pobre as portas começam a cair do nada, tem que desparafusar e aí elas não fecham mais, e aí se for porta de correr então ela correu tanto que não voltou mais. Tá dizendo que o pobre é bagunceiro? Não, to dizendo que* ***o rico*** *tem quem arrume o guarda-roupa pra ele.* ***O pobre não****, ele usa as portas pra esconder a bagunça".*
Fonte:
https://www.tiktok.com/@hitalloalca/video/7291768416581537029

Este texto foi retirado do vídeo do comediante Hitallo Alca sobre a diferença entre ricos e pobres. Neste caso, o autor descreve a situação do guarda-roupa para essas duas realidades. A comparação ocorre para justificar a fala inicial do autor "*tem coisa que só dá certo se você for rico*", após isso, ele exemplifica que o guarda-roupa sem portas é algo que o rico usa, mas que o pobre não. Dessa forma, coloca estes dois grupos em situação de cotejo. No segundo trecho, ele reforça esta comparação quando afirma que o rico tem quem arrume o guarda-roupas, e nega esta possibilidade para o pobre. Neste caso, a argumentação do comediante é fundamentada duas vezes, uma vez que apresenta dois blocos de porções textuais sobre o mesmo assunto. A seguir, procuramos

oferecer um quadro contrastivo (03) para o trecho analisado em (09), em que evidenciamos a relação de contraste:

Quadro 03: Quadro contrastivo

Proposição: "Tem coisa que só dá certo se você for rico, só funciona na casa de rico"		
Porção textual A: porque **o rico** adora deixar as coisas expostas assim tudo organizadinho	**Contraste e ponto de vista escolhido (construção dêitica)** **O pobre não**	Porção textual B: o pobre luta pra manter as portas no guarda-roupa, porque parece uma sina, o guarda-roupa de pobre as portas começam a cair do nada, tem que desparafusar e aí elas não fecham mais, e aí se for porta de correr então ela correu tanto que não voltou mais.
Proposição: Tá dizendo que o pobre é bagunceiro? Não		
Porção textual A: to dizendo que **o rico** tem quem arrume o guarda-roupa pra ele.	**Contraste e ponto de vista escolhido (construção dêitica)** O pobre não	Porção textual B: ele usa as portas pra esconder a bagunça.

Fonte: adaptado de Souza (2024).

Outro exemplo de ocorrência é encontrado em (10), em que temos uma fala do comediante Leandro Hassum no programa de humor *A culpa é do Cabral*. Ele compara o solteiro com o casado, no trecho o comediante defende que o solteiro está sempre se sentindo mal, e sempre preocupado, enquanto o casado não apresenta essa preocupação. Neste caso, ele cria pequenas situações e diálogos para descrever e defender seu ponto de vista.

(10) *"**Solteiro** tá sempre se sentindo mal. "Fulana não quis sair hoje, acho que eu mandei mal". **Casado não**, cê dá aquela encostada de rola assim e ela diz SAI e você "desculpa, desculpa"".*
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=dES4oWk1naU

Destacamos que os dêiticos são empregados para criar o contraste e afirmar a expressão de pontos de vista e identidades, em que se percebe a perspectiva subjetiva do enunciador. A expressão de pontos de vista subjetivos, por meio dos dêiticos pessoais, se destaca como um componente crucial na persuasão e fundamentação de argumentos. Como vimos no exemplo (07), a comediante não apenas compara as despedidas de solteiro de homens e mulheres, mas utiliza "a gente" para se posicionar como parte do grupo feminino, conferindo maior autenticidade à sua crítica e perspectiva. Essa expressão subjetiva fortalece não apenas a mensagem em si, mas também a conexão emocional com o público, uma vez que a audiência pode se identificar com a experiência compartilhada. Além disso, como vimos nos exemplos (13) e (16), a escolha de pronomes pessoais pelo comediante serve não apenas para construir piadas, mas para criar empatia e aproximação com o público.

Os exemplos (15) e (16) apresentam sintagmas nominais dêiticos em sua composição [*o rico... pobre não...], [solteiro... casado não...],* por isso, consideramos estes casos como dêiticos de memória, numa subcategoria dos dêiticos pessoais, uma vez que estes nomes acionam de maneira genérica um referente na mente do ouvinte, referência esta que é construída a partir do juízo de valor e das características apresentadas pelos comediantes. Dessa forma, o público retoma, em sua memória, uma imagem de pessoas que são pobres e ricas e de pessoas que são solteiras e casadas, a partir de estereótipos já construídos pela experiência e pela cultura associados ao juízo de valor proposto pelo enunciador.

Este tipo de dêitico, embora apresente uma grande carga semântica, carece da descrição feita pelo enunciador para que todos compreendam seu ponto de vista e seu julgamento sobre ricos e pobres, e casados e solteiros. O sintagma nominal apenas oferece o significado das palavras, mas para compreender o efeito humorístico, o público precisa buscar na memória os referentes e associar ao que comediante apresenta. Assim, consideramos estes

casos como dêiticos de memória também, bem como os casos de dêiticos espaciais.

Rede hierárquica da construção de contraste argumentativo

No quadro construcionista, os diferentes níveis de esquematicidade, vão de um nível mais baixo, com instanciações concretas, lexicalmente preenchidas, passando para o nível acima que contém construções especificadas (por exemplo, classe verbal); acima, construções específicas semanticamente; e o nível acima contém a abstração entre os itens do nível abaixo. Esta organização de construções aponta para diferentes graus de esquematicidade (Traugott; Trousdale, 2013, Barðdal, 2006).

Se observamos os exemplos destacados ao longo deste capítulo, em todos temos a ocorrência do esquema [X(referente a ser contrastado) Dêitico(advérbio/SN/Pronome) Elemento de negação(advérbio) Y(referente de oposição/contraste)] que é representado pela construção de contraste argumentativa, conforme já representado no quadro (02), que é a nossa macroconstrução.

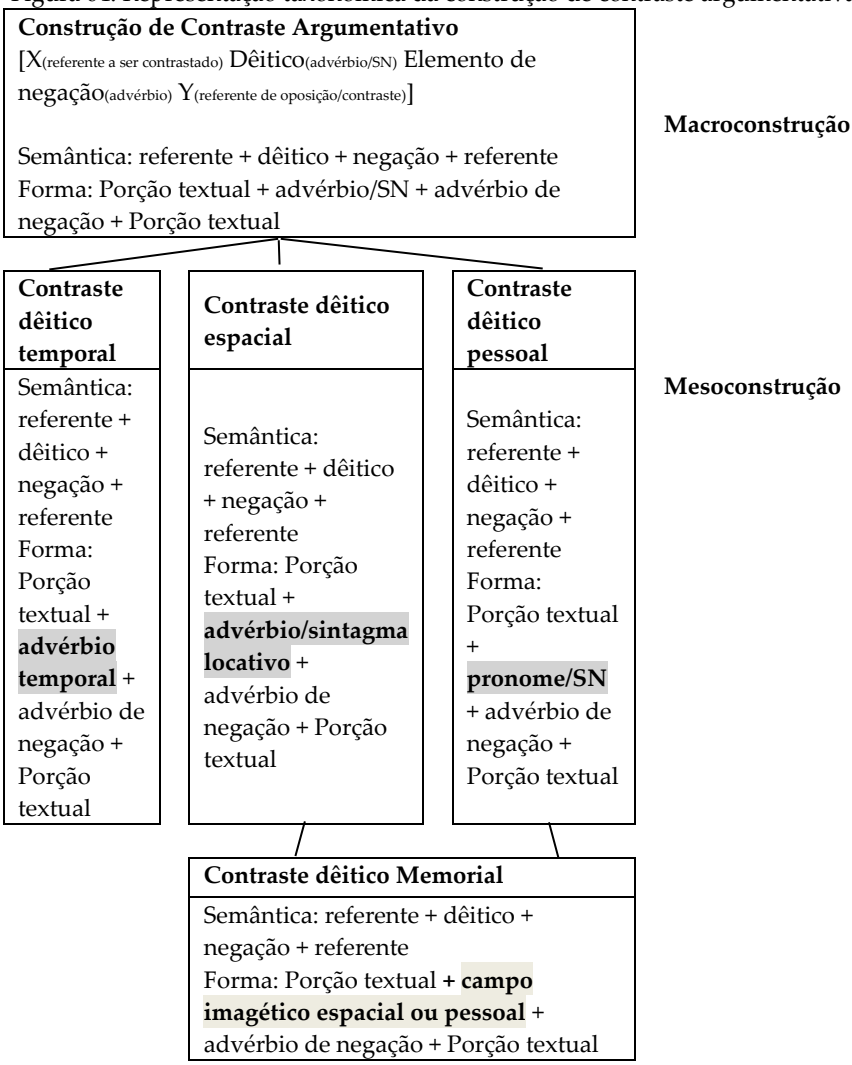
Ao retomarmos as considerações de Marmaridou (2000) acerca do ato da dêixis, torna-se evidente que este envolve apontamento para uma entidade no espaço mental no qual o falante e o destinatário são coapresentados em determinado ponto no tempo. A dêixis, nesse contexto, implica um gesto de apontamento para uma entidade no espaço mental. Isso confere à comunicação um elemento de coapresentação, no qual os interlocutores compartilham não apenas o espaço comunicativo, mas também o tempo, criando assim um terreno fértil para a compreensão mútua das referências, algo bastante defendido na visão funcionalista (ver, por exemplo, Dik, 1997).

Além disso, no que diz respeito à construção de contraste argumentativa, é importante destacar que a partícula negativa (não) desempenha um papel crucial na estruturação do discurso, uma vez que introduz uma negação contrária. Em outras palavras, ao utilizar a partícula negativa, estamos cancelando uma

determinada propriedade, o que implica que o sujeito (S) não possui essa propriedade (P). Essa negação contrária não só adiciona complexidade ao discurso, mas também amplifica o contraste entre as ideias ou argumentos apresentados. Ao afirmar que "S não é P", estamos explicitamente declarando que "S é não-P", o que reforça a distinção entre o que é e o que não é aplicável ao sujeito em questão. Essa dinâmica de negação e contraste é essencial para a articulação de argumentos sólidos e a clareza na expressão de ideias dentro do discurso. A negação explícita produz um efeito enfático do compromisso assertivo, em vez de uma mera ausência de julgamento. Assim, quando afirmamos que "S não é P", não estamos apenas afirmando a ausência de uma característica, mas estamos deliberadamente negando sua presença, enfatizando o comprometimento assertivo com a posição oposta. Com isso, essa negação explícita atua como um operador de inversão polar. Em outras palavras, ela não apenas contradiz, mas também inverte a polaridade, reforçando a oposição entre as partes contrastantes. Acreditamos que essa estratégia seja a base para sinalizar a diferença de maneira mais marcada, o que gera o efeito irônico e humorístico nos discursos.

Assim, a combinação da dêixis e da negação contribui para a construção de uma argumentação discursiva que vai além da simples exposição de contrastes, adicionando uma camada de persuasão ao discurso. Com isso, a construção de contraste argumentativo apresenta diferentes nuances a depender dos dêiticos, pois desempenha um papel crucial na criação de nuances discursivas, o desenvolvimento de perspectivas individuais e a conexão com o público. Além disso, opera no efeito de polaridade (referente positivo e negativo) na construção. Essas nuances são representadas pela caracterização da dêixis temporal, dêixis espacial/memória e dêixis pessoal, que são representadas pelas mesoconstruções em nossa rede hierárquica da construção de contraste argumentativo, conforme a representação na figura (03).

Figura 04: Representação taxonômica da construção de contraste argumentativa



Fonte: adaptado de Souza (2024)

Portanto, a figura (07) acima apresenta, no nível mais abstrato, todos os elementos que compõem a construção, sua forma e sua função, formada por [X (porção textual A) [dêitico + advérbio de contraste] Y (porção textual B)] com a função de estabelecer uma relação de oposição/contraste entre X e Y.

No segundo nível, temos as mesoconstruções formadas por subespecificações dos tipos dêiticos, destacamos os três tipos analisados: dêiticos temporais, dêiticos espaciais e dêiticos pessoais. Embora atendam a mesma função, contraste argumentativo, destacam-se particularidades acionadas por cada tipo dêitico, os temporais, estabeleceram contraste entre tempos distintos (passado e presente), o que reflete na escolha dos tempos verbais dos constructos. Já os dêiticos espaciais apontam para uma referência no espaço, normalmente entre o ambiente em que o ocorre o evento e outro contrário a este, esta referência pode ser física e apontar para ambientes concretos (normalmente onde ocorre o evento) ou apontar para lugares reconhecidos pela memória, um lugar diferente do que ocorre a enunciação, o que nos leva a definir como dêixis de memória.

Finalmente, os dêiticos pessoais são mesoconstruções formadas com pronomes pessoais e/ou de tratamento nos casos mais "tradicionais". Destes foram encontrados mais exemplos, o que se justifica pelo grau de prototipicidade deste tipo dentro da categoria dêitica. Consideramos este como o mais produtivo e mais prototípico pelo grau de subjetividade que o dêitico pessoal sugere. Além desses casos, encontramos dêiticos pessoais formados por sintagmas nominais que se referem a pessoas ou grupo de pessoas retomando, assim, uma referência da memória a partir da descrição do enunciador.

Estas variantes destacadas nos dêiticos espaciais e pessoais como dêixis de memória reforça o que foi descrito por Marmaridou (2000), a qual defende o MCI dêitico; este modelo descreve a dêixis como fenômeno, dessa maneira, diversas palavras, termos e expressões podem atuar nele, desde que atendam aos requisitos estipulados na descrição do MCI. Ao tratar da dêixis a partir desta perspectiva concordamos também com o Raposo et al. (2013) que afirma que a dêixis "permite refletir entidades através do seu posicionamento relativamente ao espaço ocupado pelos intervenientes no ato da enunciação, em particular o falante e o ouvinte" (Raposo et al., 2013, p. 395).

Considerações Finais

A construção de contraste argumentativo apresenta nuances variadas, dependendo dos dêiticos utilizados, desempenhando um papel crucial na criação de nuances discursivas, no desenvolvimento de perspectivas individuais. Além disso, essa construção opera no efeito de polaridade, destacando tanto referentes positivos quanto negativos na argumentação, criando o quadro contrastivo. Essas nuances são representadas pelas características específicas da dêixis temporal, dêixis espacial/memória e dêixis pessoal.

Soma-se, ainda, que o MCI dêitico, desenvolvido pela autora Marmaridou (2000), descreve a dêixis como um fenômeno no qual diferentes lexemas podem atuar. A autora cria um sistema com determinados paradigmas que determinam se um item é um dêitico ou não. Dessa forma, compreendemos que Marmaridou não observa palavras dêiticas, como uma categoria de palavras, mas sim, como um fenômeno que diversos itens podem atuar desde que atendam às regras determinadas pelo sistema. O pensamento da autora torna-se bastante caro os estudos desenvolvidos na pesquisa uma vez que dados de diferentes natureza foram encontrados nos canais pesquisados, mas tradicionalmente, alguns não seriam considerados dêiticos e, logo, não seriam aproveitados para a análise.

Em relação ao contraste argumentativo do campo dêitico temporal, desempenha um papel importante na argumentação, principalmente, evidenciando contrastes entre dois referentes comparados. A utilização de dêiticos temporais como "antes" e "agora" estabelece comparações entre dois momentos distintos, ressaltando mudanças sociais, comportamentais ou experiências pessoais, que são referenciais da porção textual A e B. A referência ao tempo passado, marcada por verbos conjugados no pretérito, em sua maioria, serve como ponto de partida para a comparação, enquanto o dêitico "agora" destaca o presente, realçando as transformações ocorridas. A presença do lexema negativo "não"

nega o referente a ser comparado, evidenciando que o contraste ocorre por meio da polaridade entre as duas partes textuais.

Em relação ao contraste argumentativo do campo dêitico espacial, observamos tanto a ocorrência de dêiticos associados a advérbios locativos como "aqui, ali, lá" e nomes referenciais como "na loja, na casa, na escola". Dessa forma, a dinâmica do contraste argumentativo em nosso *corpus* não se restringe ao ambiente imediato da enunciação, estendendo-se ao campo imagético e memorial. Nos exemplos analisados, os dêiticos são acionados não apenas para reconhecer uma referência, mas para destacar o ponto de vista do enunciador.

Em relação ao contraste argumentativo do campo dêitico pessoal, percebe-se que os dêiticos pessoais não apenas indicam a posição do falante no discurso, mas também contribuem para a construção de identidade e perspectiva. A escolha de pronomes específicos, como "a gente" reforça a conexão com o público, enquanto "você" centraliza a perspectiva do interlocutor.

Referências

ALVAREZ, R. E.; WIEDEMER, M. L. O papel da dêixis em construções de evidencialidade com "quer ver". **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 18, n. 40, 2024, p. 152-171.

ANDRADE, H.; FERRARI, L. Dêixis, espaços mentais e categorização: o caso dos pronomes we e you em inglês. **D.E.L.T.A.**, 33, 1, 2017, p. 219-241.

BARÐDAL, J. **Predicting the Productivity of Argument Structure Constructions**, BSL 32, n. 1 2006, Berkeley Linguistics Society and the Linguistic Society of America.

BERNARDO, S. Pronome *você* na dêixis conversacional. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, jul./dez. 2005, p. 171-192.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. Tese (Doutorado

em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos.** Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, 2008.
CIULLA, A.; MARTINS, M. A. Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos. **Revista de Letras**, n. 36, v. 2 , 2017, p. 78-90.
CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
DIESSEL, H. **The Grammar Network**: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. Cambridge, 2019.
DIK, S. C. **The theory of functional gramar**: The structure of the clause. 2ed. rev. Editado por Kees Hengeveld. Mounton de Gruyter: Berlim, Nova York, 1997.
FERREIRA, J. S.; FERRARI, L. V. Mesclagem, polissemia e dêixis. **Revista Linguística**, v. 2, n. 1, p. 39-68, 2006.
FERREIRA, Lilian; FONTES, Viviane Moura. Dêixis e mesclagem: a expressão pronomilizada "a gente" como categoria radial. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010, p. 30-46.
GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
LIMA, G. DE O. S.; SANTOS, C. C. C. Campo dêitico da memória: o quadro da temporalidade. **Revista PROLÍNGUA**, n. 1, vol. 9, 2015, p. 15 – 25.
MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. CAVALCANTE, S. A. S. Sociolinguística e gramática de construções: texto e discurso na perspectiva socioconstrucionista. In: PONTES, V. O.; COAN, M.; CAVALCANTE, S. A. S.; CARVALHO, H. M.; ARAÚJO, A. A. (orgs.). **Sociolinguística:** interfaces e aplicações. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 14-54 2024.
MARMARIDOU, S. **On Deixis. Pragmatic meaning and cognition**. (Pragmatics & Beyond, New Series) 72ed. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2000.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
PINHEIRO, H, P. F.; AVELAR MIRANDA, M. Uma análise cognitiva do dêitico aqui em dados orais e multimodais. **Signo,** Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, dez. 2017, p. 113-122.
RAPOSO, E. P. B.; NANSCIMENTO, M. F. B.; MOTA, M. A. C.; SEGURA, L.; MENDES, A. com colaboração VICENTE, G.; VELOSO, G.; VELOSO, R. (orgs.) **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, vol. I e II, 2013, vol. III, 2021.
RÜHLEMANN, C.; O'DONNELL, M. B. Deixis. In.: AIJMER, K.; RÜHLEMANN, C. **Corpus Pragmatics**, p. 331-359, 2014
SILVA, W. P.; MARCHON, A. H. Argumentação multimodal: uma proposta teórico-metodológica. **Acta Scientiarum**, 2021, p. 1-14.
SOUZA, A. C. C. **O papel dos dêiticos em construções de contraste na esfera humorística: uma análise sob a ótica da Gramática de Construções Baseada no Uso**. Dissertação de Mestrado (Mestre em Estudos Linguísticos). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.
TEIXEIRA, A. C. M.; OLIVEIRA, M. R. Por uma tipologia funcional dos marcadores discursivos com base no esquema construcional Verbo Locativo**. Veredas** (UFJF. Online), v. 16, p. 19-35, 2012.
TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional changes.** Oxford: OUP, 2013.

MORFOLOGIA E MODALIDADE: QUESTÕES SOBRE LÍNGUAS DE SINAIS

João Paulo da Silva Nascimento

Introdução

Neste capítulo[1], abordamos aspectos morfológicos e lexicais das LS, com o objetivo de discutir a complexidade estrutural dessas línguas que se caracterizam por sua natureza visual-espacial. Nosso foco aqui recai sobre o léxico, entendido como o conjunto de unidades que compõem o inventário dessas línguas (Tuxi; Felten, 2019), e os processos de criação de novos sinais, que refletem a flexibilidade e a capacidade inovadora dos sistemas linguísticos das LS (Xavier; Neves, 2016). Para organizar essa discussão, estruturamos o capítulo em três seções principais, cada uma dedicada a explorar um aspecto central dessa temática.

Na primeira seção, introduzimos as especificidades morfológicas das LS, considerando sua natureza visual-espacial e os desafios que essa modalidade impõe à análise linguística (Aronoff; Meir; Sandler, 2005). Exploramos brevemente como a modalidade visual-espacial pode moldar os processos morfológicos, estabelecendo diferenças significativas em relação às línguas orais-auditivas. Além disso, destacamos como esses

[1] Este capítulo é um recorte da tese de doutorado intitulada "Composição em línguas de sinais: uma proposta de análise comparativa em perspectiva cognitivo-funcional", de autoria do autor, a qual está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação das professoras doutoras Sandra Pereira Bernardo e Valeria Fernandes Nunes.

sistemas linguísticos combinam iconicidade, arbitrariedade e simultaneidade para estruturar os sinais.

Na segunda seção, investigamos a organização lexical das LS, com foco na constituição e na tipologia dos sinais. Primeiramente, analisamos os sinais monomorfêmicos, que possuem estruturas mais simples e frequentemente representam unidades básicas do léxico. Em seguida, discutimos os sinais polimorfêmicos, que integram múltiplos morfemas em sua composição, exibindo maior complexidade linguística. Também examinamos a relação entre os elementos lexicais e gramaticais, enfatizando a interação entre significado e forma em um sistema visual-espacial.

Na terceira seção, nos voltamos aos processos morfológicos envolvidos na criação de sinais, descrevendo os que podem ser identificados como concatenativos, nos quais morfemas se combinam de maneira linear para formar novos sinais, e os que podem ser apontados como não concatenativos, caracterizados por alterações simultâneas de parâmetros fonológicos que modificam o significado de sinais existentes.

Ao longo do capítulo, enfatizamos como as estruturas morfológicas e lexicais das LS refletem tanto características universais das línguas naturais quanto particularidades tipológicas decorrentes de sua modalidade visual-espacial. Com isso, buscamos oferecer um panorama sobre os processos linguísticos que regem a organização e a formação do léxico em LS, contribuindo para o entendimento sobre a gramática dessas línguas.

Morfologia e modalidade

O estudo da morfologia, ramo da linguística que investiga a estrutura interna das palavras e os processos de formação (Gonçalves, 2019; Rosa, 2024), tem enfrentado desafios significativos ao ser aplicado às LS, conforme vêm apontando Takahira (2012), Xavier e Neves (2016) e Silva Jr e Xavier (2020). Essas línguas, utilizadas predominantemente por comunidades surdas, possuem

características linguísticas que se diferenciam substancialmente das línguas orais-auditivas, inclusive no que diz respeito à organização morfológica. Por isso, de acordo com Bernardino (2012) e Pêgo (2013), um dos principais desafios impostos à morfologia está relacionado à modalidade visual-espacial das LS. Nas palavras de Souza, Lima Neto e Lima (2021, p. 19),

> Ao transpormos a noção de morfema, própria das línguas orais, para a morfologia da língua de sinais, encontramos barreiras que impedem a compreensão da forma dos sinais, porque essa noção nos remete à segmentação do sinal em unidades menores de sentido, tal qual como ocorre no português, em que os itens lexicais podem ser decompostos, como, infiel que é formada por prefixação = in + fiel, ou ainda em palavras que se diferenciam pela flexão de gênero, como se vê em bonito(a). Então, ao tentarmos pôr em prática esse tipo de decomposição, não conseguimos identificar unidades que desempenham a função lexical, a exemplo dos radicais, ou a função gramatical, como as desinências.

Enquanto nas línguas orais-auditivas os elementos morfológicos geralmente são lineares, ou seja, organizados de maneira sequencial, nas LS a simultaneidade desempenha um papel crucial (Quadros, 2019; Santos, 2019). Elementos morfológicos podem ser produzidos simultaneamente, utilizando diferentes parâmetros formais, como configuração de mãos, movimento, orientação, ponto de articulação e expressões não manuais, estabelecendo forte relação com a fonologia (Quadros, 2006). Essa simultaneidade impõe dificuldades para a análise e segmentação morfológicas, uma vez que os conceitos tradicionais do campo, como, por exemplo, a noção de morfema, muitas vezes fundamentados na perspectiva da linearidade, nem sempre são suficientes para descrever fenômenos visuais-espaciais, ao menos não se considerados à guisa do estabelecido para línguas orais-auditivas.

Outro aspecto importante levantado por Frydrych (2012) está na iconicidade inerente às LS[2]. Enquanto a morfologia de muitas línguas orais-auditivas é majoritariamente arbitrária, as LS frequentemente apresentam uma relação motivada entre a forma do sinal e o seu significado. Mendonça (2012) e Pinheiro (2022) apontam que o uso de classificadores em LS, que representam visualmente aspectos do referente, desafia as abordagens convencionais da morfologia ao exigir uma análise que contemple não apenas a forma, mas também a relação direta com o espaço visual e o contexto semântico.

Além disso, a intensa variação também pode representar um desafio ao estudo da morfologia em LS (Xavier; Korossy, 2022; Silva, 2023)[3]. Por serem línguas de transmissão predominantemente visual e por enfrentarem condições de ensino e padronização desiguais, as LS frequentemente exibem uma variabilidade considerável, tanto na forma quanto no uso de elementos morfológicos, um fator que pode dificultar a identificação de padrões consistentes e sistemáticos, responsáveis pela estruturação de paradigmas (Ferreira; Ferreira, 2016; Santos *et al.*, 2022). Esse aspecto se soma à escassez de *corpora* linguísticos amplos e representativos em LS, outro entrave ao avanço do estudo morfológico, pois a coleta, transcrição e análise de dados visuais demandam tecnologias e metodologias específicas, que nem sempre estão amplamente disponíveis (Quadros, 2016; Heitkoetter; Xavier, 2020)[4].

---

[2] Por um viés funcionalista, entendemos que a iconicidade se caracteriza como um princípio verificável em todas as línguas naturais (Givón, 1979). Aqui, no entanto, referimo-nos à iconicidade decorrente dos aspectos visuais, isto é, em um sentido mais *lato* do termo.

[3] O que não significa, em hipótese alguma, que seja um fator prejudicial ao sistema linguístico, uma vez que a variação é um fator inerente às línguas naturais.

[4] Apesar dessas limitações, avanços significativos têm sido alcançados por meio de ferramentas de vídeo-análise, descrição computacional e colaborações interdisciplinares.

Ainda assim, como destacam Takahira (2013) e Araújo, Takahira e Xavier (2024), o estudo da morfologia das LS representa um campo de investigação em expansão, o qual desafia conceitos tradicionais e exige a adaptação de métodos analíticos às peculiaridades dessas línguas, a fim de obter ampliação da teoria linguística, integrando plenamente a diversidade tipológica das línguas humanas. Nesse sentido, Silva Jr e Xavier (2020) exploram uma questão central nos estudos linguísticos: como as LS podem ser ao mesmo tempo morfologicamente complexas, como as línguas polissintéticas, e simples, como as línguas crioulas? Essa discussão também é trazida à baila por Quadros (2019, p. 70), para quem

> Aronoff, Meir e Sandler (2005) analisaram esses dois tipos de morfologia [simultânea e linear] observados nas línguas de sinais e identificaram que a morfologia sequencial envolve processos de gramaticalização similares aos processos identificados nas línguas mais jovens (crioulas). As línguas crioulas se desenvolvem na medida em que um pidgin (língua simplificada de contato) adquire falantes nativos ou se torna língua principal de uma comunidade linguística específica. Os fatores que determinam os processos de gramaticalização nas línguas crioulas relacionam-se à idade das línguas e às condições sociolinguísticas. Os autores identificaram pelo menos três fatores que contribuem para essas semelhanças: a origem da língua, as condições de aquisição e a idade. As línguas de sinais surgem e ressurgem nas comunidades a partir do contato com outras línguas de sinais e com sistemas caseiros de sinais emergentes que se constituem em famílias nas quais os pais não são surdos e não conhecem a língua de sinais.

Segundo Schembri (vários trabalhos), essa característica deriva de dois fatores principais, a saber: (i) a modalidade visual-gestual e (ii) a juventude histórica dessas línguas. Para Silva Jr e Xavier (2020), a iconicidade e a simultaneidade permitem a criação de construções morfológicas intrinsecamente complexas, como verbos indicadores compostos por múltiplos morfemas em *British Sign Language*. No entanto, apontam que a relativa juventude das LS, estimada em cerca de 300 anos, restringe o desenvolvimento de uma morfologia afixal consolidada, característica comum em línguas mais antigas. Por isso, interpretam essas características

como evidências de que as línguas são sistemas adaptativos complexos, nos quais interações entre fatores perceptuais, sociais e cognitivos moldam suas estruturas.

Os autores situam que a juventude das LS, combinada com a situação sociolinguística específica das comunidades surdas – marcadas por opressão histórica, instabilidade social e elevado contato com línguas majoritárias –, contribui para a simplicidade relativa em aspectos como irregularidade, redundância e marcação morfológica. Apesar disso, a simultaneidade e a iconicidade visual-gestual possibilitam a emergência de estruturas inovadoras e complexas, como a integração de diferentes morfemas em um único sinal, como vem sendo apontado por Schembri e outros estudiosos desse campo.

Apesar dessas lacunas observadas no âmbito da morfologia das LS, a complexidade morfológica neste tronco linguístico tem levantado debates em torno da relação entre morfologia e modalidade. De acordo com Quadros (2019, p. 70-71),

> A estrutura morfológica das línguas de sinais compreende sequencialidade e simultaneidade. Segundo Aronoff, Meir e Sandler (2005), o fato de haver dois tipos de morfologia nas línguas de sinais faz com que elas apresentem especificidades que refletem aspectos já analisados nas línguas de modo geral, assim como aspectos bastante específicos das línguas de sinais decorrentes da modalidade visual-espacial (...). No caso da morfologia simultânea flexional, Aronoff, Meir e Sandler (2005) apresentam como constituidora a modalidade de sua transmissão, visual-espacial, muitas vezes com motivação icônica. Essa morfologia é altamente complexa, diretamente estruturada a partir de sua modalidade. Os aspectos gramaticais são percebidos alterando-se a direção dos movimentos, o ritmo ou a forma do percurso do sinal. Esse tipo de flexão é observado em um conjunto de verbos das línguas de sinais, os chamados verbos de concordância, assim como na marca de número em substantivos e nos classificadores.

Nesse sentido, a modalidade visual-espacial permite a exploração da simultaneidade como recurso estrutural, característica menos frequente nas línguas orais-auditivas (Rocha;

Othero; Finger, 2023). Em LS, por exemplo, um único sinal pode combinar elementos a princípio fonológicos, como movimento, configuração de mão, orientação e expressão facial para transmitir informações morfológicas e sintáticas de forma simultânea, enquanto as línguas orais-auditivas tendem a depender de processos sequenciais (Murta; Mattos, 2022). Isso evidencia como a morfologia das LS não apenas se adapta à sua modalidade, mas também revela estruturas que desafiam a descrição convencional da morfologia linguística, pensada em torno de línguas orais-auditivas. Por isso, para Quadros (2019, p. 85),

> Pelo fato de a modalidade ser visual-espacial, há uma sobreposição, mas ainda assim é possível estabelecer certa ordenação entre os morfemas. O movimento sobreposto a cada uma das formações é simultâneo, mas podemos identificar o morfema base que aparece em todas as realizações como o primeiro morfema ao qual os demais se concatenam. Farias-Nascimento (2013) também observou que as configurações de mão, além de fonemas, podem ser morfemas, como se observa em português, por exemplo, com o fonema /a/ e o morfema '-a' marca de gênero. Alguns morfemas de uma dada configuração de mão apresentam a mesma forma de fonemas da mesma configuração de mão. Um exemplo apresentado pela autora é o morfema -s (mão fechada), que é um fonema sem significado e que pode compor palavras na Libras, por exemplo, no sinal FARMÁCIA, mas que é um morfema -s associado ao significado relacionado com 'segurar-alguma-coisa' em vários sinais e classificadores (descritivo-visuais).

Com efeito, podemos dizer que a morfologia em LS se manifesta principalmente por meio de processos simultâneos, como a modulação do movimento, da orientação e da localização dos sinais, além de processos sequenciais, como repetições e combinações de sinais (Souza Jr.; Pereira, 2024). Um exemplo claro da morfologia da Libras pode ser observado nos verbos indicadores, que integram informações sobre sujeito e objeto diretamente no movimento do sinal. O verbo DAR, por exemplo, pode ser modulado para indicar quem dá e quem recebe: o movimento do sinal de DAR começando próximo ao peito do sinalizante e indo em direção ao interlocutor significa "eu dou algo

para você"; inversamente, ao começar no espaço do interlocutor e mover-se para o sinalizante, significa "você dá algo para mim".

Outro aspecto relevante da morfologia das LS está nos classificadores, que funcionam como morfemas descritivos associados à forma, tamanho ou movimento de objetos (Felipe, 2006; Puhl; Borges; Rúbia, 2018; Sampaio; Oliveira; Santana, 2022). Por exemplo, o classificador de "veículo" em Libras pode ser combinado com movimentos específicos para descrever ações como "um carro subindo uma ladeira" ou "um ônibus virando à direita", demonstrando a capacidade das LS de representar simultaneamente diversas informações complexas.

Além desse fator, a escassez de marcações morfológicas afixais explícitas para tempo, gênero e número, que são comuns em línguas orais como o português, também chama atenção para a discussão sobre morfologia e modalidade visual-espacial, dado que, frequentemente, essas categorias são expressas de maneira contextual, ou por sinais lexicais independentes, como ONTEM para passado ou FUTURO para marcar o tempo a porvir (Ochiuto, 2022), ou por recursos como a repetição, como no caso do sinal ESTUDAR, que pode ser repetido rapidamente para indicar um aspecto contínuo ou intensivo, demonstrando um tipo de flexão morfológica (Sanchez-Mendes; Segala; Xavier, 2020).

Essas diferenças levaram alguns pesquisadores a questionarem se as LS possuem uma morfologia comparável à das línguas orais-auditivas (Klima; Bellugi, 1979; Nepomuceno, 2019). Contudo, estudos recentes mostram que, embora o sistema seja diferente, há uma morfologia rica e produtiva baseada na simultaneidade e iconicidade, pois, como apontam Quadros e Karnopp (2004, p. 87):

> As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfologicamente complexas. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas

> línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização.

Ainda assim, notam-se algumas distinções marcantes entre as LS e as línguas orais-auditivas quanto à presença de afixos, um tópico de debate entre estudiosos do campo, como Quadros (2004), Felipe (2006), Takahira (2012), Nascimento (2013), Correia (2020), dentre outros. Enquanto nas línguas orais-auditivas os afixos frequentemente desempenham papéis fundamentais na flexão e na derivação, contribuindo para a organização morfossintática, nas LS, o caráter simultâneo da modalidade visual-espacial parece favorecer o uso de estratégias morfológicas que muitas vezes não se assemelham diretamente ao uso sequencial dos afixos nas línguas orais-auditivas (Santos; Grutzmacher; Sedrins, 2023).

Essa distinção tem gerado discussões sobre a pertinência do termo "afixo" no contexto das LS e sobre como certos processos, como a incorporação de elementos e a modificação simultânea de parâmetros fonológicos, podem ser classificados no âmbito morfológico. Para Felipe (2006, p. 200),

> [...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação.

Takahira (2012, p. 273) aponta que a própria definição sobre o conceito de "morfema" em LS, especialmente em Libras, ainda não se mostra assertiva nos poucos trabalhos que compõem a literatura do campo. Para ela, os estudos de Felipe (1998; 2006) apresentam inovações, na medida em que apontam que os parâmetros da Libras, entendidos para além da fonologia, podem se referir a

morfemas correspondentes a uma raiz ou radical, referindo-se ao parâmetro movimento; um afixo, no caso de alterações entre movimento e configurações de mão; ou uma desinência, direcionalidade, no caso de concordância número pessoal, ou configuração de mão, no caso de gênero. Estudos sobre a Libras, como os de Felipe (1998; 2006) e Xavier e Nogueira (2016), têm fornecido discussões pertinentes sobre processos morfológicos inovadores, tais como a incorporação e características intrínsecas de determinados verbos.

Notamos, assim, a importância de se compreender a morfologia sob um ponto de vista distinto, chamando atenção aos parâmetros fonológicos na formação e modificação de sinais em LS. Além disso, entendemos que alguns pontos dos debates teóricos em torno da aplicabilidade dos termos "afixo" e "morfema", no contexto das LS, devem considerar suas características simultâneas e não-lineares. Acreditamos que compreender a morfologia das LS implica não apenas analisar os processos internos dessas línguas, mas também refletir sobre como a modalidade visual-espacial influencia o modo como organizamos e teorizamos a morfologia de maneira geral. Nesta perspectiva, continuamos o debate na próxima seção focalizando a constituição do léxico em LS, em particular a partir das distinções entre sinais monomorfêmicos e polimorfêmicos.

O léxico em LS

A constituição do léxico se destaca como um campo de investigação fundamental no âmbito dos estudos linguísticos aplicados às LS, uma vez que, como já dissemos, essas línguas apresentam propriedades estruturais e funcionais distintas das línguas orais-auditivas, embora sejam igualmente complexas. Um dos elementos centrais da discussão em torno da constituição do léxico sinalizado é a divisão categorial entre os itens que compõem o acervo gramatical das LS. Estudos como os de Padden (1998), Brentari e Padden (2001) e Quadros e Karnopp (2004) vêm

fornecendo contribuições importantes para a especificação de sinais, entidades datilológicas e classificadores – tipos de itens encontrados nos sistemas lexicais emergentes das LS mapeadas, os quais compõem o que se chama de léxico nativo e não-nativo (Sandler *et al.*, 2011; Brentari, 2019).

Os classificadores em LS são elementos linguísticos que desempenham um papel imprescindível na representação visual de informações espaciais, formais e funcionais sobre objetos, pessoas e ações (Zwitserlood, 2012). De acordo com Morgan e Woll (2007), são geralmente incorporados aos verbos e utilizados para descrever características específicas de um referente, como sua forma, tamanho, movimentação ou disposição no espaço (*e.g.* a configuração de mão pode indicar se um objeto é fino e longo, arredondado, ou volumoso etc). Além disso, classificadores também são empregados para representar interações dinâmicas entre referentes, como, por exemplo, o movimento de um veículo em uma rua ou a manipulação de objetos. Com função altamente visual e icônica, são, em essência, morfemas eficientes para transmitir detalhes complexos em uma única construção sinalizada (Emmorey, 2003).

A datilologia, isto é, o uso do alfabeto manual para representar palavras das línguas orais-auditivas, funciona como uma ponte para o empréstimo lexical (Castro Jr *et al.*, 2023). Como afirmam Padden e Gunslauls (2003) e Diniz (2023), essa prática é comum na introdução de termos técnicos, estrangeirismos, nomes próprios, ou, ainda, para se referir a termos cujo sinal seja desconhecido pela comunidade de fala. Embora inicialmente dependam da língua oral, muitos desses empréstimos sofrem um processo de adaptação fonológico-gestual ao longo do tempo, integrando-se plenamente ao sistema da língua de sinais, refletindo a interação dinâmica entre línguas e evidenciando a permeabilidade linguística.

Enfim, temos os sinais. Na linha do que definem Baynton (1996) e Wadhawan e Kumar (2020), os sinais podem ser compreendidos como unidades linguísticas convencionais, sistemáticas e compartilhadas, as quais são utilizadas como parte

de um sistema linguístico completo e estruturado. Diferentemente dos gestos, que são movimentos corporais ou manuais geralmente espontâneos, contextuais e amplamente universais, os sinais possuem significado linguístico estabilizado e dependem de regras gramaticais específicas, como qualquer palavra em línguas orais-auditivas. De acordo com Liddell e Metzger (1998) e Goldin-Meadow e Brentari (2017), trata-se de unidades lexicais inseridas em um sistema de regras que governam aspectos linguísticos, uma vez que se caracterizam por elementos formais e arbitrários em sua maior parte, ainda que frequentemente apresentam traços icônicos, os quais cumprem com funções comunicativas dentro de uma LS na qual são convencionais.

Por constituírem o dorso do léxico das LS, esses itens podem ser analisados sob diferentes critérios, reunindo uma série de classificações que circulam na literatura[5]: do ponto de vista semântico, dividem-se os sinais entre icônicos e arbitrários (Perniss; Thompson; Vigliocco, 2010), ao passo que, do ponto de vista formal, entre simples, ou monomorfêmicos, e compostos, ou polimorfêmicos (Liddell; Johnson, 1986), além das especificações de sinais plenos e soletrados (Freitas Jr. *et al.*, 2020)[6].

Os sinais monomorfêmicos, também conhecidos como sinais simples, são constitutivamente definidos por sua indivisibilidade morfêmica, isto é, por não apresentarem unidades menores portadoras de significado associadas a eles (Emmorey; Corina, 1990; Meir, 2016). Como apontam Sandler (2011), Lepic e Occhino (2018) e Kindiroglu, Özdemir e Akarun (2023), diferentemente dos sinais polimorfêmicos, esses sinais tendem a ser tanto semanticamente opacos (arbitrários), quanto transparentes

[5] Aqui focalizaremos somente as distinções do ponto de vista formal, tratando dos sinais formados por uma única base morfológica, em primeiro lugar, e daqueles formados por mais de uma base, posteriormente.

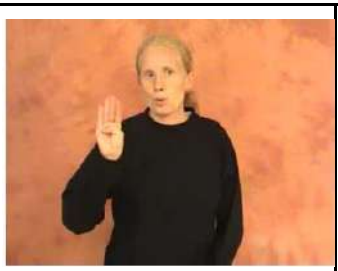
[6] Na literatura, há também a menção a "sinais complexos" (Fraga, 2019; Carvalho, 2020). Porém, como esses são aqueles relacionados ao fenômeno da incorporação – aqui entendido como um processo de formação de palavras (cf. Xavier; Neves, 2016; Silva; Lima, 2021) – não trataremos deles aqui.

(icônicos) no que se refere à relação entre forma e significado. Na classificação dos sinais monomorfêmicos, diferentes critérios têm sido propostos por pesquisadores, como Kourbetis e Hoffmeister (2002), Ebbinghaus e Hebmann (2013) e Börstell, Hörberg e Östling (2016), dentre outros. De acordo com Takahira (2013, p. 02),

> (...) na libras, bem como em outras línguas de sinais, alguns sinais equivalem a palavras e também a morfemas, uma vez que muitos sinais da libras são monomorfêmicos. Sobre sinais monomorfêmicos, Supalla (1980) propõe um contínuo morfológico para a ASL onde de um lado há formas "novas", formadas por combinação de morfemas, e do outro lado há formas "congeladas", ou seja, monomorfêmicas. Há na libras alguns casos nos quais processos morfológicos são observados, como composição, flexão, incorporação, onde podemos depreender diferentes morfemas a partir do que chamamos "morfologia visuo-espacial". Por "morfologia visuoespacial" entendemos características morfológicas na modalidade visuo-espacial, que podem ser expressas por mudança ou alteração de um dos cinco parâmetros que compõem um sinal, levando a um dado significado.

Como observamos a partir de Takahira (2013), em termos estruturais, nas LS, os parâmetros de configuração de mão, localização, movimento, orientação da palma e expressões não manuais são fundamentais para a caracterização dos sinais, seja no nível fonético-fonológico, seja no nível morfológico. À luz deste enquadre, podemos definir sinais monomorfêmicos como aqueles cuja combinação desses parâmetros forma uma unidade indivisível em termos morfêmicos (Pizzuto; Corazza, 1996; Pfau; Othero; Spinelli, 2012; Fraga, 2019). Os sinais para AZUL nas línguas de sinais francesa, sueca, francesa, brasileira e norte-americana podem ser considerados monoformêmicos porque seu significado é transmitido pela combinação de uma única configuração de mão, localização e movimento, conforme percebemos nos dados a seguir.

Quadro 1: Sinais monomorfêmicos em LS

LSF		LSS	
ASL		LGP	
Libras			

Fonte: Produção própria, a partir de dados do *SpreadTheSign*

Em todos os dados acima, percebemos a ocorrência de "sinais que possuem organização cujo processo de formação não depende de outros sinais já existentes em sua composição" (Godoi; Lima; Leite, 2021, p. 128). Esses sinais são caracterizados por sua independência morfológica, não sendo derivados ou compostos a partir de outros elementos linguísticos, uma vez que sua formação está diretamente ligada às propriedades semânticas e fonológicas intrínsecas, o que os distingue de sinais complexos ou compostos, que resultam da combinação de outros sinais preexistentes (Schembri *et al.*, 2002; Antzakas, 2006).

Estudos em Linguística Cognitiva têm destacado a importância da iconicidade na classificação de sinais monomorfêmicos (Wilcox; Wilcox; Jarque, 2003; Wilcox, 2004a, 2004b; Dudis, 2006; Leeson; Saeed, 2012; Nunes, 2018). Embora as LS sejam sistemas linguísticos arbitrários, muitos sinais monomorfêmicos exibem uma relação motivada entre a forma do sinal e o conceito representado. Sinais que representam determinados objetos físicos, por exemplo, frequentemente imitam aspectos visuais ou funcionais desses objetos, como o sinal de CADEIRA, que pode aludir à forma de sentar:

Quadro 2: Sinais monomorfêmicos icônicos em LS

Libras	ASL	LSS

Fonte: Produção própria, a partir de dados do *SpreadTheSign*

Em relação às restrições formais dos sinais monomorfêmicos, Sandler (2023, p. 9) afirma que estes "são caracterizados por um único agrupamento de dedos selecionados (Mandel, 1981) e por um único ponto principal de articulação (Battison, 1978), ambas categorias de traços salientes, dando assim a impressão de simultaneidade adotada por Stokoe em primeiro lugar". O autor continua, considerando que

> (...) apenas um grupo de dedos pode ser selecionado para um sinal monomorfêmico, e todos os dedos selecionados devem ter o mesmo formato (por exemplo, aberto ou fechado; Mandel, 1981). Os dedos que não estão selecionados também são restringidos; eles devem estar em uma posição perceptualmente distinta daquela dos dedos selecionados (Corina, 1993). Essas restrições são generalizadas nas línguas de sinais, mas às vezes são violadas quando as configurações são emprestadas do alfabeto manual

> (Brentari, 1998, 2011; Sandler, 2012b). As exceções mostram que as restrições não são exigidas pela anatomia da mão, mas fazem parte da organização fonológica (Sandler, 2023, p. 10).

Observamos que a classificação de sinais monomorfêmicos em LS requer a consideração de aspectos semânticos e fonológicos, ou seja, tanto do plano da forma quanto do conteúdo (Aronoff *et al.*, 2004; Edward, 2014). Esses sinais desempenham um papel crucial na estruturação do léxico das LS, pois, como vimos, são definidos por sua unidade mínima de significado, não permitindo divisões em unidades menores que sejam semanticamente ou fonologicamente significativas, isto é, morfemas.

Com efeito, esses sinais frequentemente servem como base para a derivação de outros sinais, os quais podem ser subdivididos em complexos, compostos e classificadores (Chinchor, 1982; Aronoff *et al.*, 2003; Grinevald, 2003; Vercellotti; Mortensen, 2012). A primeira categoria refere-se àqueles sinais oriundos de processos de incorporação de marcas gramaticais, ao passo que a segunda, àqueles provenientes da composição. Já os classificadores, na perspectiva de Quadros (2019, p. 22),

> (...) são sinais considerados altamente complexos produzidos nas diferentes línguas de sinais, pois são polimorfêmicos, ou seja, envolvem diferentes informações produzidas em um único sinal sem uma forma lexical estável. Os classificadores são também chamados de descrições imagéticas ou descrições visuais, pois apresentam em sua forma uma representação do mundo real, logo, icônica. Integram um componente instável do léxico porque são combinados cada vez, de acordo com a referência ao mundo real, que pode incluir o evento, a forma do referente, a forma do evento em si, o modo e o tempo, produzidos simultaneamente em um único sinal.

Independente da classificação de complexo, composto ou classificador, de modo amplo, podemos compreender que sinais polimorfêmicos são aqueles que contêm mais de um morfema (Coulter, 1979; Cohn, 2007). Conforme apontam Lepic e Occhino (2018), tais sinais constituem um objeto de estudo central em análises morfológicas, uma vez que evidenciam estratégias de

composição e condensação de informações linguísticas em formas sinalizadas inovadoras. A análise desses sinais evidencia que as LS, ao contrário de uma visão simplista ou reducionista, possuem níveis elevados de complexidade estrutural e funcional, comparáveis aos das línguas orais-auditivas descritas há mais tempo no estudo da morfologia (Bellugi; Newkirk, 1981; Kubuş, 2008; Nascimento; Freitas Jr., 2023).

Em sinais polimorfêmicos, nota-se a coexistência de componentes, cada um contribuindo de forma específica para o significado global ou para a estrutura funcional da unidade lexical gerada (McKee; Kennedy, 2006; Freitas Jr. *et al.*, 2020). Esses componentes podem ter origens diversas, incluindo morfemas lexicais e classificadores, e frequentemente atuam em interação para expressar informações simultâneas, conforme situa Zwitserlood (2003; 2012).

Teoricamente, esse fenômeno em LS exige abordagens que suplantam os modelos sequenciais de análise morfológica. Modelos como o da Morfologia Distribuída e as abordagens construcionais aplicadas à morfologia têm se mostrado especialmente relevantes, ao reconhecerem que as relações entre as bases morfológicas em um sinal podem ser altamente flexíveis, depender do contexto pragmático e discursivo e, ainda, acarretar em reorganização fonológica dos itens, conforme apontam estudos como os de Castro (2007), Takahira e Minussi (2013), Santos (2019), Freitas Jr. *et al.* (2020), Nascimento e Freitas Jr. (2023). Essas abordagens valorizam a interação entre os aspectos formais, funcionais e cognitivos na descrição morfológica, permitindo captar a complexidade das combinações que caracterizam os sinais polimorfêmicos.

Essas investigações também apresentam implicações importantes para a compreensão da tipologia morfológica das LS, dado que a presença de sinais com múltiplas bases morfológicas desafia as classificações rígidas e demonstra que essas línguas frequentemente transitam entre características aglutinantes, fusionais e até mesmo analíticas, dependendo do tipo de construção

morfológica em análise (Aronoff *et al.*, 2004; Felipe, 2006; Schembri *et al.*, 2018; Souza; Lima Neto; Lima, 2021). Portanto, em termos descritivos, a análise de sinais polimorfêmicos se mostra fundamental para o avanço do conhecimento sobre as LS, na medida em que amplia a compreensão sobre os mecanismos de formação de sinais e sobre a interface entre morfologia, fonologia, sintaxe e semântica (Liddell; Johnson, 1986; Zeshan; Palfreyman, 2017).

É possível, ademais, considerarmos que os sinais polimorfêmicos em LS favorecem a própria discussão sobre o estatuto morfológico de determinadas unidades nestas línguas. Alguns exemplos de LS já citadas podem ser recrutados para essa discussão, conforme observamos a seguir, no quadro que reúne os respectivos sinais para os termos CAPÍTULO e TEXTO.

Quadro 3: Sinais polimorfêmicos em LS

LS	SINAL DE CAPÍTULO	SINAL DE TEXTO
LSF		
ASL		

LIBRAS		
LSS		
LGP		

Fonte: Produção própria, a partir de dados do *SpreadTheSign*

Os dados acima são exemplares de sinais polimorfêmicos, pois envolvem associações de duas bases livres, que emergem de maneira simultânea para designar, em cada caso, os itens CAPÍTULO e TEXTO. Analisando-os, é possível perceber que eles parecem demonstrar uma evidência morfológica interessante, a qual consiste na percepção de um morfema preso. Em todas as ocorrências, a mão passiva, em configuração 5, a despeito de algumas variações de posição, parece funcionar como um *slot* fixo dessas construções compostas.

Um estudo mais aprofundado sobre esta mesma configuração de mão em Libras realizado por Farias-Nascimento (2013) conclui que, em casos de itens do campo semântico referente à escrita, como CAPÍTULO, TEXTO-ARGUMENTATIVO, LEI e EDITAL, este item também opera como um morfema preso. Essa é uma tendência observada pela autora não apenas em relação a este morfema, mas também em

relação a outros itens que integram compostos de campos semânticos distintos em Libras. Portanto, observar que esta hipótese também se mostra viável em outras LS representa um avanço na elucubração dos sinais polimorfêmicos, de modo geral, inclusive para averiguar o que pode ser, em termos de análise morfológica, *language-specific* ou diassistêmico, tendo em vista que "nos estudos realizados sobre as LS, é possível perceber que há similaridade na morfologia dessas línguas (...)" (Ochiuto, 2022, p. 40).

Outros estudos sobre morfemas presos em sinais polimorfêmicos também indicam casos de incorporação como produtivos à análise de tais constituintes morfológicos (Pontes, 2023). Essa produtividade evidencia que a relação entre as bases morfológicas de um sinal não se limita à justaposição linear, mas frequentemente envolve processos integrativos capazes de reorganizar informações semânticas, sintáticas e discursivas em uma unidade complexa. A incorporação, nesse contexto, destaca-se como um fenômeno morfológico que ilustra a capacidade das LS de integrar elementos como classificadores, numerais e predicadores em estruturas que representam, de forma simultânea, múltiplas dimensões de significado, como afirmam Fernald e Napoli (2000) e Xavier e Neves (2016).

Até este ponto, percebemos que a análise de sinais polimorfêmicos em LS evidencia a complexidade estrutural e funcional desses sistemas linguísticos (Petitta; Di Renzo; Chiari, 2015; Brentari; Horton; Goldin-Meadow, 2021). Com efeito, a nosso ver, o estudo desses itens corrobora a compreensão das especificidades morfológicas das LS, ao mesmo tempo em que também reforça sua relevância para discussões sobre tipologia e representação linguística. Tal complexidade do léxico das LS mostra-se fundamental para a compreensão dos mecanismos de formação de sinais, aos quais voltaremos nossa atenção na próxima seção, ao explorarmos como os diferentes recursos morfológicos e fonológicos interagem na construção das unidades linguísticas que compõem esses sistemas visuo-espaciais.

Processos de formação de sinais

Nas seções anteriores, estruturamos discussões fundamentais sobre morfologia e modalidade, bem como sobre a presença de itens mono e polimorfêmicos no léxico das LS. Esse panorama inicial nos permitiu abordar aspectos estruturais e funcionais que embasam o entendimento da organização morfológica dessas línguas ainda pouco exploradas no que concerne à descrição linguística. Nesta seção, em continuidade a essas reflexões, direcionamos nosso olhar para uma análise dos processos de formação de sinais. Aqui, destacamos aspectos cruciais e relevantes que permeiam o estudo da morfologia das LS, os quais ainda permanecem relativamente subexplorados dentro da linguística. Nosso objetivo é aprofundar o debate teórico, evidenciando como as questões levantadas podem contribuir para uma compreensão mais apurada da dinâmica morfológica das LS.

A formação de itens lexicais é um aspecto central no estudo da morfologia (Kehdi, 1992). Nesse campo, conforme assinala Gonçalves (2006), destacam-se os processos concatenativos, ou aglutinativos, e os não concatenativos como dois grandes modos pelos quais novas palavras emergem no léxico. Tais processos mostram-se fundamentais para a compreensão das estruturas linguísticas em diversas línguas naturais, e cada um deles apresenta características distintas que refletem a organização interna dos sistemas linguísticos particulares (Lima; Silva, 2011; Bevilacqua; Silva, 2021; Braga; Pacheco, 2024). Por definição, Gonçalves (2019, p. 68) considera que

> Em morfologia, há os processos concatenativos e os não concatenativos. Nos primeiros, uma informação morfológica termina exatamente no ponto em que a outra começa, como em 'des-tucan-iz-a-ação' ("ato de diminuir a influência do PSDB") e 'bols-ista' ("beneficiário de bolsa de estudos"). Ainda que sobre elas atuem processos fonológicos, como em 'aguardente', tradicionalmente chamado de composto por aglutinação (por ser caracterizado pelo apagamento do /a/ final de 'água'), tais formações apresentam condições perfeitas para a isolabilidade das partes. As operações

> não concatenativas, em linhas gerais, são caracterizadas pela falta de encadeamento, de linearidade, isto é, há visivelmente uma informação morfológica que não necessariamente se dá por adição. Assim, um processo morfológico que inclui, por exemplo, mutação segmental (consonantal ou vocálica) é não concatenativo por definição. Desse modo, quando falamos em morfologia não concatenativa, estamos abordando mecanismos nos quais as alterações estão a serviço da expressão de um morfema, isto é, de um conteúdo.

A partir destas definições, entendemos que os processos concatenativos são aqueles em que os elementos que formam as palavras são adicionados de maneira linear, como prefixos, sufixos ou outros afixos que se juntam a uma base lexical. Em PB, por exemplo, verificamos casos desse tipo em dados de acréscimo de sufixo para indicar pluralidade, gênero ou tempo verbal, como em "menino" e "menina", ou "cantar" e "cantamos". Esse tipo de formação é bastante comum em línguas morfologicamente ricas, nas quais a linearidade na adição de morfemas contribui para a criação de palavras com significados complexos e específicos (Bond, 2019).

Por outro lado, os processos não concatenativos não dependem de uma justaposição linear de morfemas. Em vez disso, envolvem modificações internas na base lexical, como a alteração de vogais, consoantes ou padrões prosódicos. Exemplos amplamente estudados são os fenômenos da infixação e da mudança vocálica, que ocorrem em línguas como o árabe, em que a raiz consonantal de três letras pode gerar múltiplas palavras através de padrões vocálicos distintos (Watson, 2002; Shamsan; Attayib, 2015). De certa maneira, esses processos exemplificam uma organização morfológica mais abstrata, baseada em modificações estruturais não lineares (Ratcliffe, 2007).

De acordo com Kastner *et al.* (2019), a distinção entre os dois tipos de processos revela importantes aspectos tipológicos das línguas naturais. Enquanto as línguas europeias tendem a privilegiar processos concatenativos, outras famílias linguísticas, como as afro-asiáticas e algumas línguas austríacas,

frequentemente utilizam estratégias não concatenativas (Nichols, 2016; Andersen, 1980; Đokić, 2009; Arkadiev, 2020). Apesar da aparente oposição, contudo, os processos concatenativos e não concatenativos não são mutuamente exclusivos, dado que muitas línguas combinam ambos para formar palavras (Bybee, 1995; Schwaiger, 2018). Em PB, por exemplo, observa-se o fenômeno da apofonia, que pode ser considerado não concatenativo, em formas verbais como "pôde" e "pode", enquanto o uso de afixos nesta língua continua predominante, sugerindo que os limites entre os dois processos são, em certa medida, fluidos e dependem do contexto linguístico e funcional (Albano, 2012; Aranha, 2024).

Como já mencionamos, o estudo das LS pode evidenciar o comportamento de processos morfológicos que desafiam noções tradicionalmente associadas às línguas orais-auditivas. Dentre esses processos, também podemos observar a divisão entre os concatenativos e não concatenativos, conforme sugerem Mathur e Rathmann (2010) e Gu (2022), apesar de, nas LS,

> (...) No nível morfológico, por exemplo, observa[r]-se uma predominância de processos não concatenativos na derivação e uma exclusividade destes na flexão (Meir, 2012). Sendo assim, especificamente em relação aos processos de formação de palavras (...), ainda que se encontrem, semelhantemente às línguas orais, casos de afixação, composição e reduplicação sequenciais, os simultâneos parecem ser mais frequentes. (Xavier; Ferreira, 2021, p. 350).

O estudo de Xavier e Ferreira (2021) indica que, apesar do aumento das pesquisas sobre a Libras após seu reconhecimento oficial no Brasil em 2002, as investigações sobre morfologia e processos de formação de sinais ainda são, em certa medida, incipientes. Tomando essa LS como referência, os autores propõem quatro categorias de processos de formação de sinais, a saber: (i) alteração de parâmetros fonológicos; (ii) afixação; (iii) composição; e (iv) reduplicação. A respeito de tais processos, consideram que

> (...) A primeira, 'alteração de parâmetros fonológicos', se refere a derivações realizadas por meio da alteração de unidades sublexicais, em geral o movimento, de um determinado sinal. Esses casos parecem ser exclusivos às

> línguas de sinais, porque a alteração do parâmetro fonológico, na maioria das vezes icônica, não parece ser analisável morfemicamente. As três outras macro-categorias, a saber, 'afixação', 'composição' e 'reduplicação', se referem a processos largamente atestados na morfologia das línguas faladas, mas que nas línguas de sinais se manifestam, como suas subcategorias sugerem, sequencial e simultaneamente. Com base em Meir (2012), subdividimos os compostos simultâneos em cinco subcategorias. Em uma delas, reunimos estruturas constituídas de formas que podem ocorrer livremente, em outra, as compostas de formas presas e, em uma terceira subcategoria, os casos que resultam da combinação de formas livres e presas. Esta última subcategoria não é citada pela referida autora. Em uma quarta subcategoria, agrupamos as formas cuja configuração de mão muda para indicar um numeral (incorporação de numeral) e em uma quinta aquelas cuja configuração original é substituída por uma pertencente ao alfabeto manual para que assim possa se referir à letra inicial da palavra escrita correspondente em português (inicialização). (Xavier; Ferreira, 2021, p. 351).

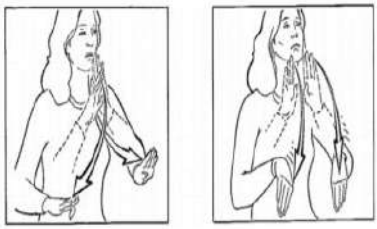
De acordo com Xavier e Ferreira (2021), no processo de alteração de parâmetros fonológicos, mudanças em elementos sublexicais, como o movimento, são empregadas para derivar novos sinais, como ocorre em Libras no par COMUNICAÇÃO e PROBLEMA-DE-COMUNICAÇÃO (figura 1), em que o segundo sinal apresenta uma modificação no movimento do primeiro. Conforme apontam Klima e Bellugi (1979) e Brentari (2002), fenômenos similares também ocorrem na ASL, como demonstrado no par QUIET@ e AQUIESCER (figura 2), que utilizam alterações no movimento como mecanismo derivacional.

Figura 1: Exemplo de derivação por alteração de parâmetro fonológico em Libras

(a) COMUNICAÇÃO (b) PROBLEMA-DE-COMUNICAÇÃO

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 144).

Figura 2: Exemplo de derivação por alteração de parâmetro fonológico em ASL



(a) QUIET@ (b) AQUIESCER

Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 201).

No que diz respeito à afixação, Xavier e Ferreira (2021) indicam que, embora pouco frequente em LS, esse processo já foi identificado em verbos da *Israeli Sign Language*. Para exemplificar, citam o caso do verbo DISCERNIR-PELA-VISÃO, formado pela prefixação do morfema VER (figura 3). Na Libras, de modo análogo, os autores apontam que a negação pode ser expressa por sufixação, como nos casos de ENTENDER e NÃO-ENTENDER (figura 4), em que elementos pós-verbais, como Ø ou NÃO, são adicionados.

Figura 3: Exemplo de prefixação em ISL

VER AGUÇAD@ DISCERNIR-PELA-VISÃO

Fonte: Aronoff *et al.* (2004, p. 24).

Figura 4: Exemplo de prefixação em Libras

Fonte: https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/

Em relação à composição, os autores destacam tanto sinais compostos simultâneos quanto sequenciais. Na ASL, exemplificam com o sinal CAMISOLA (figura 5), formado pela combinação dos sinais DORMIR e VESTIDO. Na Libras, é citada a formação do sinal ALMOÇAR (figura 6), que resulta da combinação de COMER e MEIO-DIA. Um aspecto adicional também descrito por Xavier e Ferreira (2021) é a antecipação da configuração de mão do segundo sinal durante a produção do primeiro, como observado no sinal MEMORIAL (figura 7) na *Australian Sign Language*.

Figura 5: Exemplo de composto na ASL

(a) CAMISOLA

Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 208)

Figura 6: Exemplo de composto em Libras

Fonte: https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/

Figura 7: Exemplo de composto na Auslan

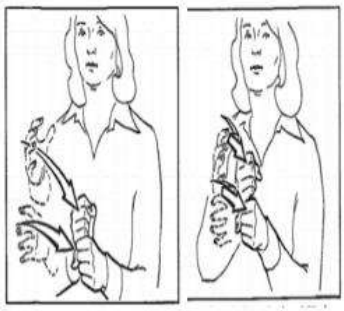
Fonte: Xavier e Ferreira (2021, p. 361).

Quanto à reduplicação, Xavier e Ferreira (2021) explicam que esse processo envolve a repetição de elementos para gerar novos significados. Na Libras, exemplos de reduplicação sequencial incluem PERGUNTAR (figura 8) e PESQUISAR (figura 8). Na ASL, apontam que o verbo OBTER origina o substantivo AQUISIÇÃO (figura 9) através de reduplicação parcial do movimento.

Figura 8: Exemplo de reduplicação em Libras ('perguntar' → 'pesquisar')

Fonte: https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/

Figura 9: Exemplo de reduplicação na ASL



(a) OBTER (b) AQUISIÇÃO

Fonte: Klima e Bellugi (1979, p. 201).

Xavier e Ferreira (2021) abordam, ainda, a iconicidade como uma característica central na formação de sinais. Em contraste com as línguas orais-auditivas, segundo os autores, a Libras utiliza amplamente elementos visuais para representar significados, como percebemos no sinal de BRASÍLIA, cujo formato remete ao brasão da cidade. Essa observação, segundo os autores,

põe em xeque abordagens morfológicas exclusivamente formais e destaca como os princípios da iconicidade atravessam os processos morfológicos das LS.

Além destas considerações levantadas por Xavier e Ferreira (2021), propomos, aqui, uma discussão breve à luz das distinções entre processos concatenativos e não concatenativos. Como apontamos, os processos concatenativos caracterizam-se pela adição sequencial de elementos morfológicos, como prefixos e sufixos, para a formação de novos itens. Esse tipo de processo é amplamente documentado em línguas orais-auditivas e, embora de forma menos frequente, também ocorre em LS, como nos casos de sufixação em ENTENDER e NÃO-ENTENDER na Libras e de prefixação em DISCERNIR-PELA-VISÃO na ISL. Por outro lado, os processos não concatenativos, mais comuns em LS, envolvem modificações simultâneas nos parâmetros fonológicos, como se verifica na formação de PROBLEMA-DE-COMUNICAÇÃO, a partir de COMUNICAÇÃO, bem como na reduplicação de ÁRVORE para gerar ALAMEDA. Essa simultaneidade é uma característica marcante das LS, a qual reflete aspectos da modalidade visual-espacial e permite a criação de estruturas morfológicas complexas sem a necessidade de linearidade. Assim, concordando com Đokić (2009), Nichols (2016) e Arkadiev (2020), a distinção entre esses processos destaca a diversidade tipológica das línguas, na medida em que sublinha as especificidades das LS em comparação com as línguas orais-auditivas.

Ademais, em relação aos processos concatenativos em LS, a literatura vem apontando que estes envolvem a justaposição linear de unidades significativas, como notamos nos sinais compostos, nos quais os componentes são dispostos de forma sequencial para expressar conceitos que não poderiam ser representados por um único sinal. Em muitas LS, como a Libras, sinais compostos frequentemente surgem para nomear objetos, eventos ou conceitos mais específicos, como, por exemplo, em combinações que indicam categorias profissionais ou relações familiares (Freitas Jr. *et al.*, 2020; Nascimento; Freitas Jr., 2023).

Um aspecto importante da composição é que o significado do novo sinal não pode ser diretamente deduzido a partir dos sinais que o constituem, tendo em vista que esse processo resulta na criação de uma nova entidade lexical, distinta em significado e uso dos sinais originais. Assim, os sinais compostos destacam a capacidade das LS de ampliar seu léxico por meio de processos concatenativos que refletem a estrutura sequencial e o uso criativo do espaço de sinalização, mas não de maneira aleatória. Na ASL, por exemplo, estudos descrevem três regras morfofonológicas fundamentais para a formação de compostos, que também são observadas em outras LS, incluindo a Libras: (i) a regra do contato; (ii) a regra da sequência única; e (iii) a regra da antecipação da mão não dominante (Klima; Bellugi, 1979; Liddell; Johnson, 1986; Takahira, 2012).

Essencial para garantir a integração dos sinais no composto resultante, a primeira regra estabelece que, em sinais compostos, algum tipo de contato é mantido, podendo ocorrer no corpo ou na mão passiva do sinalizador, sendo preservado o primeiro, o segundo ou o único contato presente nos sinais originais. Por sua vez, a segunda, refere-se à simplificação do movimento dos sinais durante o processo de composição, já que os sinais compostos são representados por um movimento interno ou pela eliminação da repetição de movimentos característicos dos sinais isolados, o que facilita a economia gestual, uma característica importante para a fluidez comunicativa. Já a terceira regra postula que, quando dois sinais se combinam e formam um composto, a mão passiva tende a antecipar o segundo sinal durante a composição, ressaltando a complexidade da organização espacial e motora envolvida na produção dos sinais compostos.

Em relação aos processos não concatenativos de formação de sinais, os mais frequentes, vêm sendo apontadas as alterações internas nos parâmetros que os compõem, sem a adição linear de novos elementos (Xavier; Ferreira, 2021), o que também reflete particularidades da modalidade visual-espacial e permite que modificações simultâneas em um ou mais parâmetros alterem o

significado do sinal de forma eficiente. Fenômenos de modificação de raiz, como a incorporação, a fusão e a redução, debatidos por autores como Xavier e Neves (2016) e Xavier e Ferreira (2021), podem ser apontados como evidência dos processos não concatenativos em LS, na medida em que se observam modificações internas aos parâmetros do sinal que alteram seu significado sem adicionar elementos lineares.

Xavier e Neves (2016) destacam os processos de modificação de sinais por incorporação e a formação de novos sinais por fusão, os quais demonstram, a nosso ver, a complexidade e a especificidade morfológica das LS, especialmente no que diz respeito aos processos não concatenativos. Para os autores, apesar das diferenças, a incorporação poderia ser associada à flexão em línguas-orais auditivas, uma vez que

> Os processos que resultam na modificação da forma de alguns sinais da Libras se assemelham ao que se chama de flexão nas línguas orais, justamente por não resultarem na formação de uma nova palavra. Na verdade, geram-se através deles diferentes formas de um mesmo sinal por meio das quais se expressam certos significados gramaticais. Na Libras, observam-se entre esses casos aqueles em que a forma do sinal é modificada quando incorpora quantidade, negação, argumento e intensidade. Apesar dessa semelhança, no entanto, vê-se que esses casos, conjuntamente tratados aqui como incorporação, diferem da flexão por não ocorrerem de forma regular (...). A incorporação de numeral, por exemplo, ainda que ocorra com sinais de uma determinada classe semântica, apresenta um limite na expressão de quantidade. Já a incorporação de negação se restringe a um número pequeno de sinais, não se aplicando a outras palavras da mesma categoria. (Xavier; Neves, 2016, p. 131-132).

A incorporação de numeral é um processo que modifica sinais semanticamente relacionados a tempo, dinheiro e ordem sequencial, como em "hora" e "semana". Essa modificação ocorre pela substituição da configuração de mão do sinal original por configurações empregadas nos numerais da Libras, como em POR-UM-HORA (figura 10) e DOIS-SEMANA (figura 11), em que a quantidade é incorporada diretamente ao sinal. Apesar da

produtividade, como apontam Xavier e Neves (2016), esse processo apresenta limites, variando entre sinalizadores e restringindo-se a certos números.

Figura 10: Dado de incorporação de numeral (a)

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 131).

Figura 11: Dado de incorporação de numeral (b)

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 133).

Além deste tipo, Xavier e Neves (2016) apontam a incorporação de negação, em que sinais como QUERER (figura 12) e PODER (figura 14) sofrem alterações na orientação da palma da mão, acompanhadas por marcações não-manuais, como o balançar da cabeça, para expressar a negação NÃO-QUERER (figura 13) e IMPOSSÍVEL (figura 15). Esse fenômeno também é observado por Johnston e Schembri (2007) em outras LS, quem o sugerem como universal dentro desta modalidade, apesar de não ser apontado como sistemático, como apontam Xavier e Neves (2016).

Figura 12: Forma afirmativa de 'querer' em Libras

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 135).

Figura 13: Forma negativa de 'querer' em Libras

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 135).

Figura 14: Forma positiva de 'poder' em Libras

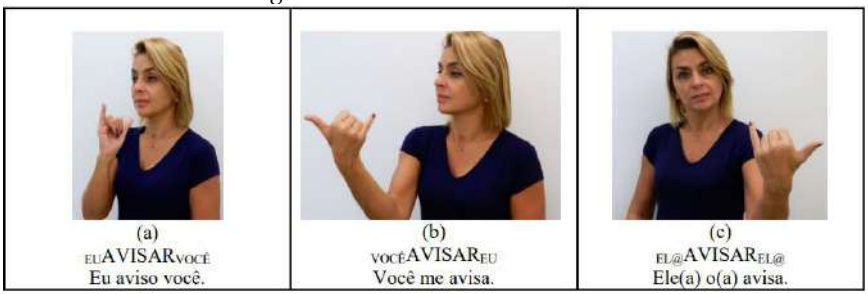
Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 134).

Figura 15: Forma negativa de 'poder' em Libras

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 134).

A incorporação de localização, para Xavier e Neves (2016), mostra-se comum em verbos direcionais, como AVISAR (figura 16), cuja realização varia conforme a disposição dos referentes do discurso, partindo da localização do sujeito e movendo-se em direção à do objeto. Apesar de esse processo ser essencial para capturar relações espaciais e semânticas na Libras e em outras LS, os autores apontam que a incorporação da localização não se aplica

a todos os verbos, distinguindo-se de flexões regulares em línguas orais-auditivas.

Figura 16: Verbo 'avisar' em Libras

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 136).

No caso da incorporação do formato, Xavier e Neves (2016) discutem casos como os do verbo como PEGAR, que adapta sua configuração de mão para refletir o tamanho e o formato do objeto complementado, como exemplificado por construções classificadoras (figura 17). Ademais, a intensidade também é incorporada por alterações no movimento, configuração de mão ou duplicidade de mãos, como em PACIÊNCIA (figura 18) ou NÃO-TER (figura 19), estudados por Xavier (2014).

Figura 17: Construções classificadoras com verbo 'pegar' em Libras

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 139).

Figura 18: Incorporação de intensidade no sinal 'paciência' em Libras com alteração de CM

Fonte: Xavier (2014, p. 58).

Figura 19: Incorporação de intensidade no sinal de 'não-ter' com duplicação de mãos

Fonte: Xavier (2014, p. 62).

Embora a incorporação seja bastante produtiva em LS, Xavier e Neves (2016) entendem que esse processo, de modo geral, é tão sensível à forma que alguns casos poderiam ser interpretados como itens lexicais separados, em vez de variantes de um mesmo sinal. Assim, para eles, trata-se de um fenômeno que, por não ser amplamente regular e parecer limitado a sinais específicos, aproxima-se mais da derivação do que de flexão propriamente dita.

Em relação à formação de sinais por fusão, Xavier e Neves (2016) assinalam que este é um processo em que pedaços de sinais existentes são combinados para criar novos sinais, como no sinal de LETRAS-LIBRAS (figura 20). Em outras palavras, a fusão expõe uma maneira econômica de expansão do léxico das LS e parece expor, a nosso ver, a não concatenatividade na junção de elementos.

Figura 20: Dado de fusão em Libras

Fonte: Xavier e Neves (2016, p. 148).

Tais processos morfológicos destacam a singularidade das LS, especialmente no que diz respeito aos fenômenos não concatenativos. Em contraste com as línguas orais-auditivas, nas quais a concatenação linear é preponderante, essas línguas exploram alterações simultâneas em parâmetros espaciais, manuais e não-manuais, comportando uma morfologia tridimensional e visualmente estruturada. Do ponto de vista cognitivo, como sugerem Schreuder e Baayen (1995), a preferência por um ou outro processo de formação pode refletir diferenças nos modos como os falantes processam e armazenam itens lexicais. Processos concatenativos, por serem mais previsíveis e transparentes, podem favorecer a análise segmental e a previsibilidade, enquanto os não concatenativos podem frequentemente demandar maior reconhecimento global e memorização de padrões.

Independentemente da modalidade, o estudo dos processos concatenativos e não concatenativos de formação de itens não apenas contribui para a descrição da estrutura das línguas naturais, como também revela, sobretudo, aspectos importantes sobre a natureza dos sistemas linguísticos e os processos cognitivos subjacentes ao uso da linguagem (Bybee, 1995b; Tuggy, 2005; Lampert; Lampert, 2010).

Considerações finais

Neste capítulo, tivemos como objetivo compreender as especificidades estruturais de LS e os mecanismos subjacentes à formação e organização de seus léxicos. Defendemos que a modalidade visual-espacial impõe desafios e particularidades analíticas que, como discutimos, as diferenciam das línguas orais-auditivas, sem, no entanto, afastá-las dos princípios gerais que regem as línguas naturais. Ao abordar a morfologia das LS, destacamos como os processos morfológicos nessas línguas são influenciados pela simultaneidade e pela iconicidade, o que amplia a complexidade da análise linguística tradicionalmente baseada em modelos lineares de segmentação.

No que diz respeito à organização lexical, examinamos a constituição do léxico das LS a partir da distinção entre sinais monomorfêmicos e polimorfêmicos, ressaltando suas respectivas funções e complexidades. Vimos que os sinais monomorfêmicos, em sua maioria, representam unidades lexicais básicas, enquanto os sinais polimorfêmicos evidenciam processos morfológicos mais sofisticados, que incluem tanto a justaposição e incorporação de elementos quanto modificações simultâneas de parâmetros fonológicos. A relação entre unidades lexicais e elementos gramaticais também foi abordada, demonstrando como os sinais podem desempenhar funções diversas dependendo do contexto sintático e discursivo.

Ainda, exploramos os processos de criação lexical nas LS, distinguindo aqueles de caráter concatenativo, nos quais morfemas são adicionados de maneira linear para formar novos sinais, daqueles considerados não concatenativos, caracterizados por modificações simultâneas que alteram o significado de sinais preexistentes. Concluímos que esses processos, ambos verificáveis em LS, refletem a plasticidade e a produtividade das LS, ao passo que garantem a ampliação constante de seus repertórios lexicais para atender às necessidades comunicativas das comunidades surdas.

De maneira geral, ao longo do capítulo, buscamos demonstrar como a morfologia e o léxico das LS apresentam tanto traços compartilhados com outras línguas naturais quanto particularidades decorrentes de sua modalidade visual-espacial. A nosso ver, o estudo dessas estruturas não apenas contribui para uma melhor compreensão das LS em si, mas também desafia modelos linguísticos tradicionais e incentiva abordagens que contemplam a diversidade estrutural das línguas humanas. Com efeito, apontamos que aprofundar o conhecimento sobre esses sistemas linguísticos é essencial para fortalecer sua valorização acadêmica e social e promover o reconhecimento e a difusão dessas línguas minorizadas no contexto educacional e científico.

Por fim, esperamos que as reflexões aqui desenvolvidas possam servir de subsídio para pesquisas futuras, tanto no campo da linguística teórica quanto em aplicações voltadas ao ensino e à descrição das LS.

Referências

ALBANO, Eleonora C. Dinâmica sincrônica e diacrônica da deriva de abertura das vogais médias tônicas do português. **Revista da ABRALIN**, v. 11, n. 1, 2012.

ANDERSEN, Henning. Morphological change: towards a typology. In: FISIAK, J. (Org.). **Historical morphology**. De Gruyter Mouton, pp. 01-50, 1980.

ANTZAKAS, Klimis. **Aspects of morphology and syntax of negation in Greek Sign Language**. Tese de Doutorado. City University London, 2006.

ARANHA, Ana Celia Costa. Evolução histórica da língua portuguesa: do latim ao português brasileiro. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v. 17, n. 1, 2024.

ARAÚJO, Mirella de Oliveira Pena; TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero; XAVIER, André Nogueira. Análise morfológica de sinais

da Libras que nomeiam municípios da Zona da Mata Mineira. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 28, n. 2, 2024.
ARKADIEV, Peter M. Morphology in typology: Historical retrospect, state of the art, and prospects. **Oxford research encyclopedia of linguistics**, 2020.
ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. The paradox of sign language morphology. **Language**, v. 81, n. 2, p. 301, 2005.
ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; PADDEN, Carol; SANDLER, Wendy. Classifier constructions and morphology in two sign languages. In: EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Psychology Press, New York, p. 53-84, 2003.
ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; PADDEN, Carol; SANDLER, Wendy. Morphological universals and the sign language type. In: BOOIJ, Geert; MARLE, Jaap (Org.). **Yearbook of morphology 2004**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2004. p. 19-39.
BAYNTON, Douglas. **Forbidden signs**: American culture and the campaign against sign language. University of Chicago Press, 1996.
BELLUGI, Ursula; NEWKIRK, Don. Formal devices for creating new signs in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 30, n. 1, p. 1-35, 1981.
BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, n. 19, p. 250-280, 2012.
BEVILACQUA, Cleci Regina; SILVA, Fernando Moreno da. Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico. **Confluência: revista do Instituto de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, RJ, n. 60 (jan./jun. 2021), p. 353-372, 2021.
BOND, Oliver. Canonical typology. In: AUDRING, Jenny (Org.); MASINI, Francesca (Org.). **The Oxford handbook of morphological theory**. Oxford University Press, p. 409-431, 2019.
BÖRSTELL, Carl; HÖRBERG, Thomas; ÖSTLING, Robert. Distribution and duration of signs and parts of speech in Swedish

Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v. 19, n. 2, p. 143-196, 2016.
BRAGA, Emerson Viana; PACHECO, Vera. Algumas considerações sobre o status dos blends no léxico do português brasileiro: Some considerations on the status of blends in the lexicon of brazilian portuguese. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 54-78, 2024.
BRENTARI, Diane. Modality differences in sign language phonology and morphophonemics. In: MEIR, Richard (Org.); CORMIER, Kearsy (Org.); QUINTO-POZOS, David (Org.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge University Press, p. 64, 2002.
BRENTARI, Diane. **Sign language phonology**. Cambridge University Press, 2019.
BRENTARI, Diane; HORTON, Laura; GOLDIN-MEADOW, Susan. Crosslinguistic similarity and variation in the simultaneous morphology of sign languages. **The Linguistic Review**, v. 37, n. 4, p. 571-608, 2021.
BRENTARI, Diane; PADDEN, Carol A. Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins. In: BRENTARI, Diane (Org.). **Foreign vocabulary in sign languages**: A Cross-Linguistic Investigation of Word Formation. Psychology Press, p. 87-119, 2001.
BYBEE, Joan. Regular morphology and the lexicon. **Language and cognitive processes**, v. 10, n. 5, p. 425-455, 1995.
CASTRO JÚNIOR, Gláucio de; FAULSTICH, Enilde; PROMETI, Daniela; MENDES FRANCISCO, Gildete da S. Amorim. **Gramática da datilologia em Libras**. *Peer Review*, v. 5, n. 3, p. 135-150, 2023.
CASTRO, Cristina de Almeida Siaines. **Composicionalidade semântica em Libras**: fronteiras e encaixes. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
CHINCHOR, Nancy Ann. **Morphological theory and numeral incorporation in American Sign Language**. Brown University, 1982.

COHN, Neil. A visual lexicon. **Public Journal of Semiotics**, v. 1, n. 1, p. 35-56, 2007.
CORREIA, Isabel Sofia Calvário. O parâmetro movimento em Língua de Sinais Portuguesa. **Revista de Educação e Humanidades**, n. 17, p. 41-56, 2020.
COULTER, Geoffrey Restall. **American sign language typology**. University of California, San Diego, 1979.
DINIZ, Heloise Gripp. **Variação fonológica das letras manuais na soletração manual em Libras**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
ĐOKIĆ, Vladan. Morphology and typology as a unique discourse of research. **Serbian architectural journal**, v. 1, n. 2, p. 107-130, 2009.
DUDIS, Paul G. Tipos de Representação em ASL. In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.); VASCONCELLOS, Maria Lúcia Barbosa de (Org.). **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006. p. 159-190.
EBBINGHAUS, Horst; HEßMANN, J. E. N. S. Signs and words: Accounting for spoken language elements in German Sign Language. In: EDMONDSON, William (Org.); WILBUR, Ronnie B. (Org.). **International Review of Sign Linguistics**. Psychology Press, 2013. p. 23-56.
EDWARD, Mary. The phonology and the morphology of the Ghanaian Sign Language. In: **ATELIER International Conference**. 2014.
EMMOREY, Karen (Org.). **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Psychology Press, 2003.
EMMOREY, Karen; CORINA, David. Lexical recognition in sign language: Effects of phonetic structure and morphology. **Perceptual and motor skills**, v. 71, n. 3, p. 1227-1252, 1990.
FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavras na Libras. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 02, p. 200-212, 2006.
FERNALD, Theodore B.; NAPOLI, Donna Jo. Exploitation of morphological possibilities in signed languages: Comparison of American Sign Language with English. **Sign Language & Linguistics**, v. 3, n. 1, p. 3-58, 2000.

FERREIRA, S. R. de S.; FERREIRA, M. de N. O. Descrevendo processos de formação de sinais em Libras em uma variedade de Belém do Pará. **Entretextos**, v. 16, n. 1, p. 67-98, 2016.
FRAGA, Candice Batista de. **Duração, composição e molde silábicos na Libras**. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/209641/Poster_65588.pdf?sequence=2. 2019.
FREITAS JUNIOR, Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes.; NASCIMENTO, João Paulo da Silva.; DINIZ, Ruan Souza. Mudanças graduais e abruptas: reflexões sobre sinais soletrados e compostos da Libras em uma abordagem construcional baseada no uso. **Revista Linguíʃtica**, v. 16, n. 3, p. 146-169, 2020.
FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, n. 19, p. 281-294, 2012.
GODOI, Eliamar (Org.); LIMA, Marisa Dias (Org.); LEITE, Letícia de Souza (Org.). **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**: a formação continuada de professores. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2021.
GOLDIN-MEADOW, Susan; BRENTARI, Diane. Gesture, sign, and language: The coming of age of sign language and gesture studies. **Behavioral and brain sciences**, v. 40, p. e46, 2017.
GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. **Morfologia**. Coleção Linguística para Ensino Superior. São Paulo: Parábola, 2019.
GONÇALVES, Carlos Alexandre. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, v. 11, n. 21, 2006.
GRINEVALD, Colette. Classifier systems in the context of a typology of nominal classification. EMMOREY, K. (Org.). **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**. Psychology Press, New York, p. 91-109, 2003.
GU, Shengyun. Phonological processes in complex word formation in Shanghai Sign Language. In: MATSUOKA, Kazumi (Org.); CRASBORN, Onno (Org.); COPPOLA, Marie (Org.). **East Asian Sign Linguistics**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2022.

HEITKOETTER, Ronaldy Pavão; XAVIER, André Nogueira. Descrição e análise de bóias de listagem em Libras. **Humanidades & inovação**, v. 7, n. 26, p. 85-111, 2020.
KASTNER, I.; TUCKER, M. A.; ALEXIADOU, A.; KRAMER, R.; MARANTZ, A.; MASSUET, I. O. **Non-concatenative morphology**. Humboldt-Universität zu Berlin and Oakland University, 2019.
KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. Editora Ática: São Paulo, 1992.
KINDIROGLU, Ahmet Alp; ÖZDEMIR, Oğulcan; AKARUN, Lale. Aligning accumulative representations for sign language recognition. **Machine Vision and Applications**, v. 34, n. 1, p. 12, 2023.
KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Harvard University Press, 1979.
KOURBETIS, Vassilis; HOFFMEISTER, Robert J. Name signs in Greek sign language. **American Annals of the Deaf**, v. 147, n. 3, p. 35-43, 2002.
KUBUŞ, Okan. **An analysis of Turkish Sign Language (TİD) phonology and morphology.** 2008. Dissertação (Mestrado) - Middle East Technical University, Ankara, 2008.
LAMPERT, Martina; LAMPERT, Günther. Word-formation or word formation? The formation of complex words in Cognitive Linguistics. In: ONYSKO, Alexander (Org.); MICHEL, Sascha (Org.). **Cognitive perspectives on word formation**. Trends in Linguistics, p. 29-74, 2010.
LEESON, L.; SAEED, J. I. **Irish Sign Language**: a cognitive linguistic account. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.
LEPIC, Ryan; OCCHINO, Corrine. A construction morphology approach to sign language analysis. In: BOOIJ, Geert (Org.). **The Construction of Words**: Advances in Construction Morphology. Cham: Springer, 2018. p. 141-172.
LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 4, n. 4, p. 445-513, 1986.

LIDDELL, Scott K.; METZGER, Melanie. Gesture in sign language discourse. **Journal of pragmatics**, v. 30, n. 6, p. 657-697, 1998.
LIMA, Bruno Cavalcanti; DA SILVA, Hayla Thami. Processos Não-lineares de Formação de Palavras: Os "Mal-comportados" do Português. **Revista Souza Marques**, v. 11, n. 24, p. 71-94, 2011.
MATHUR, Gaurav; RATHMANN, Christian. Two types of nonconcatenative morphology in signed languages. In: MATHUR, Gaurav (Org.); NAPOLI, Donna Jo (Org.). **Deaf around the world**: The impact of language. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 54-82.
MCKEE, David; KENNEDY, Graeme D. The distribution of signs in New Zealand sign language. **Sign Language Studies**, v. 6, n. 4, p. 372-390, 2006.
MEIR, Irit. Grammaticalization is not the full story: a non-grammaticalization account of the emergence of sign language agreement morphemes. In: **Mediterranean Morphology Meeting** (MMM10), 10., 2016, Veneza. Anais. Veneza: Università Ca' Foscari, 2016. p. 112-124.
MENDONÇA, Cleomasina Stuart Sanção Silva. **Classificação nominal em Libras**: um estudo sobre os chamados classificadores. 2012. vii, 155 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
MORGAN, Gary; WOLL, Bencie. Understanding sign language classifiers through a polycomponential approach. **Lingua**, v. 117, n. 7, p. 1159-1168, 2007.
MURTA, Michelle; MATTOS, Elisa. Avançando as pesquisas em Libras: mapeamentos icônicos na estrutura interna dos verbos na Língua Brasileira de Sinais. In: MATTOS, Elisa (Org.). **Percursos acadêmicos e debates interinstitucionais**: pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. p. 1-20.
NASCIMENTO, João Paulo da Silva; FREITAS JUNIOR, Roberto de. Compostos em Libras: uma análise construcional. In: VELOZO, Naira de Almeida (Org.); BERNARDO, Sandra (Org.); NUNES,

Valeria Fernandes (Org.). **Linguagem, cognição e sociedade**: Interlocuções em Linguística Cognitiva. 1. ed. São Paulo: Pontes, 2023. v. 1, p. 351-376.
NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: In: STUMPF, Marianne (Org.); QUADROS, Ronice Muller de (Org.); LEITE, Tarcísio de Arantes (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 79-118.
NEPOMUCENO, Maurivânia Martins. **Morfologia na língua de sinais brasileira**: morfemas presos e morfemas livres. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
NICHOLS, Johanna. Morphology in typology. In: HIPPISLEY, Andrew (Org.); STUMP, Gregory T. (Org.). **The Cambridge Handbook of Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 710-742.
NUNES, Valeria Fernandes. **Corporificação e iconicidade cognitiva**: um estudo sobre verbos em línguas de sinais. 2018. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
OCHIUTO, Eliane Francisca Alves da Silva. **Um estudo funcional do uso das expressões manuais e não manuais como estratégias de marcação de aspecto e tempo relativo em Libras**. 2022. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2022.
PADDEN, Carol A. The ASL lexicon. **Sign language & linguistics**, v. 1, n. 1, p. 39-60, 1998.
PADDEN, Carol; GUNSAULS, Darline Clark. How the alphabet came to be used in a sign language. **Sign language studies**, v. 4, n. 1, p. 10-33, 2003.
PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: um estudo do morfema-boca. 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
PERNISS, Pamela; THOMPSON, Robin L.; VIGLIOCCO, Gabriella. Iconicity as a general property of language: evidence from spoken and signed languages. **Frontiers in psychology**, v. 1, p. 227, 2010.

PETITTA, Giulia; DI RENZO, Alessio; CHIARI, Isabella. Evaluative Morphology in Sign Languages. In: KORTVELYESSY, Livia (Org.); GRANDI, Nicola (Org.). **The Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015. p. 155-169.

PFAU, Roland; OTHERO, Gabriel de Ávila; SPINELLI, Ana Carolina. Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Roland Pfau. **Revista virtual de estudos da linguagem-ReVEL.** Novo Hamburgo, RS. Vol. 10, n. 19 (ago. 2012), p. 204-216, 2012.

PINHEIRO, Valdenir de Souza. **O papel dos classificadores na Libras e os contextos linguísticos de suas realizações**. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.

PIZZUTO, Elena; CORAZZA, Serena. Noun morphology in Italian Sign language (LIS). **Lingua**, v. 98, n. 1-3, p. 169-196, 1996.

PONTES, Anna Jamilly Santos Martins. **Análise fonomorfológica do léxico da libras relacionados ao campo semântico da história e da língua portuguesa**. 2023. 101 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2023.

PUHL, Jessica; BORGES, Elaine Ferreira do Vale; RÚBIA, Carla da Silva. Abordagem ecológica e emergência de classificadores na Libras. **Calidoscópio**, v. 16, n. 1, 2018.

QUADROS, Ronice Muller de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**, v. 1, n. 57, p. 8-34, 2016.

QUADROS, Ronice Muller de. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 168-178, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. Gramática da língua de sinais brasileira. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 16, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**: linguística para o ensino superior. São Paulo: Editora Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. São Paulo: Artmed Editora, 2004.

RATCLIFFE, Robert. Why do languages develop and maintain non-concatenative morphology? In: RALLI, Angela (Org.); BOOIJ, Geert (Org.); SCALISE, Sergio (Org.); KARASIMI, Athanasios (Org.). **Morphology and Dialectology**: On-line Proceedings of the Sixth Mediterranean Morphology Meeting (MMM6). Ithaca: University of Patras, 2007.

ROCHA, Amanda Oliveira; OTHERO, Gabriel de Ávila; FINGER, Ingrid. Recursividade em Libras: uma descrição de marcadores identificados em narrativas de surdos de referência. **Quintú Quimün. Revista de Lingüística**, v. 7, n. 1, 2023.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2024.

SAMPAIO, Thamires Oliveira de Souza; OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso Lessa de; SANTANA, Lucineia da Silva. Classificadores em libras: iconicidade e papel sintático. **Colóquios Nacional e Internacional do Museu Pedagógico da UESB**, v. 14, n. 1, p. 838-842, 2022.

SANCHEZ-MENDES, Luciana; SEGALA, Rimar Ramalho; XAVIER, André Nogueira. Descrição e análise semânticas da intensidade em Libras. **LinguíStica**, v. 16, n. 3, p. 311-331, 2020.

SANDLER, W. O desafio da fonologia das línguas de sinais. **ReVEL**, edição especial, v. 21, n. 20, 2023.

SANDLER, W.; ARONOFF, M.; MEIR, I.; PADDEN, C. The gradual emergence of phonological form in a new language. **Natural language & linguistic theory**, v. 29, p. 503-543, 2011.

SANDLER, Wendy. **Phonological Representation of the Sign**: Linearity and Nonlinearity in American Sign Language. 2011. 665 p. Berlin: Walter de Gruyter, 2011.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. Produtividade lexical e produções lexicográficas em uma língua sinalizada. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 48, p. 114-123, 2019.

SANTOS, L. L. dos; BEZERRA, D. L. M.; FERREIRA, D.; XAVIER, A. N. Topônimos Acreanos em Libras: Variação, Motivação e Tipologia Morfológica. **Porto das Letras**, v. 8, n. 2, 2022.

SANTOS, Marcos de Moraes; GRUTZMACHER, Marcos; SEDRINS, Adeilson Pinheiro. Estudo comparativo entre crianças surdas e ouvintes acerca da produção de hiperônimos e hipônimos. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 11, n. 2, 2023.

SCHEMBRI, Adam et al. Issues in development of the test battery for Australian sign language morphology and syntax. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 7, n. 1, p. 18-40, 2002.

SCHEMBRI, Adam; FENLON, Jemina; CORMIER, Karen; JOHNSTON, Trevor. Sociolinguistic typology and sign languages. **Frontiers in Psychology**, v. 9, art. 200, 2018.

SCHREUDER, Robert; BAAYEN, R. Harald. Modeling morphological processing. In: FELDMAN, L. B. (Org.). **Morphological Aspects of Language Processing**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 257-294.

SCHWAIGER, Thomas. The derivational nature of reduplication: Towards a Functional Discourse Grammar account of a non-concatenative morphological process. **Word Structure**, v. 11, n. 1, p. 118-144, 2018.

SHAMSAN, Muayad Abdul-Halim Ahmad; ATTAYIB, Abdul-majeed. Inflectional morphology in Arabic and English: a contrastive study. **International Journal of English Linguistics**, v. 5, n. 2, p. 139, 2015.

SILVA JUNIOR, Daltro Roque Carvalho da; XAVIER, André Nogueira. O 'paradoxo'da morfologia das línguas de sinais por Adam Schembri. **Revista da ABRALIN**, p. 1-6, 2020.

SILVA, Fernando Fernandes da. **Formação de Sinais e Variações Morfológicas da Libras em Macapá-Brasil**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de Evora (Portugal), 2023.

SOUZA JUNIOR, Fábio Vieira de; PEREIRA, Vinícius Carvalho. Panorama das principais estruturas formacionais da Língua Brasileira de Sinais. **Revista Diálogos**, v. 12, n. 1, p. 44-67, 2024.

SOUZA, José Marcos Rosendo de; LIMA NETO, Izaías Serafim; LIMA, Edmar Peixoto. Aspectos morfológicos da Libras: reflexões necessárias sobre o processo de formação de sinais. **Raído**, v. 15, n. 39, p. 10-26, 2021.

TAKAHIRA, A. G. R. Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 41, n. 1, p. 262-276, 2012.
TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero; MINUSSI, Rafael Dias. Observações sobre os compostos da LIBRAS: a interpretação das categorias gramaticais. **Revista Linguíʃtica**, v. 9, n. 1, 2013.
TUGGY, David. Cognitive approach to word-formation. In: ŠTEKAUER, Pavol (Org.); LIEBER, Rochelle (Org.). **Handbook of word-formation**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2005. p. 233–265.
TUXI, Patrícia; FELTEN, Eduardo. Terminologia, terminografia e línguas de sinais: novos rumos linguísticos. **Revista Coralina**, v. 1, n. 1, p. 134-152, 2019.
VERCELLOTTI, Mary Lou; MORTENSEN, David R. A classification of compounds in American Sign Language: an evaluation of the Bisetto and Scalise framework. **Morphology**, v. 22, p. 545-579, 2012.
WADHAWAN, Ankita; KUMAR, Parteek. Deep learning-based sign language recognition system for static signs. **Neural computing and applications**, v. 32, n. 12, p. 7957-7968, 2020.
WATSON, Janet CE. **The phonology and morphology of Arabic**. Oxford University Press, USA, 2002.
WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. **Cognitive Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 119-148, 2004a.
WILCOX, Sherman. Gesture and language: cross-linguistic and historical data from signed languages. **Gesture,** Washington-DC, v. 4, n. 1, p. 43-75, 2004b.
WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin; JARQUE, Maria Josep. Mappings in conceptual space: metonymy, metaphor and iconicity in two signed languages. **Jezikoslovlje, Osijek (Croácia)**, v. 4, n. 1, p. 19-156, set. 2003.
XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. **Diadorim**, v. 2, n. 3, p. 349–382, 2021.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. Descrição de aspectos da morfologia da libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, 2016.
XAVIER, André; KOROSSY, Rafaela. Estudo piloto sobre a incorporação de numeral na Libras usada em Recife-PE e Curitiba-PR. **Cadernos do IL**, n. 65, p. 329-357, 2022.
ZESHAN, Ulrike; PALFREYMAN, Nick. Sign language typology. In: AIKHENVALD, A. Y. (Org.); DIXON, R. M. W. (Org.). **The Cambridge Handbook of Linguistic Typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 217–246.
ZWITSERLOOD, Inge. Classifiers. In: PFAU, Roland (Org.); STEINBACH, Markus (Org.); WOLL, Bencie (Org.). **Sign Language**: An International Handbook. Berlin: De Gruyter Mouton, 2012. p. 158–186.
ZWITSERLOOD, Inge. **Classifying hand configurations in Nederlandse Gebarentaal (Sign Language of the Netherlands)**. 2003. Tese de Doutorado. Utrecht: LOT, 2003.

CONSTRUCIONALIZAÇÃO E MUDANÇA CONSTRUCIONAL NA REDE DOS DENOMINAIS X-EIRO(A)

João Carlos Tavares da Silva

Introdução

O foco do presente capítulo é discutir alguns processos de mudança ocorridos ao longo de milênios na trajetória de um dos sufixos mais polissêmicos e mais produtivos do português: o sufixo -eiro(a). Dado o seu caráter milenar, o que se apresenta aqui não poderia ser mais que um recorte modesto e bastante pontual da sua extensa biografia. Esse recorte, no entanto, não é arbitrário; ao contrário, tem o propósito de ilustrar dois conceitos caros aos estudos da mudança linguística em perspectiva construcionista, a saber, a mudança construcional e a construcionalização. Este trabalho, portanto, discute dados históricos a fim de demonstrar processos de construcionalização e de mudanças construcionais ocorridos na história do sufixo -eiro desde sua origem latina.

O corpus analisado é composto por 336 ocorrências da construção latina X-*ariu* (108 dados de substantivos agentivos, 100 de substantivos não-agentivos e 128 dados de adjetivos), 459 dados de X-eiro(a) (233 dados de palavras não agentivas e 226 de palavras agentivas) e de 124 dados de X-ário (68 agentivos e 56 não agentivos).

Os dados de língua latina foram extraídos basicamente dos trabalhos de Simões Neto (2016) e de Viaro (2011). Algumas poucas palavras foram resultado de consulta a dicionários latinos – *Dicionário de latim-português* da editora Porto (1966) e o *Dicionário*

escolar latino-português de Ernesto Faria (1962). Para os dados de língua portuguesa, as fontes foram o dicionário *Houaiss* (2002; versão eletrônica), além de teses, dissertações e artigos científicos variados e buscas feitas no *Google* e no *Youtube*.

Por limites de espaço, optou-se por não incluir uma seção detalhada destinada à apresentação de todo o arcabouço teórico que sustenta as análises, limitando-se à apresentação dos conceitos mais centrais e indispensáveis à compreensão do que aqui se expõe. Assim, nas duas seções que a essa se seguem, serão apresentados, respectivamente, o modelo de análise desenvolvido em Tavares da Silva (2020) e os conceitos de mudança construcional e construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013).

Para ilustrar esses dois conceitos, foram feitos dois recortes históricos dentro da ampla trajetória do sufixo -eiro(a). Primeiramente, apresenta-se um breve panorama histórico dos sufixos -eiro e -ário – irmãos originados do sufixo latino *-arius*, *a*, *um* –, a fim de apresentar sumariamente as principais mudanças ocorridas desde sua origem e estabelecer uma correlação entre as construções latinas e portuguesas. Em seguida, discute-se o surgimento da construção de excesso na rede X-eiro(a), que ancora palavras como fumaceira (excesso de fumaça), aguaceiro (excesso de água), desgraceira (excesso de desgraça), entre outras.

Após essas duas seções de debate acerca dos dados históricos, são feitas as considerações finais.

Morfologia e Semântica Cognitiva: os Esquemas de Imagem na estruturação dos denominais

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla acerca dos sufixos denominais do português, cuja agenda inclui primordialmente, os sufixos -eiro(a), -ário, -ada, -al, -agem e -aria. Venho propondo uma análise morfossemântica que combina os

esquemas construcionais e os esquemas imagéticos[1], amplamente discutidos no âmbito da Semântica Cognitiva (cf. Tavares da Silva, 2017a, 2017b, 2017c, 2020, 2022a 2022b). Nessa abordagem, a semântica dos sufixos denominais é descrita por meio dos esquemas imagéticos de contiguidade, a saber, parte-todo, contenção, contato e adjacência. O ponto central da análise, nessa abordagem, é a busca pelo significado esquemático da construção morfológica, levando em conta, primordialmente, a relação semântica que se estabelece entre a palavra base e a palavra derivada[2]. Para ilustrar melhor essa abordagem, tomemos as palavras a seguir.

(1a)	(1b)	(1c)
goiabeira	doceira	bagageiro
roseira	lixeira	cabideiro
bambueiro	açucareiro	prateleira
...	...	...

As palavras em 1a-c constituem os denominais X-eiro(a) não-agentivos. As palavras em (1a) designam plantas e apresentam uma relação de parte e todo que se estabelece entre o significado da palavra base e o significado da palavra derivada, sendo a base sempre a parte e o derivado sempre o todo. Tomando como exemplo os pares 'goiaba : goiabeira', 'rosa : roseira' e 'bambu : bambueiro', vê-se que as palavras derivadas designam as plantas, logo o todo, ao passo que as palavras base designam alguma parte

[1] Esquemas de imagem ou esquemas imagéticos podem ser definidos como versões esquemáticas de imagens. São representações conceituais relativamente abstratas e totalmente esquemáticas que surgem a partir da nossa interação cotidiana com o mundo e da observação do mundo que nos cerca.

[2] Neste trabalho, o termo 'derivado(a)' não faz referência à derivação nos moldes gerativos, mas ao processo de formação de palavras tradicionalmente chamado *derivação*, que atua ao lado de outros processos como a *composição*, o *cruzamento vocabular*, o *truncamento* etc. Optou-se, portanto, por manter a terminologia já consagrada na literatura morfológica acerca dos processos de formação de palavras.

dessas plantas, que pode ser o fruto, a flor, o caule ou qualquer outra parte.

Em (1b), as palavras designam objetos recipientes, ou seja, entidades conceptualizadas como contêineres. Nesses casos, a palavra base designa sempre o conteúdo (doce, lixo e açúcar), enquanto a palavra derivada sempre o contêiner (doceira, lixeira e açucareiro). Já em (1c), analisando o significado da base e da palavra derivada, conclui-se que estas entidades estabelecem sistematicamente uma relação de contato, logo adjacência ('bagagem : bagageiro', 'cabide : cabideiro', 'pratel : prateleira')

Em suma, a análise dos denominais X-eiro(a) revela que a semântica dessas construções está ancorada em esquemas imagéticos de contiguidade (parte-todo, contenção e adjacência).

Figura 1:. Denominais X-eiro(a) não-agentivos

(a) $[\ [X]_{Si}$ -eiro(a) $]_{Sj} \leftrightarrow [SEM_i$ é parte da $SEM_j]$ **angiospermas**

parte-todo

(b) $[\ [X]_{Si}$ -eiro(a) $]_{Sj} \leftrightarrow [SEM_i$ é conteúdo da $SEM_j]$ **recipientes e locativos**

contenção

(c) $[\ [X]_{Si}$ -eiro(a) $]_{Sj} \leftrightarrow [SEM_i$ em contato com $SEM_j]$ **objetos não-recipientes**

contato

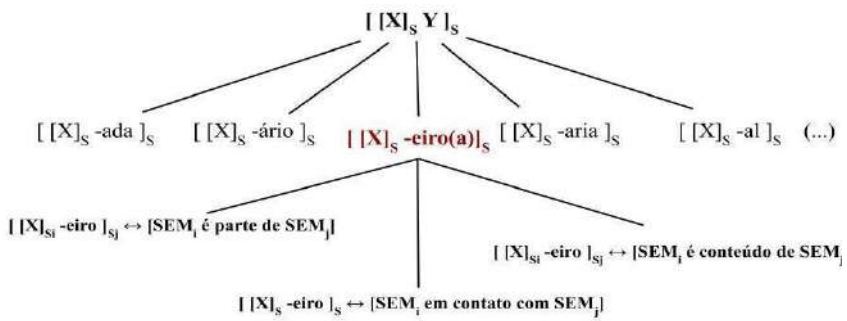
Fonte: elaboração própria

Nas imagens acima, [X] é uma incógnita que representa uma palavra base, que, nesse caso, deve ser um substantivo (representado pelo S subscrito). As letras 'i' e 'j' marcam a

coindexação entre elementos do plano formal e propriedades semântico-pragmáticas. Por exemplo, nas três imagens, SEM_i significa "Semântica da palavra base", já que é [X] que está marcado com 'i'. De modo análogo, SEM_j significa "Semântica da palavra derivada". Por fim, as imagens retangulares representam os esquemas de imagem envolvidos em cada subesquema.

Um **subesquema** é uma instancia que sinaliza uma hierarquização, isto é, uma especificação mais detalhada e subordinada a um esquema mais alto (Booij, 2010). Todo subesquema é um esquema, mas nem todo esquema é um subesquema.

Figura 2: Rede construcional dos denominais



Fonte: elaboração própria

Na figura 2, as três construções mais baixas são subesquemas subordinados ao esquema [[X]s -eiro(a)]s[3], que abarca todos os denominais X-eiro(a). Este, por sua vez, é subesquema do esquema mais alto [[X]s Y]s, que abarca os denominais, não só com sufixo -eiro, mas também com outros sufixos.

[3] A rede construcional de X-eiro(a) não se limita a esses três subesquemas, sendo esse exemplo apenas uma simplificação para ilustrar o tópico em questão. Cabe salientar também que todas as construções da figura 2 possuem uma contraparte semântica. A não representação da contraparte semântica em todas as construções também se dá para fins de simplificação da imagem. Uma análise mais completa das formações X-eiro(a) pode ser vista em Tavares da Silva (2020).

Assim, nesta seção, apresentamos apenas as principais noções e formalizações do modelo de análise morfossemântica desenvolvido na obra *A semântica dos sufixos denominais* (Tavares da Silva, 2020), cuja leitura é indicada a quem tiver interesse em se aprofundar no tema. A próxima seção se destina ao tratamento da mudança nos Modelos Baseados no Uso.

Mudança linguística e Gramática de Construções

Nos Modelos Baseados no Uso, a língua é entendida como um conjunto de construções, isto é, de pareamentos entre forma e função. Sendo assim, a mudança linguística é um processo que atinge a língua **criando** novas construções, ou **alterando** subcomponentes de uma construção (Traugott; Trousdale, 2013). O primeiro caso Traugott e Trousdale (2013) denominam ***construcionalização***, ao passo que o segundo tipo de mudança chamam de ***mudança construcional***. Construcionalização, portanto, é a criação de nova forma e novo significado, ou seja, é a formação de novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes (Traugott; Trousdale , 2013, p. 22).

Já a mudança construcional é "uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Não envolve a criação de um novo nó" (Traugott; Trousdale , 2013, p. 26). Isso significa que, na mudança construcional, uma ou mais estruturas internas são modificadas. Por exemplo, uma dada construção pode sofrer uma mudança apenas na sua estrutura fonológica sem qualquer mudança no significado-função. Como salientam os autores, "mudanças formais por si só, e mudanças de significado por si só não podem constituir construcionalização" (Traugott; Trousdale , 2013, p. 22).

Mudança construcional	Construcionalização
Quando não há a criação de nova construção, mas uma alteração de suas subpartes.	Quando efetivamente ocorre a criação de uma nova construção.
• Afeta a dimensão interna de uma construção. • Não envolve a criação de um novo nó.	• Criação de novos signos (forma$_{nova}$ - significado$_{novo}$)

Fonte: adaptado de Traugott e Trousdale (2013).

Outro aspecto importante da mudança linguística é sua gradualidade. Como bem apontam os autores, a construcionalização de esquemas resulta sempre de uma sucessão de microetapas e, portanto, ocorre de forma gradual. Em outras palavras, a criação de uma nova construção esquemática nunca se dá de forma abrupta, mas é sempre precedida de mudanças construcionais anteriores.

Sendo a mudança gradual e contínua, uma nova construção (fruto, portanto, de construcionalização) pode sofrer mudanças construcionais ao longo do tempo, o que os autores chamam de mudanças construcionais pós-construcionalização. Essas mudanças pós-construcionalização podem ou não criar um novo nó na rede. Se sim, temos uma nova construção, que pode sofrer mudanças construcionais posteriores e assim por diante.

As próximas seções tratam de aspectos diacrônicos da rede construcional X-eiro(a), onde as noções de mudança construcional e construcionalização serão vistas na rede X-eiro(a).

Breve panorama histórico dos sufixos -eiro e -ário

Tanto o sufixo -eiro(a) quanto o -ário(a) têm sua origem no sufixo latino *-arius*, *a*, *um*, formador de adjetivos de primeira classe em latim. Esse sufixo sofreu uma mudança categorial, passando de formador de adjetivos (um modal, de conteúdo mais esvaziado) para formador de

substantivos. Como resultado, surgiram diversos grupos morfossemânticos X-*ariu*, conforme apresentado no quadro 1.

Quadro 1: Construções latinas X-*ariu*

Profissional	Habitual	Beneficiário	Circunstancial	Quantia
ampullārĭus, -ī aquārĭus, -ī caprārĭus, -ī coquinārius, -ī	effractārĭus, -ī falsārĭus, -ī mulierārĭus, -ī puellārĭus, -ī	alimentārĭus, -ī beneficiārĭus, -ī donatārĭus, -ī legatārĭus, -ī	adversārĭus, -ī incendiārĭus, -ī vicārĭus, -ī verbenārĭus, -ī	calceārĭum, -ī salārĭum, -ī milliārĭum, -ī linguārĭum, -ī
Locativo	**Obj. recipiente**	**Obj.Conj. de X**	**Obj. contato**	**Angiosperma**
fumārĭum, -ī spolārĭum, -ī Calvārĭum, -ī aviārĭum, -ī	apiārĭum, -ī aquārĭum, -ī armārĭum, -ī caldārĭum, -ī	calendārĭum, -ī inventārĭum, -ī hymnārĭum, -ī summārĭum, -ī	carnārĭum, -ī muscellārĭum, -ī viscārĭum, -ī bracchionārĭum, -ī	aminariu ficariu nucaria piraria

Fonte: elaboração própria

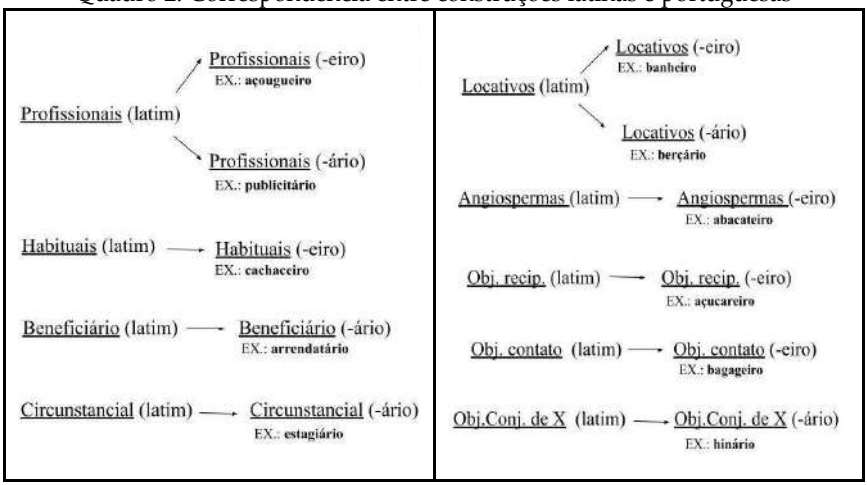
O adjetivo de primeira classe latino concordava em gênero, número e caso com o substantivo, o que significa que essas propriedades não eram especificadas, mas dependiam do substantivo a qual se ligavam. Além disso, a construção X-*arius*, *a*, *um* tinha um significado que pode ser genericamente parafraseado por "relativo a X".

As construções do quadro 1, por sua vez, tinham a propriedade de *gênero* especificada. Os agentivos (profissionais, habituais, circunstanciais e beneficiários), por exemplo, eram sempre masculinos – ou femininos a depender do referente, ou seja, se fazia referência a uma entidade do sexo masculino ou feminino. Já os locativos e os nomes de objetos eram todos do gênero neutro. Além disso, por serem palavras de segunda declinação, possuíam um paradigma morfológico de caso específico, ao contrário dos adjetivos, cujas marcas casuais dependiam do substantivo com o qual concordavam.

Assim, dado que houve o surgimento de novos nós na rede com forma e significado-função bastante distintos da construção X-

arius, *a*, *um*, trata-se então de um caso de construcionalização. É importante destacar que praticamente todas as acepções atestadas atualmente nas redes X-eiro(a) e X-ário(a) já existiam em latim[4], como indicado no quadro 2.

Quadro 2: Correspondência entre construções latinas e portuguesas



Fonte: elaboração própria

A primeira correspondência entre os quadros 1 e 2 que merece destaque é a ausência do subesquema *quantia* no quadro 2. Esse subesquema abrangia um pequeno grupo composto por oito palavras, que designavam alguma unidade de medida ou alguma quantia paga, a exemplo de linguārĭum, -ī "Multa por ter falado demais". Dessas oito palavras, apenas salário (< salārĭum, -ī) e miliário (< milliārĭum, -ī) permaneceram em português.

[4] Em português, há basicamente dois grupos que não existiam em latim. Com -ário, há o grupo denominado por Souza (2006) como *Classificador Zoológico* (antozoário, madreporário, protozoário etc.). As palavras mais antigas desse grupo datam do século XIX. Com relação aos denominais X-eiro em português, há as palavras com noção de excesso (barulheira, aguaceiro, lamaceira etc.), sobre as quais recaem o foco deste capítulo. Para mais detalhes sobre as acepções latinas e portuguesas, ver Tavares da Silva (2020) e Simões Neto (2016).

O quadro acima também nos mostra que, com exceção dos *locativos* e *profissionais*, que resultaram tanto em construções com -eiro quanto com -ário[5], as acepções latinas se especializaram ou em construções X-eiro(a) ou em construções X-ário. De forma bastante resumida, pode-se afirmar que esse arranjo se deve, basicamente, ao fato de o sufixo -eiro ser resultado de um processo de mudança natural, ao passo que -ário surge no português a partir de um resgate de palavras latinas.

As palavras que designavam profissionais, habituais, locativos, angiospermas, objetos recipientes e objetos em contato sofreram metátese do iode (-ariu > -airo) e alçamento da vogal 'a' (-airo > -eiro), ou seja, passaram por mudança construcional, já que afetou apenas a estrutura fonético-fonológicas dessas construções. Nesse sentido, o trecho abaixo ratifica essa afirmação, ao indicar que os sufixos *-arius* e -eiro são, essencialmente, variantes do mesmo sufixo.

> **[d]o ponto de vista diacrônico, não só se pode afirmar que -eiro vem de -arius, mas que -arius e -eiro são a mesma coisa**. A divisão rígida dos sistemas conduz a uma dificuldade de interpretação dos dados linguísticos. (...) Assim, para nós, o sufixo -eiro está presente não só em sapateiro, mas também em primeiro: nem a opacidade do radical, nem a multiplicidade semântica do sufixo devem afastar o fato de que o sufixo -arius, produtivo no momento da formação de primarius, se tenha tornado -eiro e, trazendo consigo primeiro, formado no latim, tenha servido de base para formação de outras palavras, como sapateiro (Viaro, 2007, p. 12, grifo meus).

Além disso, por resultarem de um processo de mudança natural, as construções X-eiro(a) vieram das formas acusativas,

[5] A construção locativa X-eiro bem como os profissionais X-ário são hoje construções improdutivas, ou seja, não formamos novas palavras com essas construções. Vê-se aí uma especialização em prol da não sinonímia, pois atualmente a única construção verdadeiramente produtiva com -ário é a construção locativa (cf. Souza, 2006), que convive harmoniosamente com os profissionais X-eiro, altamente produtivos no português brasileiro.

caso lexicogênico do português, como aponta estudo feito por Mário Eduardo Viaro:

> [...] as palavras cultas em -ário não vêm do acusativo, mas do nominativo, pois, sendo cultas, eram empregadas por quem conhecia minimamente as declinações (o mesmo se pode falar para formas medievais semicultas com airo). **O -arium acusativo lexicogênico vulgar gerará, por exemplo, apenas as formas em -eiro no português**. Resumindo: formas em -ário provém dos nominativos (masculino *-arius* e neutro *-arium*) e formas em -eiro provém de acusativos (masculino e neutro -arium) (Viaro, 2011, p. 122, grifo meu).

Já o caso de -ário é bem diferente de seu irmão -eiro, pois as palavras mais antigas com sufixo -ário foram apenas retomadas do latim por via erudita, sobretudo em textos eclesiásticos e científicos. E justamente por terem sido retomadas do latim, eram formas aportuguesadas a partir do nominativo. A mais antiga é 'antifonário' (séc. IX) e "se trata simplesmente de um aportuguesamento do latim medieval antiphonarium" (Viaro, 2008, p. 2).

É somente a partir do século XVI que começam a ser formadas palavras X-ário com bases vernáculas, tornando-se mais prolíficas apenas a partir do século XVII (ver Quadro 3). Em outras palavras, foi somente após um número considerável de palavras aportuguesadas já estar presente na língua que outras palavras foram, por analogia, sendo criadas em português, gerando assim pequenos núcleos semânticos que ganharam produtividade. Nesse ponto, cabe a reproduzir as palavras de Said Ali (1964):

> Os nomes que em latim clássico tinham o elemento formativo -ariu- passaram para o português, ao tempo em que este idioma se constituiu, geralmente como essa terminação alterada em -eiro: primeiro (primariu-), celeiro (cellariu-), dinheiro (denariu-), ribeiro (ripariu-), etc. [...] Ocorrem todavia em português antigo alguns termos, uns por se terem introduzidos ulteriormente, outros por constituírem exceção à regra geral, nos quais -ariu- aparece com a forma -airo: sudairo, contrairo, fadairo, vigairo, boticairo, etc. **Sob a influência erudita foi-se desfazendo a metátase, volvendo tais vocábulos à forma primitiva, e enriqueceu-se o idioma com outros termos em -ário, tomados à língua mãe. Este processo de haurir diretamente na**

> **fonte latina ou de criar vocábulos novos segundo a norma latina tomou incremento em português moderno e ainda em nossos dias se recorre a ele com frequência** (Said Ali, 1964, p. 241, grifo meu).

O quadro a seguir resume a distribuição das palavras X-ário do século IX ao XX, além de corroborar as afirmações de Manuel Said Ali.

Quadro 3: Distribuição das palavras X-ário do século IX ao XX

Período	**Resgatadas do latim**	**Formadas em português**
Do séc. IX ao XIII	3	-----
Do séc. XIII ao XVI	52	4
Do séc. XVII ao XX	38	81
Total	93	85

Fonte: Adaptado de Tavares da Silva (2020, p. 229)

Com relação especificamente às construções com -eiro, foco deste capítulo, além das construções provindas do latim, que sofreram mudança construcional, há uma construção inovadora, a saber, a construção X-eiro(a)$_{\text{excesso}}$. Essa construção surge por volta do século XIII, e sua história é o ponto central da próxima seção.

De recipiente a excesso: um caso de construcionalização

O subesquema [[X]$_{Si}$ eiro(a)]$_{Sj}$ ↔ [SEMi em excesso], que ancora palavras como 'fumaceira', 'cabeleira' e 'lamaceira', não existia no latim e as primeiras palavras com essa acepção surgem no português arcaico. Ao que tudo indica, as palavras mais antigas são pedreira (séc. XIII) e cabeleira (1450), e esse grupo só começa a ganhar certa prolificidade a partir do século XVI.

Quadro 4: Palavras X-eiro(a)$_{excesso}$ separadas por fases da língua portuguesa[6]

Português arcaico	Português clássico e moderno	
pedreira (XIII) cabeleira (1450) nevoeiro (XIV-XV[7]) chuveiro (1534) braseiro (1541) aguaceiro (1557) faqueiro (1562) poeira (XVI)	ronqueira (séc XVII) sangueira (1706) catarreira (1836) berreiro (1836) lamaceira (1899) fumaceira (1899) buraqueira (1899)	barreiro (1899) barulheira (1899) rouqueira (séc XIX-XX) desgraceira (1928) sujeira (séc. XX) doideira (séc. XX)
Palavras sem datação registrada na acepção excesso de X vespeiro (s/d), formigueiro (s/d), trabalheira (s/d), melequeira (s/d), louceiro (s/d)		

Fonte: Tavares da Silva (2020, p. 144)

Como nenhum padrão surge arbitrariamente nem abruptamente, a questão que se coloca é: quais foram as etapas que promoveram o surgimento de X-eiro(a)$_{excesso}$? Os dados históricos sugerem que esse subesquema teve sua origem no subesquema *contenção*.

Desde o latim, o subesquema ancorado no esquema imagético de contenção forma tanto objetos recipientes quanto locativos. As quatro palavras abaixo expressam entidades que são conceptualizadas como contêineres; (a) e (b) são objetos recipientes; (c) e (d) são locais.

(a) **vinarium** - vaso onde se coloca vinho - (fonte: Plauto)
(b) **panarium** - cesto onde se coloca o pão - (fonte: Varrão)
(c) **aviarium** - local onde se guardam aves - (fonte: Cícero)

[6] Português arcaico: século XIII a XVI; Português clássico: séculos XVII e XVIII; Português moderno: séculos XIX e XX.

[7] No dicionário Houaiss, registra-se séc. XIII. Viaro (2011), porém, questiona a origem dessa palavra já no século XIII e afirma que sua entrada na língua data do séc. XV. Em Cunha (1982), está registrado o século XIV.

(d) **aquarium** - onde há água - (fonte: Catão)

Essas construções permanecem no português arcaico e as palavras mais antigas são 'areeiro' "pequeno recipiente com tampa furada com o qual se derramava areia fina sobre a escrita, a fim de secar a tinta" (1258), 'caldeira' "recipiente metálico de tamanhos variados destinado a aquecer água e outros líquidos" (séc. XIII), 'celeiro' "construção rural onde se juntam e armazenam cereais, forragem ou palha; paiol, tulha" (1032) e 'palheiro' "depósito de palha" (1124). Perceba que, em ambos os casos, há uma nítida noção esquemática de contenção, pois tanto os objetos recipientes (areeiro, caldeira) quanto os locativos (celeiro, palheiro) são para colocar algo, respectivamente, areia, calda (do lat. "água quente"), cereal[8] e palha.

Em muitas dessas palavras, a base, indicando o conteúdo, é uma entidade não contável (não delimitado), a exemplo de 'farinha' (> 'farinheira'). Em outras, a palavra derivada pressupõe um conteúdo de quantidade relativamente numerosa, como em 'cupinzeiro' e 'formigueiro'. As bases 'formiga' e 'cupim' são concretas, delimitadas e denotam uma entidade unitária. No entanto, não é comum se pensar em um formigueiro com uma única formiga dentro – o mesmo se aplica a cupinzeiro, vespeiro e outras. O que está em jogo, então, nesses casos, é uma alteração na plexidade, conforme explicado a seguir.

Talmy (1998, 2006) propôs um sistema integrado envolvendo quatro categorias de noções semânticas gramaticalmente especificadas: plexidade, delimitação, dimensão e divisão. As três primeiras, sobretudo plexidade, interessa para compreensão da emergência do subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$.

[8] A palavra 'celeiro' vem do latim *cellarĭum*. Porém, não foi possível identificar sua base nem em consulta a dicionários de língua latina nem nos trabalhos de cunho histórico. Por isso, estou usando não o conteúdo expresso pela palavra base, mas a que o celeiro se destina a guardar, conforme a definição do dicionário Houaiss "construção rural onde se juntam e armazenam cereais, forragem ou palha; paiol, tulha".

De forma resumida, a plexidade se refere genericamente à quantidade de elementos equivalentes denotados por uma palavra. Uma palavra como 'mesa' é uniplexa, mas seu plural 'mesas' é multiplexo. A marca de plural é um mecanismo morfológico capaz de multiplexizar um nome. O inverso também pode acontecer, quando, por exemplo, por meio da expressão "um membro de..." tornamos uniplexo uma entidade multiplexa, como na comparação entre as sentenças a seguir[9].

(30a) A *plateia* aplaudiu
(30b) *Um membro d*a plateia aplaudiu.

A palavra 'plateia' é multiplexa, pois denota uma quantidade de elementos equivalentes. Em outras palavras, 'plateia' pressupõe mais de um. Sendo assim, tanto a marca de plural dos nomes quanto os coletivos são mecanismos linguísticos de multiplexização, sendo o primeiro um mecanismo gramatical e o segundo lexical.

A delimitação corresponde à distinção tradicional contável vs. não contável. Uma entidade é não delimitada quando concebida como indefinidamente contínua, sem nenhum traço intrínseco de finitude (Ferrari, 2011, p. 80). Já a dimensão diz respeito à distinção entre entidades contínuas (água) e discretas (bola).

A análise dos dados aponta para o surgimento de um subesquema que gera derivados multiplexos a partir de bases uniplexas. No corpus, das 87 palavras que denotam objetos recipientes (64 dados) ou locativos (23 dados), 31 são de base não contável. Dentre as 56 de base contável, 30 palavras pressupõem uma noção de coletividade. Isso significa que, em 61 dados de um total de 87 (ou seja, 70% dos dados), há uma nítida noção de um conteúdo em quantidade relativamente numerosa e/ou não delimitada. Cabe destacar que esse comportamento na relação base-derivado remonta ao latim.

[9] Exemplos extraídos de Ferrari (2011, p. 79).

Quadro 5: Relação base-derivado nos locativos e objetos recipientes latinos

	Derivado / Significado	Base / Significado
Locativos Base não contável	**fumārĭum, -ī** "lugar onde se expõe alguma coisa ao fumo"	**fūmus, -ī** "fumo, fumaça"
	arenārĭa, -ae "areal, lugar donde se tira areia"	**arēna, -ae** "areia"
Base contável	**vitiārĭum, -ī** "plantação de videiras"	**vītis, -īs** "videira"
	aviārĭum, -ī "galinheiro, pombal, viveiro de aves."	**avis, -is** "ave"
Objetos recipientes Base não contável	**congiārĭum, -ī** "vaso que contém um congius"	**congius, -ī** "côngio, medida romana para líquidos correspondente à oitava parte de uma ânfora (3,25 litros)."
	vinārĭum, -ī " vaso onde se coloca vinho"	**vinum, -ī** "vinho"
Base contável	**librārĭum, -ī** "caixa de papéis, i.e. onde se guardam livros"	**liber, bri** "livro"
	oss(u)ārĭum, -ī "vaso/urna onde se depositam ossos"	**os, ossis** "osso"

Fonte: Tavares da Silva (2020, p. 146)

Nas palavras de base contável, pressupõe-se uma quantidade relativamente numerosa. Não é comum pensar em um lugar para se botar ossos (oss(u)ārĭum) ou aves (aviārĭum) com apenas um elemento dentro.

Outro fato relevante que remonta às formações latinas é a noção de coletividade já presente em algumas formações, sobretudo oriundas do neutro plural, que foram posteriormente reinterpretadas como femininas. Isso fez (num movimento inverso)

com que algumas formas femininas fossem interpretadas como neutro plural, produzindo, assim, uma noção coletiva. Algumas dessas palavras designam justamente locativos de base contável, cuja acepção pressupõe conteúdo de grande quantidade, a exemplo de cetāria (subs. f.) "viveiro de peixes", donaria (n. pl.) "lugar do templo onde se depositavam as oferendas", granaria (n. pl) "celeiro", apenas para citar alguns casos.

É muito provável, então, que o ponto chave para a emergência do subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$ esteja em palavras de base contável, sejam locativos, como lagarteira (1097), e galinheiro (séc. XV), sejam objetos recipientes, como armeiro (séc. XIII) e mealheiro (séc. XIV), cuja noção de coletividade não está na base (lagarto, galinha, arma e mealha não são palavras multiplexas), mas emerge da palavra derivada por conhecimento enciclopédico e, posteriormente, a ela passa a se associar, fazendo parte do seu significado holístico. Isso permitiu a extensão de significado, gerando polissemia.

O dicionário Houaiss registra a acepção "grande quantidade de… / grupo de…" como umas das acepções em alguns locativos e objetos X-eiro(a)[10], tais como formigueiro "grande quantidade de formigas", viveiro "grande quantidade de animais ou insetos", puteiro "grupo de putas e/ou putos", mealheiro "quantidade de mealhas (moedas)" e cinzeiro "monte de cinzas". Sabemos, entretanto, da limitação comum a todo e qualquer dicionário. É, muito provável, então, que, no uso real, a extensão para o significado "grande quantidade de…" tenha ocorrido em muitas outras palavras.

Cabe, nesse sentido, comentar a palavra 'esterqueira', que, segundo Houaiss, possui dois significados, "1. **local** em que se deposita e se amontoa esterco; esterqueiro, esterquilínio, estrumeira. 2. *Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado*. **lugar ou coisa muito suja**; estrumeira, imundície. Ex.: a cozinha do

[10] Vale ressaltar que objeto e local são duas acepções cujas fronteiras, muitas vezes, são de difícil delimitação. Para um debate mais denso e aprofundado acerca desse tópico, ver Tavares da Silva (2020, capítulo 3).

restaurante é uma e.". Embora ainda atrelado ao sentido locativo, na segunda acepção, a noção de "grande quantidade de…", já se faz presente.

Assim, num primeiro estágio, essa noção coletiva era apenas inferível. Num estágio posterior, passou a fazer parte do significado codificado na palavra, gerando polissemia. A recorrência dessa extensão polissêmica, junto a um número considerável de palavras que permitem uma noção coletiva inferível[11], propicia um terceiro estágio, que é justamente a emergência de um novo subesquema, ou seja, uma construcionalização. Basta ver que a multiplexidade agora não é apenas característica de algumas palavras específicas que sofreram extensão semântica, mas faz parte das especificações semântico-pragmáticas codificadas nesse novo esquema morfológico, pois o subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$ atribui multiplexidade à palavra derivada.

Tabela 1: Plexidade, delimitação e dimensão nas formações X-eiro(a)excesso

Base / Derivado	**Plexidade**	**Delimitação**	**Dimensão**
buraco	U	L	D
buraqueira	M	L	D
cabelo	U	NL	D
cabeleira	M	NL	D
água	U	NL	C
aguaceira	M	NL	C

U - uniplexo; M - multiplexo; L - (de)limitado; NL - Não (de)limitado; D - discreto; C - contínuo

Fonte: Tavares da Silva (2020, p. 148).

[11] Embora possa parecer prolixo, não é demais frisar que o significado inferível das palavras que não sofreram extensão polissêmica e o significado codificado naquelas que se estenderam passam a coexistir.

A tabela acima visa demonstrar que não há alteração nem na delimitação nem na dimensão da relação entre a base e a palavra derivada. Bases (de)limitadas geram derivados (de)limitados, bem como bases discretas ou contínuas geram derivados com a mesma especificação. A alteração ocorre apenas na plexidade.

Não é demais reforçar que um novo subesquema nunca surge do nada, mas da confluência de fatores semântico-pragmáticos e estruturais, que paulatinamente vão se tornando cada vez mais recorrentes, dando azo ao surgimento de um novo padrão. Em outras palavras, um novo padrão (construcionalização) surge a partir de mudanças construcionais anteriores. Desse modo, pode-se dizer que (a) a natureza não contável de algumas bases, (b) a noção de coletividade associada, por inferência, a algumas palavras derivadas, bem como (c) a extensão de significado já presente em outras (polissemia) foram fatores que propiciaram gradualmente a emergência do subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$.

Mas a história não para por aí, pois essa construção passou por uma mudança construcional posterior. Os dados no quadro 4 mostram que a maior parte das palavras tem substantivo concreto na base (principalmente as mais antigas) e, nesses casos, há uma acepção nítida de quantidade (pedreira, cabeleira, aguaceiro etc.). No entanto, nas palavras mais novas, prevalece a acepção de intensidade (barulheira "muito barulho; barulho intenso", sujeira "sujeira intensa"). Portanto, a tese defendida aqui é a de que processos metafóricos promoveram mudanças internas na construção X-eiro(a)$_{excesso}$.

Apesar de as palavras mais antigas terem acepção de quantidade, já é possível perceber, em algumas delas, uma noção ambígua entre quantidade e intensidade, como em 'nevoeiro' e 'chuveiro'. Perceba que um grande volume de chuva (quantidade), ocorre em temporais, o que costumamos chamar de *chuva forte* (intensidade). Há aí a metáfora INTENSIDADE É QUANTIDADE.

É esse estágio ambíguo entre quantidade e intensidade que permite que o subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$ passe a formar, num próximo estágio, palavras com a noção de intensidade, pois

nenhuma propriedade semântica ou morfossintática codificada numa construção surge abruptamente. Sendo assim, não é de forma abrupta nem arbitrária, que o subesquema passa a aceitar bases abstratas (ex.: desgraça). É apenas mediante e a partir dos processos metafóricos que se abre a possibilidade de selecionar bases substantivas com outras especificações, ou mesmo bases de outras categorias lexicais, como é o caso de 'sujeira' (séc. XX) e de 'doideira' (séc. XX), cujas bases são adjetivos. Nessas palavras, a única interpretação possível é a de intensidade, uma vez que a noção de quantidade só pode ser atualizada em substantivos[12].

O grupo "entidade em excesso", então, conta com palavras mais antigas, cuja acepção remete à noção mais concreta de quantidade, e com palavras com a acepção mais abstrata de intensidade, surgidas a partir do período aqui chamado português clássico. As palavras do português arcaico são todas de bases concretas. A partir do século XVII, já é possível encontrar bases de caráter mais abstrato.

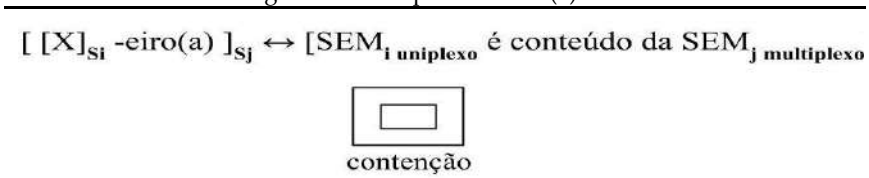
Diante de tudo o que foi exposto nesta seção, não é equivocado afirmar que a construcionalização que resultou no subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$ decorreu de projeções metonímicas, já que uma polissemia como, por exemplo, a de 'formigueiro' – 1. habitação das formigas; 2. grande quantidade de formigas – tem motivação na metonímia continente pelo conteúdo. Já o alargamento das propriedades morfossintáticas e semânticas desse subesquema – passando a aceitar bases de outras especificações e a expressar também valor semântico de intensidade – sucedeu-se de projeções metafóricas.

---

[12] Para mais detalhes sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, indico primordialmente a obra *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Boas sínteses em língua portuguesa acerca desse tema podem ser encontradas nas obras *Manual de Semântica* (CANÇADO, 2012), *Introdução à Linguística Cognitiva* (FERRARI, 2011) e no texto *Morfologia e Linguística Cognitiva* (TAVARES DA SILVA, 2023). Neste último, há também uma explanação acerca de como processos metafóricos se relacionam com a categoria lexical da base nas construções X-inho e X-ão.

Passando, então, à descrição morfossemântica do subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$ a partir da análise feita, pode-se afirmar que as palavras por ele sustentadas apresentam a noção geral de "grande quantidade de X" ou "X em excesso". A base é, em geral, um substantivo que denota uma entidade uniplexa. O derivado, por sua vez, é um substantivo multiplexo. O esquema imagético envolvido é o de contêiner, o mesmo do domínio de origem, ou seja, o mesmo das palavras que designam objetos recipientes e locativos.

Figura 3: Subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$



Fonte: elaboração própria

Considerações Finais

Neste capítulo, vimos, de forma resumida, o modelo de análise desenvolvido em Tavares da Silva (2020) e os conceitos de mudança construcional e construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013).

Na sequência, fez-se um breve panorama histórico dos sufixos -eiro e -ário, pois, embora o sufixo -ário não seja o protagonista neste trabalho, falar da trajetória X-*arius*, *a*, *um* > X-eiro(a) exige tratar minimamente também do sufixo -ário. Ao olhar para a história desses sufixos, podemos afirmar que dois processos foram primordiais para a configuração gramatical que temos hoje na rede construcional de X-eiro(a): a mudança X-*arius*, *a*, *um* > X-*arius*, *i* (construcionalização) e a mudança X-*arius*, *i* > X-eiro(a) (mudança construcional).

Apresentaram-se também dados históricos que corroboram que o surgimento da construção X-eiro(a)$_{\textbf{excesso}}$ (lamaceira "muita lama", fumaceira "muita fumaça" etc.) se deu por um processo de

construcionalização a partir da extensão de significado de palavras que designam locais ou objetos conceptualizados como recipientes. Esses dados também indicam que essa construção sofreu mudanças construcionais pós-construcionalização, motivadas pela metáfora INTENSIDADE É QUANTIDADE.

Como discutido ao longo deste capítulo, subesquemas não são formações *ex-nihilo*, tampouco derivam diretamente de outro subesquema, para que, só depois disso, os falantes formarem palavras com esse novo padrão de formação. Uma frase como "O subesquema B é derivado do subesquema A" não é de todo equivocada, desde que não se perca de vista que a relação entre A e B se construiu paulatinamente e emergiu dos usos concretos, a partir de palavras específicas até se tornar um padrão coeso e autônomo.

Dito isso, a análise diacrônica, ao buscar resgatar o processo que deu origem ao subesquema X-eiro(a)$_{excesso}$, assume um papel fundamental. Embora trabalhar apenas com datas disponíveis em dicionários nem sempre favorável a uma reconstrução, o sentido X-eiro(a)$_{contenção}$ → X-eiro(a)$_{excesso}$ parece ser o trajeto mais plausível e coerente, uma vez que:

(a) X-eiro(a)$_{excesso}$ não existia no latim, sendo, portanto, inovação da língua portuguesa;

(b)do ponto de vista do significado, X-eiro(a)$_{excesso}$ é não agentivo, logo é mais provável que tenha sua origem em palavras não agentivas;

(c)sendo assim, dentre as construções não agentivas, as semanticamente mais próxima de X-eiro(a)$_{excesso}$ são as das palavras locativas e objetos recipientes, cujas entidades referenciadas são conceptualizadas como contêineres. É pouco provável, quiçá impossível, que a metonímia *continente pelo conteúdo* tivesse ocorrido a partir de uma construção ancorada em outro subesquema que não o de contenção; e, como discutido, tudo indica que a noção de excesso se deu a partir dessa extensão metonímica.

Como último apontamento, resta dizer que o grupo "entidade em excesso" não é muito numeroso. Provavelmente, essa construção perdeu força na concorrência com o sufixo -ada, que hoje é o sufixo mais produtivo na formação de substantivos com noção coletiva (boiada, garotada etc.). As primeiras formações X-ada com noção coletiva datam do séc. XIII (cf. Becker (2013) e Takahashi (2013)), o mesmo período em que surgem as primeiras formações X-eiro(a)$_{excesso}$.

Referências

BECKER, M. O sufixo -ada em português - aspectos semânticos e diacrônicos. In: VIARO, M. E. (org.). **Morfologia Histórica**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 118-153.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 1982.

FARIA, E. **Dicionário escolar latino-português**. MEC, 1962.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

HOUAISS. **Dicionário Digital da Língua Portuguesa** - versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SIMÕES NETO, N. A. **Um enfoque construcional sobre as formações X-EIR-: da origem latina ao português arcaico**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

SOUZA, M. P. **Formações X-ário do português do Brasil: um estudo sobre a produtividade lexical.** 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

TAKAHASHI, M. Y. Mudanças semânticas do sufixo -ada. In: VIARO, M. E. (org.). **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez, 2014.

TALMY, L. **Force dynamics in language and cognition**. Cognitive Science, v. 2, 1998.
TALMY, L. Gramatical construal; the relation of grammar to cognition. In: GEERAERTS, D. (org.). **Cognitive Linguistics. Basic Readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
TAVARES DA SILVA, J. C. Esquemas de imagem no processo de formação de denominais em português. In: AZEVEDO, V.; AVELHEDA, A. C.; CORRÊA, L. B. (Org.). **Sedita**-LEV 2016. Rio de Janeiro. Eulim, 2017a. p. 171- 221.
TAVARES DA SILVA, J. C. **Esquemas de imagem na formação de denominais em português: o caso de -eiro e -ário**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017b.
TAVARES DA SILVA, J. C. **Esquemas imagéticos na formação de denominais X-eiro(a) não agentivos**. In: SILVA, N. H.; GONÇALVES, C. A. (Org.). Novos Horizontes da Pesquisa em Morfologia. São Paulo. Pontes, 2017c. p. 101-130.
TAVARES DA SILVA, J. C. **A semântica dos sufixos denominais**. Curitiba, Appris, 2020.
TAVARES DA SILVA, J. C. **A construção X-ada**: um caso de construcionalização. Revista Linguística, volume 17, número 3, 2022a.
TAVARES DA SILVA, J. C. Breve estudo sobre as construções denominais X-ada. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (Org.). **Morfologia Construcional***:* avanços em língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2022b.
TAVARES DA SILVA, J. C. Morfologia e Linguística Cognitiva. In: GONÇALVES, C. A.; TAVARES DA SILVA, J. C. (Org.). **Modelos de análise morfológica e questões de interface.** Campinas: Pontes, 2023.
TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford, 2013.
VIARO, M. E. Estudo diacrônico da formação e da mudança semântica dos sufixos derivacionais eiro/eira na Língua Portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (ed.). **Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas**: Fonologia, Morfologia, Sintaxe. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2007. p. 45-84.

VIARO, M. E. Os sufixos -eiro e -ário: história de morfemas divergentes. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G.; ROSSI, V. L. (org.). *A* **Língua Portuguesa no Mundo** - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH USP, v. 2, CD-ROM, 2008.
VIARO, M. E. *A* **derivação sufixal do português: elementos para uma investigação semântico-histórica**. 2011. 220 f. Tese de Livre-docência para o Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, área de Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

EVIDENCIALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UM MUNDO MULTIMODAL

Rebeca Emerich Alvarez

Introdução

A evidencialidade é uma categoria linguística que codifica a fonte da informação transmitida em um enunciado. Essencial em muitas línguas do mundo, como o tuyuca e o turco, a evidencialidade permite que o falante indique se a informação foi testemunhada, inferida ou relatada, atribuindo diferentes graus de confiabilidade à proposição. Embora amplamente discutida na linguística tipológica e pragmática (Aikhenvald, 2004; Willett, 1988), essa categoria permanece negligenciada nos currículos escolares de diversas línguas, incluindo o português.

No Brasil, o ensino de Língua Portuguesa é orientado por documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, Brasil, 2018), que privilegia aspectos como leitura, produção textual e práticas discursivas, mas apenas tangencia a categoria da evidencialidade. Essa lacuna é preocupante, especialmente em um contexto de crescente circulação de informações por múltiplas mídias, em que a capacidade de avaliar criticamente a fonte da informação se torna cada vez mais relevante. O fenômeno da multimodalidade — que integra diferentes modos de comunicação, como texto, imagem, vídeo e som — exige do leitor um letramento mais profundo e uma compreensão mais detalhada das evidências apresentadas em diversos suportes.

O presente capítulo explora a evidencialidade, discutindo sua definição, sua relação com categorias como modalidade e tempo/aspecto, as dificuldades envolvidas em sua categorização e a importância de sua inclusão no currículo de ensino de Língua Portuguesa no Brasil. A análise aborda as consequências da ausência dessa categoria nos documentos oficiais de ensino e propõe caminhos para sua incorporação, destacando como a evidencialidade pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas em um mundo cada vez mais multimodal.

Evidencialidade: breve revisão

A primeira grande referência sobre a evidencialidade surgiu com Boas (1911), que descreveu morfemas evidenciais em línguas ameríndias, destacando que muitas dessas línguas exigem que o falante especifique se a informação apresentada é de primeira ou segunda mão. Jakobson (1957), em seu estudo sobre os *shifters*, foi o primeiro a categorizar a evidencialidade como uma categoria linguística autônoma, sugerindo que ela pode ser tratada de maneira distinta da modalidade.

Na tipologia linguística, Aikhenvald (2004) desenvolve um estudo amplo sobre sistemas evidenciais, abordando cerca de 500 línguas. Ela define esses sistemas de acordo com a complexidade das fontes de informação codificadas, variando desde sistemas simples, com apenas duas categorias (evidência direta e indireta), até sistemas mais complexos, que distinguem entre múltiplas fontes de informação, como visual, auditiva, inferida e reportada.

Segundo Anderson (1986), a evidencialidade pode se sobrepor a outras categorias semânticas, como a modalidade epistêmica, que expressa o grau de certeza ou dúvida em relação à veracidade de uma afirmação. De Haan (1999) sugere que, embora a evidencialidade e a modalidade possam ser expressas de maneira similar em algumas línguas, as duas categorias devem ser tratadas separadamente, pois a evidencialidade diz respeito à origem da

informação, enquanto a modalidade lida com o grau de certeza sobre o conteúdo informativo.

Chafe e Nichols (1986) compilaram diversos estudos sobre evidencialidade, enfatizando que, em muitas línguas, a marcação evidencial é obrigatória, tornando-se uma característica essencial para o entendimento da estrutura informativa do enunciado. Estudos como o de Willett (1988) reforçam a ideia de que a evidencialidade é uma categoria gramatical em várias línguas, sendo codificada por afixos verbais, clíticos ou outros morfemas.

A relação entre evidencialidade e modalidade epistêmica tem sido alvo de discussões na literatura linguística. Palmer (1986) considera que a evidencialidade pode ser vista como uma subcategoria da modalidade epistêmica, uma vez que ambas tratam do compromisso do falante com a verdade da proposição. No entanto, como argumenta De Haan (1999), evidencialidade e modalidade epistêmica são categorias distintas: a evidencialidade codifica a fonte da informação, enquanto a modalidade epistêmica se refere ao grau de certeza ou incerteza do falante em relação à proposição.

Anderson (1986) sugere que, em línguas como o inglês, modais epistêmicos como "must" e "might" podem implicar uma fonte de evidência, mas a distinção entre evidência direta e indireta não é marcada de forma gramatical, sendo uma inferência pragmática do contexto. Por outro lado, em línguas como o Tuyuca, a evidencialidade é estritamente codificada, com sufixos que indicam se o falante testemunhou diretamente o evento (evidência visual) ou se obteve a informação de outra fonte (evidência reportada).

O português, ao contrário de línguas com sistemas evidenciais gramaticalizados, utiliza predominantemente verbos de percepção e outros itens lexicais para expressar evidencialidade (Vendrame-Ferrari, 2012). Por exemplo, construções como "eu vi" e "ouvi dizer" são comumente usadas para indicar a fonte da informação, sem a necessidade de morfemas gramaticais específicos.

As línguas ameríndias, como as da família Tucano, são conhecidas por sua complexa codificação de evidencialidade. Em

Tuyuca, por exemplo, um verbo no passado deve ser marcado por um sufixo que indica se o falante testemunhou o evento ou se está relatando uma informação de segunda mão (Barnes, 1984). A língua distingue entre várias formas de evidência, como visual, inferida e reportada, e essa marcação é obrigatória em todos os verbos, configurando um sistema altamente gramaticalizado.

Em contraste, nas línguas indo-europeias, a evidencialidade raramente é gramaticalizada, sendo expressa de maneira opcional por meio de advérbios, modais ou verbos de percepção. No inglês, expressões como "apparently" ou "it seems" são utilizadas para indicar incerteza ou falta de evidência direta. No português, verbos como "ver", "ouvir" e "sentir" podem assumir uma função evidencial, conforme demonstrado por Vendrame-Ferrari (2012), que analisa construções complexas em português oral e escrito que denotam diferentes tipos de evidência.

A evidencialidade no português é um fenômeno predominantemente lexical, sendo expressa por meio de verbos de percepção (ver, ouvir, sentir), advérbios e locuções prepositivas. Estudos como os de Vendrame-Ferrari (2012) e Aikhenvald (2004) destacam que, embora o português não possua um sistema gramatical evidencial, ele apresenta estratégias lexicais evidenciais que permitem ao falante indicar a fonte da informação. Por exemplo, a construção "eu ouvi dizer" sugere uma fonte reportada, enquanto "eu vi" implica que o falante testemunhou o evento.

Os verbos de percepção, segundo Aikhenvald (2004), são fundamentais no desenvolvimento de sistemas evidenciais em diversas línguas, embora no português permaneçam em um estágio predominantemente lexical e não tenham se gramaticalizado para funcionar como marcadores obrigatórios. Isso contrasta com línguas como o turco, nas quais a distinção entre eventos testemunhados e não testemunhados é obrigatoriamente marcada no sistema de tempo verbal.

A categorização da evidencialidade tem sido um desafio para os linguistas, principalmente devido à natureza multifacetada e à sobreposição com outras categorias linguísticas, como modalidade

epistêmica e tempo/aspecto. Uma das questões centrais reside no fato de que a evidencialidade pode se manifestar de maneira diferente entre línguas, sendo gramaticalizada em algumas e expressa de forma lexical em outras. Essa variação nas estratégias de codificação linguística torna difícil estabelecer uma tipologia única e consensual para o fenômeno, embora estudos recentes tenham enfatizado a necessidade de uma classificação mais rigorosa.

Essa diversidade de manifestações torna difícil categorizar a evidencialidade de maneira uniforme. Segundo Johanson (2000), a dificuldade em sua categorização advém do fato de que, em muitas línguas, a evidencialidade não se constitui como uma categoria linguística independente. Em vez disso, ela aparece integrada a outros sistemas linguísticos, como os de tempo, aspecto ou modalidade. Tal integração faz com que os linguistas se questionem se a evidencialidade deve ser tratada como uma categoria autônoma ou como uma subcategoria de fenômenos mais amplos, como a modalidade epistêmica.

Logo, torna-se complicado atribuir a categorização da evidencialidade, uma vez que ela se sobrepõe à modalidade epistêmica e ao tempo/aspecto. Palmer (1986) foi um dos primeiros a argumentar que a evidencialidade poderia ser uma subcategoria da modalidade epistêmica, visto que ambas tratam da relação do falante com a verdade da proposição. Em línguas como o inglês, por exemplo, modais epistêmicos como "must" ou "might" podem expressar uma forma de inferência, que, em outros sistemas linguísticos, seria marcada por morfemas evidenciais. No entanto, linguistas como De Haan (1999) argumentam que as duas categorias devem ser separadas, pois, enquanto a modalidade epistêmica lida com a certeza ou incerteza do falante, a evidencialidade refere-se especificamente à origem da informação.

Aikhenvald (2004) também discute a relação da evidencialidade com o tempo/aspecto, observando que, em algumas línguas, a distinção entre ações testemunhadas e não testemunhadas é feita no sistema de tempo. No turco, por exemplo, o passado testemunhado é marcado por um sufixo diferente

daquele usado para eventos não testemunhados, o que indica que a evidencialidade pode ser tratada como parte do sistema temporal. Em outras línguas, como o Tuyuca, a evidencialidade é tratada de forma independente, mas muitas vezes compartilhando morfemas com o tempo verbal.

Dada a complexidade da evidencialidade e sua interação com outras categorias linguísticas, a emergência de uma classificação sistemática tem sido uma prioridade nas últimas décadas. O trabalho de Aikhenvald (2004) é uma das tentativas mais abrangentes de categorizar a evidencialidade em uma tipologia, levando em consideração a variedade de fontes de informação e as diferentes formas de codificação encontradas nas línguas do mundo. A autora propõe que os sistemas evidenciais sejam classificados de acordo com a complexidade de suas distinções: desde sistemas simples, que distinguem apenas entre evidência direta e indireta, até sistemas mais complexos, que codificam diferentes tipos de fontes sensoriais e cognitivas, como evidência visual, auditiva, inferida e reportada.

Willett (1988) também contribuiu para a tipologia da evidencialidade ao propor uma distinção entre evidência direta, baseada na percepção do falante, e evidência indireta, que pode ser inferida ou relatada. Esses estudos oferecem uma base para a emergência de uma classificação mais sistemática da evidencialidade, mas o consenso ainda está distante, especialmente quando se trata de línguas que não gramaticalizam o fenômeno, como o português.

A necessidade de categorizar a evidencialidade de forma mais clara tem ganhado força à medida que novos estudos revelam a importância desse fenômeno para a estrutura das línguas. Linguistas reconhecem que, embora a evidencialidade tenha sido inicialmente vista como um fenômeno marginal, restrito a algumas línguas exóticas, ela desempenha um papel central na forma como os falantes estruturam e compartilham informações. Jakobson (1957) já havia apontado a importância dos *shifters* na codificação

da evidência em línguas como o búlgaro, sugerindo que a evidencialidade é uma categoria relevante em um nível universal.

Hoje, a evidencialidade é vista como uma janela para o entendimento da cognição e da pragmática nas línguas, uma vez que ela revela como os falantes se posicionam em relação ao conhecimento que transmitem. Portanto, a emergência de uma categorização clara e abrangente da evidencialidade não é apenas uma questão de interesse tipológico, mas também uma chave para a compreensão mais ampla das interações humanas através da linguagem.

Abaixo, oferecemos um resumo das abordagens teóricas sobre evidencialidade que revisitamos.

Quadro 1: Abordagens Teóricas sobre Evidencialidade

Autor	**Ano**	**Abordagem**	**Principais categorias**	**Observações relevantes**
Johanson	2000	A evidencialidade como uma categoria não autônoma	Evidencialidade integrada a sistemas de tempo, aspecto ou modalidade	A evidencialidade não é tratada como uma categoria independente em várias línguas; muitas vezes está ligada a outras categorias linguísticas, como tempo e modalidade epistêmica.
Palmer	1986	Evidencialidade como uma subcategoria da modalidade epistêmica	Evidência inferida como parte da modalidade epistêmica	Para Palmer, tanto a modalidade epistêmica quanto a evidencialidade tratam da relação

				do falante com a verdade da proposição, especialmente quando a informação é inferida.
De Haan	1999	Separação entre modalidade epistêmica e evidencialidade	Evidência e certeza/incerteza como categorias distintas	A modalidade epistêmica lida com a certeza ou incerteza do falante, enquanto a evidencialidade trata da origem da informação. De Haan argumenta por uma distinção entre as duas categorias.
Aikhenvald	2004	Tipologia de evidencialidade com base na complexidade dos sistemas linguísticos	Direta (visual, auditiva) e Indireta (inferida, reportada)	Propõe uma categorização de sistemas simples e complexos de evidencialidade, de acordo com a diversidade das fontes de informação.
Willet	1988	Distinção entre evidência direta e indireta	Evidência direta (perceptiva) e Evidência indireta (inferida, reportada)	Classificação que oferece uma base para entender as diferentes formas de codificação da evidência, diferenciando entre o que é diretamente

				percebido e o que é inferido ou relatado.
Jakobson	1957	Discussão dos "shifters" na codificação da evidência	Categoria gramaticalizada em algumas línguas	Jakobson foi um dos primeiros a identificar a importância da evidencialidade em línguas como o búlgaro, mostrando que a categoria pode ser relevante em um nível universal, mesmo em línguas onde é sutil.
Aikhenvald	2004	Relação entre evidencialidade e tempo/aspecto	Distinções entre ações testemunhadas e não testemunhadas	Em algumas línguas, como o turco, a evidencialidade é codificada junto com o tempo. Em outras, como o Tuyuca, a evidencialidade é tratada de forma independente, embora possa compartilhar morfemas com o tempo.

Fonte: a autora.

A invisibilidade da fonte: análise da evidencialidade na BNCC e nos PCN

No Brasil, o ensino de Língua Portuguesa, orientado por documentos como a BNCC, as Orientações Curriculares e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, Brasil, 1997), tem priorizado aspectos como gramática, leitura, produção textual e práticas discursivas. No entanto, a categoria linguística da evidencialidade permanece negligenciada nesses registros. A falta de atenção a esse fenômeno pode resultar em lacunas na compreensão de como os falantes se posicionam em relação às informações que transmitem, especialmente em um contexto educacional em constante transformação devido à ascensão da multimodalidade.

A BNCC, implementada em 2017, foca na formação de competências e habilidades relacionadas à leitura, à produção de textos e ao desenvolvimento da oralidade, com ênfase em diferentes gêneros textuais e práticas discursivas. No entanto, apesar de incentivar a análise crítica dos textos, o documento não contempla diretamente o ensino da evidencialidade, ou seja, a habilidade de reconhecer e utilizar estrategicamente as diferentes fontes de informação que um texto pode apresentar.

Em um dos eixos de base semântica contemplados pela referida BNCC, há a menção das modalizações epistêmicas e deônticas, o que pode dar origem a duas hipóteses: ou o documento entende a evidencialidade como parte da epistemicidade, modos ou aspectos, ou não a reconhece como um elemento pertencente à Língua Portuguesa, como será exposto a seguir:

> Semântica: Conhecer e perceber os efeitos de sentido nos textos decorrentes de fenômenos léxico-semânticos, tais como aumentativo/diminutivo; sinonímia/antonímia; polissemia ou homonímia; figuras de linguagem; modalizações epistêmicas, deônticas, apreciativas; modos e aspectos verbais (Brasil, BNCC, 2018, p. 85).

Nas habilidades de Língua Portuguesa referentes ao 9º ano da segunda etapa do Ensino Fundamental, destaca-se, para este estudo, a habilidade (EF89LP31), que compreende a modalização epistêmica como uma forma de conferir veracidade a uma dada proposição, conforme transcrito abaixo:

> (EF89LP31) Analisar e utilizar modalização epistêmica, isto é, modos de indicar uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição, tais como os asseverativos – quando se concorda com ("realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, claro, certo, lógico, sem dúvida" etc.) ou discorda de ("de jeito nenhum, de forma alguma") uma ideia; e os quase-asseverativos, que indicam que se considera o conteúdo como quase certo ("talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente") (BNCC, Brasil, 2018, p. 186).

Concordamos com a explanação de que a modalização epistêmica pode indicar uma avaliação do valor de verdade de um discurso, uma vez que ela é influenciada pelas nossas crenças e convicções acerca de episódios cotidianos e experiências passadas. Entretanto, as condições de verdade de uma asserção não dependem apenas de convicções; elas dependem de evidências daquilo que se está propondo. Contudo, o desdobramento da evidência da proposição sequer é mencionado, excluindo, assim, a evidencialidade, ou seja, a fonte da informação.

No campo denominado *Língua Portuguesa no Ensino Médio: Campos de Atuação Social, Competências Específicas e Habilidades - Todos os Campos de Atuação Social*, na habilidade (EM13LP07), cuja intenção é examinar, em textos de variados gêneros, elementos que revelam a postura do enunciador em relação ao conteúdo expresso — ou seja, a posição do locutor e as noções de verdade —, o que só se obtém, de certa forma, conhecendo a origem, a fonte do que é dito. Vejamos a descrição da habilidade:

> (EM13LP07) Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades (epistêmica, deôntica e apreciativa) e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores (verbos modais,

> tempos e modos verbais, expressões modais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas, advérbios, locuções ou orações adverbiais, entonação etc.), uso de estratégias de impessoalização (uso de terceira pessoa e de voz passiva etc.), com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção (Brasil, BNCC, 2018, p. 509).

Mais uma vez, observa-se que a postura do enunciador é atrelada a modalizadores e recursos gramaticais que atuam como tais, com o intuito de fidelizar o ato discursivo, sem tocar na evidência do que é posto. Ora, ainda que essas categorias sejam abordadas de forma generalizada — modalizadores e expressões modais —, nada se fala sobre a evidencialidade.

Os PCNs, que nortearam o ensino até a implementação da BNCC, também não trazem uma abordagem clara sobre a evidencialidade. Focam-se, principalmente, no desenvolvimento da competência leitora, no ensino da norma-padrão da língua e na produção textual de acordo com os gêneros discursivos. Embora incentivem a análise crítica e reflexiva de diferentes tipos de textos, os PCNs não mencionam diretamente a evidencialidade como uma categoria fundamental para que os alunos compreendam a origem das informações apresentadas nos discursos.

A ausência de menção explícita à evidencialidade nos documentos oficiais reflete uma concepção tradicional do ensino da língua, que privilegia a gramática normativa e a compreensão textual de maneira mais superficial, sem abordar a complexidade das fontes de informação. O resultado disso é a formação de alunos voltada à interpretação de textos sem, necessariamente, desenvolver uma compreensão mais sofisticada sobre a relação entre as informações e suas fontes — o que limita sua capacidade de avaliar criticamente a veracidade e a confiabilidade dos dados apresentados.

As implicações da ausência da evidencialidade no currículo escolar

A ausência do ensino da evidencialidade nas orientações curriculares tem implicações diretas na formação dos alunos no que diz respeito à leitura e à produção de textos. Em uma sociedade cada vez mais marcada pela circulação de informações de fontes diversas e pela ascensão das *fake News*, é essencial que os estudantes aprendam a identificar a fonte de uma informação e a compreender o posicionamento do falante em relação à veracidade do que está sendo comunicado. A falta de uma abordagem sistemática da evidencialidade no currículo educacional brasileiro pode representar prejuízos no desenvolvimento dessas habilidades críticas.

Estudos linguísticos mostram que a evidencialidade é fundamental para que os falantes expressem a confiabilidade de suas informações (Aikhenvald, 2004), e essa compreensão é ainda mais importante no atual cenário de multimodalidade. No ambiente digital, os alunos estão constantemente expostos a múltiplas formas de comunicação, nas quais a origem e a confiabilidade da informação são muitas vezes ambíguas ou manipuladas. Em textos multimodais — que combinam palavras, imagens, vídeos e sons —, a compreensão das fontes de informação torna-se ainda mais complexa, exigindo uma atenção crítica à forma como as diferentes modalidades apresentam as evidências.

A multimodalidade, que combina várias semioses (textual, visual, sonora), tem se tornado central no ensino e na comunicação contemporâneos. Segundo Kress e Van Leeuwen (2001), as formas de comunicação multimodal reorganizam as práticas discursivas, exigindo novas formas de letramento, nas quais a evidencialidade deve ser uma preocupação central. Nesse sentido, a ausência de abordagem da evidencialidade no currículo escolar pode comprometer a atividade leitora na interpretação das intenções e ideologias que atravessam o discurso.

Com a ascensão da multimodalidade, a necessidade de incluir o ensino da evidencialidade no currículo torna-se ainda mais

latente. A comunicação contemporânea exige dos alunos a capacidade de analisar criticamente não apenas *o que* é dito, mas *como* e *por quem* a informação é apresentada. A evidencialidade pode fornecer uma base para essa análise. Por exemplo, em plataformas digitais como redes sociais e blogs, as informações frequentemente carecem de fontes confiáveis, e a habilidade de avaliar as evidências fornecidas (ou a ausência delas) torna-se impreterível para a navegação consciente nesse ambiente.

O letramento multimodal, portanto, não pode se restringir à leitura e interpretação de diferentes modos sem considerar a questão da fonte da informação. Ao se aprender a ler criticamente textos escritos, orais e visuais, é igualmente necessário desenvolver a capacidade de avaliar a procedência dessa informação — seja ela textual, auditiva ou visual. A inclusão da evidencialidade no currículo escolar poderia desempenhar um papel essencial na preparação dos alunos para uma leitura mais crítica e completa de textos multimodais, em que a origem da informação é central.

Dada a importância da evidencialidade para o desenvolvimento de uma leitura crítica, propõe-se que o ensino da Língua Portuguesa no Brasil inclua, de forma explícita, o reconhecimento e a utilização de estratégias evidenciais, tanto na interpretação quanto na produção de textos. Isso pode ser feito por meio de atividades que incentivem os alunos a identificarem a origem das informações apresentadas em textos jornalísticos, científicos e também em textos multimodais, como vídeos e publicações em redes sociais.

Destarte, os professores devem ser incentivados a discutir a importância da fonte de informação em diferentes contextos discursivos, utilizando exemplos práticos da vida cotidiana e do ambiente digital para demonstrar como a confiabilidade de uma informação pode ser afetada pela sua origem. Essa abordagem pode preparar os alunos para um cenário comunicacional mais complexo, no qual a multiplicidade de informações exige uma postura crítica em relação ao que é lido, visto e ouvido.

Uma forma de introduzir a evidencialidade no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa seria definir melhor a categorização do elemento linguístico. Ao tentarmos, minimamente, propor uma categoria delineada, parece-nos mais concreto que se possa compreendê-la, assim como conceber a importância do predicamento para os estudos linguísticos.

Na linguística funcional e tipológica, o conceito de "operador" refere-se a um elemento gramatical que modifica a estrutura semântica de uma sentença, adicionando informações específicas sobre o conteúdo do enunciado, como tempo, modo, aspecto e evidencialidade. No caso da evidencialidade, os operadores são responsáveis por indicar a fonte da informação, desempenhando um papel central na construção do significado. Como afirmamos anteriormente, em muitas línguas, como o tuyuca e o turco, esses operadores são gramaticalizados, manifestando-se por meio de sufixos verbais que especificam se o falante testemunhou, inferiu ou ouviu a informação de outra fonte.

No entanto, no contexto da língua portuguesa, que não gramaticaliza a evidencialidade, esse fenômeno é expresso de maneira lexical, frequentemente por meio de verbos de percepção ou sensoriais, como *ver*, *ouvir* e *sentir*, em construções complexas. Esta seção propõe que esses verbos sensoriais, em suas funções evidenciais, sejam classificados como "operadores evidenciais", dada sua capacidade de indicar a origem da informação e a perspectiva do falante em relação ao evento descrito. Essa nomenclatura reforça a importância da evidencialidade no português e sugere um caminho para sua integração mais formal no ensino da língua.

Na Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld & Mackenzie, 2008), o termo "operador" é utilizado para se referir a elementos gramaticais que atuam em diferentes níveis da estrutura de uma sentença, modificando sua semântica e pragmática. Operadores podem atuar em diversas camadas da gramática, desde aspectos morfológicos, como tempo e modo, até camadas mais discursivas, como a evidencialidade.

No contexto da evidencialidade, operadores são usados para marcar explicitamente como o falante obteve a informação apresentada no enunciado. Aikhenvald (2004) ressalta que, em línguas com sistemas evidenciais gramaticalizados, o operador evidencial é parte obrigatória da morfologia verbal, indicando se o evento foi percebido diretamente (evidência visual) ou indiretamente (por meio de relato ou inferência). Isso contrasta com línguas como o português, onde a evidencialidade é expressa de maneira lexical e opcional. No português, a evidencialidade é frequentemente expressa por meio de verbos sensoriais ou de percepção, como *ver*, *ouvir* e *sentir*, que servem para indicar a fonte da informação apresentada. Essas construções complexas permitem que o falante se posicione em relação à veracidade da informação, explicitando se o conteúdo foi testemunhado, inferido ou relatado.

Por exemplo, considere as seguintes orações:

1. *Eu vi que ele chegou cedo.*
(Evidência visual direta – o falante testemunhou o evento.)
2. *Ouvi dizer que ele chegou cedo.*
(Evidência reportada – o falante obteve a informação por meio de relato de terceiros.)
3. *Sinto que algo está errado.*
(Evidência inferida – o falante deduz o evento com base em sinais ou intuições sensoriais.)

Nessas orações, os verbos sensoriais "ver", "ouvir" e "sentir" funcionam como *operadores evidenciais*, pois não apenas descrevem uma ação ou percepção sensorial, mas também indicam a maneira como o falante obteve o conhecimento sobre o evento. Ao desempenharem essa função, esses verbos assumem um papel semelhante ao dos operadores evidenciais gramaticalizados de outras línguas — com a diferença de que, no português, essa função é realizada de forma lexical.

A proposta de classificar os verbos sensoriais em construções complexas como *operadores evidenciais* no português tem

implicações importantes para a compreensão da gramática e para o ensino da língua. Primeiramente, essa classificação oferece uma terminologia mais precisa para descrever a função desses verbos no discurso, destacando seu papel na construção da perspectiva do falante e na mediação da informação. Além disso, a adoção da nomenclatura de operador evidencial pode favorecer a integração do conceito de evidencialidade de forma mais clara e sistemática no estudo e no ensino da língua portuguesa.

No ensino de línguas, especialmente em contextos de letramento crítico, a introdução do conceito de operador evidencial pode auxiliar os alunos na compreensão de como as informações são posicionadas no discurso, bem como na avaliação da confiabilidade das fontes. A partir dessa compreensão, os estudantes podem desenvolver uma leitura mais crítica e consciente, sobretudo em contextos multimodais, nos quais a origem da informação é frequentemente ambígua ou fragmentada.

Além disso, a formalização dessa nomenclatura contribui para os estudos tipológicos e comparativos entre línguas, permitindo uma análise mais refinada das estratégias evidenciais em idiomas que, como o português, utilizam predominantemente recursos lexicais para expressar esse fenômeno.

Incorporar a noção de *operador evidencial* ao ensino da Língua Portuguesa pode trazer benefícios significativos, sobretudo em um cenário educacional que valoriza cada vez mais a análise crítica de textos. Atualmente, a evidencialidade é um conceito pouco explorado nos currículos escolares, o que contribui para uma formação limitada quanto à capacidade dos alunos de avaliar a confiabilidade das informações veiculadas nos textos.

Introduzir o conceito de operadores evidenciais nas aulas de português permitiria aos estudantes identificarem, de forma mais sistemática, como as informações são construídas e de onde elas provêm. Por exemplo, ao trabalhar com textos jornalísticos, os alunos poderiam ser incentivados a localizar verbos sensoriais que indiquem evidencialidade, discutindo se a informação é baseada em testemunho direto, inferência ou relato. Esse tipo de análise se

torna especialmente relevante no contexto da leitura crítica de mídias digitais, onde a fonte da informação é muitas vezes obscurecida ou manipulada.

Tal abordagem também fortaleceria o letramento multimodal, uma vez que os alunos precisariam avaliar a origem da informação em diferentes suportes — como textos escritos, vídeos, imagens — compreendendo que a evidencialidade não se restringe ao modo verbal, mas se estende a diversos contextos comunicativos.

Considerações Finais

Este capítulo explorou a evidencialidade como um fenômeno linguístico de grande relevância para a análise do discurso e o ensino de línguas, destacando sua ausência nos currículos educacionais brasileiros e as consequências dessa omissão. Embora amplamente discutida nos campos da linguística tipológica e pragmática, a evidencialidade ainda não é incorporada de forma sistemática no ensino de Língua Portuguesa, seja nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ou na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essa lacuna compromete o desenvolvimento de competências críticas e analíticas nos estudantes, especialmente em um cenário contemporâneo marcado pela multimodalidade e pela crescente demanda por habilidades de leitura e interpretação crítica.

A análise apresentada propôs uma abordagem inovadora para o ensino da evidencialidade no português, ao sugerir a classificação dos verbos sensoriais, em construções complexas, como *operadores evidenciais*, dado seu papel na marcação da fonte da informação expressa no enunciado. Ao reconhecer essa função evidencial, torna-se possível integrar o conceito ao ensino de gramática e de leitura crítica, oferecendo aos alunos instrumentos para identificar a origem da informação e avaliar, de forma mais consciente, sua confiabilidade.

A introdução da evidencialidade no ensino da Língua Portuguesa, sobretudo em contextos multimodais, revela-se não apenas pertinente, mas urgente. Em tempos de sobrecarga

informacional e circulação de dados oriundos de fontes nem sempre verificáveis, é essencial que os falantes desenvolvam a habilidade de reconhecer os mecanismos linguísticos utilizados para indicar a procedência da informação. O conhecimento das estratégias evidenciais, nesse contexto, torna-se fundamental para a leitura e a produção de textos mais críticos e reflexivos.

Além de seus desdobramentos pedagógicos, a proposta de classificar verbos sensoriais como operadores evidenciais também amplia a compreensão tipológica do português brasileiro, permitindo estabelecer pontes entre os recursos lexicais empregados na língua e os sistemas gramaticais de outras línguas que codificam a evidencialidade de modo mais rígido. Tal perspectiva reforça a importância de abordagens interdisciplinares e integradas tanto na pesquisa linguística quanto no ensino.

Defende-se, portanto, a urgência de reconhecer, ensinar e aplicar a evidencialidade no contexto educacional, como estratégia para aprimorar o ensino de Língua Portuguesa e preparar os estudantes para os desafios da comunicação no mundo contemporâneo. A inclusão desse conceito nos currículos escolares complementa o ensino das habilidades linguísticas tradicionais e contribui para a formação de leitores e produtores de texto mais conscientes, capazes de avaliar criticamente a veracidade e a origem das informações que circulam em uma sociedade cada vez mais multimodal e conectada.

Referências

AIKHENVALD, A. Y. **Evidentiality**. Oxford University Press, 2004.

ANDERSON, L. B. Evidentials, paths of change, and mental maps: Typologically regular asymmetries. In W. Chafe & J. Nichols (Eds.), **Evidentiality**: The linguistic coding of epistemology, Ablex Publishing, 1986. p. 273-312.

BARNES, J. Evidentials in the Tuyuca verb. **International Journal of American Linguistics**, 1984, 50(3), p. 255-271.
BOAS, F. **Handbook of American Indian Languages**. Government Printing Office, 1911.
BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://basenacional comum.mec.gov.br/ . Acesso em: 6 maio 2025.
BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf . Acesso em: 6 maio 2025.
CHAFE, W.; Nichols, J. **Evidentiality**: The linguistic coding of epistemology. Ablex Publishing, 1986.
DE HAAN, F. Evidentiality and Epistemic Modality: Setting Boundaries. **Língua,** 1999, 114, p. 167-191.
JAKOBSON, R. **Shifters, verbal categories, and the Russian verb**. In: JAKOBSON, R. *Selected writings II: word and language*. The Hague: Mouton, 1971. p. 130–147.
JOHANSON, L.; UTAS, B. **Evidentials**: Turkic, Iranian and Neighbouring Languages, Mouton de Gruyter, 2000,
KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**: The Modes and Media of Contemporary Communication. Arnold, 2001.
PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge University Press, 1986.
VENDRAME-FERRARI, V. Orações complexas com verbos de percepção como forma de expressão da evidencialidade. **Estudos Linguísticos**, 2012, 41(1). p. 101-115.
WILLETT, T. A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. **Studies in Language**, 1988, 12(1). p. 51-97.

A INFLUÊNCIA DOS PARÁGRAFOS NO USO DE CONSTRUÇÕES CONCLUSIVAS EM REDAÇÕES DO ENEM

Mayra França Floret

Introdução

A rede de construções conclusivas do português é constituída por inúmeras opções inter-relacionadas. Dentre elas, focalizamos aquelas possuem um conector[1] formado pela combinação de preposição + demonstrativo + substantivo, como por exemplo, *dessa forma.* Durante a coleta de dados, verificamos que outras construções com estrutura semelhante também poderiam ser utilizadas para estabelecer a mesma relação. Portanto, este estudo focaliza as construções ligadas pelo esquema [Preposição Demonstrativo Substantivo], e suas variantes [Preposição Demonstrativo] e [Preposição Substantivo Preposição Demonstrativo], todas utilizadas para expressar conclusão.

A relação conclusiva prototípica é aquela que parte de premissas ou argumentos para a tomada de conclusão. Entretanto, como mostraram diversos autores (Kury, 1993; Matos, 2003; Marques, 2014; Marques; Pezatti, 2015; Floret, 2022), essa relação também pode expressar outros sentidos, como o de causa e consequência. De acordo com Sweetser (1990), a causalidade pode

[1] Ao longo do texto, utilizamos os termos "conector", "conectivo" e "elemento conectivo" para fazer referência aos mesmos itens. Além das conjunções prototípicas, também fazem parte desse grupo as construções preposicionais e adverbiais que conectam segmentos de texto.

ser instaurada em três domínios: epistêmico, referencial e interacional.

A conclusão prototípica pode ser entendida como uma relação epistêmica, visto que envolve raciocínio inferencial por parte do emissor. Por sua vez, a relação de causa e consequência pode ser compreendida como referencial, pois se estabelece entre fatos verificáveis no mundo real, com pouco ou nenhum envolvimento do falante. Por fim, o domínio interacional engloba os casos em que são apresentadas justificativas para atos de fala diretivos. No entanto, não foram encontrados dados desse tipo neste estudo.

A amostra selecionada é composta por redações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que receberam nota mil entre os anos de 2014 e 2023. Nela, foram coletados todos os dados licenciados pelos três esquemas anteriormente mencionados, os quais foram analisados com base em propriedades ligadas à estrutura e ao significado (Croft, 2001; Goldberg, 2006; Traugott; Trousdale, 2013). Para este estudo, partimos da hipótese de que construções que instauram relações em diferentes domínios se distribuem de forma diferenciada entre os parágrafos das redações, tendo em vista as funções que cada um desempenha no texto como um todo.

Portanto, o objetivo central é analisar a distribuição das construções conclusivas entre os parágrafos de introdução, desenvolvimento e conclusão, de acordo com o domínio da causalidade que expressam. Um outro objetivo é verificar a frequência de uso desses esquemas no gênero textual redação do ENEM.

Os conectores parecem desempenhar um papel central nesse gênero. Uma rápida pesquisa em diversos sites de estudos indica que o uso assertivo de elementos conectivos é um dos critérios para a obtenção de uma nota alta na redação. Essa relação se confirma na amostra utilizada, não apenas quanto às construções analisadas, mas ao uso de conectores de modo geral.

Assim, este capítulo se organiza da seguinte forma: na próxima seção, descrevemos os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. Em seguida, na seção 3, abordamos a relação entre o uso de conectores e a redação do ENEM. Na seção

4, descrevemos a amostra utilizada e a metodologia de análise dos dados. Já na seção 5, apresentamos os resultados encontrados e, por último, as considerações finais.

A relação de conclusão

Para o desenvolvimento deste estudo, adotamos os postulados da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Essa perspectiva partilha com os Modelos Baseados no Uso (MBU) a ideia de que a gramática é formada por categorias emergentes que estão em constante mudança. A GCBU adota como princípio fundamental a visão de língua como um inventário de construções (Diessel, 2015). Na definição de Goldberg (2006), construções são pareamentos forma - significado (ver também Traugott; Trousdale, 2013).

Nesse sentido, nosso conhecimento linguístico é constituído por unidades formadas por dois polos relacionados simbolicamente. De um lado, estão as propriedades formais da construção, como as sintáticas, morfológicas e fonológicas. De outro, estão as propriedades funcionais, quais sejam, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Vale ressaltar que uma construção pode estabelecer correspondências entre diversas propriedades de ambos os polos ou, em alguns casos, conectar apenas uma propriedade formal a uma propriedade funcional (Croft, 2001).

Da mesma forma que as construções implicam relações simbólicas internas, elas também estabelecem relações entre si. Sendo assim, o segundo princípio fundamental da GCBU postula que as construções se ligam umas às outras por diferentes tipos de links, o que forma uma rede de construções, o *constructicon* (Goldberg, 2006; Diessel, 2015; Hoffmann, 2023).

Dentre as diversas construções existentes na língua portuguesa, este trabalho focaliza aquelas que, no polo funcional, expressam conclusão. De forma prototípica, isso ocorre através do elo entre fatos ou constatações e conclusões possíveis a partir deles (Floret, 2022). De acordo com Oliveira (2011), a relação conclusiva

implica algum raciocínio inferencial decorrente de argumentos ou premissas, como exemplificado em (1).

> (1) Para esse fim, é necessário que o Estado aplique corretamente a lei, acolhendo e atendendo a vítima e punindo o violentador, além de promover a conscientização nas escolas sobre a igualdade de gênero e sobre a violência contra a mulher. Cabe à sociedade civil, o apoio às mulheres e aos movimentos feministas que protegem as mulheres e defendem os seus direitos, expondo a postura machista da sociedade. **Dessa maneira**, com apoio do Estado e da sociedade, aliado ao debate sobre a igualdade de gênero, é possível acabar com a violência contra a mulher (Redação nota mil no ENEM de 2015)[2].

Em (1), o autor enumera diversas possíveis soluções para o problema relacionado à desigualdade de gênero. Ao final, no segmento introduzido pelo conector, ele evidencia sua opinião de que, por meio da adoção dessas medidas, seria possível acabar com a violência contra a mulher. Embora tais medidas sejam de extrema importância, não é um fato comprovado que sua implementação levaria ao fim do problema. Na verdade, trata-se de uma crença do autor, que pressupõe que a adoção delas poderia resolver a situação em questão.

Entretanto, como já mostraram diversos autores (Kury, 1993; Matos, 2003; Marques, 2014; Marques; Pezatti, 2015; Floret, 2022), a relação conclusiva também abarca outros significados, em especial, o de causa e consequência. Nesse caso, o segmento introduzido pelo conector conclusivo expressa uma consequência, um efeito, daquilo que é entendido como a causa. Essa relação pode ser considerada menos subjetiva do que a relação de conclusão propriamente dita, já que não implica uma tomada de conclusão a partir de inferências. Um exemplo que ilustra essa possibilidade está em (2).

[2] Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-do-enem-2015-que-tiraram-nota-maxima.ghtml (Acesso em 26/07/2024)

(2) Tal conjuntura é ainda intensificada pela insuficiente laicidade do Estado, uma vez que interfere em decisões políticas e sociais, como aprovação de leis e exclusão social. Prova disso, é, infelizmente, a existência de uma "bancada evangélica" no poder público brasileiro. **Dessa forma**, atitudes agressivas e segregacionistas devido ao preconceito religioso continuam a acontecer, pondo em xeque o direito de liberdade religiosa (Redação nota mil no ENEM de 2016)[3].

Assim como o exemplo (1), o exemplo (2) também vincula a atuação do Estado ao problema em questão, nesse caso, a falta de liberdade religiosa. No entanto, ele se baseia em fatos verificáveis, como a questionabilidade da laicidade do Estado, evidenciada pela predominância de determinadas religiões nas decisões coletivas, e o preconceito religioso, que demonstra que a liberdade religiosa, supostamente defendida por uma nação laica, pode não ser plenamente praticada. Assim, a não laicidade do Estado (causa) leva naturalmente à limitação da liberdade religiosa (efeito/consequência).

As duas possibilidades de significado atribuídas à relação conclusiva em muito se alinham ao que propõe Sweetser (1990) em um estudo sobre a ambiguidade dos conectores causais. Para a autora, a relação causal se instaura em três domínios: epistêmico, referencial e interacional.

O domínio epistêmico corresponde àquele em que fatos ou evidências fundamentam uma crença ou conclusão, o que implica, necessariamente, inferências por parte do emissor. É, portanto, um tipo de relação mais subjetiva (Lopes et al., 2001). Por sua vez, as relações de causa e consequência podem ser entendidas em termos de domínio referencial, que envolve as relações entre fatos comprováveis (ou ao menos verificáveis) no mundo real, com pouco ou nenhum envolvimento do falante. Há, ainda, o domínio interacional, no qual construções causais ou conclusivas servem como justificativas para atos de fala diretivos. Dadas as

[3] Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-nota-mil-do-enem-2016.ghtml (Acesso em 26/07/2024)

características da amostra utilizada, não foram encontrados dados nesse domínio.

No que diz respeito à estrutura das construções conclusivas, sabe-se que estas se estabelecem comumente por meio de conectores, sendo, assim, representadas pelo esquema mais abstrato [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2] <-> Conclusão. A tradição gramatical costuma classificar a relação conclusiva em termos de coordenação, estando os segmentos envolvidos ligados por uma conjunção coordenativa. Para Cunha e Cintra (2017), esse tipo de conjunção liga uma oração que exprime conclusão ou consequência a uma oração anterior. Como exemplos, citam *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso* e *assim*.

Para Rocha Lima (2011), a conjunção coordenativa não liga necessariamente orações, mas sim pensamentos. Assim, o segundo pensamento expressa uma conclusão a partir do primeiro pensamento enunciado. O autor cita praticamente os mesmos exemplos de Cunha e Cintra (op. cit.): *logo*, *pois*, *portanto*, *consequentemente* e *por conseguinte*.

Por sua vez, Cegalla (2008) não especifica a natureza dos segmentos ligados pela conjunção conclusiva. Entretanto, menciona que o segmento introduzido pela conjunção coordenativa inicia uma conclusão. Assim como os demais autores, os exemplos listados por ele são *logo*, *portanto*, *por conseguinte*, *pois* e *por isso*.

Como fica claro a partir das três gramáticas citadas, apenas alguns conectores conclusivos aparecem como opções para preencher o *slot* CONECTOR no esquema [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2]. No entanto, sabe-se que a rede de construções conclusivas do português abrange outras estruturas, formadas por diferentes conectores.

Em um primeiro momento, este trabalho focalizaria apenas os conectores formados pela sequência preposição + demonstrativo + substantivo, como por exemplo, *dessa forma*, *desse modo* e *dessa maneira*. Ainda que eles representem a grande maioria dos dados encontrados, durante a coleta percebemos que outros conectores

com estrutura semelhante a essa, mas com pequenas variações, também eram utilizados em construções conclusivas, como é o caso dos formados apenas por preposição/locução prepositiva + demonstrativo (*com isso*, *diante disso*), e dos formados por mais de uma preposição e com o substantivo antecedendo o demonstrativo (*em decorrência disso*, *por/em consequência disso*).

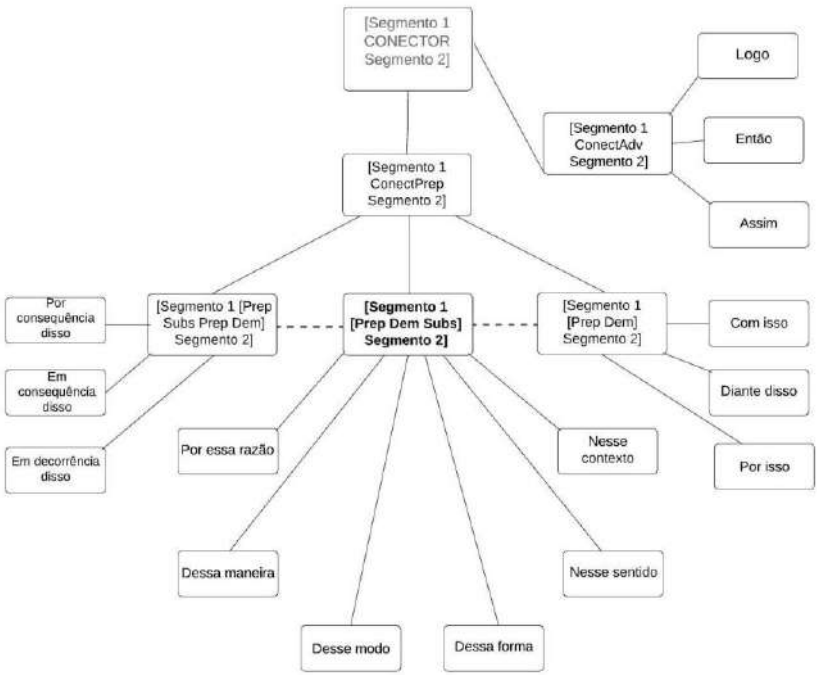
Vale ressaltar que o conector *por isso*, apesar de se encaixar no esquema [Preposição Demonstrativo], não foi considerado neste trabalho por duas razões. A primeira é que ele é frequentemente mencionado nas gramáticas tradicionais, e neste estudo a intenção é focalizar outros conectores, normalmente não mencionados, ainda que muito frequentes. A segunda razão é que ele já foi objeto de dois estudos anteriores (Floret, 2022; 2023).

A relação entre esses esquemas pode ser bem entendida em termos de exemplares. De acordo com Bybee (2006, 2010), cada exemplar é formado por múltiplos construtos que compartilham características comuns. Experiências novas com exemplares armazenados reforçam sua representação na memória, enquanto dados semelhantes, mas não idênticos, são armazenados próximos aos originais, criando novos exemplares. Assim, forma-se um conjunto de exemplares inter-relacionados que apresentam variações sutis em forma, significado ou representação fonética.

Sendo assim, consideramos o esquema [Segmento 1 [Preposição Demonstrativo Substantivo] Segmento 2] <-> Conclusão como o exemplar central e com representação mais forte, visto que abarca a grande maioria dos dados da amostra. Porém, como também foram encontrados dados com estrutura semelhante, mas em menor número, podemos considerá-los como exemplares relacionados ao anterior, pois apresentam pequenas variações na forma, ainda que expressem o mesmo significado. Esses exemplares podem ser esquematizados como [Segmento 1 [Preposição Demonstrativo] Segmento 2] <-> Conclusão e [Segmento 1 [Preposição Substantivo Preposição Demonstrativo] Segmento 2] <-> Conclusão. A figura 1 ilustra as relações entre os

exemplares esquematizados na rede de construções conclusivas ligadas por conector.

Figura 1: Rede de construções conclusivas ligadas por conector



Fonte: autoria própria

A figura 1 mostra o esquema mais geral das construções conclusivas ligadas por conector [Segmento 1 CONECTOR Segmento 2]. A ele, estão ligados outros esquemas menos abstratos, nos quais a categoria do conector é especificada – preposição ou advérbio. Na parte lateral, estão aqueles em que o *slot* é preenchido por conector adverbial, focalizados em estudo anterior (Floret, 2022). Abaixo do esquema mais geral, está o esquema ligado por conector preposicional, ao qual se conectam aqueles que são foco deste estudo, ou seja, os formados por preposição, demonstrativo e, em dois deles, substantivo.

Com base na teoria de exemplares anteriormente mencionada, o que se encontra no centro da figura, em destaque, é o exemplar central, pois, além de licenciar o maior número de conectores dentre os encontrados, é o esquema que representa a grande maioria dos dados, como mostraremos na seção 5. Ao lado dele, ligados por linhas tracejadas, estão os exemplares que apresentam pequenas variações na estrutura e que abarcam algumas das construções encontradas.

É necessário ressaltar que o que consideramos construção conclusiva é a relação entre os dois segmentos e o conector. Entretanto, por uma questão de espaço e visibilidade da imagem, destacamos apenas os conectores para exemplificar as possibilidades de preenchimento do *slot* CONECTOR em cada esquema. Os conectores apresentados na figura são apenas algumas das opções possíveis, já que não seria viável listar todos os elementos existentes que se ligam a cada um dos esquemas.

Assim, a figura 1 ilustra, ainda que de forma limitada, uma parte da rede de construções conclusivas do português. Como fica evidente, elas compartilham semelhanças estruturais entre si e servem para expressar a mesma relação mais geral, qual seja, a de conclusão. De algum modo, todos esses conectores e esquemas estabelecem relações entre si. Ao pensar em relacionar dois segmentos com sentido de conclusão utilizando um conector, o falante tem todas essas opções (e também outras) disponíveis. Evidentemente, algumas são mais frequentes na língua, o que faz com que elas sejam cada vez mais reforçadas na memória do falante, tornando-as mais acessíveis e, portanto, prováveis escolhidas para expressar essa relação (Bybee, 2006).

Os dados representativos dos esquemas em questão foram coletados a fim de verificar a frequência geral das construções em estudo, a frequência de construções que estabelecem relação no domínio epistêmico e referencial e, especialmente, a influência do parágrafo sobre a expressão de relações mais ou menos subjetivas. Na próxima seção, abordamos a relação entre o gênero textual da amostra e o uso de conectores.

Redações do ENEM: lugar dos conectores?

De maneira geral, as redações do ENEM analisadas evidenciam uma estreita relação entre esse gênero textual e o uso de conectores. Essa relação pode ser confirmada por meio de inúmeros veículos digitais, como sites de estudo, redes sociais ou cursos online, que publicam conteúdos ressaltando a importância de incluir os elementos conectivos na produção textual.

Em uma rápida pesquisa, é possível verificar que o uso desses itens é considerado essencial para garantir a coesão, a conexão entre as partes do texto, o que, consequentemente, levaria a uma boa nota. Isso pode ser confirmado por alguns trechos em destaque abaixo. No último trecho, do site *Guia do Estudante*, o emprego de um "bom conectivo" é o primeiro passo para escrever o parágrafo de conclusão.

> E, para garantir uma nota alta na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é preciso utilizar os conectivos corretamente. Isso porque eles são elementos importantes na construção de um texto, tendo a função de dar coesão e coerência aos parágrafos. (Site Quero Bolsa)[4]

> Dentre os elementos utilizados para um texto de qualidade, é necessário observar o uso correto dos conectivos para redação. (Blog Estácio)[5]

> A redação do Enem é uma etapa crucial para os estudantes que desejam ter uma boa pontuação no exame. Um texto bem estruturado não apenas demonstra o domínio do conteúdo, mas também uma habilidade de articulação e clareza de pensamento. Dentro dessa estrutura, os conectivos assumem um papel fundamental, agindo como pontes que ligam ideias, argumentos e partes do texto de maneira coesa e coerente. (Site Gran Cursos Online)[6]

---

[4] Disponível em: https://querobolsa.com.br/revista/conectivos-para-redacao-e-desenvolvimento-aprenda-os-principais (Acesso em 30/01/2025)

[5] Disponível em: https://blog.estacio.br/enem-e-vestibular/conectivos-para-redacao/ (Acesso em 30/01/2025)

[6] Disponível em: https://faculdade.grancursosonline.com.br/blog/conectivos-redacao-enem/ (Acesso em 30/01/2025)

> Os conectivos são elementos avaliados em qualquer banca de redação, já que são fundamentais para haver clareza no texto. Por isso é importante conhecê-los muito bem e ter cuidado ao empregá-los, pois o mau uso pode desencadear dificuldades na interpretação do que você escreveu. (Site Aprova Total)[7]

> Nesse sentido, uma das habilidades mais valorizadas na redação é a capacidade de conexão e coesão textual, e é aí que entram os conectivos. (Site Redação Online)[8]

> Imagine que finalmente chegou o dia da redação do Enem. Você demonstrou na introdução do texto que é capaz de formular uma tese como ninguém. Nos dois parágrafos seguintes, argumentou utilizando de fatos históricos, citações de grandes pensadores e tudo isso sem fugir ou tangenciar o tema. E agora, como começar uma boa conclusão? Não pense duas vezes: recorra a um bom conectivo! (Site Guia do Estudante)[9]

Um candidato que esteja se preparando para prestar o exame provavelmente teria contato com informações como as que estão em destaque. Assim, entendendo que o uso de conectores é um dos requisitos para uma nota alta, faria amplo uso desses elementos, o que se reflete em redações repletas de conectivos, como as da amostra. Entretanto, em muitos casos, isso acaba resultando em um uso exagerado desses termos, quando eles não seriam necessários, ou mesmo em um uso equivocado deles, baseado na ideia de "quanto mais, melhor". Em outras palavras, o candidato entende que precisa usar esses elementos para tentar alcançar a nota mil, mas pode acabar fazendo um uso indiscriminado, o que leva ao efeito contrário, à penalização da nota.

Dessa forma, consideramos que a redação do ENEM é um gênero textual favorável e propício ao uso de conectores que

---

[7] Disponível em: https://aprovatotal.com.br/conectivos-redacao/ (Acesso em 30/01/2025)

[8] Disponível em: https://redacaonline.com.br/blog/lista-de-conectivos-completa/ (Acesso em 30/01/2025)

[9] Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/redacao/10-conectivos-de-conclusao-para-encerrar-sua-redacao-do-enem#google_vignette (Acesso em 30/01/2025)

expressam diversos sentidos. Muitos deles são pouco recorrentes na língua, como *destarte* e *dessarte*, mas parecem estar ganhando frequência nesse gênero.

Como já mencionado, os conectores conclusivos que são objeto de estudo desta pesquisa não estão entre os enumerados pela tradição gramatical. Mesmo assim, costumam fazer parte das longas listas disponibilizadas por sites de estudos, como por exemplo, o *Toda Matéria*[10] e o *Brasil Escola*[11], que incluem *dessa forma*, *dessa maneira*, *desse modo* e *nesse sentido* entre os conectores utilizados para expressar conclusão, resumo ou fechamento em redações.

Portanto, entende-se que uma das características que definem o gênero textual redação do ENEM é o uso recorrente de conectores. Esses elementos estão associados aos mais diversos sentidos. Dentro dos limites deste estudo, focalizamos aqueles que expressam conclusão, como os citados no parágrafo anterior. Na próxima seção, apresentamos mais alguns detalhes sobre a amostra e descrevemos a forma como coletamos e analisamos os dados da pesquisa.

Amostra e metodologia

A amostra é composta por redações do ENEM. De maneira geral, essas redações não são disponibilizadas de forma ampla ao público. No entanto, as redações que receberam nota mil costumam ser divulgadas nos anos seguintes ao vestibular por grandes veículos de informação, a fim de que sirvam como exemplos, modelos para os futuros vestibulandos. Ao buscar por esses textos, encontramos, no site G1[12], 101 redações produzidas entre os anos de 2014 e 2023, que totalizam aproximadamente 42 mil palavras.

---

[10] Disponível em: https://www.todamateria.com.br/conectivos/ (Acesso em 30/01/2025)

[11] Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/redacao/conectores-discursivos.htm (Acesso em 30/01/2025)

[12]Disponível em: https://g1.globo.com/educacao/enem/ (Acesso em 26/07/2024).

As redações foram coletadas e todas as ocorrências de construção conclusiva ligada pelos conectores [Preposição Demonstrativo Substantivo], [Preposição Demonstrativo] ou [Preposição Substantivo Preposição Demonstrativo] foram selecionadas e analisadas com base em algumas propriedades relacionadas à forma ou ao significado. Para os limites deste estudo, selecionamos os resultados relacionados ao domínio da causalidade e à sua interação com o parágrafo do texto.

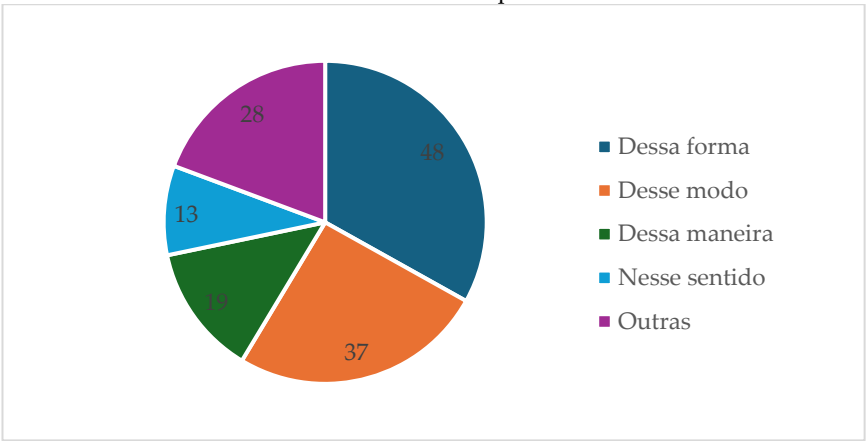
Em seguida, o tratamento estatístico foi realizado no programa GoldVarbX (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), a fim de verificar a distribuição das construções e o funcionamento das variáveis em estudo. Na próxima seção, apresentamos os resultados encontrados.

Construções conclusivas em redações do ENEM

Foram encontrados 145 dados de construções conclusivas conectadas por [Preposição Demonstrativo Substantivo] ou um dos seus esquemas variantes [Preposição Demonstrativo] e [Preposição Substantivo Preposição Demonstrativo]. Tendo em vista o fato de que foram analisadas 101 redações, em média, cada redação conta com pelo menos uma construção conclusiva com um desses conectores.

Os três esquemas mencionados foram preenchidos por 18 conectores diferentes. Em outras palavras, esses conectores representam variações de combinação entre preposição, demonstrativo e, na maioria das vezes, substantivo, para conectar segmentos com sentido de conclusão. No entanto, apesar do número elevado de candidatos a preencher os esquemas, alguns poucos representam a maioria dos dados encontrados, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1: Conectores mais frequentes



Fonte: autoria própria

Como mostra o gráfico 1, o conector *dessa forma* é o mais frequente da amostra, com 48 ocorrências, correspondendo a 33,1% dos dados. O segundo mais frequente é *desse modo*, com 37 dados, o que representa 25,5%. O terceiro mais frequente é *dessa maneira*, que conta com 19 dados, ou seja, 13,1%. Por fim, há 13 construções conclusivas ligadas por *nesse sentido*, representantes de 9% dos dados. Além desses quatro conectores mais frequentes, há ainda 14 menos frequentes que, juntos, somam 28 dados, ou 19,3%.

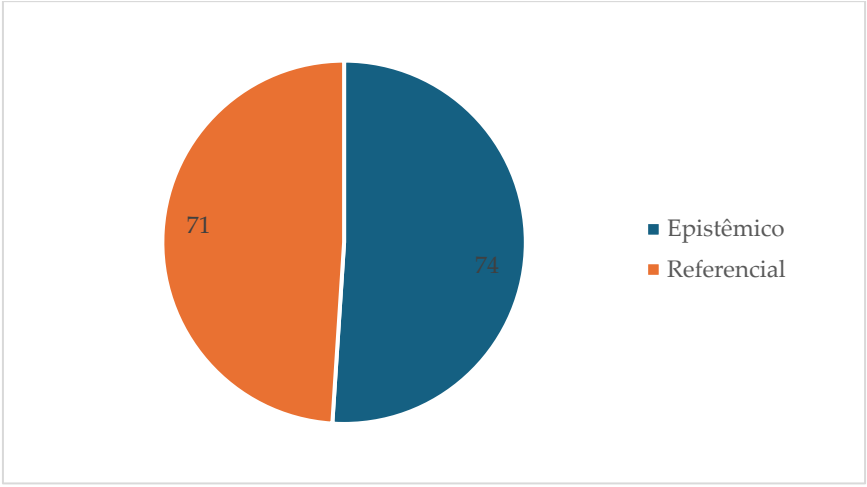
É necessário ressaltar que, no gráfico, estão em destaque os conectores que tiveram, no mínimo, dez ocorrências, o que é o caso apenas dos quatro mencionados. Os outros, na maioria das vezes, contam com um ou dois dados representantes.

Outra informação relevante é que os quatro conectores mais frequentes, *dessa forma*, *desse modo*, *dessa maneira* e *nesse sentido*, que somam 80,7% dos dados, são todos sancionados pelo esquema [Preposição Demonstrativo Substantivo] que, por essa razão, é considerado o exemplar mais forte e central em comparação com os outros dois variantes.

Como o objetivo central do estudo é verificar a distribuição dessas construções de acordo com o domínio da causalidade, analisamos, em um primeiro momento, quais dados eram

epistêmicos, referenciais ou interacionais, de acordo com a proposta de Sweetser (1990). O gráfico 2 revela uma distribuição bastante equilibrada entre os dois primeiros tipos e a inexistência de dados do terceiro tipo.

Gráfico 2: Domínio da causalidade



Fonte: autoria própria

Como já era esperado, tendo em vista a natureza do gênero textual que compõe a amostra, não foram identificados dados do tipo interacional. Entretanto, em relação aos domínios epistêmico e referencial, é possível afirmar que há um equilíbrio quase total entre eles. Foram encontrados 74 dados no domínio epistêmico, e 71 no domínio referencial, ou seja, apenas 3 dados indicam uma ligeira vantagem para o primeiro domínio.

Esse equilíbrio, no entanto, não é surpreendente. A proposta de redação do ENEM exige que o candidato elabore um texto dissertativo-argumentativo sobre um tema específico, apresentando uma proposta de intervenção para enfrentar o problema. Para isso, é necessário que ele construa uma argumentação bem fundamentada, embasada em evidências, fatos, dados científicos, entre outros. Com base nessas informações concretas e objetivas, o vestibulando deve expor seu ponto de vista,

suas conclusões, crenças e inferências acerca do tema. Em especial, a proposta de intervenção representa um espaço em que o candidato precisa se posicionar de forma clara, já que é uma sugestão apresentada por ele, que acredita que ela seja eficaz para lidar com o problema.

Dessa forma, a redação do ENEM é um espaço no qual relações objetivas e subjetivas precisam coexistir para atingir o objetivo esperado. Ao apresentar as informações que sustentam a argumentação, o candidato tende a utilizar, com mais frequência, relações no domínio referencial, mais objetivas, do tipo causa – consequência. Por sua vez, ao argumentar, expõe seu posicionamento pessoal mais claramente, o que propicia a construção de relações mais subjetivas, de caráter epistêmico. Portanto, para que um texto seja dissertativo-argumentativo, é fundamental que essas relações se integrem de forma equilibrada. Um texto que se concentra excessivamente na exposição de informações ou na tomada de posicionamento pessoal certamente não atenderá aos requisitos exigidos para esse tipo de produção textual.

Além do domínio da causalidade, outra variável considerada foi o parágrafo em que ocorre a construção conclusiva analisada. Dessa forma, além de ser possível verificar a distribuição dessas construções por porção de texto, também é possível verificar se a parte do texto em que elas ocorrem interage com o tipo de relação instaurada. A tabela 1 apresenta os resultados relacionados a essas duas questões. Os números indicam a ordem dos parágrafos, ou seja, número 1 corresponde ao parágrafo de introdução, 2 e 3 ao desenvolvimento e 4 de conclusão. Não foram encontrados dados em parágrafos posteriores ao quarto.

Tabela 1: Domínio da causalidade por parágrafo

	1	**2**	**3**	**4**
Epistêmico	13 = 56,5%	11 = 25,6%	19 = 40,4%	31 = 96,9%
Referencial	10 = 43,5%	32 = 74,4%	28 = 59,6%	1 = 3,1%
	23	43	47	32

Fonte: autoria própria.

A tabela 1 evidencia duas informações importantes. A primeira é que construções conclusivas licenciadas pelos esquemas analisados neste estudo ocorrem predominantemente nos parágrafos de desenvolvimento do texto. Isso é compreensível, visto que esses parágrafos são comumente denominados corpo do texto, pois concentram as ideias principais e a maior quantidade de informação. É nessa porção que o autor constrói a argumentação e, com base nela, apresenta seu posicionamento sobre o assunto.

Assim, na amostra selecionada, o parágrafo com maior ocorrência de construções conclusivas é o terceiro, que corresponde a 32,4% dos dados. Em seguida, aparecem o segundo parágrafo, com 29,6%, a conclusão, com 22,1% e, por fim, a introdução, com 15,9%.

Além disso, a tabela mostra que diferentes porções do texto tendem a concentrar relações específicas. Nos parágrafos de desenvolvimento, em especial no segundo, as construções conclusivas mais frequentes são do tipo referencial, expressando relação de causa e consequência, com menor envolvimento do falante. São, portanto, parágrafos mais objetivos, nos quais se relacionam estados de coisas do mundo real, situações em que a relação entre os segmentos é válida e verificável. É importante enfatizar que o predomínio desse tipo de relação não impede a ocorrência de construções no domínio epistêmico.

Por outro lado, os parágrafos de introdução e conclusão, em especial o último, são mais propícios à ocorrência de relações epistêmicas, caracterizadas por inferências e pela subjetividade do falante. Em relação ao parágrafo de conclusão, a ocorrência de todos os dados, com exceção de um, no domínio epistêmico, não é por acaso. Como mencionado anteriormente, parte dos requisitos da redação do ENEM é que o candidato apresente uma proposta de intervenção. Essa proposta acaba ficando, na maioria das vezes, ao final do texto, após a estruturação da argumentação. Depois de apresentar as informações necessárias e deixar claro seu posicionamento, o candidato sugere formas de amenizar, enfrentar ou lidar com o problema. Por isso, o parágrafo de conclusão da redação do ENEM acaba sendo um lugar favorável para que o

falante exponha seu posicionamento, como o que ocorre no exemplo (1), apresentado na seção 2.

Por sua vez, na introdução, parágrafo com menor frequência de construções conclusivas, observa-se um relativo equilíbrio entre relações epistêmicas e referenciais, com uma ligeira predominância para as primeiras. Nesse parágrafo, o candidato deve apresentar o tema de forma geral, contextualizar o assunto, indicar o direcionamento da argumentação e expor a tese que será defendida. Trata-se, portanto, de um parágrafo que mescla a demonstração de conhecimento sobre o tema por parte do candidato, por um lado, e a tomada de posição pessoal, por outro. Essa dinâmica favorece o equilíbrio entre relações epistêmicas, mais subjetivas, e referenciais, menos subjetivas. No entanto, a vantagem das relações epistêmicas sobre as referenciais pode indicar que o trecho do parágrafo em que o candidato expõe seu posicionamento favorece o uso de construções conclusivas.

Com base nos dados analisados, é possível afirmar que a hipótese proposta se confirma. Os parágrafos que compõem a redação do ENEM favorecem o uso de relações epistêmicas ou referenciais, de acordo com suas funções e particularidades dentro do texto. Por conta disso, construções conclusivas conectadas por [Preposição Demonstrativo Substantivo] e seus esquemas variantes tendem a se distribuir de forma diferenciada ao longo do texto.

Considerações finais

Neste capítulo, analisamos as construções representadas pelo esquema [Segmento 1 [Preposição Demonstrativo Substantivo] Segmento 2] <-> Conclusão e suas variantes, em uma amostra composta por redações que receberam nota mil no ENEM entre os anos de 2014 e 2023. Os conectores mais frequentes da amostra são *dessa forma*, *desse modo*, *dessa maneira* e *nesse sentido*.

Em primeiro lugar, os resultados encontrados confirmam a alta frequência desses elementos no gênero textual analisado. Foram encontrados 145 dados em 101 redações, o que significa que,

em média, cada redação utiliza ao menos uma das construções licenciadas pelo esquema e suas variantes.

Além disso, verificou-se que, nesse gênero, do tipo dissertativo-argumentativo, há equilíbrio entre construções de domínio epistêmico e referencial. Em outras palavras, as construções conclusivas analisadas fazem parte tanto de trechos mais subjetivos, no caso dos epistêmicos, quanto de menos subjetivos, no caso dos referenciais. Isso se justifica pela própria natureza do texto que, ao mesmo tempo que expõe informações concretas, válidas e verificáveis, também precisa deixar claro o posicionamento pessoal do autor.

Retomando a hipótese inicial, esperávamos que as construções conclusivas instanciassem relações mais ou menos subjetivas dependendo do parágrafo em que ocorressem. Essa hipótese foi confirmada pelos dados da amostra selecionada, visto que cada parte do texto, introdução, desenvolvimento e conclusão, apresentou comportamento diferente nesse aspecto, tendo em vista as características e funções próprias de cada uma delas.

A introdução confirma o equilíbrio entre relações epistêmicas e referenciais, com ligeira preferência pelo primeiro tipo. Os parágrafos de desenvolvimento, por sua vez, demonstram que as construções conclusivas tendem a expressar mais frequentemente os sentidos de causa e consequência, ou seja, relações no domínio referencial. Por fim, as construções conclusivas utilizadas no parágrafo de conclusão, com exceção de apenas um dado, expressam relação no domínio epistêmico, visto que é nessa porção do texto que os candidatos tendem a expor suas propostas de intervenção. No entanto, é necessário enfatizar que o fato de um parágrafo apresentar predomínio de um tipo de relação não impede que outras também ocorram.

Assim, como desdobramento futuro deste estudo, os mesmos aspectos serão analisados em outros gêneros textuais, a fim de identificar se as tendências observadas nas redações do ENEM se confirmam em diferentes contextos. Além disso, variáveis analisadas que não se mostraram tão relevantes nas redações

podem se mostrar significativas em outros textos. Outro ponto a ser investigado é a frequência de uso dessas construções em outros gêneros, para determinar se eles favorecem ou desfavorecem seu emprego.

Referências

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, v. 82, n.4. p. 711-733, 2006.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar***:* Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (ed.) **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlim: Mouton de Gruyter, 2015, p. 295-321.

FLORET, M. F. **A trajetória das construções conclusivas com portanto, por isso, logo e então**. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.

FLORET, M. F. Construções conclusivas com por isso: do português arcaico ao português atual. **Domínios de Lingu@gem, Uberlândia**, v.17, p.e1726, 2023.

GOLDBERG, A. **Constructions at work:** the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Express, 2006.

HOFFMANN, T. Constructicon in progress: a short introduction to the constructionist approach to syntactic analysis (CASA). **Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association**, v.11, n.1, 2023, p. 7 – 22.

KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1993.

LOPES, A. C. M; PEZATTI, E. G; NOVAES, N. B. As construções com portanto no Português europeu e no Português brasileiro. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 203 – 218, 2001.
MARQUES, N. B. N. **A relação conclusiva na Língua portuguesa: funções resumo, conclusão e consequência**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, 2014.
MARQUES, N. B. N; PEZATTI, E. G. **A relação conclusiva na Língua portuguesa**: funções resumo, conclusão e consequência. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
MATOS, G. Estruturas de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003, p. 549 – 592.
OLIVEIRA, M. C. P. **A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.
ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2011.
SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. S.; SMITH, E. **Goldvarb X**: A variable rule application for Macintosh and Windows. University of Toronto, 2005.
SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics***:* metaphorical and cultural aspects of
semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sites consultados

COELHO, M. Conectivos para redação e desenvolvimento: aprenda os principais. *Quero Bolsa*. 25 de outubro de 2024. Disponível em: https://querobolsa.com.br/revista/conectivos-para-redacao-e-desenvolvimento-aprenda-os-principais. Acesso em 30 de janeiro de 2025.
COLTRIN, C. Melhores conectivos para redação: veja lista com mais de 50 exemplos. *Aprova Total*. 26 de janeiro de 2024. Disponível

em https://aprovatotal.com.br/conectivos-redacao/. Acesso em 30 de janeiro de 2025.
DIANA, D. Conectivos para redação: lista e tipos. *Toda Matéria*. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/conectivos/. Acesso em: 30 de janeiro de 2025.
EQUIPE ESTÁCIO. Conectivos para redação: como usá-los corretamente no ENEM?. *Blog Estácio*. 14 de junho de 2023. Disponível em https://blog.estacio.br/enem-e-vestibular/conectivos-para-redacao/. Acesso em 30 de janeiro de 2025.
G1 EDUCAÇÃO. Disponível em https://g1.globo.com/educacao/enem/. Acesso em 26 de julho de 2024.
MEDEIROS, R. Conectivos para redação do Enem: o que são, tipos e lista. *Gran Cursos Online*. 29 de julho de 2024. Disponível em https://faculdade.grancursosonline.com.br/blog/conectivos-redacao-enem/. Acesso em 30 de janeiro de 2025.
PUGLES, L. P. Conectivos para redação. *Brasil Escola*. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/redacao/conectores-discursivos.htm. Acesso em 30 de janeiro de 2025.
REDAÇÃO GUIA DO ESTUDANTE. 10 conectivos de conclusão para encerrar sua redação do Enem. *Guia do Estudante*. 22 de setembro de 2024. Disponível em https://guiadoestudante.abril.com.br/redacao/10-conectivos-de-conclusao-para-encerrar-sua-redacao-do-enem#google_vignette. Acesso em 30 de janeiro de 2025.
SILVA, N. Lista de conectivos completa para usar na redação do Enem. *Redação Online*. 4 de outubro de 2023. Disponível em https://redacaonline.com.br/blog/lista-de-conectivos-completa/. Acesso em 30 de janeiro de 2025.

PROJETO ESCOLA SEM FAKE: A SALA DE AULA SE TRANSFORMANDO EM AGÊNCIA DE CHECAGEM PARA O COMBATE À DESINFORMAÇÃO

Tiago Aguiar

Introdução

O século XXI tem sido marcado pelos efeitos deletérios da proliferação de textos de desinformação, impulsionados descontroladamente nas e pelas redes sociais. Entre esses efeitos, podemos citar a crise de confiança na democracia e nas instituições democráticas; o esgarçamento do tecido social com a disseminação de discursos de ódio e de intolerância; e o negacionismo da ciência. O combate a essa epidemia é bastante complexo, pois, conforme nos alertava – no século XVIII – o escritor e satirista Jonathan Swift, autor do clássico *As viagens de Gulliver*, "a mentira voa, e a verdade vai tropeçando atrás"[1].

No século XXI, a mentira – de quem a desinformação é parente de sangue em linha direta – voa em velocidade supersônica, com a leveza de um clique no teclado dos computadores ou na tela dos celulares. Tal leveza por vezes esconde o investimento pesado das Big techs, empresas gigantes de tecnologia, em algoritmos cada vez mais eficazes em estudar os nossos desejos, as nossas movimentações e o nosso poder de compra (O'Neil, 2020) e

[1] Fonte: https://www.publico.pt/2021/07/05/opiniao/opiniao/mentira-voa-verda de-coxeia-1969056. Acesso em 10 fev. 2025.

transformar essas informações em dados e em lucro – para elas. Se a desinformação contribui com dados – e com lucro –, Big techs, como a Meta e o X, atuarão em prol desses dados. A consequência óbvia é que cada vez mais desinformação inundará o ambiente das redes.

Como se pode facilmente perceber, o combate a essa epidemia é complexo e profundamente desigual. De um lado, o poder econômico trilionário dessas empresas, que se entranham cada vez mais no poder político, em especial na extrema direita, como ficou evidente na posse do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Na fileira de maior destaque, historicamente reservada a políticos que apoiaram a campanha presidencial, estavam os donos e CEOs da Meta, do Google, da Apple, da Amazon, do TikTok e do Open AI[2]. De outro, a resiliência de quem defende a democracia pela garantia do direito à qualidade da informação – com recursos econômicos infinitamente mais modestos do que o outro lado.

A despeito da disparidade de recursos, para enfrentar a desinformação, é necessário conhecer o seu funcionamento: numa perspectiva mais ampla, os seus mecanismos tecnológicos de disseminação e propagação; numa perspectiva mais específica aos estudos da linguagem, a construção de seus discursos a partir de estratégias linguísticas e multimodais. Nesse complexo caminhar, acreditamos que a escola tem papel fundamental na formação de curadores da informação, por meio da leitura e análise de textos de desinformação, bem como da produção de textos que alertem e denunciem a disseminação de *fake news*, boatos, teorias da conspiração etc., seja no ambiente escolar, seja em outras práticas discursivas (Lerquin; Lerquin, 2021).

Neste capítulo, apresentamos, com base em nossas vivências com o projeto de ensino "Escola sem fake", desenvolvido no âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), uma proposta pedagógica que pode contribuir para a escola assumir o seu papel

[2] Fonte: https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/20/musk-zuckerberg-e-bezos-ceos-de-big-techs-comparecem-a-posse-de-trump-nos-eua.ghtml. Acesso em 20 jan. 2025.

de transformadora social, "consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas" (Soares, 2021, p. 114), nas quais se insere também a desigualdade de acesso à informação de qualidade. Nossa proposta – que se inspira na aprendizagem baseada em projetos (Bender, 2014) – visa desenvolver com os estudantes autonomia de pesquisa e de ação em contexto de trabalho cooperativo para resolver problemas. Para tanto, planejamos, na edição de 2025, do projeto transformar a sala de aula em uma agência de checagem, na qual os estudantes assumem tarefas específicas do processo de curadoria da informação, as quais envolvem atividades de leitura, análise e produção textual: recebimento de textos, identificação da desinformação, pesquisa em fontes confiáveis, elaboração de textos com esclarecimentos sobre os fatos e, por fim, divulgação nas redes sociais. Na descrição dessas atividades, discutimos também a relevância do conceito de frames (Ferrari, 2011, 2023; Rodrigues, 2021) para embasar teoricamente as ações de curadoria do projeto, em especial as relacionadas à leitura.

O capítulo está organizado em quatro seções. Na primeira, contextualizamos o fenômeno da desinformação como decorrente de um problema social maior: a crise de narração. Na segunda, discutimos o caráter linguístico-cognitivo dos textos que propagam desinformação e a importância do conceito de frame para o mapeamento de aspectos semântico-discursivos nesses textos. Na terceira, relatamos brevemente as duas edições já realizadas do projeto "Escola sem fake", compartilhando experiências delas – algumas bem-sucedidas, outras nem tanto. Na quarta, apresentamos a proposta para a 3a edição do projeto: a criação de uma agência de checagem na sala de aula, prevista para se iniciar em março de 2025 em uma escola pública localizada no município de João Pessoa. Encerramos o capítulo com as considerações finais.

Desinformação como ponta do iceberg da crise da narração

A desinformação é apenas a ponta do iceberg de um problema social contemporâneo ainda maior: a crise de narração, resultante do excesso de informação. Esse excesso, por sua vez, é sintoma de uma nova forma de dominação sedutora do neoliberalismo. Em resumo, a desinformação não é a doença, mas o sintoma de uma doença multifatorial. Os textos multimodais que veiculam *fake news*, teorias da conspiração, distorções etc., em alguns casos, enviados até mesmo por familiares e amigos, são, portanto, os frutos envenenados dessa crise maior.

Segundo Han (2023), o século XXI vive uma crise de narração porque a sociedade ocidental está hiper-informada, principalmente pelas redes sociais. Essa hiper-informação é composta principalmente de informações esparsas, separadas e/ou pontuais, que não têm força suficiente para construir narrativas capazes de gerar vínculos. Ainda segundo Han (2023), a hiper-informação nos obriga a estar sempre no tempo presente, o que implica a perda de referência da nossa história e, consequentemente, a referência de um agir coletivo no mundo. Como desdobramento desse regime de informação sedutor, alimentado pelo individualismo característico do modelo neoliberal, passamos a comunicar nossas opiniões, nossas necessidades e preferências com o intuito de obter likes, curtidas e seguidores. Tudo isso é traduzido em dados para fazer do usuário das redes o próprio produto a ser consumido por outros usuários. Em outras palavras, em um mundo hiper-informado, a construção coletiva de uma sociedade mais justa e democrática, que demanda tempo para que os debates e as ações no mundo aconteçam, é atropelada pela necessidade de criar e tornar as pessoas em produtos imediatos que atendam à necessidade de lucro.

Para Rojo e Barbosa (2015), nessa sociedade, grandes projetos coletivos, como partidos políticos, sindicatos e associações, perdem sensivelmente influência e capacidade de mobilizar as pessoas "em torno de um projeto maior, parecendo haver somente iniciativas isoladas de reestabelecer vínculos e de valorizar o coletivo quando

grandes desafios ou problemas específicos se colocam [...]" (Rojo; Barbosa, 2015, p. 117-118). O efeito dessa perda é evidente na democracia representativa.

Aqui nos deparamos com um paradoxo: uma sociedade hiper-informada é terreno fértil para a desinformação. A despeito de as relações sociais terem passado por transformações significativas com a popularização da internet e do smartphone no final da primeira década dos anos 2000 até chegar ao cenário que descrevemos anteriormente, a necessidade humana de se conectar a histórias permanece inalterada; afinal, a cognição humana é eminentemente literária, e as narrativas são o instrumento fundamental da construção do mundo em sociedade. Narrar é o nosso principal recurso para olhar para o futuro, para predizer, para planejar (Turner, 1996). Contudo, nesta conjuntura de informações em excesso, narrar histórias está cada vez mais difícil. Numa sociedade atordoada com tanta informação, destacam-se aqueles que são capazes de conectar tantas informações difusas e explicar para as pessoas, via narrativas, como o mundo funciona/tem funcionado, mesmo que essa história não tenha lastro com a realidade, mesmo que, também paradoxalmente, essa história confronte o que se considera fato, o que se considera verdade. O alívio por estar devidamente conectado com uma história que, por alguma razão, faz sentido, mesmo que absurda, parece superar o desconforto de continuar sem saber qual o fio condutor que orienta a vida.

Os narradores do século XXI estão mais diversificados. Aos narradores tradicionais, juntaram-se coaches e influenciadores que compreenderam, de maneira bastante eficaz, a lógica de funcionamento dos algoritmos. Ao compreender essa lógica, aprenderam a filtrar a enxurrada de informações e a transformá-las em histórias – e a vendê-las como produtos, também os mais diversificados possíveis – desde uma receita mágica para emagrecer tomando água com limão todos os dias até a eleição de governantes de extrema direita com narrativas envolvendo kit gay

nas escolas, banheiro unissex, estados progressistas em que as pessoas comem cachorros etc.

Além de compreender a lógica do funcionamento da história, esses novos narradores aprenderam a manipular a desinformação e a adequá-la aos textos das mais diversas modalidades.

O caráter linguístico-cognitivo dos textos que propagam desinformação

É por meio dos textos que performatizamos ações e somos convidados a agir no mundo. De acordo com Bentes e Souza-Santos (2023a, p. 13), "as ações que os textos performatizam e que neles são performatizadas estão em concernência com os gêneros diversificados, com os temas/as temáticas principais e com os objetos de discurso estrategicamente escolhidos". Ainda segundo os autores, os textos fazem referência a fatos ocorridos e, consequentemente, reforçam a criação de significados comuns e verossímeis.

Assim, Bentes e Souza-Santos (2023a) defendem que os textos que veiculam desinformação, ao serem considerados atividades, processos sociocognitivos, formas de interação e/ou cognição social que convidam as pessoas a pensar e a agir no mundo, precisam ser discutidos em função de sua heterogeneidade de composição e de sua multifuncionalidade, que incorpora uma performance de ações linguístico-discursivas. Com isso, temos de entender os textos de desinformação como constituintes do mundo, criadores, via linguagem, de realidades paralelas que podem, inclusive, corroer as instituições democráticas, como evidenciado na história recente brasileira com o episódio do 8 de janeiro de 2023.

Os textos de desinformação convidam, portanto, as pessoas a agir e a pensar o mundo em comum. No entanto, o vínculo que a desinformação cria entre as pessoas está diretamente atrelado a uma quantidade massiva de vezes em que os textos que veiculam desinformação chegam às pessoas. Para Bentes e Souza-Santos (2023a, p. 8),

> esses textos operam para serem reconhecidos como construtores de formas legítimas de conhecer o mundo (BENTES, 2017; KOIKE; BENTES, 2017; BENTES, 2018), o que os permitiria serem, por isso, críveis e verdadeiros, mesmo diante de outros textos que colocam sob contestação essa legitimidade. Ao serem interpretados como formas válidas de conhecer o mundo, os conteúdos das *fake news* podem, então, servir de base segura para as interpretações e ações dos agentes sociais. Para isso, tais textos precisam mobilizar e orquestrar formas de legitimarem seus conteúdos, o que possibilitará serem propagados e reiterados na sociedade, condição em que os conteúdos construídos por eles poderão, de fato, serem *reivindicados* por grupos interessados como conhecimentos, possuidores de relevância e valor social.(p. 13-14)

Assim, na perspectiva de Sallorenzo (2023a, 2023b), os textos de desinformação, produzidos majoritariamente de forma anônima, em condições e contextos pouco recuperáveis, reconstroem sistemas de valores e modos de construção da realidade que, em geral, favorecem as rupturas cognitivas.

Analisar os frames presentes nesses sistemas é uma estratégia para recuperar, do ponto de vista semântico-discursivo, o percurso percorrido pela (des)informação até chegar à tela do celular/do computador. Nesse cenário, a investigação se volta à definição de cognição como agir social, coletivo no mundo (Pelosi, 2014), o que implica considerar os frames como recursos linguísticos que ativam "estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente (...) que nos permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística" (Ferrari, 2011, p. 49). Os frames contribuem, pois, para a criação de expectativas sobre os atores da cena verbal; essas expectativas, por sua vez, só podem ser confirmadas discursivamente, na concretude da interação social, em situações reais de interação social (Gomes; Rodrigues, 2019).

Para Lakoff (2000), ao decidirmos o que está apropriado dentro de um frame, torna-se difícil reformular ou até mesmo modificar as nossas expectativas. Por economia cognitiva, tendemos a resistir a novas percepções, pois estas exigem novas explicações. Por essa razão, os textos que propagam

desinformação, para alterar um frame, precisam ser disparados em larga escala, de modo que os frames sejam realinhados e, assim, uma nova ideia/forma de agir no mundo seja aceita.

Em termos de ensino de língua portuguesa, essa abordagem oferece uma contribuição muito significativa para trabalhar com os textos em sala de aula e propor, em parceria com os estudantes, reflexões sobre os conhecimentos prévios e como esses conhecimentos prévios são ativados e ressignificados a partir do contato com os textos, inclusive os de desinformação. Procuramos fazer isso nas primeiras duas edições do projeto e propomos para a 3ª edição contextualizar a discussão a partir do trabalho de checagem de informações. É o que apresentamos nas seções a seguir.

As duas primeiras edições do projeto "Escola sem fake"

O projeto de ensino "Escola sem fake" está vinculado Programa de Apoio às Licenciaturas da UFPB (Prolicen/UFPB), regulamentado pela Resolução CONSEPE/UFPB nº 04/2020. O Prolicen/UFPB visa contribuir para melhorar a qualidade dos cursos de licenciatura da UFPB, priorizando ações pedagógicas que cooperem para formação inicial de professores da educação básica. Além disso, o Prolicen/UFPB propõe iniciativas que articulem os cursos de licenciatura da UFPB com a educação básica pública do estado da Paraíba.

No caso específico do projeto "Escola sem fake", nosso objetivo geral é propor ações que desenvolvam nos estudantes a capacidade de investigar a veracidade das informações, via leitura crítica, bem como produzir textos que contribuam para a conscientização acerca de informações falsas (Kleiman; Santos-Marques, 2020). Nessa perspectiva, o projeto se alinha a um dos papéis da escola previsto na BNCC (Brasil, 2018), que enfatiza a necessidade de as práticas pedagógicas estimularem nos estudantes a atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de discursos que circulam nos meios digitais. Como pilares do projeto, destacamos a defesa do direito à integridade da

informação (ONU, 2023); a crença inabalável na escola transformadora, nos termos propostos por Soares (2021); e as contribuições significativas do componente curricular Língua Portuguesa para enfrentar a desinformação. Atualmente o projeto conta com oito estudantes do curso de Letras-Português da UFPB.

A primeira edição do projeto foi realizada na ECIT Antônio Gomes, localizada no município de Bayeux, região metropolitana de João Pessoa. Para essa edição, a partir de uma entrevista narrativa com estudantes, de diferentes anos do Ensino Médio, pudemos ter, pela primeira vez, uma noção de como eles entendiam a desinformação e quais gêneros que eles já tinham tido contato com a desinformação: notícia, texto de divulgação científica, reportagem e meme. Organizamos cinco oficinas – cada uma referente a um desses gêneros mais uma oficina prática. Destacamos aqui a oficina em que trabalhos com textos que veiculavam desinformação sobre o conhecimento científico. Chamamos a atenção para termos que fazem menção a ideias de acontecimentos "sobrenaturais", como o prefixo super e adjetivos como "gigante" e "raro" em histórias relacionadas à ciência – como isso se mostrava paradoxal com a própria ideia de ciência. Os frames acionados pela palavra "sobrenatural", por exemplo, evocaram uma noção mística, transcendental, com um quê de inexplicável, o que vai de encontro aos métodos da ciência em encarar fenômenos como algo possível de compreensão. Destacamos ainda os frames que poderiam ser ativados a partir de adjetivos como "rara" e "gigante", que, inseridos nas construções linguísticas de manchete, capturam o leitor pela associação a algo fora do comum, certamente grandioso frente aos fatos conhecidos popularmente (Aguiar; Azerêdo, no prelo).

A 2ª edição foi realizada em duas escolas públicas de João Pessoa: na ECIT Dom José, de ensino fundamental, onde trabalhamos, em cinco oficinas, a noção de narração, de como uma história pode se tornar verdadeira ou falsa ou pode vir a ser distorcida. Destacamos também como elementos linguísticos como substantivos e adjetivos podem ser utilizados para construir

desinformação. Na Pedro Anísio, de ensino médio, nosso foco recaiu, também em cinco oficinas, nas redações do ENEM e discutimos como a desinformação pode ser prejudicial para a competência 2 do Exame, a qual trata da aplicação de conceitos das áreas de conhecimento. Nas duas escolas, procuramos desenvolver oficinas mais práticas em grupo, com atividades de leitura, análise e produção.

Destacamos aqui um exemplo de atividade desenvolvida no nono ano da ECIT Dom José. Os estudantes foram desafiados a criar um relato em que uma personagem fora afetada por um texto de desinformação. Nas produções dos estudantes, o frame FAMÍLIA foi constantemente acionado e ressignificado, pois as personagens ou haviam recebido desinformação de alguém do convívio familiar ou a desinformação afetava diretamente algum parente. Nesse sentido, pudemos compreender o quanto a família pode ser tanto um meio de propagação de desinformação, mas também uma instituição que deve ser protegida.

A despeito dos avanços dessas duas primeiras edições do projeto, a equipe chegou à conclusão de que as oficinas do projeto ainda estavam muito expositivas, com discussões teóricas em excesso. Decidimos, portanto, mudar para a 3ª etapa e transformar a sala de aula em uma agência de checagem.

Terceira edição do projeto Escola sem fake: a criação de uma agência de checagem na sala de aula

A 3ª edição do Projeto "Escola sem fake" ocorrerá novamente na ECIT Pedro Anísio, localizada em um bairro periférico de João Pessoa. O projeto será oferecido como uma disciplina eletiva, na qual os estudantes dos três anos do ensino médio podem se matricular caso tenham interesse na temática. A previsão é que o projeto aconteça de março a junho de 2025.

Para esta edição, a fim de rompermos com o tradicionalismo que, de certo modo, ainda prevaleceu nas duas outras edições do projeto, adotamos o conceito de inovação proposto por Pacheco

(2019). Para ele, inovação se configura como um processo transformador se conseguir promover ruptura paradigmática, ainda que parcial. O principal desdobramento é impactar positivamente na qualidade das aprendizagens e no desenvolvimento do ser humano. "Significa trazer à realidade educativa algo efetivamente novo, ao invés de não modificar o que seja considerado essencial. Pressupõe não a mera adoção de novidades, inclusive as tecnológicas, mas mudança na forma de entender o conhecimento" (Pacheco, 2019, p. 50).

Tal mudança pode ser alcançada com metodologias ativas, em especial a aprendizagem baseada em projetos (Bender, 2014). A proposta é incentivar os estudantes a desenvolverem a autonomia de pesquisa e de ação em contextos de trabalho cooperativo para resolver problemas. Trazendo essa perspectiva para o trabalho com textos de desinformação, consideramos que não basta apenas abordar a desinformação em textos esparsos, mas sim mostrar aos estudantes que o processo de verificação de informações funciona em cadeia, como uma prática social em que atores com papéis socialmente construídos devem agir, a partir de atividades que envolvem os eixos de oralidade, leitura, produção de textos e análise linguístico-semiótica, conforme previstos na BNCC (Brasil, 2018).

Deste modo, a sala de aula pode se transformar em uma agência de checagem na qual os alunos assumem tarefas específicas no processo de curadoria da informação – recebimento de textos, identificação da desinformação, pesquisa em fontes confiáveis, elaboração de textos com esclarecimentos sobre os fatos e, por fim, divulgação nas redes sociais.

De acordo com o manual de checagem da agência Alethea[3], o processo de checagem da informação contempla quatro etapas: 1) o monitoramento, no qual são pesquisadas notícias, pronunciamentos etc. de grande repercussão e impacto social. Para tanto, são utilizadas ferramentas como Google Alerts, TweetDeck e hashtags; 2) a seleção, na qual, a partir de critérios de frequência,

[3] Disponível na página https://aletheiafact.org/ - acesso em 28 jan. 2025.

amplitude e relevância, são selecionados os conteúdos a serem verificados; 3) a checagem, na qual é elaborado um relatório detalhado com o registro do processo de checagem a partir de perguntas norteadores, fontes de informação e metodologia, bem como pesquisa em bancos de dados, artigos e diálogo com especialistas; 4) a pós-checagem, na qual é classificado o conteúdo do texto avaliado com uma etiqueta que define a veracidade da informação: "confiável", "falso", "enganoso" etc. A pós-checagem é feita com dois avaliadores para garantir a imparcialidade e, após a leitura em duplo-cego, o resultado da checagem é publicado em linguagem acessível ao público em geral.

A título de ilustração, o trabalho de checagem pode ocorrer da seguinte forma: a equipe de monitoramento identifica uma ampla manifestação nas redes sociais de perfis de direita que pedem boicote ao filme "Ainda estou aqui"[4]. Na reunião de pauta, a equipe de monitoramento apresenta às demais equipes os materiais selecionados e sugere que esses textos sejam checados. Caso a sugestão de pauta seja aceita, a equipe de seleção e checagem se debruça sobre os materiais e inicia o trabalho de checagem propriamente dito, que envolve leitura crítica e análise linguística. A equipe de seleção e checagem envia os resultados para a equipe de pós-checagem e publicação, que ficará responsável pela produção dos textos com a divulgação dos resultados.

Cada uma dessas etapas pode ser trabalhada a partir dos eixos de ensino do componente curricular Língua Portuguesa definidos pela BNCC: oralidade, leitura, análise linguística e produção de textos. Apresentamos na sequência como pretendemos explorar essa interface no nosso projeto.

Em relação às práticas de oralidade, partimos da premissa freireana de que o diálogo é uma exigência da nossa existência. Em

[4] Fonte: https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/filmes/perfis-de-direita-pedem-boicote-a-ainda-estou-aqui,0425867cea38f9f4eba5e5cbcdb005d6gdglnvhk.html#google_vignette – acesso em 13 nov. 2024.

uma época marcada pela abundância de informações que são insuficientes para criar um fio condutor, uma narrativa capaz de conectar as pessoas para além das relações mercadológicas neoliberais; em que as famigeradas "curtidas" reduzem o outro a um depósito de ideias, uma simples troca de consumo, o diálogo em nosso projeto será o começo, o meio e o fim, pois acreditamos que ele é "o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado" (Freire, 2018, p. 109).

Partindo dessa premissa, o combate à desinformação na escola precisa ser discutido não só entre estudantes, que serão os curadores da informação com os quais trabalharemos diretamente, mas também entre professores, gestores e comunidade escolar; afinal, todos, em alguma medida, são perpassados pelos textos que veiculam desinformação e precisam conhecer estratégias de enfrentamento a eles. Alinhamo-nos, portanto, a Fávero, Andrade e Aquino (2014), para quem a interação verbal pressupõe o envolvimento de participantes da atividade discursiva com vistas a alcançar determinados objetivos, em um jogo de negociações:

> Os interlocutores, em toda a interação, reúnem-se sob determinadas condições contratuais. Essas condições referem-se a papéis sociais, contexto situacional, conhecimento partilhado, entre outros, que são imprescindíveis e dão a orientação para o encaminhamento da produção textual. A interação comporta scripts; entretanto, o grau de precisão pode variar de acordo com a troca, ou mais especificamente, de acordo com a negociação (Fávero; Andrade; Aquino, 2014, p. 16).

Segundo a BNCC (Brasil, 2018), o tratamento das práticas orais prevê: a) as condições de produção dos textos orais que orientam a circulação dos gêneros em mídias e campos de atividade humana; b) a compreensão e produção de textos orais; c) compreensão dos efeitos de sentido a partir de recursos linguísticos e multissemióticos em textos de diversos gêneros; e d) a relação fala-escrita.

Logo, os gêneros orais devem ser produzidos e escutados em atividades autênticas, para que as atividades linguísticas desses

gêneros sejam privilegiadas, o que implica ampliar conhecimentos da linguagem oral (Magalhães, 2007). Nesse sentido, as práticas de oralidade devem desenvolver nos estudantes habilidades variadas, que envolvem "desde o desenvolvimento de atitudes de respeito ao que o outro fala, monitoramento de seu próprio tempo de fala, escuta atenta ao que o outro diz, até conhecimentos e habilidades relativos à forma composicional de gêneros complexos" (Leal; Brandão; Lima, 2024, p. 20)

A proposta no projeto é que estudantes assumam identidades autênticas (diagramadores, revisores, recrutadores, investigadores, analistas, editores de vídeo etc.) e passem a compreender que, para o sucesso do projeto, para o combate à desinformação, é absolutamente necessária a união de todos, com suas diferentes habilidades, conhecimentos, historicidades etc. Assim, a oralidade poderá ser trabalhada em reuniões de pauta, em reuniões de equipe, em que os estudantes serão estimulados a debater qual texto terá suas informações checadas, a partir de critérios como relevância, recorrência etc.; precisarão negociar com as demais equipes os prazos para finalizar o trabalho e poderão produzir vídeos em que se descontrua a desinformação identificada.

Dessas práticas dialógicas, podem ser desenvolvidas atividades de retextualização, em cujo processo, segundo Marcuschi (2010), são envolvidos aspectos linguístico-textuais-discursivos (idealização, reformulação e adaptação) e cognitivos (compreensão). Assim, além dos gêneros discursivos próprios do contexto de interação – ata da reunião, registro na agenda etc. –, tarefas e atividades podem ser planejadas nas diferentes modalidades da língua. Por exemplo, a produção de um vídeo esclarecendo sobre uma desinformação; um react de alguma entrevista repleta de desinformação; um podcast com um convidado especialista em desinformação. A multimodalidade também está presente: um post no Instagram, por exemplo, pode mesclar elementos visuais, verbais e sonoros.

Em relação às práticas de leitura, partimos do pressuposto de que "ensinar a ler o mundo criticamente deve ser o ponto de

partida da formação para a cidadania que a escola oferece aos estudantes" (Kleiman; Santos-Marques, 2020). Em um mundo conectado, no qual textos multimodais estão ao alcance de um clique na tela do celular, a formação leitora precisa tornar os estudantes aptos a investigar as informações propagadas nas redes sociais, "preparando-os para ler criticamente os textos, identificar boatos, rumores, informações falsas, com a finalidade de construir uma contrapalavra, uma resposta ao interlocutor para se posicionar diante da palavra do outro" (Kleiman; Santos-Marques, 2020).

Portanto, nas práticas de leitura, o estudante será convidado a apreciar o valor do texto que está lendo, engajando-se de forma ativa e responsiva para compreendê-lo e, principalmente, para responder ativamente, seja aceitando as informações apresentadas no texto, seja refutando-as, seja reformulando-as (Kleiman; Santos-Marques, 2020).

A BNCC (Brasil, 2018, p. 502) estabelece que, em relação ao campo jornalístico-midiático, os jovens que chegam ao Ensino Médio devem ser capazes de "adotar procedimentos básicos de checagem de veracidade da informação", além de serem incentivados a ler criticamente gêneros mais complexos, que demandem a apuração e o relato de fatos e situações. Além disso, define na habilidade EM13LP11 que os estudantes do Ensino Médio, por meio do componente curricular Língua Portuguesa, devem "fazer curadoria de informação, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos" (Brasil, 2018, p. 508).

Assim, nesta edição do projeto, pretendemos formar estudantes curadores da informação, que podem se tornar referência na escola no que tange à qualidade da informação. Para Leurquin e Leurquin (2021), é responsabilidade do curador desvendar a construção e a disseminação de desinformação, o que implica pesquisas criteriosas para acessar as fontes de desinformação, interpretá-las e contrapô-las com fontes confiáveis, que, ao final do processo, devem servir como referências.

Em relação às práticas de análise linguístico-semiótica, que deverão ser integradas às práticas de leitura, partimos da premissa

de que o ponto de partida deve ser "a reflexão sobre a função das marcas linguísticas (o aspecto linguístico material dos enunciados) na realização dos propósitos enunciativos pelos locutores" (Sobral; Giacomeli, 2021, p. 134). No que tange aos textos de desinformação, a prática de análise linguístico-semiótica se torna ainda mais complexa porque muitos desses textos não têm autoria definida e circulam em espaços difusos, ora emulando gêneros conhecidos, como notícias, textos de divulgação científica, ora sem uma vinculação específica a um gênero definido. Nas práticas de análise linguístico-semiótica, proporemos a seguinte reflexão: como as escolhas linguísticas contribuem para a construção da desinformação? A partir daí, poderemos refletir, por exemplo, sobre o modo como o autor do texto o iniciou (ordem direta SVO? Ordem indireta).

Em relação às práticas de produção de textos, partimos do pressuposto de que o Ensino Médio não deve ser apenas uma fábrica de redatores para provas, vestibulares, ENEM, mas para um espaço que favoreça a formação de cidadãos críticos, seguros das possibilidades de uso da própria língua para compreender e produzir textos variados. Nesse sentido, "é essencial abordar a produção textual de maneira processual, estimulando a percepção dos recursos multissemióticos de que dispomos, nos diferentes contextos interacionais" (Santos; Arena, 2022, p. 150).

Portanto, em nosso projeto, as práticas de produção de texto decorrem do processo de investigação iniciado pelo monitoramento, depois pela checagem, até chegar à equipe de pós-checagem, responsável pela divulgação dos textos de combate à desinformação. Nesse caso, o projeto pretende contemplar a produção de textos de gêneros que circularão internamente, como código de ética da agência de checagem, no qual devem ser definidos missão, valores, objetivos, responsabilidade, metodologias que orientarão o processo de checagem; relatório, com apresentação do conteúdo a ser checado a partir dos tópicos: Título, Descrição do conteúdo verificado, Identificação do checador responsável, Data de checagem e data de consolidação do relatório,

Etiqueta atribuída ao final do processo de checagem, Cross-check e as perguntas norteadoras da checagem; formulário de checagem: identificação das fontes, bases de dados e estratégias para realizar a checagem; formulário de pós-checagem: apresentação da conclusão, do cross-check e da atribuição da etiqueta. E a divulgação dos resultados da investigação da desinformação, como postagens nas redes sociais e roteiros de vídeos, podcasts etc.

Considerações finais

Ao longo deste capítulo, exploramos a intrincada relação entre desinformação, crise de narração e o papel fundamental da escola na formação de cidadãos críticos e conscientes. Acreditamos que o projeto "Escola sem fake", ao transformar a sala de aula em uma agência de checagem, oferece uma abordagem inovadora e eficaz para combater a desinformação, capacitando os estudantes a se tornarem curadores da informação e agentes de transformação social.

Acreditamos que a experiência acumulada nas duas primeiras edições do projeto nos permitiu identificar a necessidade de romper com abordagens tradicionais e adotar metodologias ativas que promovam a autonomia, a colaboração e o protagonismo dos estudantes. A criação de uma agência de checagem na sala de aula, inspirada nos princípios da aprendizagem baseada em projetos, visa proporcionar aos alunos uma experiência autêntica e significativa, em que eles possam aplicar seus conhecimentos e habilidades para resolver problemas reais e relevantes para a sociedade.

Nesse sentido, o projeto "Escola sem fake" se alinha aos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância de desenvolver nos estudantes a atitude crítica em relação aos textos de desinformação e à multiplicidade de discursos que circulam nos meios digitais. Ao integrar os eixos de oralidade, leitura, produção de textos e análise linguístico-semiótica, o projeto busca promover uma formação integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios do século XXI

e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e com acesso à informação de qualidade.

Entendemos que a desinformação é um problema complexo e multifacetado, que exige uma abordagem multidisciplinar e colaborativa. Acreditamos que a escola, ao se aliar a outras instituições e atores sociais, pode desempenhar um papel crucial no combate à desinformação e na promoção do direito à informação de qualidade. O projeto "Escola sem fake" é um exemplo de como a escola pode se reinventar e se adaptar aos desafios do mundo contemporâneo, transformando a sala de aula em um espaço de experimentação, inovação e engajamento social.

Referências

BENDER, William N. **Aprendizagem baseada em projetos:** educação diferenciada para o século XXI. Trad. Fernando Siqueira Rodrigues. Porto Alegre: Penso, 2014.

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. Fake news como produção textual disruptiva: os abalos nos campos sociais. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v.65, p. 1-18, e023014, 2023a.

BENTES, Anna Christina; SOUZA-SANTOS, José Elderson de. Contribuições para a compreensão das fake news como produções textuais-discursivas incorporadas ao campo jornalístico. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, e1902, 2023b. doi: https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1902

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. Em: ELIAS, Vanda M. (org.). **Ensino de língua portuguesa**: oralidade, escrita e leitura. São Paulo: Contexto, 2014. p. 13-28.

FERRARI, Lílian. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
GOMES, Dioney M.; RODRIGUES, Tiago de A. Inovação no uso do verbo "desaparecer" na CPI de desaparecimento de crianças e adolescentes: motivações pragmático-discursivas para novos usos linguísticos. Em: MATOS, Denílson P. (org.). **Uso e ensino de língua**: pesquisas e reflexões do grupo Teorias Linguísticas de Base – TLB. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 13-30.
KLEIMAN, Angela B.; SANTOS-MARQUES, Ivoneide B. de A. Letramento crítico em contextos de crise: o papel da escola na era da pós-verdade e de *fake news*. Em: KERSCH, Dorotea F. *et al* (orgs.). **Letramentos na, para a e além da escola**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
LAKOFF, Robin T. **The language war**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2000.
LEAL, Telma F.; BRANDÃO, Ana Carolina P.; LIMA, Juliana de M. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos. Em: LEAL, Telma F.; GOIS, Siane (orgs.). **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2024. p. 13-35.
LEURQUIN, Eulália; LEURQUIN, Chloé. *Fake news*, desinformação e necessidade de formar leitores críticos. **SCRIPTA**, v. 25, n. 54, p. 265-295, 2º quadrimestre de 2021.
MAGALHÃES, Tânia G. **Concepções de oralidade***:* a teoria nos PCN e PNLD e a prática nos livros didáticos. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.
MARCUSCHI, Luiz A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.
O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: como a big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Trad. Rafael Abraham. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.
PACHECO, José. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.

PELOSI, A. C. Cognição e Linguística. In: PELOSI, A. C.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, E. M. P. (orgs.). **Cognição e linguística** [recurso eletrônico]: explorando territórios, mapeamentos e percursos organizadores – 2. ed., rev. e atual. - Caxias do Sul, RS: Educs, 2014. p. 8-28.

ROJO, Roxane Helena R.; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SALLORENZO, Letícia. O 8 de janeiro e o fator humano - Parte 1. **Jornal GGN**, 2023a. Disponível em: https://jornalggn.com.br/analise/o-8-de-janeiro-e-o-fator-humano-parte-1-por-leticia-sallorenzo. Acesso em: 20 jun. 2024.

SALLORENZO, Letícia. O 8 de janeiro e o fator humano - Parte 2. **Jornal GGN**, 2023b. Disponível em: https://jornalggn.com.br/analise/o-8-de-janeiro-e-o-fator-humano-parte-2-por-leticia-sallorenzo. Acesso em: 15 jul. 2024.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2021.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. A prática de análise linguística em concepção de educação dialógica alteritária. Em: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 133-156.

TURNER, Mark. **The literary mind.** Nova Iorque: Oxford University Press, 1996.

Organizadora e organizador

Manuela C. Oliveira
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), com ampla experiência em ensino de línguas, na educação básica e no ensino superior. Doutora e Mestre em Linguística, atua no Instituto de Aplicação da universidade, contribuindo para a formação acadêmica e prática de futuros profissionais da área. Na graduação, ministra disciplinas teóricas voltadas para metodologias aplicadas ao ensino de língua inglesa e orienta discentes durante a supervisão de estágios. No âmbito da pesquisa, concluiu o pós-doutorado em Linguística pela UFRJ e desenvolve estudos nas seguintes áreas: *phrasal verbs* transitivos, mudança linguística, plurilinguismo, linguística política, gramática de construções, construções clivadas, tradução, e os efeitos sociopolíticos do inglês como idioma global. É autora de projetos extensionistas que buscam ampliar o alcance das pesquisas realizadas no Brasil, com iniciativas voltadas para a escrita acadêmica e para a preparação de exames de proficiência em inglês. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas.

Marcos Luiz Wiedemer
Professor adjunto (linguística) da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, atuando no curso de Letras (Português/Inglês) e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Procientista (UERJ/Faperj). Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP), com bolsa sanduíche na Erfurt Universität, Alemanha; Mestre em Linguística pela UFSC e licenciado em Letras (Português/Inglês) pela FURB. Foi Coordenador Geral do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN),

gestão 2016-2018/2018-2020. Membro (pesquisador) dos grupos de pesquisa *Discurso & Gramática* (UFRJ) e *Estudos Sociofuncionalistas* (UFMS) e *Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas* (GPGCIL/UERJ). Foi Vice-Presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) (biênio 2022-2023). Coordenador do Laboratório de Formação Permanente em Letras: ações coletivas, docência e ensino (LABLETRAS/UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas.

Autoras(es)

Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann
Possui graduação em Letras, Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013), mestrado e doutorado em Letras Vernáculas também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017/2021). Atua como professora de Língua Portuguesa e de Literatura desde 2010. Ao longo desses anos, foi professora substituta de Língua Portuguesa (2016) no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e professora de Língua Portuguesa e Literatura na Escola SESC de Ensino Médio (ESEM). Atualmente é professora Adjunta nível 2 no Departamento de Línguas e Literatura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - UERJ. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sintaxe, mais especificamente, no âmbito do período composto. Desenvolve pesquisas nos campos da sintaxe, prosódia e pragmática, atuando principalmente nos seguintes temas: análise discursiva-funcional e interface sintaxe-prosódia. Além disso, é coordenadora do projeto de pesquisa "Olhares sobre metodologias no ensino de língua materna e do projeto de extensão sobre ensino de Língua Portuguesa e Literatura por meio das metodologias ativas". Sendo assim, seus trabalhos se concentram majoritariamente em teorias funcionalistas de base americana e em ensino de Língua Portuguesa para a educação básica. Membro do do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas.

Ana Carolina Cardoso Souza
Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atuou como bolsista no Projeto Saber Para Mudar, que configura um pré-vestibular para a comunidade; foi, durante a graduação, bolsista (pesquisadora) na área de linguística

e atualmente ministra aulas de Língua Portuguesa e Produção textual para o ensino fundamental em instituição privada. É integrante do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas (GPGCIL/UERJ).

Carla Barbosa de Farias Santos
Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialista em Neuroeducação pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), em Letras pela Universidade Cândido Mendes (UCAM) e em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (LANTE-UFF). Atualmente é professora de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME) e na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Atuou como Mediadora Acadêmica do Curso de Especialização em Linguagens e suas Tecnologias (UERJ/SEEDUC) na modalidade EAD. Participou do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO/UFF). É membro afiliada à Rede Nacional de Ciência para Educação (Rede CpE - Amigos da Rede) e integrante do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas (GPGCIL/UERJ) - Áreas de interesse: Gramática de Construções; Linguística Cognitiva; Linguística Funcional Centrada no Uso.

Hanna Ferreira da Silva
Professora Substituta de Língua Inglesa na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde também desenvolve sua pesquisa de doutorado em Estudos da Linguagem com bolsa de estudos. Paralelamente, cursa uma pós-graduação lato sensu em Língua Inglesa pela PUC-Rio. É mestre em Estudos da Linguagem pela UFF, instituição na qual também concluiu uma especialização em Língua Portuguesa para Estrangeiros. Possui ainda uma pós-graduação em Neurociência Pedagógica pela Universidade Cândido Mendes. Graduada em duas licenciaturas pela UFF —

Letras: Português-Inglês e Letras: Português-Francês —, atua há mais de uma década como professora de língua inglesa. Tem interesse acadêmico voltado ao estudo aprofundado da língua inglesa e do português do Brasil, com ênfase na Gramática de Construções. É integrante do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas (GPGCIL/UERJ).

João Carlos Tavares da Silva
Possui pós-doutorado em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui doutorado e mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e bacharelado em Letras (Português/Literaturas) pela mesma instituição. É Professor Adjunto do Setor de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem interesse acadêmico nas áreas Linguística Cognitiva e Linguística Funcional Centrada no Uso, além de interesse em questões relativas à variação, descrição e análise do português, sobretudo no que tange a questões morfológicas. Pesquisador associado aos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP) e Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas (GPGCIL). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria linguística, Língua Portuguesa e Latim genérico.

João Paulo da Silva Nascimento
Doutorando em Linguística (2023-) e Mestre em Estudos Linguísticos (2022) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui especializações em Linguística Aplicada (2021), Libras (2021), Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial (2021), Linguagens e Tecnologias (2022), Neuropsicopedagogia Clínica (2023), Tradução e Interpretação da Libras (2024), Docência do Ensino Superior em Libras (2024) e Ensino de Língua Inglesa (2024). É graduado em Letras com dignidade acadêmica Summa Cum Laude pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020), em Pedagogia pela Faculdade Intervale de Minas Gerais (2022) e em Libras pelo Centro Universitário UniFatecie (2024). Atuou como

professor substituto de Linguística no Departamento de Estudos da Linguagem do Instituto de Letras da UERJ (2023-2025) e, no momento, é professor substituto de Libras e Literatura Surda no Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ, com atuação na graduação e no programa de pós-graduação lato sensu em Libras: Ensino, Tradução e Interpretação. Além disso, possui experiência na educação básica pública como professor de Língua Portuguesa nas Secretarias Municipais de Educação do Rio de Janeiro (2023-) e de Teresópolis (2023) e como professor dos Anos Iniciais no Colégio Pedro II (2021). É colaborador do Laboratório de Formação Permanente em Letras (FFP/UERJ) e integrante dos seguintes grupos de pesquisa cadastrados no diretório do CNPq: Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS (NEIS/UFRJ), Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas (GCIL/UERJ) e Núcleo de Estudos sobre Língua(gem) em Uso e Cognição (NELUC/UERJ). Tem diversas publicações nas áreas de Letras e Educação. Entre os trabalhos, destacam-se os volumes I e II da coletânea "Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas" (UFRJ, 2020; 2021) e o livro "Surdez e práticas de linguagem: reflexões e debates" (Editora Pedro e João, 2024). Atua na área de Teoria e Análise Linguística e Linguística Aplicada, com ênfase nos seguintes temas: modelos funcionais baseados no uso; linguagem e cognição; aquisição de linguagem; ensino-aprendizagem de línguas; Libras; português como L2 para surdos; políticas linguísticas; formação de professores de línguas para a educação de surdos em perspectiva bi/multilíngue.

Marcia dos Santos Machado Vieira
Doutora e Mestre em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPGLEV) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bacharela e licenciada em Português-Inglês pela UFRJ, é professora de Português do Departamento de Letras Vernáculas. Antes, foi professora no Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro. Está em atividade de estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Informática da

UFRJ. É pesquisadora do CNPq. É Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. Coordena: o Projeto brasileiro Predicar – Formação e expressão de predicados complexos e predicações (https://projeto predicar.wixsite.com/predicar); o Projeto Vari@R – Variações e Variedades de Línguas Românicas (https://variar.wixsite.com/ variar); o Projeto brasileiro Estados de coisas em Português e em línguas românicas a variar e ensinar e o Projeto do seu Portal digital (InCorpora); o Projeto, de um pool de universidades, Humanidades Digitais e Linguagens (HDLinguagens). Coordenou, de 2021-2024, o Projeto brasileiro CAPES PrInt – Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa, do PPGLEV. Participa do grupo de estudos Discurso & Gramática com sede na UFRJ, que se vincula a sedes na UFF e UFRN. Foi membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa no biênio 2021 2023. Integra, desde 2014, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas). Coordenou esse GT de 2018 a 2023. Coordena a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN desde 2020. Preside o Fórum Internacional de Sociolinguística, desde 2018. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É editora-chefe da revista científica Diadorim: estudos linguísticos e literários do PPGLEV. É Substituta Eventual, no biênio 2024-2026, da Direção Adjunta de Pós-Graduação da Faculdade de Letras/UFRJ. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa. Algumas de suas publicações estão disponíveis em: https://www.researchgate.net/profile/Marcia-Vieira-7.

Mayra França Floret

É licenciada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde recebeu diploma de dignidade acadêmica *Magna cum Laude*. Durante a graduação, iniciou sua trajetória de pesquisa como bolsista de iniciação científica, investigando o funcionamento de construções causais e conclusivas

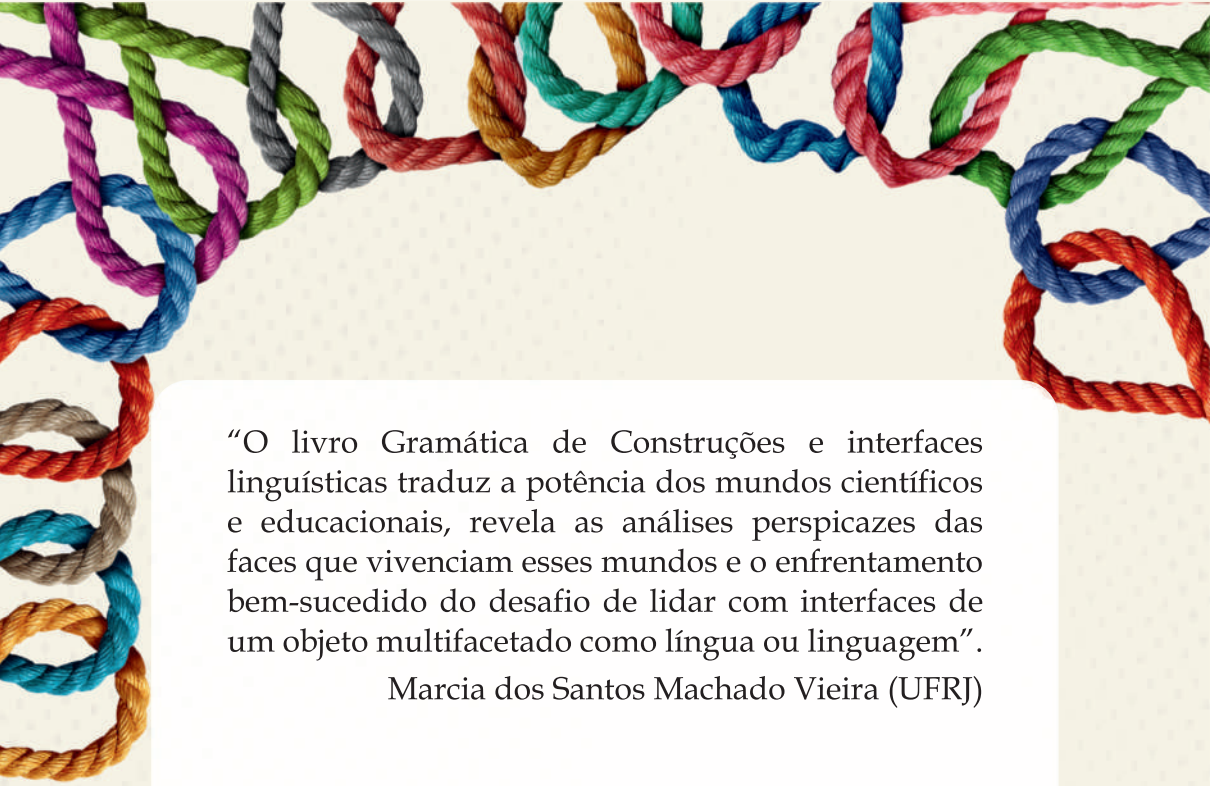
ligadas por conectores ao longo da história do português. Desde então, dedica-se a essa área de estudo, tendo se tornado mestre e doutora em Linguística, além de estar em estágio Pós-doutoral pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Atuou como professora de português e inglês na educação básica em escolas públicas de diferentes municípios do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora adjunta na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), onde passou a investigar questões ligadas ao ensino e à formação docente. É integrante dos grupos de pesquisa *Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas (GPGCIL)* e *Linguagem, Ensino e Trabalho (LET)*. Possui interesse nas áreas de Linguística e Ensino, com foco em temas como: estudo da língua em uso, estudo diacrônico da língua portuguesa, construções ligadas por conectores, ensino de gramática na educação básica, elaboração de material didático de línguas e formação de professores.

Quezia dos S. Lopes Oliveira
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com bolsa sanduíche pela Capes na Universidade de Santiago de Compostela (USC/Espanha), mestre em Linguística pela UFRJ e graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Letras (Português/ Literaturas) pela mesma universidade. Tem experiência nos ensinos básico e superior e na avaliação de exames de larga escala. Atualmente é professora Adjunta de Linguística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde também desenvolve/coordena projetos de Iniciação à Docência e de Extensão sobre Linguística e sua interface com o ensino. Além disso, integra importantes grupos e projetos de pesquisa vinculados à UFRR e à UERJ, nos quais realiza estudos na linha da Sociolinguística e dos Modelos Baseados no Uso/Gramática de Construções. Membro do do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas.

Rebeca Emerich Alvarez
Doutoranda e mestre em Letras e Linguística pela UERJ, licenciada em Letras. É revisora de textos e atua como responsável técnica da área de Linguagens na Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, onde também integra a Diretoria Regional Pedagógica. É tutora nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia (UNOPAR, UFF-CEDERJ e UNIRIO/CEDERJ) e no curso de especialização em Linguagens e suas Tecnologias (UERJ), mediando disciplinas como Linguística I, II e III, Português III e V, Crítica Textual e Material Didático Impresso. Possui especializações em Língua Portuguesa, Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica, e Psicopedagogia Institucional. Atua nos campos da Linguística Funcional Centrada no Uso, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções, com ênfase em ensino, análise linguística e políticas educacionais. Membro do Grupo de Pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas.

Tiago Aguiar
Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília. É Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão universitária. Foi coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística e ensino (PPGLE/UFPB) (biênio 2021-2023). Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING/UFPB), credenciado na linha de pesquisa Semântica, gramática e cognição. Vice-líder do grupo Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem, no qual coordena a linha Cognição, narrativas e ensino, e pesquisador do grupo de pesquisa Gramática de Construções e Interfaces Linguísticas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, tem se dedicado a pesquisas sobre a construção e a propagação dos textos/discursos de desinformação e seus impactos na sociedade pós-moderna, bem como sobre a construção de propostas de enfrentamento a esse fenômeno, principalmente no âmbito escolar, a partir da interface da

Linguística Cognitiva com os estudos críticos do discurso e com a pedagogia crítica. O projeto de ensino "Escola sem fake" (@escolasemfake.ufpb), o qual coordena, é fruto desse trabalho.



"O livro Gramática de Construções e interfaces linguísticas traduz a potência dos mundos científicos e educacionais, revela as análises perspicazes das faces que vivenciam esses mundos e o enfrentamento bem-sucedido do desafio de lidar com interfaces de um objeto multifacetado como língua ou linguagem".

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

"Esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam inspirar pesquisas instigantes, promovendo diálogos interdisciplinares que enriqueçam o nosso entendimento da linguagem, fenômeno dinâmico e em constante transformação".

Marcos Luiz Wiedemer & Manuela Correa de Oliveira (organizadores)

Pedro & João Editores
20 anos
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2104-5